PÔSTERES: CALENDÁRIO 2022 E TUATHA DE DANANN ✠ COLLECTION: ACE FREHLEY

# ROADIECREW

...vy ...tal & Classic Rock

## Black Label Society

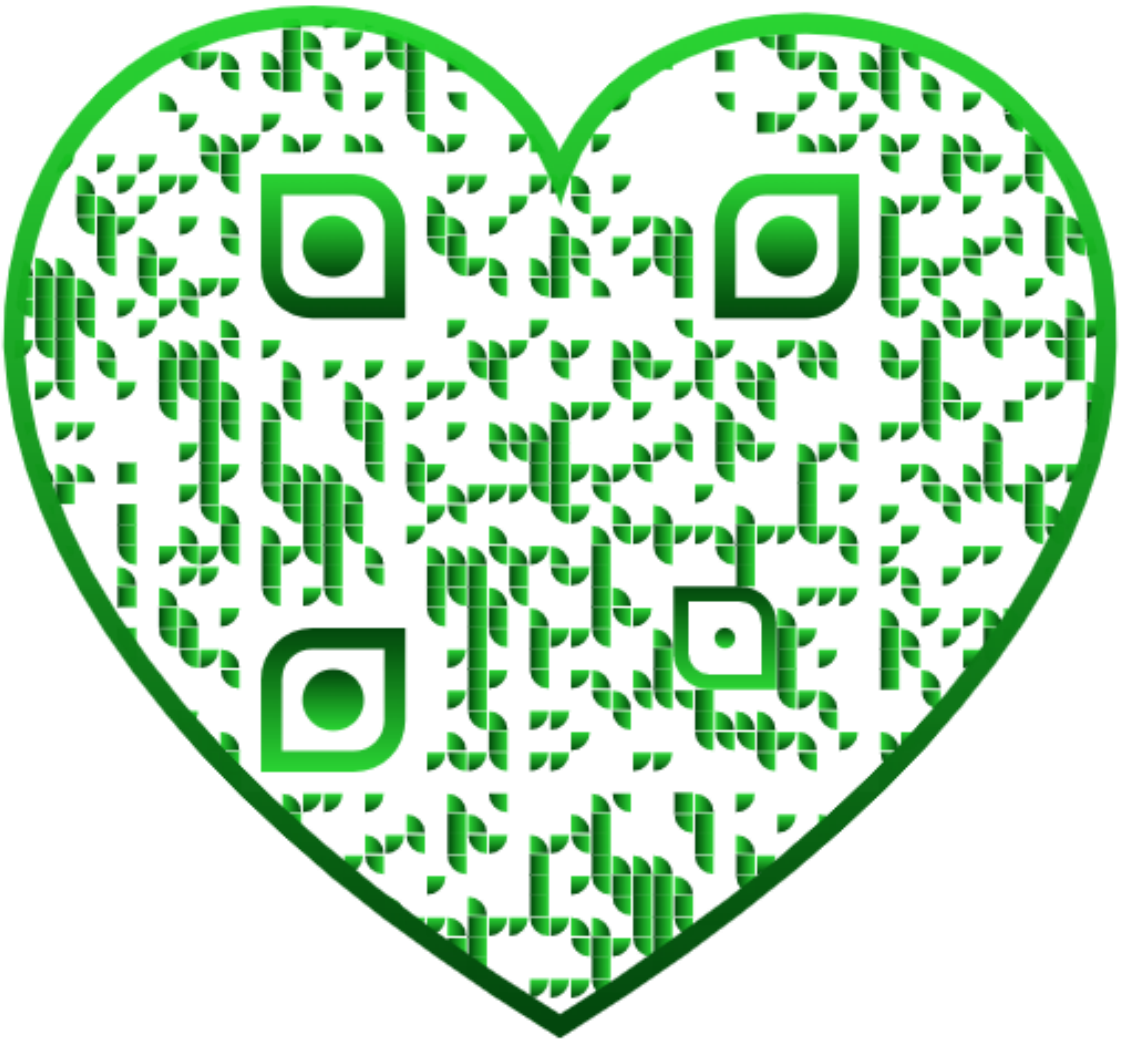
## Ataque e Contra-Ataque

## VOLBEAT

ESTILO ÚNICO E DERIVADO DO DEATH METAL

ENTREVISTAS:

YES ✠ ARMORED SAINT ✠ KK'S PRIEST ✠ DESTRUCTION ✠ HYPOCRISY ✠ U.D.O.
BEAST IN BLACK ✠ LEPROUS ✠ PARADISE IN FLAMES ✠ MUQUETA NA OREIA
GAMA BOMB ✠ NORTHTALE ✠ OBSCURA ✠ MELHORES DE 2021 (EQUIPE RC)



# Brasil Revistas

## Entre em nosso Canal no Telegram.
## Acesse t.me/BrasilRevistas

## Tenha acesso as principais revistas do Brasil.

### Distribuição gratuita, venda proibida!

FOI DADO O TERCEIRO SINAL, QUE SE INICIE A ÓPERA NEGRA...

Novo álbum já disponível em streaming e download

Spotify DEEZER Download on the App Store TIDAL Google play

CD disponível em nossa loja virtual: www.paradiseinflames.loja2.com.br

Novo videoclipe "DANCER OF THE MIST" já disponível em YouTube/paradiseinflames

www.paradiseinflames.com

arte: www.jduartedesign.com

DEMON CRATIC RECORDS ENGL HEADRUSH SE STAY 60 ANOS EMG Kahler Soultone ASE BLOOD BLAST DISTRIBUTION

# "ESTA É UMA ENTRE AS POUCAS SITUAÇÕES EM QUE UM REI É ELEITO PELO SEU POVO POR VINTE VEZES COMO O MELHOR DO SEU REINO!"

## "Duas décadas que estamos juntos, e isso não seria possível sem você! Muito obrigado e vamos em frente!"

## AQUILES PRIESTER ELEITO MELHOR BATERISTA DE 2021 PELOS LEITORES DA ROADIE CREW

photo: @RockLenses

artwork: www.jduartedesign.com

COMPRE AGORA:

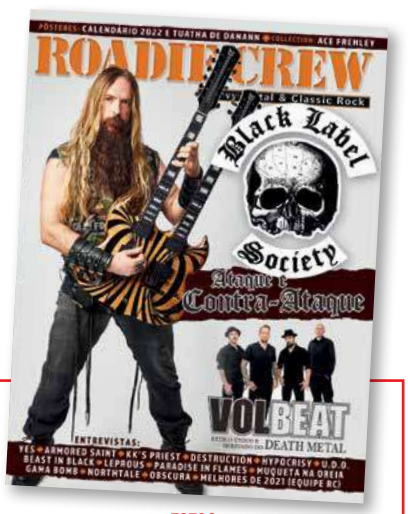
www.aquilespriester.com

DIE HARD: www.diehard.com.br FREENOTE: www.freenote.com.br

/aquilespriester

# ÍNDICE


06 CENÁRIO
18 PORTAL RC
20 BLACK LABEL SOCIETY
26 HYPOCRISY
28 HIDDEN TRACKS
Bitch
30 ARMORED SAINT
32 BEAST IN BLACK
34 PARADISE IN FLAMES
36 PLAYLIST
Paulo Thomaz (Firebox)
38 NORTHTALE
42 COLLECTION
Ace Frehley
44 U.D.O.
48 OBSCURA
50 RELEASES
53 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Celtic Frost - To Mega Therion
55 ROCK AVERAGE
Poison - Open Up and Say... Ahh!
60 YES
64 KK'S PRIEST
68 LEPROUS
70 ETERNAL IDOLS
Mike Howe (Metal Church)
71 ETERNAL IDOLS
Tim Bogert (Vanilla Fudge)
72 MUQUETA NA OREIA
74 VOLBEAT
78 GAMA BOMB
80 CLASSICREW
Body Count, Girlschool e Stone Sour
82 BACKGROUND
Candlemass (Parte Final)
86 HEADPHONES IN FURY
Simon Daniels (Autograph)
88 DESTRUCTION
92 MELHORES DE 2021 - EQUIPE ROADIE CREW
96 COLUNISTAS
It's Only Rock'n'Roll / Brotherhood
98 PROFILE
Luiz Fernando (Necromancer)


**FOTOS:**
**Black Label Society:** Divulgação
**Volbeat:** Ross Halfin

# BEHIND THE STAGE

Iniciamos mais um ano agradecendo as mensagens de leitores, especialmente aos que nos desejaram um feliz 2022 e vibraram com nosso retorno às bancas. E, você sabe, em todo final de ano e início do seguinte o meio da música pesada se movimenta em torno de listas e eleições dos "melhores do ano". Seja em mídias sociais, grupos de WhatsApp ou pessoalmente, iniciam-se as discussões acerca dos discos escolhidos.

É curioso notar, sob este aspecto, que embora as bandas mais famosas e do mainstream estejam sempre nas primeiras colocações, muitas pessoas voltam a falar sobre música de uma forma geral e mostram interesse em conhecer uma obra que ainda não ouviu. Em sentido amplo, era assim que se formavam novas amizades em nosso meio. Comigo ocorreu quando mencionei a banda francesa 6:33, que muitos não conheciam e passaram a ouvir quando comentei que o mais recente disco estaria na minha lista pessoal – nesta edição, temos as listas dos integrantes da equipe da ROADIE CREW e no site a sempre relevante e concorrida votação dos leitores, que atingiu a marca de 14.455 votantes únicos.

Você perceberá que um campo sempre concorrido, o de "Melhor Show", levará um tempo até a normalidade. Os shows pareciam ter vindo com força no chamado "novo normal", mas tiveram outro impacto com a chegada da variante Ômicron. Mesmo com vários adiamentos e cancelamentos, vamos nos manter otimistas e aguardar o retorno dos eventos presenciais.

Nesta edição, a matéria de capa do Black Label Society traz um Zakk Wylde bem humorado, falando de passagens de sua carreira, de sua relação com os fãs e, claro, do mais recente trabalho, *Doom Crew Inc.*

A revista ainda traz seções habituais e entrevistas com bandas de diversas vertentes, do metal mais extremo ao rock progressivo do Yes, passando pelo metal tradicional de U.D.O. e Armored Saint e de grupos que há tempos vêm chamando atenção, como Leprous, Beast In Black, Obscura e Volbeat.

Interessante conferir a seção Playlist sobre os trinta anos de *Out of Control*, único lançado pelo Firebox, que contava com Paulão Thomaz (Baranga, ex-Centúrias), Michel Perié (ex-Jaguar), Marcelo Araújo (guitarra) e José B. Neto (baixo), que substituiu Luis Mariutti, que gravou a demo-tape *Starting Fire* e depois rumou para fazer fama mundial com o Angra. Boa leitura!

**Ricardo Batalha**

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

**EDIÇÃO: 266**
**JAN-FEV/2021**
**ANO 24**

**EDITORES:**
**Airton Diniz** - airton@roadiecrew.com
**Claudio Vicentin** - claudio.vicentin@roadiecrew.com

**DIRETORIA ADMINISTRATIVA:**
**Vera Diniz** - vera@roadiecrew.com
**Cintia Diniz** - cintia@roadiecrew.com

**REDATOR-CHEFE (REDAÇÃO):**
**Ricardo Batalha** - rbatalha@roadiecrew.com

**REDATOR:**
**Antonio Carlos Monteiro** - tony@roadiecrew.com

**DIRETOR DE ARTE:**
**Leandro de Oliveira** - leandro@roadiecrew.com

**COLABORADORES:**
Alessandro Bonassoli, Daniel Dutra, Écio Souza Diniz, Guilherme Spiazzi, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo César Teixeira Júnior, Paulo Pontes, Sergiomar Menezes, Thiago Prata e Valtemir Amler

**Fotógrafos:** Carlos Delagusta, Renan Facciolo e Roberto Sant'Anna

**Traduções:** Carlo Antico

**COLABORADORES NO EXTERIOR:**
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon e Steven Rosen

**ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES:**
Maria José Diniz - zeze@roadiecrew.com
ou assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

**PUBLICIDADE:**
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

**DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL:**
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

**DISTRIBUIÇÃO NAS BANCAS:**
RAC Mídia

**IMPRESSÃO E ACABAMENTO:**
Grafilar

**ROADIE CREW** é uma publicação
da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
F.: (0xx11) 5058-0447
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com

Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: roadiecrewmag

**ISSN 1415-322X**



Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores.
Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 5058-0447

**SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA**

# MS METAL RECORDS
APRESENTA:




## UMA DAS PRINCIPAIS REVELAÇÕES DA MÚSICA PESADA BRASILEIRA, LANÇANDO O SEU PRIMEIRO ÁLBUM "HYPERCUBE".

O TERRA apresenta sua musicalidade diversificada, que transita em muitas esferas, sendo um híbrido perfeito do Rock, Metal e elementos Folk.

**DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS**

Spotify · DEEZER · amazon Prime music · Available on iTunes

METAL AGENCY

MS METAL RECORDS

foto: Lucas Barbosa arte: www.jduartedesign.com

# METRALION
## THRASH RAIZ E ATUAL

Três décadas após o lançamento do EP *A Mosh in Brazil* (1989), sucessor do debut *Quo Vadis* (1988), os integrantes do Metralion se surpreenderam com a ótima repercussão do relançamento desses dois álbuns pelo selo chinês Awakening Records. Foi o estopim para um retorno triunfal do grupo carioca. Contando com uma ajuda de Alex Cavalcanti (guitarra solo) e as participações de Marcos Dantas (Azul Limão), Paulão Vianna (Sodoma), Sérgio Facci (Vodu) e Sophie Fraser e John Fraser (Hand of Kalliach), a banda de thrash metal colocou na roda *Requiem For a Society* (2021), um dos assuntos abordados nesta conversa com Rica (vocal), Fernão Carvalho (guitarra) e Roberto Loureiro (bateria) – o baixista Gustavo Fernandez (Necromancer), que completa a formação, entrou meses depois do lançamento do novo disco.

Fernão, Roberto, Gustavo Fernandez e Rica: o Metralion revitalizado

Felipe Corrêa

**Como era a cena do Rio de Janeiro na época dos primeiros passos do Metralion?**

**Fernão Carvalho:** A cena ainda estava começando, com os primeiros shows do Metalmorphose e tal. A gente via e queria fazer também. Fechamos então a formação do Metralion (N.R.: no segundo semestre de 1986).

**Roberto Loureiro:** O primeiro show que vi foi na casa de uma pessoa em São Conrado. Era um show da Dorsal Atlântica e do Metalmorphose. Um grande acontecimento foi quando alguém conseguiu um VHS do US Festival, exibido em um cinema no bairro do Flamengo. Encheu, cara! Muita gente assistiu. Era uma cena simples. O Metralion fez seu primeiro show em um teatro de uma faculdade e o segundo, numa escola.

**E o que foi determinante para o encerramento da banda tão cedo?**

**Roberto:** Algo determinante foram as cobranças em casa para começarmos a trabalhar. Eu fazia faculdade de Comunicação, mas levava o curso de qualquer jeito, porque meu empenho mesmo era na banda. A dedicação era integral ao Metralion, mas o dinheiro não entrava. A gente só ganhou cachê duas vezes, quando tocamos no Nordeste. Em janeiro de 1988, em Natal, o cachê foi trocado pela (impressão da) capa do disco (*Quo Vadis*). E o outro cachê foi em um show em 1989 em Salvador. Decidimos dar uma parada, entrar de férias. E não voltamos das férias (risos). Continuamos a amizade, mas encerramos as atividades ali na virada de 1990 para 1991.

**Com relação ao ressurgimento do Metralion, cita-se o lançamento do debut *Quo Vadis* (1988) junto com o EP *A Mosh in Brazil* (1989) pela Awakening Records no fim de 2019 como um dos motivos para o retorno. Mas ao longo dos anos, esse regresso chegou a ser ensaiado?**

**Rica:** O relançamento foi o grande motivo para o retorno. Foi algo que impulsionou, foi quando vimos que o Metralion ainda tinha um público que consumia as músicas e que estávamos sendo procurados para uma possível volta e gravação de coisa nova.

**Fernão:** A gente até já vinha tendo algumas conversas antes. Esse papo de voltar sempre rolou. Com o tempo aconteceu, de forma meio natural. Mas o lançamento desse disco foi a cereja do bolo.

**Roberto:** O Rica sempre falou em voltar e eu sempre falava que não voltaria. Achava que não tinha cabimento (risos). Cada um foi para um lado trabalhar numa área diferente. Fiquei trinta anos sem tocar. A conversa existia de vez em quando, mas eu nunca levei a sério. O lançamento dos dois trabalhos foi um gatilho.

**Antes de soltarem material novo, veio o single *Pigs of Law+Penury*, trazendo a regravação de duas músicas do debut. Qual o sentimento de voltarem ao estúdio para relembrar o passado da banda?**

**Rica:** Pergunta legal, cara, porque a gente não tinha norte algum quando começamos a ensaiar. Uma coisa que ficou definida foi que não seríamos cópias de nós mesmos. Não pegaríamos *Quo Vadis* e *A Mosh in Brazil* e tocaríamos igualzinho ao que era da época. Quando muito reformaríamos as músicas dentro do que pensamos de música nos dias de hoje. O difícil seria achar a cara da banda, mas achamos muito rapidamente.

**Roberto:** Correu bem, teve um erro ou outro, normal, mas dado o que eu esperava, foi relativamente rápido. Acho até que foi um sentimento muito semelhante ao que vivemos há 34 anos, com *Quo Vadis* sendo gravado em 1987, com um certo receio do que seria. Naquela época por uma novidade e agora, no sentido de fazer as coisas direito. Foi um sentimento rejuvenescedor talvez.

**Chegamos então a *Requiem for a Society*. Das doze faixas, três são inéditas, no caso *Hell Is Real*, *Katabasis* e a faixa-título, e as demais são regravações. Um ponto bem legal é a conexão que existe entre o passado e o presente, porque elas parecem ter saído de uma mesma época e as letras soam atemporais. Qual a percepção de vocês do álbum?**

**Roberto:** Eu diria que neste disco a gente tentou consertar os erros do passado. Pegar o que aqueles moleques fizeram e tentar dar um polimento. Ao ouvir nosso trabalho nos dois discos, percebemos riffs ótimos, porém a gente não aproveitava a música o suficiente. Tem bases muito legais, divertidas de tocar, e a gente não as aproveitava. Nas letras, busquei tirar alguma 'ingenuidade' de algumas delas. As letras realmente são atuais, então é um sentimento de tristeza, porque as coisas continuam a ser como eram. Em *Requiem for a Society* temos a sensação do fracasso da sociedade em que vivemos. Trinta e poucos anos depois, há violência policial, crianças famintas nas ruas, enfim, a sociedade fracassou. Não vou dizer que tudo está pior ou igual, não é isso. Mas esses temas que abordamos continuam em pauta. Lamentavelmente, são coisas que na nossa visão de mundo ainda acontecem.

**Sobre o futuro, para que direção o Metralion está indo?**

**Rica:** A dificuldade do momento é a pandemia. O Metralion é uma banda de estrada, gosta de tocar. A gente vai continuar fazendo o nosso, deixando o show bem ensaiado. A intenção é conseguir o máximo possível de shows dentro e fora do país, voltar a ter uma imagem de banda ativa não só de disco, mas também de show. Ocorrendo tudo bem, partimos para mais um material no fim de 2022 ou início de 2023.

**Roberto:** Em dezembro nós voltamos a tocar ao vivo e foi ótimo, apesar dos problemas técnicos que enfrentamos. Nos sentimos bem e com a certeza de que esse é o caminho a seguir porque, como disse o Rica, nós somos uma banda de estrada e é lá que queremos estar. Temos algumas conversas aqui e no exterior e estamos otimistas em relação a essa possibilidade.

**Thiago Prata**

# MISMATCH
## ESSE TAL ROCK'N'ROLL!

Ninguém aqui vai dizer que a vida é fácil, mas convém lembrar que ela reserva algumas ótimas surpresas. Veja o caso dos músicos, por exemplo: um dia eles estão em casa, ouvindo os discos dos seus ídolos, e num outro dia é a música deles que está embalando os sonhos de outras pessoas. A banda luso-brasileira Mismatch traz em seu DNA a vontade férrea de acontecer no mundo da música, e faz isso sem ocultar suas influências e paixões, como convém. Com dois singles já lançados e com planos para soltar o EP de estreia muito em breve, eles conversaram com a ROADIE CREW, dando os detalhes de sua jornada até o momento.

Divulgação

**Vocês chegaram a atuar em outras bandas antes da formação do Mismatch?**

**Babi:** Todos tivemos outras bandas antes e acho que quando você faz um show pela primeira vez e sente a energia do palco daí é que não quer parar mesmo. No meu caso e do Ren, que viemos do Rio de Janeiro, houve vários momentos diferentes na cena do rock, desde a época em que existia mais espaço para bandas cover até a chegada dos eventos mais hardcore. Eu particularmente sentia que a mulher ainda era um pouco subestimada no rock, tinham ainda aquele olhar muito crítico ou de que 'é mulher, não toca bem'. Ainda bem que isso tem mudado e agora vejo cada vez mais mulheres poderosíssimas no palco.

**Falem agora sobre a formação do Mismatch. Como se encontraram e quais eram os objetivos em comum de vocês em relação à banda?**

**Babi:** Quando cheguei em Portugal, pensei que seria difícil voltar a tocar e encontrar uma galera que gostasse das mesmas coisas que eu. A Mismatch começou em uma jam na cidade de Guimarães, que tem uma energia inexplicável, música boa e pessoas talentosas. Lá eu e Renan conhecemos o Nuno. E o Nuno nos apresentou o Alex. Queríamos muito ter uma banda, voltar a tocar, e assim, com o mesmo objetivo, nos juntamos. Começamos tocando covers, mas logo tivemos vontade de criar algo nosso, respeitando as nossas diferenças como indivíduos e, mesmo sendo 'incompatíveis' (como diz o nome da banda), conseguimos trabalhar bem juntos e o processo criativo tem sido muito legal.

**Qual foi a primeira composição de vocês como banda? Como funcionou o processo?**

**Ren Match:** Eu já tinha algumas composições prontas, então apresentei para a banda e eles gostaram de algumas coisas. Começamos a trabalhar em algumas partes e criar algumas outras novas, misturando cenas que cada um gostava e assim saiu nossa primeira música, que foi o primeiro single da banda, *Rock'n Roll (Oh Yeah)*. Mas nós ainda temos muito material para lançar.

***Rock n' Roll (Oh Yeah)* foi lançado no início de 2021 e traz referências óbvias ao hard rock clássico, especialmente da década de 70. O que podem nos contar sobre essa canção e como foi a recepção para ela?**

**Ren Match:** Bem, eu acredito que esse primeiro single foi uma homenagem da banda ao hard rock dos anos 70, que foi o responsável por nos juntar como banda, e também um ponto de partida em comum que nos facilitou na composição da música. Ficamos com receio de ser só mais uma música rock'n'roll e acabar caindo no porão dos streamings, mas quando lançamos muita gente veio elogiar nosso trabalho, e hoje a música tem mais de quatro mil streamings em menos de um ano, o que nos deixa muito felizes.

**Ainda falando sobre esse mesmo single, gostaria que falassem especificamente sobre a abordagem nas guitarras, já que tanto as linhas como o timbre agradam já na primeira vez que a ouvimos.**

**Ren Match:** Nós gravamos a música no Odd Space Studio aqui no Norte de Portugal e pedimos ao Gerson (produtor do single) que fizesse da forma mais clássica possível. Eu sei que temos milhões de plugins hoje em dia, mas optamos por algo mais puro para esse primeiro trabalho. Então fizemos uma bagunça no estúdio, colocamos os microfones direto no alto falante dos amplificadores e como sempre nos divertimos bastante.

**Agora, falando sobre o mais novo single, *Heart Never Broken*, chama a atenção a mudança de perspectiva musical. A música se mantém cravada no hard rock, mas dessa vez vocês tem uma balada. A intenção era justamente mostrar a versatilidade da banda já nas primeiras composições?**

**Babi:** O nosso nome significa desajuste, incompatibilidade. Diz muito sobre nossa formação, nossas influências, em tudo. E mesmo assim damos certo juntos. Por isso a Mismatch não tem um molde, e acho que isso reflete na mudança de um single pro outro. Conseguimos ir de uma música com guitarras mais presentes até *Heart Never Broken*, que lembra aquelas baladas boas do hard rock, que também estão entre nossas influências. Diria que esse foi um teste para perceber como o público iria reagir a tamanha diferença de uma música para outra.

**No site oficial da banda, vemos que existe a intenção de lançarem um EP em breve. Como estão os planos nesse sentido? Já existem mais músicas prontas e uma data de lançamento?**

**Ren Match:** Exclusividade para a ROADIE CREW: o EP vai sair em março, mas não temos uma data marcada ainda, estamos preparando algumas participações e terminando as gravações das outras músicas que vão compor o EP. Mas podemos esperar algo ligeiramente 'incompatível' com os outros dois singles.

**Para finalizar, desde os anos 90 Portugal tem apresentado ótimas bandas de metal para o mundo, grupos que agregam algo diferente ao gênero, como Moonspell e Gaerea, por exemplo. Porém, não temos muita informação sobre o cenário rock do país. Quem são os grandes expoentes do hard rock português?**

**Nuno:** Bem, em Portugal, tal como no metal, temos um grande número de bandas hard rock em Portugal. Desde a década de 70 que podemos sempre contar com os fantásticos Xutos & Pontapés, os UHF, bem como os GNR. Temos também os incríveis Tara Perdida, que também mostram a sua veia mais punk para além de rock. Mais para os anos 90, temos os Ornatos Violeta, com um som mais alternativo.

**O espaço final é seu para falar diretamente com nossos leitores.**

**Babi:** Somos a Mismatch, banda luso-brasileira, e estamos muito felizes por falar com vocês. Gostaria de agradecer a ROADIE CREW por essa oportunidade e a todos os seus leitores por manter a porta do rock aberta a novas bandas nesse espaço sensacional. O nosso obrigado também à MS Metal Legacy, agência que vem nos acompanhado e fazendo com que parcerias sensacionais aconteçam, e a todos que nos ouvem e vão ouvir nas plataformas digitais. É esse movimento que faz o rock sempre se atualizar e estar sempre vivo, junto com tantas bandas que nos influenciam e admiramos. Continuamos nessa resistência chamada rock'n'roll. Obrigada, um grande abraço.

**Valtemir Amler**

Acesso Cedido Exclusivamente a Bibliotecas Brasileiras evistas

# VOMIT BAG SQUAD
## TERROR NA LINGUAGEM CROSSOVER

A intenção inicial era lançar seis músicas que reverenciassem obras cinematográficas de terror e ficção científica por meio de uma mistura de thrash, death e hardcore. Mas as ideias fluíram tanto e tão bem que Jhon França (guitarra, bateria e baixo, Cerberus Attack, Eskröta e Blasthrash) e Daniel Pacheco (vocal, Kultist, Farsa, ex-Cursed Slaughter) foram além, criando um álbum completo, *Tales from the Bag* (2021). Saiba mais sobre o debut do Vomit Bag Squad nesta entrevista com a dupla.

Rogério Kubo
Jhon França e Daniel Pacheco homenageiam filmes de terror/ficção por meio de thrash, hardcore e death

**A primeira amostra do Vomit Bag Squad foi o single *Soulmates Beyond the Flesh*, que fala sobre o livro 'Christine', de Stephen King, e conta com um lyric vídeo com cenas do filme de 1983 ('Christine, o Carro Assassino), dirigido por John Carpenter. E o lado B do single traz *Tomatoes of Death*, em referência a 'O Ataque dos Tomates Assassinos' (1978). Ali deu para sacar a proposta da banda, mas gostaria que enfatizassem como surgiu a ideia de criar músicas sobre filmes de terror.**

**Daniel Pacheco:** O Jhon e eu temos paixão por horror punk, Misfits, Calabrese, Doyle, Ghoul etc. No Cursed Slaughter, eu já vinha escrevendo bastante material sobre filmes de terror. Além disso, compartilhamos um amor por filmes de terror e ficção cientifica, então foi muito natural que, quando a gente começasse a escrever músicas juntos, o tema fosse esse. Ele já tinha alguns riffs prontos; quando me enviou, eu pirei e já sai escrevendo as letras. Assim nasceu o Vomit Bag Squad.

**Por sinal, quando o single foi lançado, vocês diziam que as duas músicas representavam bem a cara da banda, sendo *Tomatoes*... mais curta e na cara, e *Soulmates*... mais trabalhada e técnica. Durante o processo de composição, houve algo específico em termos de influências musicais ou mesmo líricas que os guiassem às duas direções ou para outros rumos?**

**Jhon França:** Sempre há. Para fazer esses riffs, me inspirei em tudo que gosto, porém, tentei levar para uma sonoridade que nunca ouvi. Foi assim com todas as músicas. Até na questão de tempo tentamos sair do convencional, da nossa zona de conforto. Quando há apenas duas pessoas na banda, as ideias voltam menos para trás. Acho que isso nos levou a compor um disco como esse, que considero sonoramente fora da curva.

**Aliás, o álbum foi feito quase totalmente via internet. Quando surgiu a ideia do disco e de que forma vocês avaliam o resultado final, haja vista o processo de composição e gravação em meio à pandemia?**

**Jhon:** A ideia de gravar uns riffs diferentes surgiu logo no início do lockdown. As atividades com bandas pararam e fiquei algumas semanas sem fazer nada relacionado à música. Comecei a compor uns riffs para um projeto que criei e que a princípio teria seis músicas. Comecei a gostar muito das músicas e chamei o Daniel para fazer uma letra sobre 'Frankenhooker' (N.R.: filme de 1990 que no Brasil se clamou 'Frankenhooker: Que Pedaço de Mulher!') e partimos daí. Não falávamos sobre shows, em 2020 não tinha nem como pensar nisso. E ainda na intenção de lançar seis faixas para começar, vimos que as composições estavam tomando uma direção muito boa. Então, resolvemos mostrar para o Armando, da Marquee Records, e decidimos por fazer um disco completo, já que as ideias estavam explodindo em nossas cabeças. Agora que *Tales from the Bag* foi finalmente lançado, temos muito orgulho do que fizemos e aprendemos muitas coisas novas nesse processo todo a distância.

**Musicalmente, temos uma bela coleção de dez faixas que misturam thrash, death e hardcore e um cover para *Stick in a Hole*, do The Accüsed. Esses estilos se entrelaçam a obras de cinema. Como se deu a escolha dos temas, no caso, dos filmes a serem retratados nas letras? E quão desafiador foi aliar esses subgêneros às letras e vice-versa?**

**Daniel:** É sempre complicado escolher os temas porque são milhares de filmes, alguns bem emblemáticos e que outras bandas já homenagearam, mas que mesmo assim você quer dar sua visão, simplesmente porque são muito especiais em sua vida. O Jhon fazia a parte instrumental pensando em um tema; em outros, eu ouvia o riff e tentava martelar na minha cabeça qual história combinaria. Por exemplo, o riff de *Acid for Blood* me remeteu na hora a uma sensação de desespero, de estar sendo caçado em um lugar pequeno, e ela tem diversas passagens divertidas. Aí me veio à mente a sensação que eu tive ao ver 'Aliens, O Resgate' (1986). O processo todo da escolha é sempre compartilhado. Uma vez que decidimos, sento e faço letra e métrica, tentando resumir a história do filme em três ou quatro minutos de música, o que é bem complicado.

**O disco conta com as participações de Yasmin Amaral (Eskröta), Robson Dionisio (Toxic Carnage) e Marcelo Araújo (Cerberus Attack), casando muito bem com a proposta do projeto.**

**Jhon:** Essas participações surgiram todas por acaso, na verdade. No caso do Marcelinho, estávamos gravando os solos para o disco novo da Cerberus Attack e pedi para ele colocar um solo no riff de *What a Piece*, antes mesmo de ter uma letra para ela. Chamamos Yasmin para cantar um verso, bem de última hora; quando estávamos gravando a primeira versão dos vocais da *Anck-Su-Namun*, surgiram várias ideias boas e gostamos sempre de aproveitá-las. E então, tínhamos *Satanico Pandemonium* pronta, porém, Daniel não tinha gostado da parte que ele tinha feito. Um dia, ele estava conversando com o Robson, passou a música a ele e disse: 'Faz esse começo aí, cara!' (risos) Tudo muito dinâmico e rápido.

**Algo interessante é que *Fear the Chainsaw*, sobre 'O Massacre da Serra Elétrica' (1974), é cantada em português. Particularmente achei que ficou muito foda. Qual o motivo da escolha do idioma? Está na pauta utilizar de novo o português em futuras músicas?**

**Daniel:** Com certeza! Cara, desde meu primeiro disco sempre tento inserir pelo menos uma música em português. Infelizmente, eu não sou um bom compositor na nossa língua. Tanto que essa letra foi escrita pela minha companheira, a Yasmin. Mas eu acho muito foda conseguir passar a mensagem da música para todo mundo que está ouvindo. Pelo menos, em algum momento do disco! Por isso, teremos mais músicas em português nos próximos trabalhos, ao menos uma por disco (risos).

**Falando na próxima composições, podem nos adiantar se já há algo encaminhado e quais filmes poderão entrar na relação do Vomit Bag Squad?**

**Daniel:** Com certeza, já temos o próximo lançamento muito bem encaminhado, diria que ele está uns 50% pronto. Vamos sair um pouco dos filmes, mas estaremos ainda dentro dos gêneros terror e ficção.

**Thiago Prata**

MASSACRE RECORDS

APRESENTA:

# A BANDA FIREWING AGRADECE A TODOS PELA VOTAÇÃO NOS MELHORES DE 2021 DA ROADIE CREW!

Entre em nosso Grupo Telegram

## 7º LUGAR
## MELHOR ÁLBUM NACIONAL

Spotify · DEEZER · amazon prime music · YouTube · Music

**CAIO KEHYAYAN**
9º MELHOR
GUITARRISTA NACIONAL

**AIRTON ARAUJO**
4º MELHOR
VOCALISTA NACIONAL

WWW.FIREWINGOFFICIAL.COM

Hoffman & O'brian
marketing artístico e entretenimento

anuncio: www.iduartedesign.com

# LION HEART
## A GRANDE FASE DOS LEÕES

Prestes a completar vinte anos de estrada, a Lion Heart vive uma das grandes fases da carreira, desfrutando da boa recepção que *O Ferro do Escorpião*, seu novo álbum, vem recebendo. Incansáveis no hard rock, a dupla carioca Thiê Rock e Brandon Lion nos atenderam para falar sobre esse bom momento da banda. Foi um longo bate-papo, que você confere a seguir e termina de ler no site da ROADIE CREW.

Divulgação

**Assim como em 2015, a formação da Lion Heart volta a ser um duo. Gravar *O Ferro do Escorpião* com Brandon tocando os demais instrumentos além da guitarra foi para não perder tempo na busca por novos membros ou a cena carioca está escassa de músicos de hard rock?**

**Thiê Rock:** Já são 19 anos juntos somente na Lion Heart, fora os anos anteriores em que tocamos em outras bandas, então nosso entrosamento é bem tranquilo, acho que nos completamos nas ideias e é difícil conseguir isso com uma banda completa. Por isso viramos um duo no passado. Abandonamos essa ideia por um tempo, pois tínhamos conseguido uma formação de convivência harmoniosa, além de serem ótimos músicos, mas aí entraram outros fatores como prioridades na vida. É difícil todos estarem na mesma sintonia. Assim, decidimos que a melhor coisa era voltar a ser um duo e agilizar todos os processos. Ficou muito mais rápido compor, gravar, fazer clipes... Não dá para prevermos o futuro, mas estamos felizes e pretendemos continuar assim.

**Considero *O Ferro do Escorpião* o álbum mais bem produzido e musicalmente inspirado da Lion Heart. Tal evolução é fruto de um bom momento criativo ou do foco para superar o nível dos trabalhos anteriores?**

**Thiê:** O álbum *Viver pra Detonar* saiu em 2009 e depois lançamos o EP *Dona do Bordel*, o single *O Gigante Acordou* e a coletânea *14 Anos de Rock! (2002–2016)*. Faltava um novo álbum completo de estúdio. Pela demora, era um desejo enorme nosso que ele viesse com a melhor produção que já tivemos e com excelentes composições, que igualassem ou superassem as melhores músicas que já fizemos. Acho que conseguimos, inclusive com nossas melhores performances individuais como músicos. Agradecemos o produtor Celo Oliveira por entender o espírito da Lion Heart e nos ajudar a atingir o nosso melhor.

**Apesar de a pandemia ter prejudicado a questão dos shows, vocês seguem divulgando o novo álbum gravando clipes, fazendo lives (uma delas acústica) e outras ações. A tendência agora é mostrar as músicas ao vivo ou focar em um próximo material?**

**Thiê:** Será uma experiência incrível poder finalmente tocar músicas como *Rock Vai Rolar*, *Animal* e *Embaixo da Lua* ao vivo, na presença dos fãs – ainda mais depois do feedback positivo deles. Tomara que aconteça em 2022 para compensar a falta de shows. Temos músicas fortes adiantadas desde a gravação de *O Ferro do Escorpião*. Deixamos algumas de fora para fechar o CD com dez faixas. Estamos trabalhando um pouco mais em arranjos e elas ficarão tão boas quanto as que entraram no álbum. Temos novas ideias, esse período de pandemia inspira o processo criativo pela situação difícil que todo o planeta está passando. Acredito que teremos letras muito boas no próximo disco.

**Brandon Lion:** Ultimamente, tem-se utilizado as ferramentas dentro do online, o que acabou trazendo mais uma forma de expor e interagir com o público. Podemos afirmar que, independente do que vier, a Lion Heart não parará de produzir, seja clipes, lives ou um novo álbum.

**Imagino que quem conhece superficialmente a Lion Heart pensa que as músicas só falam de curtição, mas apesar do alto astral, *O Ferro do Escorpião*, por exemplo, oferece algumas letras sérias, não?**

**Thiê:** Sim! *Suingue* fala de questões sociais e políticas. *Indecente* aborda preconceito, cita a naturalidade indígena e como por vezes o 'pecado' está presente nos olhos de quem vê e julga. *Coração Entorpecido* é sobre problemas psicológicos muito presentes no mundo atual: ansiedade, vaidade, ego, solidão no meio da multidão... *Uma Lição por Vez* discorre sobre segunda chance, volta por cima, renascimento, sobre nunca ser tarde para aprender com erros e ser uma pessoa melhor. Se você olhar nossa carreira a fundo, verá que temos músicas com focos diferenciados, como *Lição de Vida*, *Caso Perdido*, *Quero Ganhar o Mundo*, *Desafios*, *Brigue por Você*, *Eu Quero Acreditar*, *O Gigante Acordou*... Mas jamais abandonaremos a temática de curtição e diversão, questões essenciais no rock'n'roll!

**Thiê, ter se tornado digital influencer lhe rendeu convites para vídeos em parceria com o Vasco da Gama. Fale da experiência da Lion Heart participando da Vasco TV em jogo do Campeonato Carioca.**

**Thiê:** Foi fantástico! Meus vídeos vão além da Lion e do rock, falo de todos os assuntos, apesar de normalmente fazê-los na Lion Sexta-Feira e usar jargões das músicas da Lion. O marketing do Vasco descobriu que sou vascaíno e me contatou para uma parceria. A torcida me abraçou, curtiu demais e passou a pedir novos vídeos sobre o clube. Passei a fazer e viralizaram. Tive feedback do ídolo Roberto Dinamite, do artilheiro Cano, fui entrevistado por programas sobre o Vasco e rolou o convite da Vasco TV. A audiência foi fantástica e muita gente acabou conhecendo e curtindo a Lion ali. O Brandon é flamenguista, mas curtiu muito fazer o programa comigo. Foi uma projeção nacional da nossa música para milhares de pessoas, além da oportunidade de bater um papo divertido com o grande Donizete Pantera!

**É louvável o Lion Heart estar há quase vinte anos lutando no hard rock, gênero pouco valorizado no Brasil. O que os motiva a persistirem mesmo com mudanças no line-up e poucas casas de shows no Rio?**

**Brandon:** Vimos muitas bandas acabarem por não terem a devida paciência para ser reconhecidas. É por isso que fazer projetos simplesmente pensando no retorno financeiro e seguindo a famosa moda é um tiro no pé do artista. Esse tiro no escuro pode dar certo ou pode simplesmente passar batido. É uma frustração muito delicada. Vi muitos músicos largarem a profissão por isso. Meu humilde e simples conselho sempre será: faça o que toca seu coração de verdade, independente das críticas.

**A Lion Heart completará vinte anos em 2022. Planejam algo para comemorar?**

**Thiê:** A ideia é lançar um novo CD, seria perfeito para comemorar. Provavelmente, lançaremos singles aos poucos nas plataformas para não deixar os fãs esperando até a conclusão do novo álbum. Assim, novos clipes e shows especiais virão. Quem sabe até outro 'Lionfest'? Que 2022 seja um ano de muitas realizações!

**Leandro Nogueira Coppi**

# TREND KILL GHOSTS
## RECUPERANDO O TEMPO PERDIDO

Com o avanço da vacinação contra a covid-19 no Brasil e no mundo, o cenário outrora caótico parece caminhar para a normalidade. E dentro de todos os setores, o cultural, um dos mais afetados pela pandemia, começa a ver um horizonte, novamente. E nada melhor que ter a famosa "carta na manga" para que esse retorno seja triunfal. Metáforas à parte, esse é o objetivo da banda paulista de power metal melódico Trend Kill Ghosts, que não vê a hora de voltar à estrada para apresentar seu segundo e mais novo álbum, *Until the Sun Rise Again*. Empolgados e ansiosos, Diogo Nunes (vocal), Rogério Oliveira (guitarra), Fábio Carito (baixo) e Leandro Tristane (bateria) já enxergam na agenda uma turnê pelo Brasil ao lado de UDO e Symphony X. Quem nos detalha tudo isso é Diogo Nunes.

Daniela Overgoor

Fábio Carito, Leandro Tristane, Diogo Nunes e Rogério Oliveira: aguardando para botar o pé na estrada

**A primeira amostra do novo disco *Until the Sun Rise Again* veio a público com o single *Phoenix*, um power metal melódico típico, que também virou videoclipe. Qual foi a recepção do material e por que essa música foi escolhida como cartão de visitas da Trend Kill Ghosts?**

**Diogo Nunes:** Foi muito fácil escolher *Phoenix* como primeiro single, muito pelo momento que o mundo todo está vivendo devido à pandemia. Nada melhor que passar uma mensagem de que podemos e vamos ressurgir com mais força após todo o caos que vivemos neste período. E a recepção foi excelente. Os fãs entenderam a mensagem que passamos na música e no vídeo. Todos se sentiram representados naquele momento e isso nos motiva ainda mais a continuar fazendo isso!

**O disco foi gravado durante a pandemia? O quanto esse problema afetou ou, simplesmente, refez o processo criativo da banda?**

**Diogo:** Na verdade, a pandemia contribuiu, de certo modo, para compormos um disco novo. Não estava nos nossos planos. Ainda tínhamos muitas datas para divulgarmos o nosso primeiro disco, mas, obviamente, com a pandemia isso foi impossível. Então, para continuarmos trabalhando e mantendo o interesse do público que acabamos de conquistar, decidimos cair de cabeça em um novo trabalho. E isso nos ajudou e muito a evoluirmos como banda e compositores.

***Until the Sun Rise Again* conta com diversas participações especiais, como Marina La Torraca (Phantom Elite, ExitEden e Avantasia), Roland Grapow (Helloween) e Elisa C. Martin (DarkMoor, Dreamaker e Fairyland). Como foi o contato com esses artistas? Qual performance chamou mais a atenção da banda?**

**Diogo:** De certo modo, o contato com esses artistas também foi muito natural. A Marina, nós já tínhamos a ideia de trabalhar com ela em nosso primeiro disco mas, infelizmente, devido ao nosso prazo não seria possível. Agora, nos planejamos melhor para isso acontecer, ainda mais com a ajuda da nossa assessora, a Jéssica Marinho, que mexeu alguns pauzinhos e aproximou ainda mais o contato nosso com a Marina. No caso do Roland Grapow, nosso baixista Fabio Carito é o responsável pelo contato. Ele faz parte da banda de apoio do Grapow aqui no Brasil e apresentou a música pra ele, que curtiu e gravou o solo praticamente na hora em que ouviu o som. O cara é brabo! (risos) A Elisa, talvez, seja a mais inusitada. Meu primeiro contato com ela foi apenas como fã, pois acompanho os trabalhos dela desde moleque e fomos nos aproximando durante a pandemia. Conversamos quase que diariamente e, em um desses papos, fiz o convite e ela topou de prontidão sem nem ouvir a música. Ela é incrível, tanto como pessoa quanto como artista! É difícil falar qual a participação que mais chamou a atenção, sou fã de todos e todas as músicas ficaram sensacionais. Todos captaram a essência das músicas. Mas, neste momento, eu fico com a participação da Marina, pois a canção de que ela participa é muito pessoal pra mim e ela transmitiu essa emoção com maestria. Quando eu escutei a música com sua voz, me emocionei demais!

**O material de divulgação de vocês pontua que a ideia é 'inspirar pessoas a matarem seus fantasmas e irem atrás de seus objetivos'. Como abordam esses temas nas letras? Esse lado mais existencial não é tão comum em bandas de power metal melódico...**

**Diogo:** Nós escrevemos sobre situações que partem de acontecimentos pessoais. Não somos bons em escrever sobre espadas e dragões! (risos) Nossas maiores influências também não abordam esses assuntos épicos, ao menos não o tempo todo, como Helloween, Angra e Sonata Arctica, por exemplo. A ideia desde o início é mostrar ao público que todos nós temos ou vamos ter algumas pedras no caminho, mas se acreditarmos no que queremos, se o objetivo que almejamos for realmente verdadeiro, é possível alcançar nossos sonhos, seja em qualquer situação da vida. Não importa a força da tempestade, em algum momento, o sol sempre volta a brilhar!

**O álbum de estreia, *Kill Your Ghosts* (2019) recebeu ótimas críticas da mídia especializada. No que a banda evoluiu deste material para o mais atual?**

**Diogo:** Acredito que as composições têm mais progressão, com passagens mais variadas e, claro, há músicas mais rápidas. Além do amadurecimento natural de um trabalho para o outro, nós realmente focamos em fazer canções mais velozes e refrãos muito mais pegajosos. Fizemos um disco para bater cabeça e cantar estufando os pulmões com força! (risos)

**Recentemente, a Trend Kill Ghosts participou de um tributo ao Gamma Ray com a música *Dethrone of Tyranny*. Conte-nos como foi essa experiência.**

**Diogo:** Também foi uma escolha muito fácil! Resolvemos dar um presente aos nossos fãs que, mesmo com a pandemia, nos acompanharam em tudo que fizemos. E o Gamma Ray é uma das bandas que mais influenciou a gente. E *Dethrone of Tyranny*, devido à sua pegada rápida e pesada, serviu de 'introdução' para mostrarmos ao público o que esperar do nosso novo disco!

**Este ano vocês farão a abertura de shows de UDO e Symphony X, eventos adiados por conta da pandemia. Qual a expectativa para essas datas?**

**Diogo**: Estamos ansiosos demais, pois será nossa primeira turnê pelo Brasil e ainda com mais duas lendas do heavy metal mundial. A expectativa é sempre a melhor possível, pois acreditamos que estamos com um grande disco em mãos e queremos mostrar para o mundo todo o poder da nossa banda e de nossas músicas, mostrar que viemos pra ficar!

**Aliás, agora, com o novo álbum lançado e a melhora do cenário pandêmico, o objetivo é cair na estrada?**

**Diogo:** Com certeza. Estamos morrendo de saudades dos palcos. Passamos um ano e meio trancados em nossas casas e em estúdio. Queremos estrada, palco e mais histórias para contar por aí! (risos)

**Matheus Vieira**

# UNDERTIME
## TEMPO DE ESPERANÇA, NÃO MEDO!

"Nem todos da Undertime têm a música prog como sua principal referência", conta o guitarrista Renato Estevam na entrevista que você lê agora, "mas principalmente nós, guitarristas (N.R.: ele e Gustavo Maia), sempre fomos fascinados pelas composições mais elaboradas, pelas músicas realmente pensadas e pelas 'viagens' harmônicas por onde a música dessas bandas passava, tudo isso com boa técnica e feeling." Pronto, se você tem alguma dúvida sobre como soa a música da paulistana Undertime, essa é uma descrição bastante precisa. Música trabalhada com esmero e técnica e ainda com algo do peso heavy e thrash, tudo pode ser encontrado em *The Sound of Hope*, álbum que inicia a jornada do grupo. Confira aqui todos os detalhes dessa estreia.

Divulgação

**Como foi essa primeira experiência no estúdio como banda e como foi o processo de gravação/produção de *The Sound of Hope*?**

**Renato Estevam:** O processo foi longo. Entre o início da pré-produção e a entrega das masters do álbum foram treze meses. Houve muitas discussões no caminho, sempre buscando o melhor resultado possível, o que agregou ao resultado final. No fim, foram ótimos dias discutindo sobre as músicas, o que fez com que nos apaixonássemos ainda mais pelo trabalho realizado. E o tempo no estúdio foi muito divertido e descontraído, uma experiência que com certeza queremos repetir. Vale ressaltar que André Fernandes (baixo) entrou para a banda apenas depois da gravação. Ele gravou o baixo como músico contratado, mas rolou um entrosamento legal, sem contar que ele deu conta do recado de forma rápida e eficiente, então acabou entrando para a banda logo depois!

**Falando do debut, ele é caracterizado principalmente por músicas longas, que se beneficiam de ótimas dinâmicas, o que mantém as coisas fluindo por diferentes caminhos. Essa sensação foi algo buscado por vocês no processo de composição?**

**Renato:** O lance das músicas longas aconteceu meio que de forma natural. O nosso processo de composição sempre foi no estúdio, tocando e experimentando. Aí sempre rolava aquele lance 'ah, aqui daria pra colocar uma parte mais balada e depois emendar num solo bem melódico'. Ou então alguém aparecia com um riff pequeno e o outro ia pra casa, expandia e quando ia ver tinha um trecho instrumental de dois minutos no ensaio seguinte. Já sobre a fluidez das composições, com certeza, sempre tivemos na cabeça a ideia de conectar as músicas de alguma maneira. Você irá perceber vários riffs que se repetem nas músicas e até mesmo solos que tocam em diferentes faixas do álbum. E por gostarmos de construir harmonias que contam uma história, as músicas têm passagens instrumentais longas e trabalhadas, o que sempre foi uma característica em nossos ensaios. Toda essa fluidez se concretiza com o álbum contando uma história do começo ao fim.

**Dentre os destaques, não tenho como deixar de mencionar a segunda faixa, *Survive*, que inclusive parece trazer elementos de música oriental em sua trama. Fale-nos mais sobre ela.**

**Renato:** Esta música era totalmente diferente quando começamos a compô-la, existiam vários outros riffs e tramas diferentes; ela passava dos 17 minutos. Mário Maia (baterista), ouvindo mais vezes a música, disse que ela estava sem uma construção definida e sem contar a tal da história em sua harmonia, era basicamente uma coleção de riffs desconexos. Revisamos a música e a partir daí retiramos várias partes, que depois foram usadas em outras faixas. Demos mais repetições aos riffs e ao refrão. Acho que ela caiu de 17 para uns oito ou nove minutos e está aí um bom exemplo de quando a gente pega um riff curto e expande a ideia. Também trabalhamos melhor a parte 'oriental' do meio da música tentando deixá-la com mais fluência e sem alterar bruscamente seu estilo.

**Outra canção que gostaria que comentassem é a longa *A New Hope*, que encerra o disco. Não sei se ela tem algo a ver com um dos meus filmes favoritos (risos), mas a verdade é que ela realmente parece levar o ouvinte para um outro lugar. Como trabalharam nas diferentes partes e sobre o que trata essa canção?**

**Renato:** Sempre quis criar uma epopeia, algo que lembrasse *Shine on You Crazy Diamond*, do Pink Floyd ou *Octavarium*, do Dream Theater, entre outras músicas do tipo. Inclusive, nos arquivos da banda essa música era tratada, em tom de brincadeira, como uma 'obra de arte'. A ideia era ter uma música que realmente tivesse começo, meio e fim, como um filme, e que durante ela você pudesse se imaginar em diversos lugares e situações, com bastante feeling, uma boa dose de riffs pesados e uma certa 'maluquice'. Esta faixa fala sobre esperança, sobre reviver e ter um norte para seguir, então ela demandava bastante esse aspecto de reflexão. O álbum todo conta a história de um ser humano que acordou sozinho no mundo e busca respostas sobre como restabelecer a humanidade, e *A New Hope* fala justamente de encontrar uma esperança de que o mundo poderá reviver e ser reconstruído. A referência no nome veio depois, mas obviamente foi proposital, meio que um 'easter egg', mostrando a influência dos filmes no nosso processo de composição.

**Por fim, falem um pouco sobre *Under Life*, a única música do álbum que fica abaixo dos cinco minutos de duração.**

**Renato:** Queríamos ter uma balada com violão no álbum, algo recheado de feeling e que fosse meio que uma trégua das músicas mais complicadas, com tempos quebrados etc. Essa era a premissa e ao final da composição nós nem percebemos o tempo que ela tinha ficado, mas por se tratar de uma balada achamos bom que também não fosse tão longa – vai que um dia toca na rádio... (risos)

**Para encerrar, fale-nos um pouco sobre a capa desse primeiro álbum: o que ela simboliza e quem é o seu autor?**

**Renato:** A ideia da capa era transmitir o conceito do álbum: um mundo desolado, sem muito rótulo. Não queríamos ser específicos em dizer se é pós-apocalíptico, pós-guerra ou qualquer coisa do tipo, é apenas um mundo que está abandonado. E tinha que ter um fundo de esperança também, para representar o final do disco. Nós explicamos o conceito para Juh Leidl, que ficou responsável pela arte. Entregamos todas as músicas e letras e ela se debruçou sobre o conceito. Não demos muito mais informações além disso e aí ela apareceu com essa capa animal já praticamente pronta, do jeito que ficou no final. A ideia da árvore ao centro simboliza a esperança, o lance de que a vida não para e ela floresce novamente, com tempo para crescer e se superar, mesmo no meio de toda a destruição ao seu redor.

**Valtemir Amler**

**DYNAMO RECORDS PARABENIZA AS BANDAS CRYPTA E NERVOSA**

**E agradecemos a todos os fãs pela expressiva votação nos melhores do ano da revista ROADIE CREW!**

CRYPTA




ad by: www.jduartedesign.com

NERVOSA

Dynamo records

www.DynamoRecords.com.br

# ANCIENT MACHINE
## BEM-VINDOS À MÁQUINA DO TEMPO

Divulgação

Nascida logo no início da pandemia, a Ancient Machine é uma banda moldada pela paixão de seu mentor, Emerson Tanaka: "A pandemia na realidade ajudou, no sentido de que com os lockdowns e trabalhando de casa, de repente eu tinha mais tempo", ele confessa nesta entrevista. "Agora não tinha mais desculpa para deixar de fazer tudo aquilo que tinha vontade." Dessa "vontade" nasceram as músicas que compõem o álbum de estreia autointitulado, lançado no ano passado, e também um novo, que ele já afirma estar a caminho: "Na realidade, 90% do álbum já estão compostos e estamos entrando na fase de gravação". Confira mais dessa história nas palavras de Emerson.

**A Ancient Machine surgiu da sua paixão pelos clássicos do hard e AOR oitentista e da sua vontade de mergulhar mais fundo nesse universo musical. Você pode nos contar um pouco sobre como essa paixão despertou em você?**

**Emerson Tanaka:** Tudo começou no início dos anos 80, quando comprei meu primeiro vinil, *Love at First Sting*, do Scorpions. Na verdade, comprei por causa de *Still Loving You*, que foi um big hit em 84 e tocava em todas as rádios na época, e eu ainda não conhecia muito de hard rock. Mas de cara músicas como *Rock You Like a Hurricane* e *Big City Nights* tiveram muita influência na minha adolescência. Meu próximo disco não foi de hard, mas teve muita influência também: *Powerslave*, do Iron Maiden. Essa foi a banda que me fez escolher o baixo como instrumento. Dois anos mais tarde, em 86, o disco e a banda que tiveram maior impacto no que seu escutava na época: *Slippery When Wet*, do Bon Jovi. Depois vieram Survivor, Europe, Journey, Van Halen e aí já era, nunca mais parei. Acredito que tudo que você ouve quando é adolescente tem um grande impacto no que vai escutar para o resto da vida.

**Para dar início ao processo de formação, você recrutou o guitarrista Kiko Dittert. Tanto você quanto ele já residiam no Canadá e haviam tocado juntos na banda Eve.**

**Emerson:** Aqui no Canadá tem um site de anúncios conhecido chamado Craigslist e é normalmente onde você vai se quiser comprar ou achar algum serviço, e uma seção desse site é para anúncio de bandas e músicos. Eu respondi um anúncio de uma banda precisando de baixista e fui fazer o teste. Chegando lá descobri que o guitarrista era brasileiro, então a gente se encontrou meio que por acaso. O resto da banda era uma vocalista e o batera canadenses e a proposta era fazer algo na linha do Evanescence. Consegui umas horas de gravação de graça num estúdio famoso aqui na cidade e gravamos duas músicas. Mas durante o processo começaram os problemas. A vocalista era bem mais nova que nós e não tinha a mínima noção do que estava fazendo. Eu queria produzir as músicas simplesmente por ter um pouco mais de experiência, mas ela interferia no processo e como as músicas eram dela, a gente meio que ficava numa saia justa. O Kiko é sempre paz e amor, mas eu não consigo, quando vejo que alguém está fazendo algo que vai ficar ruim, tenho que falar. No fim a gente gravou as músicas e saí da banda logo após o término das gravações. Acredito que as músicas nunca foram lançadas. Novamente tirando o lado positivo da situação: foi ali que conheci o Kiko!

**Como completaram a formação? Pelo que li, a pandemia acabou influenciando também no line-up da banda, que veio sem baterista.**

**Emerson:** Sim, gravar a bateria estava fora de cogitação por causa da pandemia. Todos os estúdios estavam fechados e eu não conhecia nenhum baterista que pudesse gravar em casa. Então a bateria programada foi a única solução. Esse estilo precisa de teclados, mas como nossa proposta desde o início era ser um hard rock mais voltado para a guitarra, assumi os teclados. Depois de tudo isso, e com o Kiko aceitando o convite, eu precisava de um vocalista. Esse estilo não funciona sem um bom vocalista. Um dia antes de eu vir morar no Canadá, um amigo falou se eu não queria gravar o baixo de um som que ele estava fazendo. Fui ao estúdio, gravei o baixo e o Thales era para estar lá no estúdio para gravar a voz, mas ele não apareceu. Peguei o avião e vim embora para o Canadá. Alguns dias depois, meu amigo me mandou a música pronta e ficou ótimo! Mas o que mais me chamou atenção no som foi o vocal. Linda voz com versatilidade, cantando notas altas e baixas, ou seja, perfeito! Depois ele me contou que Thales foi até o estúdio, mas como a gente estava gravando, ninguém ouviu a campainha... (risos) Ficou a gente no estúdio frustrado porque ele não apareceu e ele foi embora puto porque a gente não atendeu a porta (risos). Ou seja, já gravamos um disco juntos, mas o Thales e eu nunca nos conhecemos pessoalmente. Ele aceitou o convite e aí o line-up estava pronto.

**Em setembro de 2020 vocês soltaram o single *Every Single Day*, que demonstra a proposta inicial da banda, com ótimas linhas de guitarra e voz. Como foi a reação para esse 'cartão de visitas'?**

**Emerson:** Muito além do esperado, na verdade. A gente sabia que a música era boa, mas somos suspeitos para falar. Teve até um produtor americano elogiando nosso som e, de repente, outros blogs de música começaram a falar da gente, inclusive na Espanha. Isso só nos deu mais certeza de que o projeto era sólido e devia continuar.

**Vocês decidiram seguir uma estratégia interessante, lançando uma nova música a cada mês. Como surgiu essa ideia?**

**Emerson:** Acho que foi o Kiko que veio com essa ideia. Na realidade, a gente tinha um single muito bom, mas era tudo que tínhamos. Não faria sentido esperar meses para gravar o disco e 'sumir' das redes sociais. Então, essa estratégia encaixava perfeitamente na época, porque lançando uma música por mês a gente conseguiu sempre ter coisa nova para mostrar e promover cada música do nosso CD. O maior desafio dessa estratégia é que a gente teria um mês para compor, gravar e lançar cada música.

**As dez primeiras canções da banda foram reunidas e lançadas no ano passado na forma do seu álbum de estreia, que carrega o nome da banda.**

**Emerson:** Sim, essa foi uma outra discussão que tivemos, pois como cada música foi gravada, mixada e masterizada em momentos diferentes por pessoas diferentes, a gente acabou com o material soando um pouco diferente em cada música. Então no final resolvemos remasterizar todas antes de colocá-las no CD. Estamos em todas as plataformas de streaming, mas tivemos que fazer o CD físico também, já que nosso estilo ainda conta muito com o pessoal old school, que gosta do material físico (eu incluso).

**Valtemir Amler**

# SACRIFIX
## 100% OLD SCHOOL THRASH METAL

Na contramão de bandas que buscam a perfeição em suas produções digitais e editadas ao extremo, percebe-se uma corrente contrária em formações que fazem o lance mais simples da coisa, tanto sob este aspecto quanto na concepção de suas composições. Um belo exemplo fica por conta do Sacrifix que, a princípio, era uma 'one man band' de Frank Gasparotto (Masmorra, ex-Anthares, Goatlove, Infamous Glory). O grupo, completado por Kexo (baixo) e Gustavo Piza (bateria), lançou o debut *World Decay 19* no ano passado e, com seu instrumental coeso e vocais mais espontâneos, tem tudo para agradar quem curte o thrash metal dos anos 80. Em entrevista à ROADIE CREW, Gasparotto nos contou sobre as origens da banda, a repercussão do álbum e a entrada dos novos integrantes.

Trio capitaneado por Frank Gasparotto investe na linha mais crua e direta do thrash oitentista

Rhadas Camponatto

**Em sua carreira, você passou por grupos dos mais variados estilos dentro do cenário rock/metal. Em que momento decidiu montar o Sacrifix?**

**Frank Gasparotto:** No meio de 2020, por conta da pandemia, entrei em uma introspecção grande e resolvi revisitar tudo o que adorava quando era mais novo, desde filmes de terror a bandas clássicas de thrash metal. E foi daí que surgiu a inspiração para fazer o Sacrifix. Sempre tive vontade de fazer uma gravação completa sozinho, mas nunca tinha tido foco suficiente para fazer. Com a pandemia, acabei tendo um pouco mais de tempo, recuperei algumas coisas que havia composto muito tempo atrás e só dei uma adaptada para o modo como toco hoje em dia. O próximo passo foi montar um home studio e aprender a gravar. Fui fazendo com calma e parece que deu certo.

**Após um single em 2020, a banda soltou o primeiro full, *World Decay 19*, no ano passado. Vocês praticam um thrash metal cru, ríspido e com algumas passagens trabalhadas, como podemos ouvir em *Escape* e *Hell*. A intenção foi fazer algo que agradasse primeiramente aos seus ouvidos?**

**Frank:** Tenho o costume de falar que o Sacrifix é uma banda egoísta (risos). O principal desse grupo é fazer um som que a gente curta muito, independentemente do que está 'na moda' ou das tendências. No geral, como fã de metal, acho que as produções de hoje soam muito parecidas entre si – mesmo timbre de bumbo, de guitarra... –, tudo muito pasteurizado. Não queremos isso no Sacrifix. E, sim, a ideia é manter o som fiel ao que foi feito no passado, nada de afinação baixa, triggers, teclados, blast beats (thrash tradicional não tem)... Nada de invenções e o Sacrifix é uma banda 100% 'old school thrash metal'. Percebi que, assim como eu, muitos estão com saudades das coisas mais simples do metal, de mais agressividade e crueza e menos técnica e firulas. O Sacrifix veio para as pessoas que curtem um metal cru, rápido e honesto. Recebo muitas mensagens de fãs de todas as partes do mundo – Bélgica, Holanda, Espanha, Itália, Brasil etc. – e a galera está curtindo. Em relação à mídia acontece a mesma coisa, muitos zines, podcasts e blogs vêm elogiando nosso trabalho.

**Outro exemplo que remete aos anos 80 fica por conta de *Evil Games*, cover do Angel Witch. A escolha desse tema foi para reafirmar a tendência de que alguns músicos da atualidade estão mais preocupados em mostrar que tocam bem do que em fazer realmente músicas boas?**

**Frank:** Decidi colocar esse cover por ser um dos que tocava quando ainda era baterista do Infamous Glory, ele fez parte da minha formação como músico e fã de heavy metal. Sobre o segundo ponto, não sei dizer, mas acredito que há uma certa banalização na técnica hoje em dia. Com tanto acesso a técnicas, truques e dicas, com certeza há algumas pessoas que só querem aprender os malabarismos e truques, esquecendo da alma. O mais importante na música é a alma! Não importa o estilo, você tem que fazer com paixão, pois, do contrário, são somente notas tocadas. Técnica não basta, precisa ter alma!

**Como analisa a capa feita por Marcio Aranha (Inferno Nuclear, Warsickness, Axecutor, Infector Cell e outras), que remete às artes feitas por Ed Repka nos anos 80?**

**Frank:** Marcio é um artista excepcional e a concepção não poderia ter ficado melhor! Passei a ele uma foto tirada no Rio de Janeiro na marcha das vadias. Achei uma imagem muito caótica e tinha guardado-a bem antes de ter a ideia de fazer o Sacrifix. Sabia que seria útil algum dia. Claro que dei uns pitacos no geral e dei uma modernizada na coisa – o tonto do capitólio e a plaquinha da cloroquina estão ali.

**Sobre a formação, o Sacrifix a princípio era uma 'one man band', mas agora é um time completo com a entrada do baixista Kexo e do baterista Gustavo Piza. Como chegou a eles?**

**Frank:** O Kexo eu conheço há décadas, pois tocamos juntos primeiramente em uma banda que tive no fim dos anos 90 chamada Jackknife. Depois saí e me juntei ao projeto, até então, de death metal do Kexo, o Infamous Glory, só que como baterista. Fiquei alguns anos com eles e foi uma experiência bem legal; tocar bateria é muito bom, o problema é ter que carregar tudo (risos). Quando saí do Infamous Glory, meu substituto foi Gustavo Piza. Foi aí que o conheci e ficamos amigos desde então. Nesse meio tempo, tivemos algumas outras bandas/projetos, mas não gravamos nada. Então, a escolha mais óbvia para o Sacrifix seria chamá-los de volta. São grandes caras e nossa amizade perdura há décadas, e isso é importante.

**Após tempos bem complicados, a vida parece estar se retomando, em especial no segmento do entretenimento. Com os estádios e casas de shows recebendo o público novamente (seguindo protocolos), quais os planos da banda neste sentido?**

**Frank:** No momento não pensamos nisso. Tocar ao vivo é bem complicado por diversos motivos. Geralmente as casas de show (em São Paulo) não têm estrutura, péssimos equipamentos, no geral os técnicos (quando tem) não sabem operar os equipamentos, há um descaso muito grande em relação às bandas de som autoral. Enfim, há muitos fatores a se considerar para fazermos um show. No momento, o que posso dizer é que se aparecer uma oportunidade de participarmos de algum evento interessante, por que não? Mas não vejo isso acontecendo a curto prazo. Vamos focar em divulgar o CD, escrever novo material e nos divertirmos com isso. Let's thrash!

**João Messias Jr.**

# MARCELO SOUZA
## A GUITARRA EM PROL DA MÚSICA

Nos cerca de dez anos de hiato entre seu debut solo, *Circle of Fire* (2011), e o segundo álbum, *Human Vs Machine* (2021), o guitarrista paulista Marcelo Souza se envolveu em várias frentes na música, incluindo bandas, projetos, aulas em seu instituto em Taubaté, workshops com Vinnie Moore, Guthrie Govan e Marty Friedman e turnês nacionais e internacionais. Cada experiência deu a ele mais "cancha" para a concepção deste mais recente play, um disco que traz reflexões sobre a forma como o ser humano faz uso da tecnologia. Saiba mais no papo a seguir.

Fotos: Divulgação

**Pouco depois de deixar o Attomica, você ressaltava que um novo álbum solo estava a caminho. E foi um período bem rápido entre o fim de um ciclo e o início de outro em sua carreira, deixando claro que você não tinha tempo a perder para mostrar este novo disco.**

**Marcelo:** Eu e o Argos (Danckas, baterista) deixamos o Attomica após vários problemas de ordem financeira e gestão da banda. Como estávamos insatisfeitos com a forma como queriam trabalhar, optamos por seguir nossos caminhos. Eu precisava entregar um trabalho novo ao meu público e ao público que havíamos conquistado ao longo desses anos tocando no Brasil e fora também. O CD foi lançado numa época em que a pandemia estava iniciando e as bandas estava pausando seus trabalhos. Tive a oportunidade de ter um destaque no Brasil, na América do Sul, na América do Norte e na Europa. Essa repercussão tem se estendido até o momento. Foi algo que aconteceu de forma muito positiva, apesar da crise e da lamentável parada de todos os músicos durante esse período.

**Um ponto interessante é a presença de Argos, que acompanha você em *Human Vs Machine*. Trata-se de uma parceria que, além daquela construída no Attomica, dá mostras de que ainda vai render bons frutos, não?**

**Marcelo:** Sim, eu e o Argos temos uma amizade muito forte e muitas coisas em comum. Nós vivemos da nossa música, temos gostos muito parecidos em relação aos estilos e estudamos bastante nossos instrumentos. Participamos muito ativamente dos arranjos na época em que estávamos na banda, mas agora temos a liberdade de trabalhar de forma mais espontânea, sem estar presos a rótulos e outras limitações.

**Além dele, Lucas Barbosa (baixo) fecha o trio do novo trabalho. Embora você tenha composto todo o álbum e seja um trabalho solo seu, ter um time entrosado faz toda a diferença, certo?**

**Marcelo:** Sim! Lucas Barbosa é um baixista excepcional, com muito conteúdo, muita criatividade e capacidade técnica. Ter a oportunidade de trabalhar com esses músicos é muito especial. Eles têm uma capacidade muito fácil de processar todas as ideias e não têm limites com relação à técnica. Apesar de este trabalho levar meu nome e de eu ter escrito todas as músicas, arranjos e letras, ter um time com um nível muito alto de qualidade musical e uma técnica extremamente apurada faz toda a diferença no resultado final.

**Das dez faixas do disco, oito são instrumentais e duas contam com os vocais de Mario Pastore, *Human Vs Machine* e *Stronger*. Houve uma necessidade durante o processo criativo em colocar letra nessas composições em virtude dos temas delas ou pura e simplesmente porque você queria que o disco não fosse apenas instrumental e aí uma coisa ligou à outra?**

**Marcelo:** Sempre curti bandas com vocalistas que compõem discos conceituais. No caso de *Human Vs Machine*, quis contar uma história sobre a tecnologia, sobre como o avanço dela pode ser benéfico e ao mesmo tempo prejudicial para o convívio social. Isso nos faz refletir em muitas coisas que vêm acontecendo. Apesar de o disco ter sido composto antes do período pandêmico, veio muito a calhar no momento atual em que a tecnologia atingiu seu extremo, em relação à comunicação, aos trabalhos e a toda a convivência. Eu tinha necessidade de ter um vocalista e colocar letra contando essa história, porque não queria um disco apenas instrumental que atingisse somente o nicho 'guitarrístico'. Ao longo desses últimos anos, tive a necessidade de entregar um material que tivesse vocal, letra e maturidade em relação aos trabalhos anteriores. E Mario Pastore foi uma grande escolha pelo seu alto nível e o reconhecimento internacional. Acredito que engrandeceu muito o trabalho.

**Luiz Carlini é outro que participa do disco. E pelo que li, contar com ele foi a realização de um sonho seu.**

**Marcelo:** Sim, o Luiz Carlini fez uma participação na música *74' White Maverick*, em que toca um lap steel, fazendo um solo maravilhoso. Tive a oportunidade de assistir ao Luiz Carlini quando tinha 14 anos, eu estava iniciando no estudo da guitarra. Como ele é uma referência e uma influência a todos nós, poder ser amigo, conversar com ele com frequência e tê-lo no disco significa a realização de um sonho. É um músico maravilhoso, um ser humano incrível e que tem muito conteúdo. Durante muitas conversas que tivemos antes do lançamento do álbum e durante o processo de composição, pude ouvir muitos conselhos e processar muitas informações. Isso engrandeceu muito o trabalho. É um músico muito querido e conhecido em todas as áreas. Ter a participação dele foi surreal.

**Quais projetos estão em andamento, incluindo turnês em 2022?**

**Marcelo:** Após a excelente repercussão do lançamento do álbum, concedi mais de trinta entrevistas no Brasil e na América do Sul, para países como Colômbia, Argentina, Paraguai e Chile. Vendi muito bem as cópias físicas até o momento. Isso culminou numa tour no eixo Rio-São Paulo. Como tenho o apoio de catorze marcas renomadas nos cenários brasileiro e internacional, tive condições para pôr em prática algo que sempre quis fazer, que era colocar meu trabalho solo ao vivo. A tour foi um sucesso, muito bem recebida. Estou alinhando uma segunda parte dessa tour em diferentes regiões do Brasil para 2022. Talvez esse trabalho se desenvolva já com um vocalista, mas ainda não sabemos como vai ser.

**Por fim, queria que nos falasse como estão as atividades no seu instituto de música em Taubaté.**

**Marcelo:** Tenho trabalhado muito aqui no instituto com aulas presenciais, atendendo a toda a região do Vale do Paraíba. Estou situado em Taubaté, mas tenho alunos em Caçapava, São José dos Campos, Campos do Jordão, Pindamonhangaba e cidades vizinhas. E também atendo de forma online, via Skype e Zoom, alunos do Brasil inteiro e de outros países, como Chile, Argentina, Canadá e Estados Unidos. Tenho trabalhado intensamente para desenvolver meu método e atender a toda essa demanda.

**Thiago Prata**

# ALEFLA
## MADURO E INQUEBRÁVEL

O início de trajetória do Alefla data de meados de 2005, e no decorrer dessa estrada os duetos de vocais masculino e feminino e a miscelânea de subgêneros, como power, heavy e prog metal, foram cruciais para a identidade construída e evidenciada no debut *End of the World* (2015) e no segundo e mais recente play, *Unbreakable* (2021). Estabilizada com Fla Moorey (vocal), Alexandre Nascimento (guitarra e vocal), Erivelto Santos (guitarra), Filipe Ferreira (baixo) e Paulo Ferreira (bateria), a atual formação do Alefla espera alçar novos voos neste e nos próximos anos. Para falar um pouco da história e das pretensões do grupo, conversamos com Fla Moorey.

Fla Moorey (à frente), Paulo Ferreira, Alexandre Nascimento, Erivelto Santos e Filipe Ferreira: o Alefla em seu auge, até agora

**Em termos de evolução, quais os pontos que você destacaria ao longo desses mais de quinze anos de banda? Em que sentido vocês mais cresceram e amadureceram em busca da química que ouvimos em *Unbreakable*?**

**Fla Moorey:** Apesar de não sermos músicos em tempo integral, exceto o Erivelto, que é professor de música, procuramos sempre trazer algo novo para nosso repertório pessoal: técnicas, estilos, influências, formas de composição. E acredito que nossa maior evolução foi aproveitar as habilidades de cada integrante e suas diferentes influências para conseguir moldar e inserir nossa identidade nas composições. Outro ponto foi o aprendizado durante o processo de gravação e produção de *End of the World*. Entender melhor como funciona o processo abriu novas dimensões para nossas composições.

**O Alefla surgiu em Pindamonhangaba/SP em meados de 2005 e hoje se situa em Taubaté/SP. Como foi o início de tudo, os primeiros ensaios, a busca por integrantes, a sonoridade? E quais os principais motivos que levaram à mudança de sede?**

**Fla:** No início, éramos uma reunião de amigos, com vários vocalistas. Tocávamos músicas de que gostávamos e sem pretensão de shows. Com o avanço dos ensaios, e após o terceiro show, em que dois vocalistas faltaram, sentimos a necessidade de fechar o projeto e transformá-lo em banda, com músicos fixos e objetivos mais refinados. Nessa mudança, procuramos um segmento que mais se encaixasse com nosso repertório. Isso moldou nossa sonoridade e os músicos que vieram a fazer parte da nossa história. A mudança de sede aconteceu gradativamente. No início, éramos quatro integrantes, todos de Pindamonhangaba, e com o avançar dos anos e a mudança minha e do Alexandre para Taubaté, a nova formação foi naturalmente para lá. Por coincidência, hoje todos os músicos do Alefla são de Taubaté. E para quem não conhece, são cidades vizinhas.

**Em 2021, vocês lançaram *Unbreakable*, que trouxe novas possibilidades para a música do Alefla. Como foram os anos que antecederam esse lançamento, em termos de planejamento, composições e direcionamento?**

**Fla:** Vivemos intensamente a criação do *Unbreakable*. Começamos a gravar as músicas na casa do Paulo e isso foi muito importante para o processo de criação. Tivemos tempo para compor, testar novas ideias, até o ponto de mostrar ao Tito (Falaschi, produtor) e fazer os ajustes finais na pré-produção. Ao mesmo tempo, foram anos difíceis e tivemos diversos percalços. Começamos a trabalhar no CD um ano após o lançamento de *End of the World*. Na época, eu estava grávida e o planejamento era gravar o instrumental em 2016 e 2017 e as vozes em 2017 e 2018. Mas o plano traçado sofreu diversas mudanças: houve mudança na formação da banda, por motivos musicais; nosso baterista mudou de Estado, por motivo de emprego; com isso ficamos praticamente o ano de 2018 sem ensaios, sem músicos e sem finalizar a gravação dos vocais. Em 2019 e 2020, conseguimos sanar as dificuldades e *Unbreakable* foi finalizado.

**Nota-se todo um cuidado acerca do disco, produzido por Tito Falaschi, e de videoclipes para *Babies*, com produção de Juninho Carelli e a Foggy Filmes, *Medusa*, produzido pelo Studio Polvus, dirigido por Emerson Lima e lançado na 18ª edição do Roadie Crew Online Festival, e *December*, assinado por Rodolfo Bittencourt e o Vibe Vale Studio.**

**Fla:** Estamos vivendo em um mundo muito louco e desenfreado (risos), toneladas de informações sendo geradas e consumidas diariamente. Hoje temos que despertar o interesse do público em questão de segundos. Do contrário, pulam para outro conteúdo. Isso ficou muito mais evidente na pandemia, com todo mundo trancado em casa e ávido por novos materiais. Sempre tivemos uma grande preocupação em disponibilizar material de qualidade, fazer o melhor dentro das nossas possibilidades. Isso envolve tanto ter profissionais competentes que possam agregar ao nosso trabalho, como produtor, ilustrador, estúdios e assessoria, quanto em nossos processos internos de ensaios, composições e seleção dos equipamentos. Somos muito gratos às pessoas que já cruzaram nossos caminhos. E tivemos ótimas experiências!

**Em relação às composições de forma geral, a banda sabe aproveitar o talento de cada integrante em prol da música. Isso fica evidenciado no disco como um todo, mas gostaria que falassem a respeito, tendo *Sound of Angels* e *Man of Dreams* como exemplos.**

**Fla:** Poxa, que legal! Realmente, essas são as músicas 'temáticas' do álbum. *Man of Dreams* foi a primeira música que começamos a trabalhar em um ensaio. O Renan, antigo guitarrista da banda, chegou para ensaiar e nos apresentou uma ideia de riff. Fomos trabalhando ao longo do ensaio e no final estava praticamente pronta. Ela fala sobre o Sandman e uma pessoa que tem dificuldade para dormir e sonhar. Separamos as melodias vocais para eu interpretar essa pessoa e o Alexandre representar Sandman. *Sound of Angels* fala a respeito de um acidente de carro em que uma mulher escuta o barulho de uma batida e segue em direção ao ocorrido, encontrando um homem ferido dentro do carro. Essa história de ajuda e cuidado é contada até a melhora do ferido. E a música, as passagens e a separação das vozes foram realizadas para mostrar os diversos momentos dessa história.

**Enfatizando que *Unbreakable* se mostra uma evolução natural de *End of the World*, o que podemos esperar daqui para frente? É cedo para falar em novas composições?**

**Fla:** Talvez o lançamento de um novo material demore um pouco, mas as ideias já estão a mil. O Alexandre está sempre mandando novas ideias, riffs e melodias. A banda está com a mesma formação desde 2018, estamos mais entrosados, mais confiantes e mais próximos. Sem contar que Erivelto e Filipe poderão contribuir ativamente com suas influências e musicalidade nos próximos trabalhos, pois quando ingressaram na banda *Unbreakable* estava praticamente finalizado.

**Thiago Prata**

## ENTREVISTA
### THE DAMNNATION
### Prometendo nova pedrada!

Jessica Marinho

Thiago Prata conversou com a vocalista e guitarrista Renata Petrelli, que falou dos frutos colhidos com o EP *Parasite* (2020) e da expectativa para o debut do trio, completado por Aline Dutchi (baixo) e Luana Diniz (bateria). "Fiquei bem surpresa, ainda mais sendo minha primeira experiência como vocalista. Entramos até em playlist oficial do Spotify, fomos destaque em alguns portais gringos também, foi bem surpreendente, na real. Fiquei bem feliz", contou Petrelli sobre a aceitação do EP que antecede o debut full, que terá a assinatura de Rogério Oliveira e Martin Furia (Nervosa, Eskröta e outros). "Além dos dois, Mayara Puertas (Torture Squad), além de grande amiga, também me deu apoio. Fizemos um intensivão e ela me ajudou (muito) em desenvolver algumas técnicas de vocal", declarou Petrelli.

## ENTREVISTA
### MATIAS FRANCINO
### Histórias da guitarra

Divulgação

Após o fim da banda chilena Lluvia Funebre, em 2010, o guitarrista Matias Francino passou a focar em outras frentes, sendo uma delas seu trabalho solo. Surgiram então álbuns como *Música, Poeira e Asfalto* (2013) e o EP *The Earth Divided* (2016), antes de *Rising Agony* (2021) emergir com todo seu talento nas seis cordas. Neste papo com a ROADIE CREW, o guitarrista chileno falou um pouco sobre sua história na música, suas influências, o trabalho solo e a relação que tem com o Brasil, primeiro país estrangeiro que visitou para tocar.

## MEMÓRIA
### RC #207

Edu Lawless

"A gravadora não considerava forte o bastante, mas gravamos. E, claro, quando se tornou um hit, a RCA declarou que tinha sido ideia dela colocá-la no disco", Steve Lynch, ex-guitarrista do Autograph sobre *Turn up the Radio*.

## YOUTUBE
### Roadie Crew Online Festival

A Roadie Crew, em parceria com o Som Do Darma, vem apresentando um evento repleto de bandas no canal do YouTube. Confira!

## ASSINATURAS
### E números atrasados

Se não encontrou nas bancas, procura uma edição específica ou quer fazer a sua assinatura e receber a ROADIE CREW em casa, acesse www.roadiecrew.com/assinaturas ou entre em contato pelo fone: (11) 5058-0447.

## TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

LEITOR: envie um e-mail para roadiemail@roadiecrew.com, colocando seus dados (nome completo, cidade/estado). Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

### Claudio Vicentin (Diretor/Editor)
**Mastodon** - *Hushed and Grim*
**Gamma Ray** - *Empire of the Undead*
**Black Label Society** - *Doom Crew Inc.*

### Ricardo Batalha (Editor Chefe)
**Tony Martin** - *Thorns*
**Everlit** - *Welcome to the Show*
**6:33** - *Feary Tales for Strange Lullabies: The Dome*

### Leandro de Oliveira (Diretor de Arte)
**Lordi** - *Humanimals (Lordiversity)*
**Ad Infinitum** - *Chapter II: Legacy*
**Warkings** - *Revolution*

### Marcio Carvalho Sena (Leitor)
**Vintage Caravan** - *Monuments*
**Exodus** - *Persona Non Grata*
**Epica** - *Omega*

### Luis Evandro C. Moreira (Leitor)
**Spectral Wound** - *A Diabolical Thirst*
**Anaal Nathrakh** - *Vanitas*
**Volbeat** - *Servant of the Mind*

### Gleisson Cardozo (Leitor)
**Carcass** - *Torn Arteries*
**Volbeat** - *Servant Of The Mind*
**Iron Maiden** - *Senjutsu*

# brasileiros

novo álbum do Muqueta Na Oreia

DEEZER Spotify

MUSIC YouTube

Google play SHAZAM

muquetanaoreia.com

apoio

ALTERNATIVE LEATHER SINCE 1990

alternativeleather.mercadoshops.com.br

Divulgação

# Uma família

**Esbanjado bom humor, Zakk Wylde fala do 11º álbum de estúdio do BLS, da comunidade que se formou em torno da banda e, claro, de Ozzy Osbourne**

# muito unida

**Por Daniel Dutra**

Foram 30 minutos de uma entrevista interrompida a todo instante por risos e, não raro, gargalhadas. Com uma caneca do próprio café na mão, Zakk Wylde mostrou no bate-papo por videoconferência a mesma disposição de quando debulha a guitarra. O foco era o novo disco do Black Label Society, o excelente *Doom Crew Inc.* (leia a resenha na ed. #264 da ROADIE CREW), incluindo o generoso espaço dado a Dario Lorina, que brilha nas seis cordas - John 'JD' DeServio (baixo) e Jeff Fabb (bateria) completam a formação -, mas a conversa se estendeu para a relação com os fãs, influências e Ozzy Osbourne, especificamente o aniversário de 30 anos de *No More Tears*. No recheio, piadas e tiradas bem-humoradas de Wylde, um mestre também da autozoação. Confira!

**Antes de qualquer coisa, como você está nesta interminável pandemia?**

**Zakk Wylde:** Eu estou bem, cara! Estou aqui bebendo meu Valhalla Java (N.R.: o café do Black Label Society) e falando com você, então a vida é boa! E você, meu amigo, como está?

**Estou bem, e melhor agora (risos). Obrigado por perguntar. Além de compor e gravar o novo disco do Black Label Society, o que você tem feito?**

**Zakk:** Ah, nós trabalhamos no box set *None More Black* (N.R.: com 12 discos do BLS em vinil e alguns mimos, limitado a duas mil cópias) e gravamos alguns vídeos para o lançamento. Depois, começamos a trabalhar no novo disco, *Doom Crew Inc.*, e o finalizamos. Ele ainda ficou guardado um tempo, esperando terminarmos a arte da capa e outras coisas. Ou seja, eu tenho estado bem ocupado, e não somente durante a pandemia. A banda tem estado ocupada, trabalhando. Recentemente, fizemos três shows em Sturgis (N.R.: Dakota do Sul), Montana e Virginia, no Blue Ridge Rock Festival. E foi engraçado, porque no minuto em que subimos ao palco... Cara, foi ótimo ver todo mundo, mas deu a sensação de que só ficamos duas semanas em casa e, então, que estávamos de volta! Não parecia que 20 meses haviam se passado, porque nosso último show foi provavelmente há 20 meses, e foi ótimo tocar ao vivo de novo. Mas ter ficado esse tempo em casa foi muito bom, também. Pude passar mais tempo com a minha família, buscar meu filho na escola e levá-lo para as aulas de taekwondo, me exercitar e levar os cachorros para passear todos os dias, essas coisas que eu normalmente não consigo fazer por estar em turnê o tempo todo. Eu amei cada segundo de tudo isso.

> "Pude passar mais tempo com a minha família, buscar meu filho na escola e levá-lo para as aulas de taekwondo, me exercitar e levar os cachorros para passear todos os dias"
> Zakk Wylde
> (sobre a pandemia)

**Foi exatamente por isso que perguntei, porque vários músicos puderam fazer coisas que normalmente não conseguem fazer...**

**Zakk:** E foi bom muito, sem dúvidas, mas do jeito que as coisas estão indo agora, espero que tudo volte a abrir e funcionar para que possamos todos pegar a estrada novamente. Temos que nos manter positivos quanto a isso, porque há esperança.

**E em que momento o novo álbum começou a ganhar forma?**

**Zakk:** As coisas foram um pouco mais rápidas neste disco, no sentido de que eu entrei no Black Vatican (N.R.: home studio do guitarrista) antes de os caras chegarem e gravei as guitarras. Assim, quando você ouve *Set You Free*, as guitarras já estavam prontas. Eu gravo a guitarra que serve de guia, então, quando Jeff e JD chegaram, tudo o que eles precisaram fazer foi ouvir e seguir o que eu tinha designado, qual parte seria a introdução, o que era o pré-refrão, o que seria o refrão, onde entrariam os solos e onde a música recomeçaria. Algumas vezes, Jeff ficava tocando 'air drums' na sala de controle e depois seguia para gravar. Ele tocava umas duas ou três vezes e pronto, passávamos para a próxima música. Eu nem precisava tocar junto com eles, porque estava tudo pronto. Jeff terminou a bateria em alguns dias! No Vatican, agora nós temos tudo já arrumado: a bateria está montada, meus amplificadores, o piano... Tudo preparado. Quando queremos gravar, vamos lá e gravamos. E é muito simples: duas guitarras; um vocal, com algumas dobras aqui e ali; baixo; e bateria, e é isso. Há pouca coisa acontecendo. Quando ouvimos os discos que amamos, do Cream, Mountain, Led Zeppelin, Black Sabbath e Deep Purple, tem pouca coisa acontecendo, são só os caras e seus instrumentos, sem nada daquelas toneladas de produção e coisas que colocam por cima para cobrir o fato de que não há música ali, sabe? São as bandas tocando suas músicas, e pronto. Quanto mais coisa se coloca em cima das músicas, menos impacto elas terão, e aí começa a perder o brilho. Em todos esses grandes discos antigos, havia microfones aqui e ali, e microfones excelentes captando som direto da fonte, e é isso que nos faz ter boas canções.

**Minhas perguntas estão no monitor à minha esquerda, então não estranhe se eu ficar olhando para o lado algumas vezes...**

**Zakk:** Ah, de forma alguma! Quando eu falo com a minha esposa e meus filhos, eles nunca olham para mim, então já estou acostumado (gargalhadas). Não faz diferença!

**Ah, mas quando você está respondendo, eu estou olhando para você...**

**Zakk:** (rindo muito) Eu sei, mas é porque você não é a minha esposa (risos).

**Aproveitando esse clima, vamos falar do videoclipe de *Set You Free*, porque ele tem um senso de humor estranho, e é impossível não rir das caras que vocês fazem...**

**Zakk:** (rindo bastante) Para este vídeo, eu disse 'Quero reconstituir o meu baile de formatura do colegial' (risos), porque teve o banho de sais, um cara tendo o braço arrancado e sendo espancado, sim! (risos) Foi legal na época e foi legal recriar esse momento agora,

também (N.R.: Wylde começa a rir) Em Jackson, onde eu cresci, isso é uma coisa normal! Tipo noites de sexta-feira, saca?

**Isso explica muita coisa (risos), mas tem a música, especialmente porque você e Dario trocam solos e fazem harmonias juntos, o que ficou ainda mais interessante porque é o caminho pelo qual o disco segue...**

**Wylde:** Concordo com você, e para mim tem sido uma evolução até onde estamos agora. Dario é um músico incrível! Ele toca guitarra, piano, canta, lava louça, lava roupas e faz um excelente 'chicken piccata', porque usa alcaparras em vez de sal (risos). Sério, ele é incrível!

**DOOM CREW INC**
**Universal - Nac.**

Quando eu toco piano, ele toca guitarra, então ao longo dos anos eu tenho dito 'Dario, quero que você dobre essa parte do solo em *Stillborn*' ou então 'Dobre nessa parte de *Suicide Messiah*', então ele dobra algumas partes e assim tem cada vez mais e mais coisas para fazer. E quando vamos para a plateia, fazemos nosso duelo de banjos, que é como uma extensão do disco. Sobre as harmonias, pensei que elas seriam algo legal quando eu as estava compondo. Ainda mais agora que é preciso ter duas guitarras para fazer essas coisas, assim como The Allman Brothers, Thin Lizzy e Judas Priest, que tinham dois guitarristas tocando harmonias em partes diferentes das

# O Mestre e seus Mestres

## Um dos guitarristas mais influentes do heavy metal, Zakk Wylde é, aos 54 anos, um eterno aprendiz: nunca se esquece de enaltecer quem o inspirou

**Por Daniel Dutra**

A vida de Jeffrey Phillip Wielandt deu uma guinada de 180º em 1987, quando o mundo o conheceu como Zakk Wylde, o novo guitarrista da banda de Ozzy Osbourne. Aos 20 anos, ele ocupou o lugar que um dia havia sido de Randy Rhoads e Jake E. Lee, e a missão que poderia ter sido ingrata se transformou numa história com poucos precedentes na música: Wylde se tornou o favorito de muitos fãs do Madman, o que nunca mexeu com a sua cabeça. "Foi uma honra para mim. Hoje todos sabem da minha paixão por 'Saint Rhoads', mas eu também adoro o 'Father Jake' e seu estilo de tocar. Além disso, também estava com as músicas de Tony Iommi nas mãos. (...) Eu simplesmente adoro tocar qualquer coisa que eles compuseram e gravaram", disse o guitarrista a este repórter numa entrevista à ROADIE CREW.

São três dos muitos nomes que Wylde invariavelmente dá um jeito de encaixar em suas entrevistas ou declarações, especialmente o de Rhoads, a quem chama respeitosamente de "Santo". Foi o que fez no último dia 6 de dezembro, data em que todo ano, religiosamente, presta homenagem a Rhoads no aniversário do saudoso guitarrista, que teria completado 65 anos. "Muito amor e feliz aniversário Black Label para Saint Rhoads. Inspiração além de para sempre." Mas não é apenas ao primeiro guitarrista da banda de Ozzy que Wylde presta reverência. Seu quarto filho, hoje com 9 anos, foi batizado como Sabbath Page Wielandt Wylde. Duas referências óbvias que se explicam no projeto Zakk Sabbath, que já rendeu um álbum, *Vertigo* (2020), com a regravação na íntegra de *Black Sabbath* (1970), e... Bom, passemos a palavra a Wylde.

"Minha paixão pelo Led Zeppelin e por Jimmy Page diz tudo, e foi uma situação muito divertida. Na verdade, é impossível ser de outra maneira quando rola de tocar músicas do Zeppelin", disse o guitarrista, referindo-se ao tributo *Stairway to Heaven* (1997), no qual gravou as guitarras de *Black Dog*, *Stairway to Heaven*, *Kashmir*, *Going to California* e *Good Times Bad Times*, sendo que nestas duas últimas também assumiu o microfone. Nenhuma novidade para quem acompanhou o Pride & Glory, o power trio que Wylde formou quando saiu da banda de Ozzy pela primeira vez, em 1994, quando o Madman decidiu que a No More Tours era balela. A versão deluxe do homônimo álbum de estreia traz uma matadora versão de *In My Time of Dying*.

Fotos: Reprodução

O Pride & Glory, aliás, foi a maneira que o guitarrista encontrou, aos 27 anos, para expressar seu amor por southern rock, algo que o acompanha até hoje nas músicas mais calmas e acústicas, especialmente nos discos *Book of Shadows* (1996) e *Book of Shadows II* (2016). Chega a ser impressionante como Wylde bebe na fonte do saudoso Gregg Allman e de Dickey Betts, tanto na voz quanto nas seis cordas. "Eu adoro tudo que o Dickey faz. É um guitarrista único, porque você sabe que é ele assim que ouve as primeiras notas. As pessoas costumam esquecer como ele desempenhou um papel de enorme importância no som do Allman Brothers."

E foi The Allman Brothers Band um capítulo inesquecível na vida do músico e fã Zakk Wylde. No dia 31 de julho de 1993, em Saratoga Springs, Nova York, onde a banda havia se apresentado, Betts foi detido pela polícia por desacato depois de a sua mulher denunciá-lo por conduta abusiva sob efeito de álcool. O problema é que havia um show marcado para o

músicas. Com um cara só, você perde esse 'sabor', então é uma necessidade ter dois guitarristas. Fiquei bastante satisfeito com o resultado, e Dario tocou até a bunda cair, então foi ótimo (risos).

**O mais legal neste caso é que todos sabem que você é o Zakk Wylde...**

**Zakk:** (interrompendo) Cara, eu digo isso para a minha esposa o tempo todo! (risos) E ela sempre responde: 'Sim, eu sei... Infelizmente!' (gargalhadas). Mas o que você ia falar, mesmo? (risos)

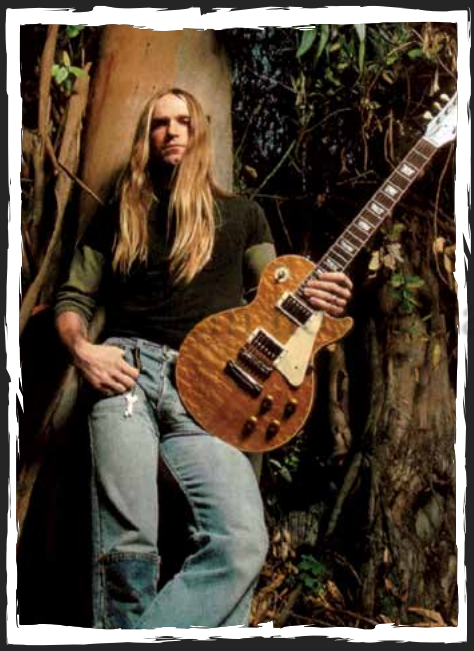
**Que talvez os fãs não saibam quão bom o Dario é.**

**Zakk:** Isso mesmo! Dario tem alguns discos solo e tocou com Jani Lane, e é preciso um bom trabalho de guitarra para tocar todas aquelas músicas do Warrant. Depois, ele foi para o Lizzy Borden, mas nos discos solo ele arregaça!

**De alguma maneira, Dario o forçou a ser um guitarrista ainda melhor? Não no sentido comparativo, mas de sair da zona de conforto.**

**Zakk:** Sim, definitivamente! Ele me impulsiona no que diz respeito a tocar e, também, desenvolve as minhas habilidades culinárias, porque o 'chicken piccata' é mesmo fenomenal! (risos) A forma como ele consegue deixar o frango tão macio é incrível! (risos) A melhor coisa é que Dario tem mais sutileza na hora de tocar guitarra. Ele é como uma gazela, enquanto eu sou um touro numa loja de porcelanas chinesas (risos). Não há

> "As pessoas tendem a achar que estava rolando uma grande mágica, enquanto para mim era apenas a continuação do trabalho que havíamos feito em No Rest for the Wicked (1988)"
> Zakk Wylde
> (sobre No More Tears)



dia seguinte, em Massachusetts, e uma conjunção de fatores levou Wylde a se apresentar com o Allman Brothers no dia 1º de agosto, numa noite eternizada no bootleg *Zakk Goes Wylde*.

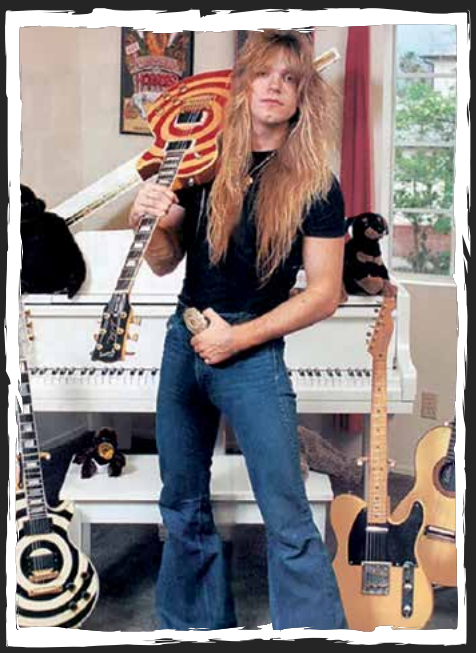
"Aquilo foi um sonho realizado, porque amo essa banda! Eu já estava com Ozzy quando pintou o convite, e se conhecer aqueles caras foi incrível, imagine tocar com eles! Quando encontrei com Gregg Allman, e que Deus abençoe a sua alma, ele perguntou 'Zakk, você sabe tocar *Dreams*?', e eu respondi: 'Claro! É aquela música do Molly Hatchet, certo?' (risos) Ele virou para mim e disse: 'Por favor, Zakk, não me faço colocá-lo num avião de volta para casa' (gargalhadas), mas eu só estava brincando, porque o Molly Hatchet havia feito um cover da canção. Eles foram ótimos e muito gentis comigo. Butch Trucks, que Deus abençoe a sua alma, Warren Haynes... Pessoas maravilhosas que fizeram com que eu realizasse um sonho, sem dúvida", contou Wylde a este repórter.

O título do bootleg, aliás, é um bom retrato do comportamento de Wylde naquele show, como ele mesmo contou na biografia oficial "One Way Out: The Inside History of the Allman Brothers Band" (2015). "Eles foram legais para caralho, cara! Mas foi uma histeria, porque eu devo ter solado por uns 20 minutos quando tocamos *Dreams*. Eu morri e fui para o céu, então não iria parar, porque estava apenas improvisando. Só que quase fiz o Butch ter um ataque. Toda vez que tocávamos a parte que em que a banda repetia o mesmo lick, em preparação para a jam, eu continuava solando. Cheguei perto do Butch, que disse: 'Porra, Zakk! Acalme-se um pouco, irmão'. Eu respondi: 'Mas essa é a minha banda favorita', e ele falou: 'Sim, também é a minha, mas apenas relaxe, cacete!'."

Sim, Zakk Wylde, que havia gravado o multiplatinado *No More Tears* (1991) e já se tornado um dos maiores guitar heroes do metal, não conseguiu se controlar. O músico ficou no backstage, e quem subiu ao palco com a Allman Brothers Band foi o fã. "Eu adoro Allman Brothers e Lynyrd Skynyrd, assim como Rolling Stones, The Band, Eagles, Elton John, Neil Young, Sam Cooke, Percy Sledge... São bandas e artistas que escuto o tempo todo, não apenas eventualmente. Eles são a raiz do que faço, foram esses caras que despertaram a minha paixão pela música", disse o guitarrista a este repórter, mais uma vez. "Posso dizer que sou um cara afortunado porque pude conhecer muitos dos meus heróis, como Al Di Meola e Frank Marino, mas ainda falta John McLaughlin. No entanto, tenho certeza de que um dia irei conhecê-lo. De qualquer maneira, por tudo o que pude fazer até agora, sou abençoado."

E Wylde encerra a sua paixão pela guitarra e o amor pelos ídolos até mesmo minimizando o seu papel de influenciador: "É uma bênção poder esperar um garoto a pegar uma guitarra, da mesma forma que Jimmy Page, Saint Rhoads, Tony Iommi, Al Di Meola, Frank Marino e John McLaughlin me inspiraram. É uma questão de passar para frente todo o conhecimento adquirido exatamente dos caras que vieram antes de você. E isso é incrível. Se um jovem guitarrista começou a tocar por minha causa, então os caras que eu adoro também serão a sua inspiração. É um ciclo muito bonito".

Ah, sim: e se você sentiu falta do maior de todos os tempos ser reverenciado por Wylde, saiba que o segundo filho do guitarrista se chama Hendrix Wielandt Wylde. Falta alguém? "Se Jimi é o Jesus Cristo da guitarra, Eddie Van Halen foi a segunda vinda de Cristo." Assunto encerrado.



nada que eu dê ao Dario tocar que ele não consiga. Ele é sensacional.

**E vocês dois combinaram muito bem, abordando uma gama de estilos no trabalho de guitarras. *You Made Me Want to*, por exemplo, é muito mais sobre feeling do que sobre técnica.**

**Zakk:** Ah, o Dario tem raízes no blues, mesmo sendo mais jovem, e tem grande sensibilidade, um ótimo 'vibrato'. Ele toca mais com 'legato' do que eu, que uso mais a palheta. Ele também usa, mas curte mais a sonoridade do 'legato', e esse contraste soa muito bem no disco (N.R.: na técnica de 'legato', toca-se determinado grupo de notas palhetando o mínimo possível).

**Por outro lado, vocês também largam os dedos em alguns momentos, como em *Ruins*, que tem solos alucinantes.**

**Zakk:** Quando construímos esta música e trocamos os solos, depois que terminei a minha parte, eu sentei com Dario e mostrei as partes onde ele entraria em seguida, e assim por diante. Mandei a faixa para ele em seu estúdio, o Dark Chapel, em Las Vegas, e disse onde ele poderia destruir na guitarra. Dario disse 'Ok!', mandou a música de volta 15 minutos depois e perguntou: 'E aí?'. Eu simplesmente disse que ficou incrível. Foi fácil assim, acredite.

**Para não me estender muito, eu preciso citar *Love Reign Down* e *Farewell Ballad*, que são muito bonitas e têm dois de seus melhores solos até o momento. E ambas poderiam estar na obra-prima *Book of Shadows* (1996)...**

**Zakk:** Obrigado, cara! Muito obrigado! Eu sentei com o meu 'CD de lição de casa' na manhã anterior à vinda do Dario ao meu estúdio, onde trabalhei nos solos à moda 'escola Randy Rhoads de composição de solos', ou seja, solos que têm começo, meio e fim. É como ter uma música dentro da música, então você precisa tocar exatamente o solo que foi escrito, porque ainda que não pareça que tenha sido composto, ele é. Ao vivo, temos de tocar esses solos como eles são no disco, então eu trabalho assim. Não importa se é *Mama, I'm Coming Home* ou *No More Tears*, eu componho o solo e depois toco.

**Dito tudo isso, faz sentido colocar *Doom Crew Inc.* como o trabalho mais diverso do Black Label Society?**

**Zakk:** (pensativo) A primeira música do Black Label que compus foi *Spoke in the Wheel* (N.R.: que está no álbum de estreia, *Sonic Brew*, de 1999), e todo disco sempre tem essa dualidade de claro/escuro, suave/pesado, e *Doom Crew Inc.* é uma extensão de tudo o que eu amo, como Elton John, The Allman Brothers, Black Sabbath, Led Zeppelin, Bad Company e Lynyrd Skynyrd. Todos os artistas que eu ouço, sejam de rock clássico ou de qualquer outro estilo, como Sam Cooke, e também todos os caras de fusion que eu amo, como John McLaughlin, Al Di Meola, Frank Marino... Tudo isso compõe a sopa do Black Label Society.

**E em *Gather All My Sins* você acertou em cheio em duas dessas influências, pois a música é um encontro de Allman Brothers com Black Sabbath. E isso é um elogio...**

**Zakk:** Eu sei que é e fico feliz, cara! Obrigado! Com certeza, tem umas harmonias de Allman Brothers no começo. É mais um caso de pegar minha caneca

Zakk Wylde, Dario Lorina, John 'JD' Servio e Jeff Fab: o BLS com mais cara de banda do que nunca

Divulgação

de Valhalla Java e ligar a guitarra no amplificador para tocar em casa, num volume baixo e com reverb. Fico sentado na minha academia caseira e parece que estou tocando sozinho no Madison Square Garden. Apenas fico lá tocando, e foi assim que acabei compondo esse riff.

**Aproveitando que *Gather All My Sins* é uma das minhas duas favoritas no álbum, devo dizer que a outra é *Shelter*, porque ela é diferente para os padrões do Black Label.**

**Zakk:** Sim! E eu queria um riff descendente. Que fosse simples, mas descendente. E foi isso. Originalmente, ela não tinha o refrão que entrou no disco, ou a banda desistiria. Quando eu a estava ouvindo, o refrão era diferente, mas eu acabei mudando antes que os caras pulassem fora (risos), e fiz isso enquanto eles estavam fora do estúdio. Gosto muito das harmonias, dos solos, de tudo nesta música. E é mesmo como você disse, porque *Shelter* é algo meio novo para nós.

**O 'press release' de *Doom Crew Inc.* tem uma declaração interessante: "O novo álbum é uma saudação à legião que apoia o Black Label Society desde 1998, rivalizando com o Kiss Army". É uma comparação ousada, mas a banda tem mesmo um séquito fiel, não?**

**Zakk:** Creio que isso foi uma reimpressão de algo que outra pessoa disse, porque, no caso do Black Label, somos mais uma família do que fãs. A comunidade BLS é uma família gigante! E é muito louco porque, a cada lugar que vamos, e a banda está na estrada há 22 anos, encontramos pessoas que conhecemos quando começamos, mas que agora estão casados e com filhos, e isso é o máximo! Somos uma comunidade, mesmo. E o nome do novo disco é o apelido que eu dei aos caras da banda no começo, porque era aquele esquema sem dormir, sem nada, só viajando para tocar, e é como eu sempre digo: 'O primeiro a sangrar dura para liderar'. Não importava quão destruídos os caras estivessem, eles sempre cumpriam tudo.

**Mudando um pouco de assunto, 2021 marcou o 30º aniversário de *No More Tears*, que foi um sucesso gigantesco num momento em que o heavy metal já se encaminhava para o underground nos EUA. Quais são suas lembranças?**

**Zakk:** Sabe, as pessoas tendem a achar que estava rolando uma grande mágica, enquanto para mim era apenas a continuação do trabalho que havíamos feito em *No Rest for the Wicked* (1988). Nós nos divertimos fazendo este disco, e isso continuou em *No More Tears*. Lembro-me de quando eu e Ozzy estávamos trabalhando em *Mama, I'm Coming Home*, no piano que eu tinha no meu apartamento, em North Hollywood, e fomos para o estúdio onde eu transpus a música para a guitarra. Uma guitarra de 12 cordas. Lembro-me de Ozzy gravando os vocais em *Time After Time* e me ligando por telefone, dizendo: 'Zakk! Ouça só essas harmonias!', e eu ouvi e achei incrível! E tem as harmonias que Ozzy colocou em *I Don't Wanna Change the World*, porque ele também me ligou para falar delas (risos). Ele sempre fica muito animado quando está fazendo as vozes! Aquilo tudo foi muito bom, e depois disso, obviamente, veio a turnê com Mike (Inez) e Randy (Castillo), o John St. Clair nos teclados... Cara, foi um período muito divertido, nós ríamos sem parar. Eu sempre digo que, quando se anda com o Ozzy, é um milagre que algum trabalho seja feito, porque o tempo todo ele está sempre se zoando ou zoando algo que está acontecendo (risos). É comum passarmos mais tempo rolando no chão de tanto rir e nunca conseguirmos tocar! (risos) São lembranças maravilhosas, tanto de fazer o disco quanto da turnê.

> "Doom Crew Inc. é uma extensão de tudo o que eu amo, como Elton John, The Allman Brothers, Black Sabbath, Led Zeppelin, Bad Company e Lynyrd Skynyrd"
> Zakk Wylde

***No More Tears* foi lançado no mesmo dia dos *Use Your Illusion*, do Guns N'Roses, e lembro-me de um repórter da MTV perguntar a Ozzy se isso o preocupava. A resposta foi: "Eles é que têm de se preocupar. Eu sou Ozzy Osbourne" (risos).**

**Zakk:** Esse é o Chefe! (risos) Todo mundo estava muito animado com o lançamento dos novos discos do Guns, e lembro-me de que eles falavam 'Não podemos lançar antes ou depois, então por que não lançamos no mesmo dia?'. Assim, a Mamãe (N.R.: Sharon Osbourne) fez Ozzy ir a todas as lojas de discos porque, enquanto ele estava lá, as pessoas que compravam os álbuns do Guns poderiam comprar o do Ozzy também! (risos) Eu achei ótimo! Se não pode com eles, junte-se a eles! (risos)

**Já que falamos de Ozzy, muitos fãs reclamaram que você não gravou *Ordinary Man* (2020), mas minha questão vai além disso: como você se sente sabendo que se tornou um favorito dos fãs numa banda que teve Randy Rhoads e Jake E. Lee?**

**Zakk:** Cara, eu sou verdadeiramente abençoado porque, antes de qualquer coisa, sou um fã! E no que diz respeito ao 'Ozzy Army', sou um orgulhoso membro. Sou muito abençoado, mesmo. Ozzy sabe que eu sempre estarei com ele, porque nossa relação é maior do que a música. O Chefe será submetido a uma cirurgia (N.R.: na coluna e no pescoço, ainda em decorrência de uma queda em casa, em 2019), então falei com ele na noite passada. Ozzy sabe que eu sempre estarei aqui por e para ele. Se precisar que eu toque em qualquer música, eu levarei leite e ovos. O que ele precisar, eu faço, e os fãs podem esperar que eu participe do novo disco.

**Você já gravou 20 discos de estúdio em 33 anos de carreira. Se tivesse de escolher os seus favoritos até agora, quais seriam? E por quê?**

**Zakk:** Cara, isso é difícil... Eu escolheria o novo álbum, *Doom Crew Inc.*, e *No More Tears*, porque eles basicamente cobrem tudo! (risos). Algumas pessoas por aí diriam 'Isso é mais do que suficiente!' (risos) ou 'Pode tirar alguns dessa lista. Tenho que ouvir tudo isso?' (risos). Quais vocês escolheria?

***No More Tears*, *Pride & Glory* (1994), *Book of Shadows*, *The Blessed Hellride* (2003) e *Order of the Black* (2010).**

**Zakk:** Ok, sem dúvida eu colocaria a sua seleção na minha lista! (risos)

**Para fechar o minutinho que nos resta, quais são os cinco solos dos quais você mais se orgulha?**

**Zakk:** Creio que *No More Tears*, *Darkest Hour*... Deixe-me pensar, porque você decidiu fazer perguntas complicadas (risos). No topo da minha mente, acredito que são esses dois os que mais me orgulho. E você tem a sua lista, não?

**Claro: *Miracle Man*, *No More Tears*, *Perry Mason*, *Godspeed Hellbound* e *Gather All My Sins*. E *Godspeed Hellbound* é, provavelmente, a minha música favorita do Black Label.**

**Zakk:** Muito obrigado, irmão. Fico feliz em ouvir isso!

**Obrigado pela entrevista, Zakk, e o espaço final é todo seu.**

**Zakk:** Obrigado a você. Foi divertido. Mantenham-se firmes e fortes! Continuem acreditando no Black Label Society, porque estou ansioso para ver o restante da nossa família BLS e, também, depois que o Chefe for operado e estiver de volta. Espero vê-los igualmente com Ozzy, claro!

Horgh, Peter Tägtgren e Mikael Hedlund, juntos no Hypocrisy desde 2004

Hannah Verteuren

# DEUSES DO SUBMUNDO

## Oito anos depois de *End of Disclosure* (2013), Peter Tägtgren reafirma o Hypocrisy entre os gigantes do melodic death metal sueco

**Por Valtemir Amler**

Trinta anos atrás, em 1991, o multi-instrumentista Peter Tägtgren dava início à jornada do Hypocrisy, em Ludvika (SUE). Os tempos eram outros e ao mesmo tempo em que o death metal sueco se firmava com o lançamento de álbuns clássicos, bandas do gênero espalhadas pelo mundo buscavam a todo custo repetir a fórmula de sucesso da Flórida, com gravação no estúdio Morrisound e produção do já renomado Scott Burns. Fugindo dessa proposta clássica, Tägtgren tinha planos bem específicos para o Hypocrisy, e foi por isso que escolheu estrear também como produtor no debut, *Penetralia* (1992). De lá para cá, ele se tornou um dos principais produtores do universo da música pesada, colocou a sua banda entre as principais do death metal europeu e se tornou um vocalista renomado, com passagens célebres por Lock Up e Bloodbath. Mesmo com todo o sucesso de sua outra banda, o projeto industrial Pain, o Hypocrisy permanece como seu elemento mais caro e é justamente com ele que Peter reaparece no cenário com o novo álbum, *Worship*. Confira o que ele tem a nos dizer sobre essa vida dedicada à música underground.

**Antes de qualquer outra coisa, gostaria de parabenizá-lo pelas três décadas dedicadas à música, compondo, tocando, gravando, cantando e produzindo tantos álbuns incríveis. Obrigado por isso.**

**Peter Tägtgren:** Muito obrigado, de verdade. Pois é, são três décadas de Hypocrisy, a banda que me ajudou a criar e consolidar toda essa história, isso é absolutamente incrível! E, bem, foram três décadas de trabalho frenético, tentando permanentemente consolidar agendas para que nada ficasse para trás, e isso foi ótimo, de verdade. Acho que esses anos de pandemia foram o período em que mais descansei desde a adolescência, e ainda assim não estive exatamente parado, tinha muito a fazer com Lindemann, Pain e essa porra toda. Quer dizer, quando paro para pensar, muita coisa carregou o meu nome ao longo dos anos, muita coisa mesmo, e estou muito feliz e orgulhoso por isso. É um processo de aprendizado constante que já durou três décadas e sinto que isso me transformou em um profissional e em uma pessoa melhor.

**Fico feliz em ouvir isso. E, claro, pessoas como sempre louvarão o seu trabalho com o Hypocrisy, mas também aprecio demais aquilo que você atingiu como produtor. Pessoalmente, gosto muito do que fez pelo black metal norueguês.**

**Peter:** Obrigado de novo, eu também curto demais esse trabalho, mas acho que algumas pessoas discordariam bastante de você nessa (risos). A internet está cheia de pessoas que me odeiam por conta dos álbuns que produzi do black norueguês já que pensam que eu deixei muito limpo um som que deveria ser sujo. E é verdade, eu meio que fiz isso mesmo (risos). Mas o que as pessoas não sabem é que isso é escolha das bandas, elas que têm a palavra final.

**Exatamente.**

**Peter:** Pois é, mas tenta colocar isso na cabeça de algumas pessoas para ver (risos gerais). Quer dizer, você nunca conseguirá acertar todas e ser aprovado por todo mundo, mas seria interessante saberem que eu sempre respeitei as decisões das bandas que trabalham comigo. Por exemplo, quando estava trabalhando com o Possessed no álbum *Revelations of Oblivion* (2019), o que eu queria era que ele soasse mais como *Beyond The Gates* (1986), mas não era isso que eles queriam. Eles queriam uma sonoridade mais moderna, então acabamos optando pelo meio-termo. Nesse trabalho, você sempre precisa ouvir o que a banda tem a dizer, eles que terão que pagar as contas no final, o álbum é deles e o futuro é deles. Então, você deve fazer o melhor possível, mas respeitando o que eles dizem. Nunca coloquei o futuro de ninguém em jogo por conta de uma decisão minha. Veja quantas bandas acabaram pagando caro

por um disco mal produzido e que elas gostariam que fosse diferente! Eu não faço isso, ouço as pessoas que trabalham comigo. Não sou o tipo de produtor que bate na mesa, e grita: 'Eu sou o chefe!'.

**Foi assim desde o começo?**

**Peter:** Sim, a única coisa que mudou foi o volume de bandas com quem trabalhei. Nos anos 90, as pessoas ouviram um álbum que eu havia produzido e vieram até mim, mais pessoas ouviram aqueles discos e, quando vi, tinha toda uma multidão procurando meu trabalho. Aí, um dia as pessoas começaram a pensar: 'Por que todos vão ao mesmo lugar? Vamos mudar isso', e aí diminuiu. E isso foi bom, pois eu já estava me sentindo esgotado, não tinha mais ideias novas. Todas as bandas tocavam basicamente o mesmo estilo e todas eram basicamente voz, baixo, bateria e guitarra, o que mais eu poderia fazer com isso? Minha capacidade estava no fim e esse movimento natural de busca pelo novo meio que me ajudou. Hoje posso selecionar com quem quero trabalhar e isso ajuda demais!

**Sua primeira experiência como produtor foi justamente com o Hypocrisy, certo?**

**Peter:** Isso mesmo. *Penetralia* foi o primeiro disco que produzi, foi a primeira vez que o meu nome veio escrito em um CD, e aquilo foi grande cara, eu ia aos poucos descobrindo o que fazer...

**Temos uma expressão para isso aqui no Brasil, dizemos que a pessoa está 'trocando o pneu com o carro andando'.**

**Peter:** Boa, é mais ou menos isso que eu estava fazendo mesmo (risos gerais). Eu estava aprendendo enquanto fazia, essa é a verdade. Eu não sabia o que estava fazendo, os problemas iam acontecendo e eu ia descobrindo maneiras para repará-los, na hora (risos). Mas veja, o álbum celebrará trinta anos em 2022 e muitas pessoas parecem amá-lo, elogiam a sonoridade e tal, então, acho que acertei no fim.

**O que o fez querer produzir?**

**Peter:** É que eu amava death metal dos anos 80 e queria ouvir o baixo. Você nunca ouvia o baixista nas bandas dos anos 80, então eu decidi garantir que ouviria o baixo em *Penetralia*. Eu sei, é um motivo bobo, mas realmente foi isso que me motivou (risos).

**E funcionou (risos). Naquela época você contava com Masse Broberg como vocalista e ele soava incrível, de outro planeta.**

**Peter:** Sim, e naquela época ele também parecia de outro planeta, Masse era um cara realmente assustador (risos). Ele é uma das pessoas mais incríveis que conheci na minha vida, um vocalista incrível (N.R.: ele assumiu os vocais do Dark Funeral de 1995 até 2010, sob o nome Emperor Magus Caligula). Eu não sei, naquela época eu não tinha confiança nos meus vocais de death metal. Eu não achava que eles fossem poderosos o bastante para colocar em um disco, então Masse cantou em *Penetralia* e *Obsculum Obscenum* (1993). Mas então eu resolvi cantar em *The Fourth Dimension* (1994).

**Curioso você dizer que não tinha confiança nos seus vocais, já que você se tornou vocalista em vários discos clássicos de death metal.**

**Peter:** Sabe, quando fiz as demos para o primeiro álbum eu cantava nelas, e não gostei do resultado. Por isso trouxe Masse, ele garantiria o nível de ataque de

**WORSHIP**
**Nuclear Blast/Shinigami - Nac.**

que aquelas músicas precisavam. Eu não me sentia um vocalista, tive que aprender essa função quando saímos em turnê com o Cannibal Corpse e o Fear Factory em 1993. Então, em *The Fourth Dimension* eu comecei a cantar, mas decidi trabalhar com outro produtor, o que foi um erro. Adoro as músicas daquele disco, mas detesto o som dele, aquela foi uma experiência realmente inútil.

**Desde 1994 o Hypocrisy é marcado basicamente pelos vocais e pelas guitarras. As linhas pesadas e melódicas de guitarra, mescladas aos vocais que vão do ríspido ao gutural profundo em segundos, são marcas da sua música e fico feliz em perceber que você alcançou isso em plenitude em *Worship*.**

**Peter:** Sim, muito obrigado por dizer isso. Principalmente quando falamos dos vocais, é uma tarefa que tive que ir adequando ao longo dos anos. Eu meio que perdi o meu gutural profundo nos últimos dez anos, sempre consigo fazê-los ao vivo por conta do muro de som, mas no estúdio é bem diferente, eu nunca mais havia conseguido a profundidade que eu queria. Em *Worship* eu realmente foquei nisso, queria alcançar os vocais mais profundos sem perder a clareza e a articulação, para que fosse possível compreender o que eu canto. Não é fácil fazer isso, é como tentar tomar muita vodca sem ficar bêbado (risos). Quando você está urrando, usa o estômago, a boca e a garganta ao mesmo tempo, é difícil soar articulado e dizer coisas dessa forma, mas foi o que me propus a fazer, e fico feliz por ter aprendido (risos).

**Você repetiu a parceria com seu filho (Sebastian Tägtgren) na composição deste álbum?**

**Peter:** Sim, acho que até ampliamos a parceria (risos). Na época de *End of Disclosure* (2013) ele tinha apenas 14 anos e escrevemos *Soldier of Fortune* juntos. Ele se tornou um músico muito talentoso, capaz de escrever muitos estilos diferentes, foi ele que escreveu *Mathematik*, do Lindemann, por exemplo (N.R: a música é parte do álbum *F&M*, de 2019). Então, na verdade foi quando estava com ele em estúdio em 2017 que realmente comecei a pensar em um novo álbum do Hypocrisy, escrevemos umas onze músicas juntos e uma delas é *Dead World*, que está em *Worship*. Foi o trabalho ao lado dele que me colocou no clima para escrever esse novo álbum.

**Interessante você mencionar *Dead World*, pois acho que ela é a única canção que destoa nesse novo álbum. Para mim, ela soa como uma canção do Pain em um disco do Hypocrisy.**

**Peter:** Ah, mas isso faz sentido e agora você sabe o motivo (risos). Quer dizer, eu entendo isso, os riffs de guitarra e até algumas linhas vocais dessa música nos levam a pensar em música industrial e isso é o universo do Pain. Mas você gostou da música?

**Sim, é muito boa. Bem, não é uma *Althotas*, mas gosto muito.**

**Peter:** Faz sentido (risos gerais). Sabe, na época do *Osculum Obscenum* éramos muito jovens e estávamos famintos, queríamos provar para o mundo aquilo que conseguíamos fazer e *Althotas* talvez seja a música mais pesada da minha carreira. Nossa, a performance do Masse naquela música é um absurdo, nunca consegui fazer nada parecido. Vou passar essa sua provocação para o meu filho e quem sabe com o que viremos no próximo álbum (risos gerais).

# HIDDEN TRACKS

# BITCH

**Por Antonio Carlos Monteiro**

Tudo começou em 1979, quando dois amigos de infância, o guitarrista David Carruth e o baterista Robby Settles, se reencontraram em Los Angeles. Não demorou para começarem a desenhar projetos musicais e um deles a dupla resolveu levar adiante: uma banda chamada Bitch – que ficaria perfeita se tivesse uma mulher na formação. Até apareceu uma guitarrista, ótima segundo David, mas não deu muito certo. Então, colocaram um anúncio em uma revista, que foi lido por Betsy M. Weiss, vocalista de uma banda que se chamava The Boxboys – apesar de ter uma mulher na formação... Ela já não curtia muito essa ideia e tudo só piorou quando a banda resolveu mudar seu som do rock/new wave para o ska e, ainda por cima, decidiu que todos (inclusive ela) deviam se apresentar usando ternos e chapéus. Era um pouco demais para quem cresceu ouvindo Alice Cooper, Cheap Trick, Runaways e Judas Priest. Betsy caiu fora e em seguida ficou sabendo do projeto Bitch. Entrou em contato com David, que pediu alguma gravação com ela cantando. Cheia de confiança, Betsy mandou que ele comprasse o single do Boxboys. Ele fez isso, gostou do que ouviu e chamou-a para integrar a banda (que a essa altura contava com o baixista Kevyn Redwine), o que ela não só fez como acrescentou "Bitch" ao seu nome. "Existe um nome melhor para uma vocalista sexy, vestida de couro e dominadora?", disse ela em entrevista ao site The Rockpit em 2011.

Dentre os dois grandes movimentos que surgiam na época na Inglaterra e já tomavam conta do mundo, o punk e a NWOBHM, o Bitch escolheu a segunda alternativa.

Em seguida, David com conheceu Brian Slagel, que procurava bandas para uma coletânea que viria a se tornar o primeiro volume da série *Metal Massacre* – e que seria o primeiro lançamento da Metal Blade Records. Pediu uma demo da banda e *Live for the Whip* não apenas fez parte da coletânea como a banda foi contratada pelo selo. O EP *Damnation Alley* saiu no mesmo ano. Só que antes disso a banda já vinha numa sequência de shows, que tinham Betsy como atração principal, agora encarnando uma personagem sensual e performática, com direito a elementos de sadomasoquismo e cenas de humilhação de um "escravo" masculino em cena.

O primeiro disco veio em 1983: *Be My Slave* (que trazia Mark Anthony Webb no baixo) se tornou um dos principais alvos da PMRC, organização conservadora que adorava pegar no pé da turma do rock. O disco foi citado explicitamente na famosa audiência no senado americano que reuniu o PMRC e músicos como Dee Snider. Betsy adorou: "Foi a melhor propaganda que poderíamos ter."

Divulgação

Ron Cordy, Robby Settles, Betsy Bitch e David Carruth fizeram história com o Bitch

**ORIGEM:**
Estados Unidos

**ÉPOCA:**
1980 em diante

**ESTILO:**
Heavy Metal

**FORMAÇÃO CLÁSSICA:**
Betsy Bitch (vocal), David Carruth (guitarra), Ron Cordy (baixo) e Robby Settles (bateria)

**DISCOGRAFIA:**
Damnation Alley (EP, 1982), Be My Slave (1983), The Bitch Is Back (1987), Betsy (1988) e A Rose by Any Other Name (EP, 1989)

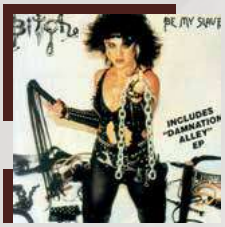
O segundo disco completo veio apenas em 1987 e se chamou *The Bitch Is Back*. A faixa título é uma versão de uma canção de Elton John gravada em 1974 no disco *Caribou* e que traz um solo de sax de Satan Weiss, pai de Betsy. Nesse álbum o baixista foi Ron Cordy e nos agradecimentos, claro, havia uma menção a Tipper Gore, uma das líderes do PMRC.

Em 1988, Betsy lançou um disco solo, autointitulado e contando com os mesmos músicos do álbum anterior. Dessa vez, no entanto, a banda deu uma boa abrandada no som e abandonou as letras sexistas, buscando um melhor resultado em termos comerciais. Deu totalmente errado e no trabalho seguinte, o EP *A Rose by Other Name*, o Bitch voltava ao antigo padrão.

Com outras formações, o grupo manteve-se ativo e fazendo shows, como a participação no festival Bang Your Head em 2003 – a música *Live for the Whip* está no DVD *Best of Bang Your Head* (2006).

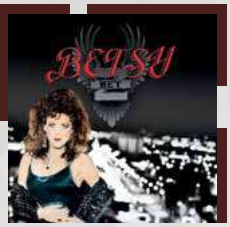
Por outro lado, nenhuma nova gravação da banda foi lançada. Entre 2008 e 2009, Robby Settles e o guitarrista Steve Kara reuniram-se periodicamente e chegaram a escrever 33 músicas, das quais selecionaram quinze para um novo disco do Bitch. Betsy chegou a gravar os vocais em fevereiro de 2010, mas o processo estava muito desgastante e acabou sendo abandonado. Ainda em 2010, o baterista Robby Settles, que também era cunhado de Betsy (casou com sua irmã Jane Weiss), morreu vítima de uma leucemia.

A banda ainda fez uma turnê pela Europa em 2011 e Betsy, em forma aos 64 anos ("faço exercícios todo dia e cuido da minha alimentação", explica ela), continua na ativa.



Be My Slave (1983)

The Bitch Is Back (1987)



Betsy (1988)

MACUMBA ZILLA
AGRADECE O APOIO NA VOTAÇÃO DOS
MELHORES DE 2021 DA ROADIE CREW
MELHOR BAIXISTA NACIONAL
9º LUGAR
MELHOR BATERISTA NACIONAL
12º LUGAR
MELHOR GUITARRISTA NACIONAL
13º LUGAR
APROVEITE E OUÇA JÁ
...AT A CROSSROADS
MELHOR ÁLBUM NACIONAL
10º LUGAR
SPOTIFY
YOUTUBE
@MACUMBAZILLA
MACUMBAZILLA.COM.BR

Jeff Duncan, Phil Sandoval, Joey Vera, John Bush e Gonzo Sandoval, celebrando o aniversário de um clássico

Divulgação

# SÍMBOLO *de* PERSEVERANÇA!

## Celebrando as três décadas do lançamento do seu maior clássico, californianos lançam *Symbol of Salvation Live*

**Por Valtemir Amler**

Como aconteceu com tantos outros grupos de sua geração, o Armored Saint tinha tudo para se tornar um dos gigantes do metal, mas isso nunca aconteceu. Aliás, tantas foram as voltas do destino que essa quase virou uma daquelas bandas que você vê na seção Hidden Tracks, mas Joey Vera (baixo), Phil Sandoval (guitarra), Gonzo Sandoval (bateria), Jeff Duncan (guitarra) e nosso entrevistado, John Bush (vocal), simplesmente se recusaram a deixar seu nome cair no esquecimento. Vivendo um momento de lento, mas sustentável e constante crescimento desde o retorno à ativa em 2006, o quinteto de Los Angeles já coleciona três álbuns de estúdio neste período – *La Raza* (2010), *Win Hands Down* (2015) e *Punching the Sky* (2020) – além do ao vivo *Carpe Noctum*, de 2016. Aproveitando o ótimo momento, e com o trunfo do aniversário de trinta anos do lançamento de seu maior clássico, eles reafirmam suas evidentes qualidades com mais um trabalho ao vivo, o poderoso *Symbol of Salvation Live.* Confira mais detalhes dessa incrível jornada nas palavras de Bush.

**Para começar, gostaria de parabenizá-lo por *Symbol of Salvation Live*. É incrível que você ainda esteja cantando no mesmo nível três décadas depois do lançamento do disco.**

**John Bush:** Obrigado, fico feliz que tenha gostado. Você sabe, essa é a coisa sobre o trabalho do vocalista, pois você não tem como se esconder atrás dos outros e fazer um trabalho de merda, já que está meio que sob os holofotes o tempo todo, então é melhor se cuidar (risos gerais). Agora, falando sério, eu amei cada momento daquela turnê, acho que foi um momento especial para todos da banda (N.R.: em 2018, o Armored Saint caiu na estrada com sua turnê especial, tocando na íntegra o álbum *Symbol of Salvation*, de 1991). Aqueles shows nos fizeram recordar o quanto aquelas músicas eram boas e o quanto aquele álbum foi importante para nossa carreira. Acho que foi o mais importante de todos – é bem variado e tem muitos elementos diferentes. Lembro que quando estávamos na estrada eu ficava conversando com os caras sobre tantas coisas, recordando como funcionaram as sessões de composição na época. A intenção sempre foi levar um pouco dessas histórias para o público, já que algumas delas são legais demais para ficarem perdidas no tempo.

**E como você fez isso nessa turnê em especial?**

**John:** Eu sempre gostei de fazer um show em que as pessoas se divertem, gosto de ver as pessoas sorrindo. Então eu tento estabelecer uma espécie de conversa com a plateia durante o show, brinco com as pessoas no público, não sou do tipo que poderia ganhar a vida como comediante, mas eu tento (risos). A questão é que detesto quando as bandas contam as mesmas histórias em todos os shows, repetem as mesmas falas para todos os públicos. Gosto de pensar que cada show é único e diferente, que cada um é especial. Quer dizer, eu conto histórias diferentes em cada noite, hoje eu falo sobre isso, amanhã sobre aquilo e assim seguimos. Claro que algumas coisas precisam ser parecidas nos shows, mas fazer tudo igual... É meio que preguiça, certo? Então, buscamos variar o set, mudar a postura, enfim, chacoalhar as coisas para não ficar sempre o mesmo. Claro que nesta turnê tocamos *Symbol of Salvation* na íntegra

gra, então tinha uma parte que era bem parecida noite após noite, mas assim que acabava o set especial, continuávamos com músicas que variavam a cada show. Buscamos uma experiência especial para nossos fãs e valeu muito a pena. Apenas o fato de podermos cair na estrada, tocando um álbum na íntegra trinta anos depois do lançamento e ver que havia tantas pessoas tão incrivelmente empolgadas com isso, cara, foi um momento muito especial.

**O show que ouvimos e assistimos em *Symbol of Salvation Live* aconteceu em Nova York em 2018, certo?**

**John:** Sim, basicamente é o show de Nova York, mas tivemos que incluir alguns pequenos trechos de outras apresentações. A verdade é que gravamos em vídeo várias apresentações dessa turnê e em áudio praticamente todas elas, então tínhamos bastante material para criar algo especial. Quanto ao show de Nova York, bem, a verdade é que nossa ideia original era gravar o disco ao vivo aqui em Los Angeles, que é a nossa cidade natal. Porém, a casa em que tocamos aqui não foi muito cooperativa conosco, eles não estavam na mesma página que nós quanto ao valor para licenciar as imagens caso lançássemos o material gravado, então pensamos: 'Que se foda, vamos gravar em outro local.' E o show em Nova York foi incrível, os fãs estavam muito empolgados e a casa em que tocamos, Gramercy Theatre, é um lugar antigo e muito bonito. Simplesmente os bons fatores foram se acumulando e mostrando que seria a melhor opção. Cara, eu nunca fico contente com a iluminação em filmagens, mas olhei as imagens do Gramercy e adorei, estava perfeito. Depois nos perguntaram se gostaríamos de tentar algo com as imagens em preto e branco e assim que vimos o resultado estava decidido por esse formato, ficou incrível, deu uma atmosfera ainda mais intensa para aquela apresentação.

**Eu gostei das imagens em preto e branco, pois elas me lançaram de volta no tempo, me conectaram diretamente com o vídeo original de *Reign of Fire*.**

**John:** Que bom, obrigado! E é engraçado você dizer isso, pois essa foi a razão principal para aceitarmos essa versão em preto e branco, justamente essa relação com o vídeo de *Reign of Fire*, com as fotos promocionais para *Symbol of Salvation*, que eram majoritariamente em preto e branco, e, claro, também nos remetia diretamente a alguns de nossos filmes favoritos, que são em preto e branco.

**Bom, neste sentido, fico feliz que esteja mais para *Drácula* (1931) do que para *Casablanca* (1942).**

**John:** Ah, eu também (risos). Mas isso é porque eu sempre estive mais para Bela Lugosi do que para Humphrey Bogart (risos gerais).

**Voltando um bocado no tempo, nos anos 80 a Califórnia era basicamente dividida entre as bandas agregadas sob o termo glam metal e as bandas thrash. Olhando para o Armored Saint, nunca consegui colocar vocês com clareza em nenhuma dessas categorias, pois pareciam estar nas duas. O que você pensa sobre isso?**

**John:** Bem, eu acho que você está pensando da forma correta e costumo brincar dizendo que éramos uma banda que sofria de complexo de inferioridade ou algo do tipo, porque... Veja, nós éramos de Los Angeles e o thrash metal bateu forte um pouco mais tarde por aqui. Na nossa região, tínhamos algumas ótimas bandas, como Dark Angel e Slayer, mas quando se pensa em thrash, é na Bay Area que se fala, nas bandas de Oakland e São Francisco, como Death Angel, Exodus, Testament e assim por diante. Por outro lado, aqui em Los Angeles tínhamos uma cena glam muito grande, enquanto que na Bay Area existiam poucas bandas glam, no momento só lembro do Jetboy. Então, existia certa polaridade na Califórnia e nós estávamos bem no meio disso. Enquanto a Bay Area florescia com o thrash, nós tínhamos em L.A. Black 'N Blue, Great White, Stryper, W.A.S.P. e todas essas bandas que vieram depois do sucesso de Quiet Riot e Mötley Crüe, que já tinham migrado para palcos gigantescos e não faziam mais parte do nosso circuito dos clubes. O Armored Saint era uma banda de Los Angeles e obviamente tínhamos muito orgulho disso. Nós havíamos tocado ao lado de todas essas bandas glam, dividimos o palco com o Ratt, amávamos isso e estávamos ganhando a chance de construir um público entre bandas que já eram consolidadas. Só que, por mais que tivéssemos orgulho em ser parte da cena de Los Angeles, queríamos soar como as bandas britânicas. Não queríamos ser como Quiet Riot, mas sim como Iron Maiden, Thin Lizzy, UFO e Judas Priest, que eram as nossas principais influências no início. Nós claramente tentávamos emular o som das bandas europeias, especialmente Dave (N.R.: Prichard, guitarrista falecido em 1990), que era fanático por Uli Jon Roth, Michael Schenker e a escola europeia; quer dizer, ele era um guitarrista de South Pasadena (N.R.: cidade no condado de Los Angeles), mas com um feeling totalmente europeu. Acho que é daí que vem essa inquietude promovida pela nossa música, éramos uma banda de L.A. tentando soar europeia, não éramos pesados o suficiente para ser thrash, nem soávamos como os nossos pares.

**SYMBOL OF SALVATION LIVE**
**Metal Blade - Imp.**

**Mas vocês também tinham um bom séquito na Bay Area, certo?**

**John:** Sim, nós adorávamos tocar para aqueles caras, era muito intenso. Amávamos Metallica e Death Angel, tocamos com as bandas thrash e construímos um bom nome por lá, mas não éramos tão pesados quanto eles. Tínhamos canções bem intensas, como *March of the Saint* e *Mad House* (N.R.: ambas do debut, *March of the Saint*, 1984), mas também baladas, como *Take a Turn* e *No Reason to Live*, que não poderiam ser consideradas thrash na época, era muito diferente daquilo que as bandas thrash estavam fazendo.

***No Reason to Life* é uma das primeiras composições de vocês e está na primeira demo, de 1982. Era uma balada que 'não poderia ser concebida por uma banda thrash'. Então, como vocês se sentiram quando o Metallica apareceu com *Fade to Black*, em 1984?**

**John:** Acho que você já pode imaginar (risos gerais). Você está certo, acho que *No Reason to Live* foi a primeira música que escrevemos. Ela é de quando nos reunimos em 1981 e é marcada por aquele início lento e pelo grande 'crescendo' que guiava a canção para outro patamar. Ainda adoro aquela música, mas na época pensamos: 'Uma banda thrash jamais tocaria uma música assim', então sempre nos sentimos como uma banda à parte. Então, só um par de anos mais tarde o Metallica apareceu com *Fade to Black* e eu lembro de ter pensado: 'Puta merda, o Metallica fez a porra de uma balada e é uma ótima música.' Com o passar do tempo, as pessoas precisam rever os conceitos mesmo! (risos gerais)

# BEAST IN BLACK

# CONECTANDO REALIDADES

Atte Palokangas, Anton Kabanen, Yannis Papadopoulos, Máté Molnár e Kasperi Heikkinen, metal, fantasia e ficção-científica mescladas em *Dark Connection*

Jarmo Kalila - Toni Kähönen

**Anton Kabanen mergulha o Beast in Black em referências cyberpunk em seu novo álbum, *Dark Connection***

**Por Valtemir Amler**

O guitarrista finlandês Anton Kabanen já tinha um bom nome construído no mundo do heavy metal quando deixou sua ex-banda, Battle Beast, para formar o Beast in Black em 2015. Porém, embora os caminhos de ambas estejam intimamente conectados ao seu passado, as duas seguem na ativa e fazendo música à sua própria maneira com ótimos resultados, como mostra o novo álbum do Beast in Black, *Dark Connection*, lançado no final do ano passado. Ricamente dinâmico e musicalmente variado, o disco ainda conta com a mente inspirada de Kabanen comandando a parte lírica, mergulhando a banda ainda mais fundo no mundo da ficção científica. Sobre o novo álbum e a inspiração que cerca sua mente, conversamos com Anton Kabanen.

**Não costumo começar uma entrevista falando sobre a arte de capa do álbum, mas desta vez me sinto impelido a fazê-lo, já que foi o toque sci-fi da arte de *Dark Connection* que me atraiu primeiro. O que pode nos contar sobre ela?**

**Anton Kabanen:** Eu fico muito feliz que tenha perguntado isso e vou explicar a razão. Primeiramente, a capa foi influenciada por alguns animes que gosto de assistir, animes cyberpunk dos anos 90, para ser mais claro. Um deles foi o AD Police, e o outro, Cyber City Oedo 808. A ideia era ter essa personagem feminina na capa, que tem uma aparência humana, mas que é na verdade um robô, uma espécie de ciborgue, e ela estaria invocando a besta, que você consegue ver refletida na viseira dela. Neste sentido, *Dark Connection* poderia ser a ligação da mulher com a besta, mas também existe o fato de que ela está conectada a uma máquina maior, uma máquina que você não vê, mas que percebe por conta de todos aqueles cabos que estão conectados à mulher. Aqui tem todo esse universo sci-fi que o atraiu, essa conexão de diferentes elementos: a besta é uma entidade orgânica, mas a mulher é uma criação artificial, robótica. As músicas lidam com essa intersecção entre realidades, como é o caso de *Moonlight Rendezvouz*, que traz esse elemento inclusive em seu videoclipe. Essa conexão obscura entre o humano e o mecatrônico, é isso que move adiante a música nesse novo álbum. Sei que nem todas as pessoas gostam ou ligam para as letras, mas o fato de termos começado essa entrevista falando sobre isso já prova que valeu a pena esse trabalho.

**Legal ter comentado de onde vieram as referências, eu definitivamente senti as citações aos clássicos animes e mangás cyber punk, mas confesso que achei que a relação fosse com Ghost in the Shell.**

**Anton:** Sim, e entendo a razão para isso. Tenho aqui em casa a trilha sonora e alguns mangás do Ghost in the Shell, e um deles tem na capa uma imagem semelhante à que vê na nossa capa, com a mulher conectada aos cabos. Porém, em AD Police você verá uma imagem ainda mais parecida, já que a personagem usa exatamente o mesmo tipo de viseira e tem um pouco de sangue respingado em seu rosto. Foi por isso que adicionamos um pouco de sangue escorrendo dos lábios da nossa persona-

gem. Já no primeiro episódio de Cyber City Oedo 808, você vê o grande adversário do vilão da série pendurado nesses cabos, embora não consiga ver a máquina à qual os cabos estão presos. Juntamos essas duas ideias e acabamos refletindo também um pouco de Ghost in the Shell, que para mim foi uma coincidência muito fortuita, já que é outro dos meus animes/mangás preferidos.

**É um dos meus também e é uma ótima referência essa do 'terror tecnológico', pois ela nunca se esgota. Também lembro uma revista do Superman que traz essa referência, Superman (The Man of Steel) – Gangs of Metropolis: Tech Noir, em que Superman confronta Brainiac 13 (N.R.: no Brasil, o arco Gangues de Metrópolis foi publicado na edição 9 da primeira série do Superman pela Panini).**

**Anton:** Bem, agora você me deixou curioso (risos). Não conheço essa saga, mas pode ter certeza que já estou procurando por ela, pois é sempre bom procurar por mais fontes de inspiração. Além disso, como cresci muito mais conectado às histórias em quadrinhos orientais, é sempre bom ganhar boas dicas de amigos sobre os quadrinhos ocidentais. Prometo me inteirar mais nesse universo de DC e Marvel até a nossa próxima conversa (risos).

**Pelo que você diz, os animes foram uma das suas grandes influências desde a infância, certo?**

**Anton:** Com certeza. O primeiro anime que assisti, quando ainda era muito criança, foi Silver Fang (N.R.: Ginga: Nagareboshi Gin, no original), que era um anime sobre cães selvagens que viviam nas montanhas, de Yoshihiro Takahashi (N.R.: mangaká japonês, especialmente conhecido pelas obras Yu Yu Hakusho e Hunter x Hunter). Depois disso, lembro de Moomins, uma série de livros e tirinhas da autora sueco-finlandesa Tove Jansson. Essa série foi animada por japoneses e também considero esse desenho como um anime, especialmente pela forma como ressoou em mim na infância. Mas foi na adolescência que essa arte começou a me influenciar totalmente, quando comecei a querer me envolver diretamente com isso. Eu comecei a mergulhar fundo em todo tipo de animes e lembro que um amigo meu em 2006 me mostrou Berserk, de Kentaro Muira (N.R.: mangaká japonês, falecido em 6 de maio de 2021; estima-se que, no ano passado, existiam cerca 50 milhões de cópias de seu Berserk em circulação no mundo). Esse amigo me emprestou os DVDs de Berserk e fiquei viciado naquilo, foi como se eu fosse absorvido por outro mundo. Bem, esse amigo vem a ser Ere Ek, que me ajudou a escrever a história para o vídeo de *One Night in Tokyo* desse novo álbum. No fim das contas, o gancho que usaram para encerrar o anime me fisgou. Senti que não conseguiria viver sem saber como continuava a história, e foi assim que comecei a ler os mangás, pois precisava saber como a coisa seguia. Até hoje tenho todos os números que foram lançados, é a minha série favorita.

**Com tudo o que disse, acho que nem preciso perguntar se a série foi uma referência para o disco *Berserker* (2017, álbum de estreia do Beast in Black).**

**Anton:** Sim, o álbum inteiro é uma referência à obra maior de Miura, à saga do guerreiro Guts. Na verdade, já que estamos falando tão abertamente das coisas de que gostamos e das nossas influências, vou lhe dizer que todo o universo do Beast in Black é derivado da saga Berserk, a começar pelo nome da banda. Logo que saí do Battle Beast, eu queria manter o nome 'beast' na nova banda, então comecei a pensar nas maneiras de fazer isso. Então, lembrei que na saga de Berserk existem dois elementos que poderia usar, um é 'The Black Swordsman' (N.R.: o arco que inicia a história) e o outro é 'Beast of Darkness' (N.R.: a representação das emoções negativas de Guts). Eu apenas combinei esses dois elementos e tentei criar essa espécie de homenagem à obra de Kentaro Miura.

**DARK CONNECTION**
**Nuclear Blast/Shinigami - Nac.**

**É fácil perceber o quanto as letras são importantes para a sua música, e antes comentávamos a temática cyberpunk no novo álbum. Porém, existe uma história que se desenvolve ao longo do álbum?**

**Anton:** Não, nada tão linear assim. Existe uma temática central, voltada ao cyberpunk, mas não necessariamente uma história dividida em várias partes. Quer dizer, não é um álbum conceitual embora tenha um tema principal. A maior parte das canções gira em torno do cyberpunk, mas existem também três músicas sobre o Berserk, então meio que envolve vários aspectos que se conectam a um tema, embora não tenha um evento sendo narrado cronologicamente nas músicas.

**Sim, eu estava imaginando justamente isso, pois a primeira canção se chama *Blade Runner* e o álbum não segue esse caminho.**

**Anton:** Isso mesmo. Quando começo a compor, gosto de pensar em todas as possibilidades que se abrem diante de mim, líricas e também musicais. Quer dizer, existem muitos caminhos diferentes que posso seguir e quase que instintivamente gosto de passear por elementos muito diferentes. É aí que um álbum realmente conceitual seria um problema. Acho que foi isso o que me barrou de escrever *Dark Connection*. Claro que seria possível criar um álbum completo sobre o tema, o filme é um dos maiores clássicos da ficção-científica (N.R.: 'Blade Runner', de 1982, foi dirigido por Ridley Scott e estrelado por Harrison Ford) e o livro é tão clássico quanto (N.R.: a história do caçador de androides Rick Deckard foi originalmente apresentada ao mundo em 1968, no livro 'Androides Sonham com Ovelhas Elétricas?', de Philip K. Dick), mas seria um trabalho totalmente diferente e gigantesco.

**E essa dinâmica que você mencionou é uma das chaves em *Dark Connection*. Quer dizer, em nenhum momento vocês soam como uma banda 'básica' de heavy metal, existem muitas referências musicais aqui, até algo de AOR.**

**Anton:** Sim, é exatamente isso que queria dizer! Eu queria ter todas essas dinâmicas e por isso precisava de todas essas variações dentro do mesmo tema lírico em vez de uma história. Sabe, muitas pessoas vão dizer que isso é errado, que deveríamos simplesmente 'tocar metal', mas a verdade é que isso é arte, não existe certo ou errado, é apenas arte. Você faz aquilo que ela pede e torce para que as pessoas compreendam e gostem. Tenho muito orgulho do que alcançamos em *Dark Connection* e ainda mais orgulho quando converso com pessoas que compreendem e apreciam esse universo em que mergulhamos. Existe muita coisa fantástica no mundo para nos prendermos apenas a uma única realidade.

# PARADISE IN FLAMES

# ABREM-SE AS CORTINAS DO TEATRO DO CAOS

## Banda mineira apresenta o primeiro ato de horror metal de sua nova formação

**Por Thiago Prata**

O título *Act One* (2021) e a capa assinada por Alcides Burn (Lockdown, Claustrofobia, Metralion e outros) se entrelaçam ao conteúdo sonoro da nova, empolgante e (por que não dizer?) melhor fase dos mineiros do Paradise in Flames. E assim que "abrem-se as cortinas", o ouvinte é convidado a adentrar aos onze atos de uma peça musical que, embora não seja conceitual, possui toda uma construção narrativa, criada por André Damien (vocal e guitarra), O. Mortis (vocal), R. Aender (baixo), SJ. Bernardo (bateria) e Guilherme de Alvarenga (vocal e teclado). Para falar mais sobre esse "teatro do caos", convidamos um de seus protagonistas, Damien.

**O Paradise in Flames iniciou as atividades há quase duas décadas e lançou seu primeiro álbum há mais de quinze anos, *Homo Morbus Est* (2006). Quais as principais lembranças desses dois momentos?**

**André Damien:** Começamos ali no finalzinho de 2002, quase na virada do ano. Lembro que havia poucas bandas de black metal sinfônico. Fui a um show e conheci Wesley (baterista). Eu o convidei para criamos uma banda, mas como morávamos em Santa Luzia e havia um cenário em BH muito aquecido, era difícil chamar alguém para se juntar a nós. Pensamos então em gravar uma demo e depois procuraríamos outros músicos para integrar a banda. Eu fazia teclado, baixo, guitarra e voz, mesmo sabendo que os vocais não ficariam bons (risos). Gravamos a demo *Empire in Ashes* (2003). Depois, íamos na porta das casas de shows de BH, distribuindo a demo. Vieram os primeiros reviews. O pessoal gostou das composições, mas desceu a lenha na voz. A banda foi crescendo em cima das críticas; elas nos fizeram movimentar mais, isso foi bom. Com uma formação estabilizada, fizemos uma turnê pelo Brasil, com mais de 35 datas. E aí, em 2006, gravamos *Homo Morbus Est*. Era algo mais na vontade e na força de fazer acontecer. As turnês eram legais, rodamos o Nordeste, abrimos para o Krisiun... O retorno financeiro nunca existiu. E tivemos muitas mudanças de formação. Estar em turnê exigia muita carga emocional das pessoas. As tours eram bem pesadas, às vezes não tinha um bom lugar para dormir, um promotor cancelava um show na última hora e você ficava ali na estrada tendo que se virar... Deixei o projeto parado, antes mesmo de *Labirinto das Metáforas* (2014), que eu tinha desistido de lançar, mas soltei depois em formato digital. Em 2017, após passar por algumas bandas, meu interesse voltou, com uma nova formação ensaiando de três a quatro vezes por semana.

**ACT ONE**
**Blood Blast/Demoncratic - Nac.**

**Certa vez, você disse que a banda chegou a seguir outras tendências musicais, mas que com *Devil's Collection* (2020) a ideologia de 2003 estava de volta.**

**Damien:** Isso mesmo. Até pela estrutura do disco. Como uma forma de relembrar o passado, *Devil's Collection* seria um 'best of' em que regravaríamos o que mais gostássemos. Quando tocávamos as coisas antigas, a essência era o black metal sinfônico. E aí foram surgindo músicas novas. No fim, tínhamos seis, sete novas e umas duas ou três antigas que regravaríamos. O nome ficou *Devil's Collection*, apesar da ideia de coletânea já não fazer sentido. O álbum foi gravado em 2019 e lançado em 2020 e com ele conseguimos uma boa distribuição pela Blood Blast. Criamos uma identidade para a banda, já que ainda não tínhamos uma identidade bem formatada até então. Você escuta o primeiro disco com uma linha sinfônica. No segundo, está mais death melódico. E *Devil's Collection* está mais formatado dentro daquilo que era o ideal. Se analisar nossa primeira demo, que eu nem tenho mais (risos), vai ver que *Devil's Collection* traz aquela essência. Mas nele temos uma banda mais madura, com mais investimento e conhecimento de como gravar e formatar um arranjo melhor.

**E me parece que *Act One* vai além. Queria nos falasse desse outro passo dado nos quesitos musical, artístico e lírico. O quanto a entrada de Guilherme de Alvarenga (D.A.M; voz e teclado) influenciou em novas possibilidades?**

**Damien:** O nome *Act One* vem com a ideia de que se passasse uma 'risca' na história da banda, como se fosse nosso primeiro disco, pois é uma nova fase, como se a banda iniciasse agora. Utilizamos a temática do teatro, o 'ato um'. Com essa parte teatral, buscamos outros horizontes em termos líricos. E não podemos mais nos denominar black sinfônico ou death/black sinfônico. A gente diz que é horror metal. Os clipes estão sempre ligados a características de filmes de terror. Ficamos mais livres na proposta musical. Assim como os filmes de terror e suspense, com temáticas mais livres, também falamos de várias coisas. Em nossas letras há temas antirreligiosos, políticos, fantasiosos, histórias fictícias. As entradas de Guilherme e Samuel (SJ. Bernardo, baterista) acrescentaram muito. Nunca fui tecladista, apenas um entusiasta. Era difícil achar um tecladista e quando encontrava, parecia não estar na mesma vibe da banda. Teve uma época em que desistimos de procurar. Quando fizemos um show com o D.A.M, não conhecia o Guilherme nem a banda. Fiquei surpreendido com a forma de ele

compor e virei fã do D.A.M. Assisti a um vídeo dele tocando uma composição do Paradise in Flames. Aí comentei brincando: 'Quem dera se você tocasse com a gente.' E ele me respondeu: 'Por que não?' Então ele veio ensaiar e tudo fluiu. Ele acrescentou bastante com novas ideias, não nos apresenta nada fora do conceito da banda. O Samuel foi o último a se juntar a nós, entrando no meio da gravação. Já tínhamos gravado quatro músicas com o outro baterista. Quando o Samuel entrou, regravou essas músicas, colocando a identidade dele. A gente escutava e achava perfeito. O clima que a banda criou nesse período tornou as coisas muito mais fáceis. Acredito que é nosso melhor disco, mas posso afirmar que o próximo vai ser melhor (risos), porque já temos ideias ainda melhores.

**A banda conta agora com três vocalistas: você, a O. Mortis e o Guilherme. Como foi ter esse acréscimo na hora do processo de composição e gravação?**

**Damien:** A ideia dos três vocalistas foi minha (risos). O Guilherme disse que seria feliz só de tocar. Mas eu já conhecia o timbre vocal dele, um puta vocalista. Ele caiu na minha cilada (risos). Falei para cantar um pedacinho ou outro. Quando viu, já estava cantando quase tudo (risos). A Germânia (O. Mortis) tem uma grande versatilidade na voz. Ela entrou no 'segundo tempo' do álbum anterior, tem um puta timbre de voz e agora seria a hora de colocá-la em primeiro plano. O mais legal é que não é só o vocal lírico, ela tem uma voz limpa bem diferente, um timbre bem legal. A gente passou a explorar mais a voz dela.

**Dentre os destaques do álbum, há uma história dividida em duas faixas, *The Sinner* e *Delirium*, ambas com videoclipes e contando com Vladimir Korg (The Mist) como ator. Fale um pouco a respeito do tema, dos vídeos e da participação desse icônico vocalista e compositor do metal nacional.**

**Damien:** O Korg é parceiraço, já tinha participado de outro clipe nosso, *Hell's Now*. Ele passou maus bocados naquele clipe. Nas cenas, era torturado e quase quebrou o braço quando caiu da cadeira. Depois, a banda fez um clipe na praia, *Has Never Seen a World Without Wars* (N.R.: esses clipes foram dirigidos por Davidson Mainart e Bruno Paraguay, do Eminence). E então o Korg me disse: 'Quando é para fazer um clipe na praia vocês não me chamam, né?' (risos) Na composição de *The Sinner* não havia uma letra ainda, mas eu queria mostrar num vídeo um cara que devia ter um problema de cabeça, algo mal resolvido na vida dele. E aí o Guilherme deu a ideia de a gente emendar uma música na outra. Gostei do arranjo que ele colocou no final e dessa ideia fizemos *Delirium*. Ali eu já tinha toda a história na cabeça. O personagem da história foi abusado na infância, mas tem um bloqueio, fica louco, é preso... Na segunda música, o cara tenta sair daquela loucura. Eu faço uma letra como um roteiro de filme de terror, pensando na imagem além da música. E tem alguns segredos que colocamos, como 'easter eggs' nelas e no disco.

**Como assim?**

**Damien:** Vamos até preparar um vídeo para falar disso (risos). Tem bastante coisa. Tem o fato de *Delirium* ter sido composta em cima de *The Sinner*, com todo o campo harmônico em cima da outra. Tem uma virada na caixa que o Samuel faz em que fiz um reverb que parece o barulho de um tiro; nessa hora, tem a cena do tiro no clipe. Em *Learn from Mistakes* tem um 'martelo' junto com a caixa. São coisas que a gente faz e que surgem de algumas brincadeiras e ideias.

**Outra faixa que vejo como uma das melhores do disco é *Bringer of Disease*.**

**Damien:** É uma das que mais gosto também; composição do Guilherme. E a letra é muito boa, a ideia de mundo fictício de um imperador que domina uma raça por meio de suas mentiras. E faz o link com o que estamos vivendo hoje no Brasil. O Guilherme critica de forma inteligente, falando de um tema de forma indireta. Sou suspeito para falar.

**Muito obrigado pela entrevista e parabéns pelo álbum.**

**Damien:** Muito obrigado pelo convite. É sempre uma honra em responder à maior revista de metal do país. Stay dark.

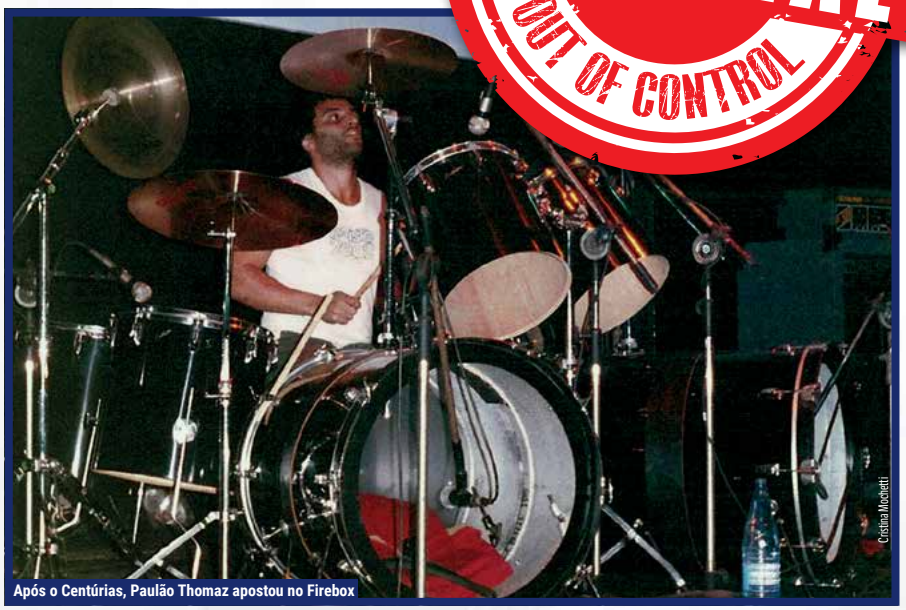
Divulgação

SJ.Bernardo, Guilherme de Alvarenga, André Damien, R.Aender e O.Mortis inauguraram a nova fase do Paradise in Flames

# PLAYLIST

30 ANOS ESPECIAL OUT OF CONTROL

**Por Antonio Carlos Monteiro**


Após o Centúrias, Paulão Thomaz apostou no Firebox

Cristina Mochetti

► **Guitar Road:** "O vocal do Michel (Perié, vocalista, guitarrista, compositor da maior parte das músicas e líder da banda) era bem puxado pra esse lado do Lemmy. Eu acho que foi proposital da parte dele, porque ele não era um vocalista, ele era um guitarrista que se propôs a cantar. Então, ele achou esse caminho meio Lemmy e foi em frente. Ele era fã de Motörhead, inclusive ele me convidou para entrar na banda em um show do Motörhead em 1989, no Projeto SP. Foi aquele show que deu errado no Ginásio do Ibirapuera e foi remarcado para o Projeto SP. Ele era muito fã do Metallica, também. Tanto que uma coisa que eu gostava muito no Firebox eram os riffs. O Michel era um bom compositor, ele fazia os riffs e depois o Marcelo Araújo (guitarra) vinha e aparava as arestas. Marcelo era um guitarrista mais técnico, enquanto o Michel vinha com os riffs potentes. Nós começamos a compor o repertório com o Luis Mariutti (baixo), mas ele saiu para integrar o Angra e nós pegamos o Neto para substituir."

► **Game of Lies:** "A gente falava que o Firebox era um Motörhead mais trabalhado e essa música deixa isso bem claro. O Michel tinha umas ideias de power metal, e o Marcelo, que era mais novo, e o Luis traziam esse lado mais moderno, tipo mudanças de andamento, alternância de bases... E isso eu acho muito legal. O Firebox acabou criando um estilo próprio por causa do vocal do Michel, que não era um vocal melódico como era moda na época, e por conta das bases, que eram bem heavy metal. Tanto que os shows eram legais pra caramba, o pessoal agitava pra cacete."

► **Ronan' the Roadies:** "Essa música foi uma homenagem ao Ronan, que era um grande amigo do Luis Mariutti. Ele estava em todo ensaio e acabou virando roadie. Sabe aquele amigo que acaba ajudando a carregar caixa? (risos) E o mais interessante é que ele acabou se profissionalizando nisso, o Luis levou ele para o Angra e acabou virando a profissão dele. E o Michel fez essa música como uma homenagem aos roadies. Como o Motörhead tinha a música *(We Are) The Road Crew* (do disco *Ace of Spades*, de 1980) e o Michel fez essa em homenagem ao Ronan, que era amigo da gente, companheiro e nos ajudava a carregar as caixas (risos), tanto que as duas letras vão na mesma linha. E tem muita coisa de Metallica nesse som."

► **Damaged City:** "Essa música tem parceria comigo e com o Luis, assim como *Game of Lies*. Mas é mais por causa do arranjo de bateria, porque não participei nem musicalmente nem da letra. Na verdade, o Michel quis ser generoso, porque eu não toco guitarra, então não dei ideia de riff, de nada. A gente não tinha estudo como os bateras de hoje têm, era tudo muito intuitivo. Na verdade, a gente suava (risos). Mas era uma coisa boa, porque cada um criava seu estilo, como era nos anos 70. John Bonham veio criando, Keith Moon, Cozy Powell... Não tinha muita didática pra tocar heavy metal, tanto que hoje todo mundo toca meio igual. Então, eu suei para tocar esse repertório, a gente ensaiava pra cacete. O Firebox foi uma banda que trabalhou pra caramba, todo mundo dava um puta trampo. Tanto que eu falo que meu auge na batera foi com o Firebox. O *Ninja* do Centúrias exigiu pra caramba, mas o Firebox exigiu mais. Até porque não tinha clique (N.R.: metrônomo) na época e se a gente errasse tinha que voltar para o começo, e não tinha Pro Tools também. O negócio era sanguinário (risos). Mas como a gente ensaiou muito, a gravação até que foi tranquila. A banda tinha uma postura bem profissional, o Michel e o Marcelo eram bem minuciosos nesse aspecto. A

## PAULO THOMAZ

► **NOME COMPLETO:**
Paulo Thomaz Soeiro Rodrigues Alves

► **NASCIMENTO:**
22/07/1960

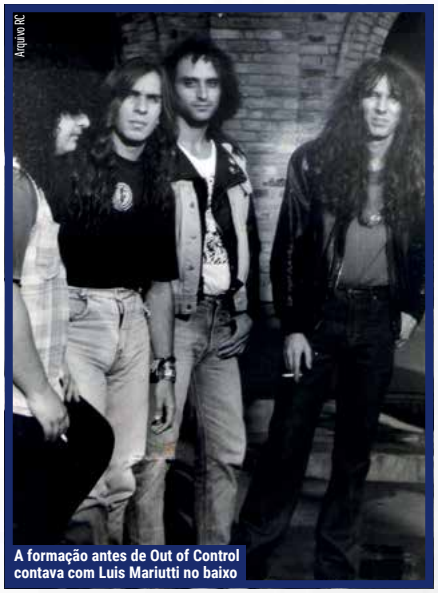
► **BANDAS QUE INTEGROU:**
Centúrias, Firebox, Cheap Tequilla, Mano Sinistra,Kamboja e Baranga

gente queria que a banda virasse, então acabou não sendo tão difícil gravar, não. A produção foi do Fernando Costa, que era guitarrista do Inox e tocou teclado em vários discos do Golpe de Estado. A gravação foi tranquila, não teve nenhuma treta. E era engraçado, porque o Fernando era um cara muito bem humorado. Já o Marcelo era um cara que tocava perfeito, um lance meio Malmsteen, mas ele nunca estava contente. Eu lembro dele destruindo e achando que não estava legal. Aí o Fernando dava bronca nele, mas tirando o cara, sempre numa boa."

► **Electric Ride:** "Esse era um tema instrumental muito legal, eu gosto bastante dessa música. O Michel queria colocar um tema instrumental no disco e achou que essa música era perfeita pra isso. Eu lembro que ele comentou no estúdio: 'Não cabe letra nesse som, vamos deixar assim.' Inclusive, a gente tem um fã que é o Amilcar Christófaro, batera do Torture Squad. Ele é muito fã do Firebox, diz que é uma das melhores bandas que ele já ouviu e fala que um dia gostaria de tocar essa música no Torture. E é interessante porque o Firebox não tinha tantos fãs, principalmente no meio do metal. Era uma época em que estava estourando o metal melódico, então a gente acabou ficando meio deslocado, até meio maldito (risos). A banda não chegou a virar justamente por isso, a gente alcançava fãs de Motörhead e os guitarristas, por causa do trampo de guitarras bacana, mas o público do metal em geral não."

► **Out of Control:** "O trampo das duas guitarras era um lance que não era fácil de fazer e em algumas partes, como nessa música, o Marcelo teve que gravar as duas guitarras. Como eu já falei, não tinha clique nem Pro Tools, então ele teve que fazer as dobras das bases para deixar tudo mais cravado, porque ele estava com a palhetada mais precisa. O Michel era mais 'old school', mais do feeling, e por isso as duas guitarras acabavam combinando muito. O Michel era o 'Fast' Eddie Clarke e o Marcelo era o Malmsteen. Por isso nos shows o lance das guitarras pegava tão bem."

► **Surviving Fight:** "Essa é uma música muito Anthrax, a gente era muito fã da banda. Eu gostava muito desse som, principalmente da introdução, ela já entrava na porrada! E no meio ela muda o andamento, fica um lance pra bater cabeça. A molecada batia cabeça pra caralho! Era um lance bem Anthrax e Metallica. A gente adorava tocar esse som ao vivo! Teve um show no Centro Cultural Ipiranga que foi histórico, o melhor que a gente fez. E foi nesse dia que o


Arquivo RC
A formação antes de Out of Control contava com Luis Mariutti no baixo

Amilcar ficou fã da banda, ele fala até hoje desse show. E foi mesmo uma puta apresentação: o lugar estava lotado, o som estava ótimo, a galera subindo no palco e dando mosh, foi aquele dia em que deu tudo certo. Lembranças boas do passado, não existia celular, então não tinha ninguém filmando, o pessoal ficava só curtindo o som, mesmo."

► **Rush:** "A letra dessa música é uma parceria sua com o Michel, né? (N.R.: sim, a primeira estrofe é de autoria deste redator). Eu lembro que você estava sempre com a gente, participou de todo o processo (N.R.: na verdade, essa letra começou a ser escrita em português, porque era a ideia inicial do projeto; depois ela foi vertida para o inglês). Eu lembro do Michel cantando essa música na Argentina, bons momentos... Fizemos dois shows legais lá. Esse som era um em que o pessoal mais pirava nos shows. As que o público mais pirava eram *Surviving Fight*, *Out of Control* e *Rush*. *Rush* era uma música do Michel, ele era o líder da banda. E num determinado momento ele começou a reclamar que eu tocava meio alto e a gente começou a se estranhar. Tanto que eu saí da banda no meio de um show. Começou um clima meio estranho e no meio desse show ele falou alguma coisa pra mim que eu não me lembro o que foi, mas que eu não gostei. Eu já estava meio atravessado, aí joguei as baquetas nele e saí pelo meio do palco. Quem terminou o show foi o Alex Soares, que era meu aluno e é um puta batera, toca na noite até hoje. Ele tocou as duas últimas músicas desse show. Ficou um clima bem ruim, mas depois a gente voltou a se falar. Pouca gente sabe dessa história. Mas a banda continuou e um dos bateras que tocou nela foi o Julio Príncipe, que toca no Centúrias. Ele me substituiu nos dois grupos."

► **Superstitious Ways:** "Essa tinha um riff legal, mas até onde eu me lembro não chegamos a tocar esse som ao vivo. Essa música é do Michel, ele era um grande compositor, um 'riff man', nesse aspecto o Marcelo mais ajustava as coisas, quem fazia a maioria dos riffs era o Michel, além das letras, claro. Total escola dos anos 70 e 80, ele e eu éramos os mais velhos da banda. E quando eu entrei na banda ela já vinha andando. Já estavam os três, Michel, Marcelo e Luis. E o Michel já estava compondo. A ideia da banda veio do Michel e do Marcelo, eles são os fundadores. Depois eles chamaram o Luis e em seguida eu entrei. Eu já conhecia o Jaguar (N.R.: banda anterior de Michel, que fazia covers de heavy e hard) e o Luis era aluno do baixista dessa banda (N.R.: Marcio Vitulli). E foi assim que começou o Firebox. O Marcio não estava mais a fim de tocar metal, por isso ele indicou o Luis. Ele tinha 17 anos e já tocava tudo aquilo. E sempre com aquele humor legal dele, ele agregava a banda. Tanto que quando ele saiu ficou complicado, a gente gravou o disco mas não conseguiu ir em frente. Ele unia o pessoal. E nos shows ele ficava no meio do palco, eu até brincava que se eu cuspisse eu acertava nele (muitos risos). Moleque boa gente, estudava oito horas por dia."

► **Firebox:** "Essa era outra instrumental. A gente tocava muito essa ao vivo. Eu não achava essa música tão legal, não era das que eu mais gostava. Ela era mais cadenciada, eu preferia *Out of Control*, *Ronan' the Roadie* e *Electric Ride*, que era instrumental também, mas era bem pra frente. *Firebox* era uma música que tinha uma influência clara de Iron Maiden, até pelo lance das guitarras gêmeas. Era um lance que estava muito na moda naquela época. A gente tinha o hábito de trabalhar bastante as músicas para não ficar muito parecido com Motörhead. Então, a gente procurava deixar elas mais trampadas. O Michel estava estudando muito, tirava muitas músicas para passar para os alunos (N.R.: Perié era um dos professores de guitarra mais requisitados de São Paulo nessa época). A gente tocava alguns covers nos shows e Michel e Marcelo tiravam os solos nota por nota. Eu falava pra eles: 'Cês são loucos...' Eles eram muito CDF! (risos) Acho que a banda só não vingou porque não era o momento certo. Estavam estourando o metal melódico e o thrash e a gente não era nenhuma das duas coisas."

Grace Laglia
Michel Perie, Marcelo Araujo, Paulo Thomaz e José B. Neto, formação que registrou o único álbum do Firebox

Arquivo RC
Firebox já sem Paulo Thomaz, com Julio Príncipe, Michel Perié, Marcelo Araujo e Cesar Dechen

# NORTHTALE

# A CHAMA DE UM NOVO DIA

## Ao encontrar em Guilherme Hirose a voz perfeita para a banda, Bill Hudson materializa sua visão musical em *Eternal Flame*

**Por Guilherme Spiazzi**

Idealizada por Bill Hudson, a NorthTale nasceu com o puro propósito de apresentar composições que refletissem exatamente as músicas que o inspiram a pegar a guitarra e a construir uma carreira internacional. A estreia com *Welcome to Paradise* (2019) apresentou um metal melódico desafiador, mas logo Hudson entendeu que ajustes precisavam ser feitos para que sua visão fosse integralmente contemplada: era preciso encontrar a voz perfeita. A intensa busca internacional terminou justamente na cidade natal do músico, São Paulo. Além de talento vocal, Guilherme Hirose (TraumeR) trouxe os ingredientes ideais para complementar a visão original de Hudson e materializá-la no recém-lançado *Eternal Flame*, disco que eleva o patamar da banda. Numa longa e descontraída conversa com Hudson e Hirose, abordamos essa nova e promissora fase da NorthTale. Curta esse papo, que é complementado por um QR code disponibilizado ao final desta entrevista. Por ele você acessa a continuação dessa conversa exclusiva no site da ROADIE CREW.

**Comparado ao disco de estreia, *Eternal Flame* apresenta um salto de maturidade e personalidade. A que você atribui esse crescimento?**

**Bill Hudson:** Eu não gosto de falar assim, mas não sei colocar de outra forma... É o foco na composição e a ausência de (Christian) Eriksson. Com a saída dele, eu falei que iria fazer a música que eu queria fazer sem me preocupar com os outros, inclusive integrantes e gravadora. A faixa *The Land of Mystic Rites* é o principal exemplo, uma vez que ela não existiria com ele na banda. Um dos problemas era que Eriksson limitava algumas notas muito agudas porque ele não queria repetir justamente aqueles agudos que fizera no Twilight Force. Isso me obrigava a manter abaixo de uma determinada nota. Já Hirose simplesmente cantou sem discutir as partes. Eu não sabia qual seria o resultado, mas sabia que seria honesto, pois era o que eu queria fazer.

**Como foi o processo de busca por um novo vocalista até a decisão final por Hirose?**

**Bill:** Sabe, Hirose foi a última pessoa a nos procurar para preencher a vaga. Apesar do que aconteceu com Eriksson, ele continua sendo um dos meus vocalistas preferidos e eu achava que seria impossível substituí-lo. Com isso, realmente testei praticamente todos que são alguém no mundo do metal melódico. Conversei com caras muito famosos, gente que é ou foi de bandas muito maiores, caras menos conhecidos na Europa e até pessoas que postaram covers no YouTube. Ao final, fiquei entre dois candidatos – um italiano e um sueco –, ambos com bandas do mesmo nível que a nossa e perfeitos por vários motivos. Foi justamente nesse momento em que eu já estava mandando os nomes deles para a gravadora que Hirose entrou em contato. O problema era que eu já havia dito 'não' para vários brasileiros que eu achava que poderiam ter tido uma chance, por pressão de outros integrantes. Segundo eles, ter alguém de um terceiro país, somado à necessidade de tirar visto etc., complicaria a dinâmica da banda. Em princípio eu não queria ouvi-lo, mas me rendi e escutei a primeira versão de *Follow Me* (*Welcome to Paradise*) e nela Hirose cantou a melodia de voz exatamente da forma como eu a escutava na minha cabeça. Não dava para ignorar o fato de ele literalmente entregar o que eu visualizava, inclusive consertando traços da forma de cantar de Eriksson que me incomodavam. Levei um mês para respondê-lo. Eu mostrei os três candidatos para Jeff Keller, empresário da Doro, e ele achou Hirose o melhor. Isso confirmou minha impressão. Depois de mais algumas demos, não restava dúvida. Ainda teve um processo longo de discussão com a banda, visto que isso complicaria os ensaios e tudo mais, porém para o que queríamos Hirose era simplesmente imbatível. O segundo colocado ficou muito longe dele. Isso não quer dizer que Hirose seja o melhor vocal do mundo, mas é o melhor para o NorthTale.

**ETERNAL FLAME**
**Nuclear Blast/Shinigami - Nac.**

**Como Hudson contou, você apareceu um bom tempo depois da busca se iniciar. O que o motivou a disputar essa vaga?**

**Guilherme Hirose:** Fiquei sabendo da busca a partir de uma mensagem da minha namorada. Ela disse que havia uma banda em que conseguia ouvir a minha voz e na sequência disse que eles estavam sem vocalista. Sabendo disso, junto ao fato de a minha banda, TraumeR, estar parada, resolvi arriscar e mandei uma mensagem via Facebook para o Hudson. Ele respondeu dizendo que já estava decidindo entre dois candidatos, mas que era para eu mandar material, mesmo considerando que as minhas chances eram muito pequenas. Naquela altura eu havia escutado todo o *Welcome to Paradise* e entendido que aquele era o meu estilo, então enviei o material. Passou-se um mês sem resposta, até que Hudson me chamou para conversarmos

sobre as possibilidades e pedir para que eu gravasse algumas músicas. Ali começou o processo de teste.

***Eternal Flame* traz nas letras e música elementos da nossa cultura em algumas faixas. Dentre elas, destaca-se a citada *The Land of Mystic Rites*, que conta com a participação do percussionista recifense Marcelo Caravela. O que exatamente vocês pretendiam apresentar nessa composição?**

**Bill:** Eu tinha essa ideia de trazer o lado brasileiro e... Eu fui muito afetado pelo falecimento de Andre Matos, que era um dos meus heróis. A minha intenção era fazer algo na linha de *Holy Land* (Angra, 1996), que escutei obcecadamente durante uma época da minha vida. Cheguei a enviar a ideia dessa música para aqueles dois candidatos, além de Hirose, que, não sei como, mandou exatamente aquilo que eu visualizava – inclusive os cantos que eu tinha em mente para o pré-refrão. Continuar testando outras pessoas seria inútil.

**Guilherme:** Essa foi a parte final do teste. Hudson disse que queria um tema brasileiro, mas me deixou livre para eu fazer o que achasse melhor. A inspiração para a música – letra, ambiência e tudo mais – veio de forma completa depois da quarta audição. Apesar de eu ser umbandista, não gosto de falar de religião. Porém, o tema casou com a música. Aquilo parecia uma gira (N.R.: principal ritual da umbanda).

**A faixa mais pesada do disco, *Midnight Bells*, também é inspirada pela sua religião. Enquanto praticante, como você aborda esse tema de forma respeitosa no metal melódico?**

**Guilherme:** Eu não comecei essas composições querendo falar da umbanda. Foi algo que veio naturalmente porque era uma coisa que estava acontecendo na minha vida. Eu entrei para a umbanda há pouco mais de três anos e foi algo que veio com muita força para mim. Vi que a minha cabeça estava entrando no eixo a partir disso e, de repente, as coisas começaram a dar certo. Independente da religião ou crença, desde que te deixe centrado, vale a pena. Para mim foi a umbanda. A inserção desse tema em qualquer estilo tem que ser natural e sem segundas intenções. *Midnight Bells* é uma música mais intensa e sua letra é pensada em um Exu. Para quem nunca foi numa gira de esquerda, o que eu canto na música é o que acontece mesmo. Para mim foi uma grande homenagem – é um simbolismo muito forte do lado bom de tudo isso.

**Para alguns, *Wings of Salvation* pode ser polêmica, vide a disputa internacional que existe pela criação do avião...**

**Bill:** Basicamente, essa letra veio do fato de eu morar nos Estados Unidos há muitos anos e Santos Dumont ser desconhecido por aqui. Já no Brasil, nós não sabemos que são os irmãos Wright. Existe toda essa discussão sobre quem inventou o avião, mas o fato é que naquela época ninguém viu o que os Wright fizeram, mas muita gente viu o que Santos Dumont fez e ele levou o crédito. Mas não é só isso, Santos Dumont era um cara foda – uma celebridade na Europa. Pode ser que ele não tenha necessariamente sido o primeiro a voar, mas ele é sim o pai da aviação para o mundo – exceto para os americanos (risos). Ele inventou o avião da forma como o conhecemos hoje. Santos Dumont voou com estilo e definitivamente merece uma música – merece que o mundo conheça a sua história.

**Fiquei surpreso quando Denis Ward (Helloween, Angra) foi anunciado como produtor. Como vocês conseguiram assegurá-lo e como foi produzir o disco a distância, dada a pandemia.**

**Bill:** A ideia inicial era a de nós novamente fazermos a produção, até que o jornalista Thiago Rahal Mauro – que na época trabalhava conosco –, perguntou: 'Por que não tentar trabalhar com Ward?'. (Patrick) Johansson (baterista) e eu o conhecíamos pessoalmente, mas na minha cabeça ele era um cara muito ocupado e caro. De qualquer forma, eu fui atrás. Ward nos pediu umas demos, gostou do que ouviu e deu um preço. Por conta da pandemia, ele decidiu ficar na Alemanha e trabalhar de forma remota usando o Audiomovers (N.R.: programa de computador que transmite áudio de alta qualidade em tempo real). Gravamos a bateria no Power Station Studio, na Flórida, mas era como se ele estivesse ali do

João Duarte

Patrick Johansson, Jimmy Pitts, Guilherme Hirose, Mikael Planefeldt e Bill Hudson: na vanguarda metal melódico

Echo Kushima

nosso lado. Já o vocal, eu sabia que Hirose era produtor e consequentemente poderia ter mexido nas gravações previamente enviadas. Não que eu duvidasse dele, mas eu precisava ver aquilo pessoalmente. Então, fui ao Brasil no meio da pandemia.

**Guilherme:** Agora eu entendi. Então você achava que era tudo autotune (N.R.: programa de correção de voz)? (risos)

**Bill:** Não tudo, mas eu sabia que você tinha a possibilidade de fazer isso. Ficamos uma semana ao lado de Rodrigo Oliveira e Conrado Rüther, no Dharma Studios, com Ward online. Isso que fizemos é o ideal para gravação se você não tem como juntar a todos. Inclusive, essa foi a segunda vez de Ward trabalhando dessa forma, então fomos pioneiros.

***Eternal Flame* traz as participações de Kai Hansen (Helloween/Gamma Ray) e do filho dele, Tim, em *Future Calls*. Acredito que contar com Kai era algo que já estava nos seus planos há tempos, certo?**

**Bill:** Tenho uma boa amizade com Hansen há anos e já queria a participação dele antes de essa música existir. Inclusive, era para ele produzir *Welcome to Paradise*, mas não houve agenda por conta do Helloween. Enfim, eu mandei a demo de *Future Calls* e o deixei livre para fazer o que quisesse. Nisso, Hansen sugeriu que ele cantasse e seu filho tocasse guitarra. Eu achei a ideia legal, pois era uma oportunidade especial de ter pai e filho numa mesma música. Eu não poderia ter ficado mais feliz com o resultado.

> "Pessoalmente, eu diria que nunca houve momento melhor para o metal melódico do que hoje."
> Bill Hudson

**O metal melódico vive seus altos e baixos desde a década de 80 e *Eternal Flame* chega ao mercado numa época em que o subgênero parece estar ganhando evidência. Hoje, o metal melódico está numa crescente?**

**Bill:** Pessoalmente, eu diria que nunca houve momento melhor para o metal melódico do que hoje. Lembro do primeiro show que vi do Gamma Ray, em 1997, e, hoje, quando converso com Hansen sobre a situação daquele show, consigo enxergar como as coisas eram naquela época e como são hoje, quando a situação é muito melhor. Além disso, apesar de na época haver muita banda foda, elas não apareciam internacionalmente. Hoje é diferente. NorthTale, Stratovarius e Helloween estão no mesmo nível por conta da possibilidade de divulgação. Você encontrará os discos e vídeos dessas e de outras bandas nos mesmos lugares. Claro que o Helloween é uma banda maior, mas não houve na história um momento em que uma banda maior e uma menor pudessem ser colocadas lado a lado no mercado dessa forma.

**Para encerrar, aproveitando o bom momento do metal melódico, existe a possibilidade de a NorthTale vir ao Brasil em 2022?**

**Bill:** Existe. Estamos conversando com um promotor bem importante nesse exato momento. O plano é para que aconteça e, se acontecer, será muito bom!

**USE O QR CODE PARA ACESSAR O COMPLEMENTO DA ENTREVISTA NO SITE DA ROADIE CREW.**

# ROADIE CREW

Heavy Meta ssic Rock

## EDU FALASCHI

VERACRUZ

**NAS GRANDES BATALHAS DA VIDA, O PRIMEIRO PASSO PARA A VITÓRIA É O DESEJO DE VENCER! NÃO DESISTA NUNCA DE SEUS SONHOS! "**

1

**VERA CRUZ**
MELHOR ÁLBUM NACIONAL de 2021
pelos leitores da Roadie Crew

*"Em nome da banda venho agradecer a todos os fãs que dedicaram seu precioso tempo, apoiando, acreditando e votando massivamente no nosso coletivo! Obrigado pela confiança e por me dar força e garra para continuar sempre!"*
*– Edu Falaschi, janeiro de 2022*

1

**EDU FALASCHI**
MELHOR VOCALISTA NACIONAL de 2021
pelos leitores da Roadie Crew

1

**ROBERTO BARROS**
MELHOR GUITARRISTA NACIONAL DE 2021
pelos leitores da Roadie Crew

1

**FÁBIO LAGUNA**
MELHOR TECLADISTA NACIONAL DE 2021
pelos leitores da Roadie Crew

1

**AQUILES PRIESTER**
MELHOR BATERISTA NACIONAL DE 2021
pelos leitores da Roadie Crew

2

**RAPHAEL DAFRAS**
2º MELHOR BAIXISTA NACIONAL DE 2021
pelos leitores da Roadie Crew

5

**DIOGO MAFRA**
5º MELHOR GUITARRISTA NACIONAL DE 2021
pelos leitores da Roadie Crew

**WWW.EDUFALASCHI.COM.BR**

KING RECORDS · Yep · Takamine GUITARS · AGÊNCIA ARTÍSTICA · CARLOS FIDES ARTS · 4FAN · TRM PRESS · Hoffman & O'Brian · JD QUARTE DESIGN · MS METAL RECORDS

# COLLECTION

**Por Daniel Dutra**

Era uma vez um guitarrista que atendeu ao anúncio de uma banda que precisava de alguém disposto a comprar uma ideia bem específica: fazer parte de algo que nunca ninguém havia visto ao vivo. E se era para ser diferente, normal que ele tenha ido à audição com um tênis vermelho e outro laranja. Era 1973, e Paul Daniel Frehley começava ali a escrever seu nome na história da música. No Kiss, como já havia um Paul, ele adotou um velho apelido de escola e virou Ace Frehley. Conhecido também como Space Ace ou Spaceman, influenciou um sem-número de guitarristas no rock, de Marty Friedman (ex-Megadeth) a Scott Ian (Anthrax), passando pelo saudoso Dimebag Darrell (ex-Pantera). Nascido no dia 27 de abril de 1951, Ace ainda coleciona, aos 70 anos, admiradores e, claro, polêmicas – quase sempre com a sua ex-banda, mas o guitarrista consegue arrumar espaço nas manchetes por destrambelhadas opiniões políticas ou pelo barraco causado quando trocou a esposa por uma namorada muito mais jovem. Nada que espante quem leu sua autobiografia, "No Regrets – A Rock 'n' Roll Memoir" (2011). O fato é que estamos diante de um dos guitarristas mais importantes e influentes em todos os tempos. E é isso que importa nestas páginas.

Paul Daniel Frehley: um ás do espaço que influenciou uma geração de guitarristas

## IMPERDÍVEIS

Entre em nosso canal no WhatsApp - BrasilRevistas

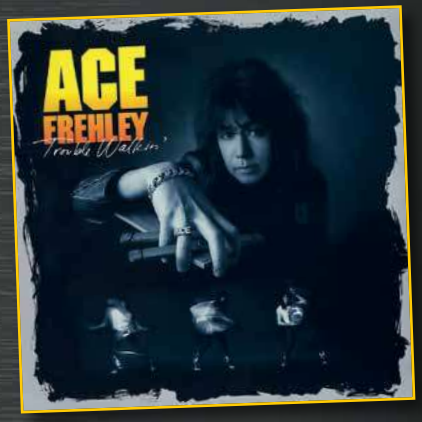
### FREHLEY'S COMET (1987)

Poderia abrir este Collection com *Ace Frehley*, o álbum solo lançado em 1978, ainda carregando a maquiagem, o logo e a alcunha do Kiss. Trata-se do trabalho definitivo do guitarrista, mas seria injusto com a sua carreira pós-Kiss, que tem discos e qualidade suficientes para estas duas páginas. E tem, também, o álbum definitivo de Ace com a cara limpa. A começar pela banda formada por John Regan (baixo); Anton Fig (bateria), que gravou *Ace Frehley* e os dois discos seguintes do Kiss, *Dynasty* (1979) e *Unmasked* (1980); e Tod Howarth (guitarra e vocal), que entrara no lugar de Richie Scarlet – a formação original ainda contava com o tecladista Arthur Stead, que acabou dispensado.

Depois, porque Ace conseguiu a fusão perfeita do som dos anos 1970 com o lado mais comercial da década de 1980. Quem queria o guitarrista de antigamente o encontra em *Rock Soldiers* (hino!), *Breakout* (coescrita por Eric Carr, ela entrou em sua versão instrumental em *Revenge*, lançado pelo Kiss em 1992, como *Carr Jam '81*) *We Got Your Rock*, *Love Me Right*, *Stranger in a Strange Land* e *Fractured Too*, a instrumental que os entendedores entenderão. Quem queria um Ace atualizado tem *Into the Night*, *Dolls* (com backings da filha de Ace, Monique Frehley, então com 6 anos de idade), *Something Moved* e *Calling to You*, as duas últimas ratificando que Howarth era um baita vocalista.

### TROUBLE WALKIN' (1989)

O disco que os fãs queriam, uma vez que Ace Frehley não havia encontrado um contraponto entre o passado e o presente em *Second Sighting*, o incompreendido disco de estúdio anterior – calma, porque vamos chegar lá. Assim, *Trouble Walkin'* resgatou a vibração perdida e ainda reuniu a formação original da banda, uma vez que Tod Howarth devolveu a Richie Scarlet o posto de segundo guitarrista e vocalista. Além disso, até mesmo Eddie Kramer estava de volta à mesa de som – ele havia produzido tanto *Ace Frehley* quanto *Frehley's Comet*. Para completar, o álbum ainda presenteou os fãs com participações especiais: Sebastian Bach (ouça *Back to School*!), Dave "Snake" Sabo e Rachel Bolan, todos alegres e felizes à época no Skid Row, nos backing vocals; e, especialmente, Peter Criss, que meteu percussão e voz de apoio em *Hide Your Heart*, *Trouble Walkin'*, *2 Young 2 Die* e *Back to School*. E sim, *Trouble Walkin'*, que saiu quatro dias antes de *Hot in the Shade*, tem uma das versões de *Hide Your Heart*, composição de Paul Stanley, Desmond Child e Holly Knight que Bonnie Tyler já havia gravado no ano anterior. Mas nem é a faixa mais interessante do repertório, porque há *Shot Full of Rock*, *Do Ya* (escrita por Jeff Lynne, do ELO), *Five Card Stud*, *Trouble Walkin'* (única com o batera Sandy Slavin, que saiu em turnê com Ace), *Remember Me* e *Fractured III*...



# EXCELENTES

## LIVE+1 (1988)

A inclusão de *Live+1* desperta um sentimento bipolar. Ele é tão bom, mas tão bom que merece estar aqui. Ao mesmo tempo, é apenas um EP com quatro faixas ao vivo e uma música então inédita, o que deixa um gosto de quero mais para o ouvinte passar raiva. E nem adianta mencionar *Frehley's Comet: Live + 4*, lançado no mesmo ano, uma vez que a ausência de Anton Fig no home video faz a qualidade cair bastante – calma, porque vamos chegar lá. Escutar o material ao vivo, mesmo depois de pouco mais de 30 anos, mostra como o Frehley's Comet era arrebatador em cima do palco. A dobradinha que abre o CD – ou o vinil, tanto faz – pode não representar exatamente o set list, afinal, um solo de bateria logo na segunda música não é a opção mais sensata, mas ainda assim é matador: *Rip-it-Out* e *Breakout* são irmãs de mães diferentes, até pela estrutura que permite a Fig dar aula com licks técnicos e muito bem encaixados. Howarth brilha em *Something Moved*, que deveria ter sido um hit radiofônico, e *Rocket Ride*... Bom, é preciso falar alguma coisa? E para fechar, a empolgante *Words Are Not Enough* mostra o caminho mais comercial que a banda tomaria em seguida.

## SECOND SIGHTING (1988)

Ace Frehley não era mais um artista solo, mas o líder do Frehley's Comet. O nome do primeiro álbum havia batizado a banda, que sofreu aqui a sua primeira baixa: Anton Fig deu lugar a Jamie Oldaker, que chegou com a credencial de quem havia acompanhado Eric Clapton em estúdio e nos palcos. A rigor, a mudança foi sentida mesmo ao vivo, uma vez que Oldaker mostrou-se bem limitado – lembra-se da menção a *Frehley's Comet: Live + 4*? –, porque a praia por onde *Second Sighting* navega não exige muito do baterista: um hard mais pop do que rock, mas ainda assim eficiente e cheio de ótimas músicas, até mesmo *Dancin' With Danger*, cover do Streetheart que ganhou umas mexidas de Frehley e Dana Strum (ele mesmo, então baixista do Vinnie Vincent Invasion). A canção é pop à la trilha sonora de filme do Sylvester Stallone, mostrando como os teclados têm papel coadjuvante, porque o protagonismo coube a quem os tocou. Tod Howarth canta em metade das faixas, e canta muito!, brilhando nas excelentes *Time Ain't Runnin' Out*, *Fallen Angel* e *New Kind of Lover*; e na belíssima *It's Over Now*, na qual é responsável até pelo solo de guitarra.

## SPACE INVADER (2014)

Quinto trabalho de estúdio Ace Frehley sem as amarras do Kiss, *Space Invader* é a confirmação da fase produtiva do guitarrista como artista solo, uma vez que o disco anterior serviu mais para os fãs do Kiss se desentenderem na discussão on-line sobre qual álbum era melhor, *Anomaly* ou *Sonic Boom*. O mais importante, no entanto, era que Ace finalmente deixava a preguiça de lado para lançar discos com regularidade. Assim, temos aqui o CD que fecha em terceiro lugar, até o momento, o pódio, ficando atrás somente de *Frehley's Comet* e *Trouble Walkin'*. Com o baixista Chris Wyse (ex-The Cult) e o baterista Matt Starr (Black Swan, Mr. Big), Ace criou uma obra que faz jus ao seu lado rock'n'roll, aquele que é descompromissado sem soar desleixado. É o que mostra de cara a ótima faixa-título, e a audição nem precisa ir muito adiante para você reparar, também, que a inspiração nas seis cordas estava em alta: os solos em *I Wanna Hold You* lembram seus melhores momentos no Kiss de 1974 a 1977. E *Gimme a Feelin'*, *Change*, *Immortal Pleasures*, *What Every Girl Wants*, *Reckless* e *The Joker* (cover da Steve Miller Band) completam o bom investimento.

# BONS

## ANOMALY (2009)

Vinte anos sem lançar um disco de inéditas... Tudo bem, teve a reunião da formação original do Kiss, mas se levarmos em consideração que Ace mal toca em *Psycho Circus* (1998), não é à toa que ele carrega a fama de preguiçoso. Mas ele resolveu trabalhar e ainda montou um timaço para gravar *Anomaly*: o baixista Anthony Esposito (Red Dragon Cartel, ex-Lynch Mob) e os bateristas Anton Fig, Scot Cogan (apenas em *Pain in the Neck*) e *Brian Tichy* (em *Fox on the Run*) – bom, com as baquetas passaram de mãos em mãos, até o coprodutor Marti Frederiksen (Outlaw Blood) resolveu sentar no banquinho para tocar a instrumental *Fractured Quantum*. Mais do que isso, Ace soltou o trabalho mais pesado da sua carreira, o que já ficou na cara com o primeiro single, *Outer Space*. Imagine Zakk Wylde cantando e veja se ela não seria uma música do Black Label Society... Mas *Pain in the Neck*, *Genghis Khan*, *Space Bear* e *Sister* trazem um peso compatível com a história do guitarrista, que equilibra tudo com *Change the World*, *A Little Below the Angels* e *It's a Great Life*. Mas só *Foxy & Free* e *Fox on the Run*, cover do Sweet, já valem a audição.

## SPACEMAN (2018)

Motivada pela parceria com Paul Stanley em *Origins Vol. 1* (2016), a expectativa por *Spaceman*, o trabalho de inéditas mais recente de Ace, girou em torno da participação de Gene Simmons – até para alimentar aqueles rumores de que ele pode voltar ao Kiss a qualquer momento, sempre interrompidos por uma eventual guerra de palavras na imprensa. Essa relação de amor e ódio até ganhou uma música, *Rockin' With the Boys*, de longe a melhor do CD. No entanto, o trabalho a quatro mãos com Simmons se dá em *Without You I'm Nothing* e *Your Wish is My Command*, das quais o baixista é coautor – ele ainda gravou o baixo da primeira; em tempo: as baterias ficaram a cargo de Anton Fig, Scot Coogan e Matt Starr. E o resultado da parceria chega a ser decepcionante se você se deixar realmente levar por uma alta expectativa. Isso porque há canções melhores, como *Pursuit of Rock and Roll*, cuja letra cheia de referências é bem divertida; *I Wanna Go Back*, cover de Billy Satellite; a quase punk rock *Mission to Mars*; a ótima e groveada *Off My Back*; a autobiográfica *Bronx Boy*; e a instrumental *Quantum Flux*.

# CUIDADO

## ORIGINS VOL. 2 (2020)

*Origins Vol. 1* é bem legal, especialmente a versão de *Fire and Water* (Free), com Paul Stanley, e a leitura de Ace para *Rock and Roll Hell*, que está em *Creatures of the Night*, o disco do Kiss em que ele só se fez presente na capa. Mas *Origins Vol. 2*... Para começar, o que tinha tudo para ser uma faixa com a cara de Ace, por razões óbvias, acabou sendo a representação deste segundo disco de covers: *Space Truckin'* (Deep Purple) é destruída por uma vocal completamente sem tesão, assim como *Good Times Bad Times* (Led Zeppelin), e é aí que reside o problema. Não porque Ace tem que cantar como Robert Plant e Ian Gillan, mas porque a diversão que sobra no primeiro volume faz muita falta aqui. Ruim? Não necessariamente, mas quando não se consegue melhorar nem mesmo uma música dos Rolling Stones (*Jumpin' Jack Flash*, com Lita Ford) é porque o cuidado é realmente necessário. *I'm Down* (Beatles), *Kicks* (Paul Revere & The Raiders) e *We Gotta Get Out of This Place* (The Animals) ainda se salvam num disco que está mais para completar coleção do que para frequentar o aparelho de som.

**OUTROS:** Citados acima e na página ao lado, *Ace Frehley* e *Origins Vol. 1* são os únicos da discografia regular que não aparecem com destaque. Fora os dois, há uma coletânea ao vivo, *Greatest Hits Live* (2006), que vale pela segunda metade: quatro faixas ao vivo com Anton Fig – as seis primeiras são o áudio de *Frehley's Comet: Live + 4* – e duas sobras de estúdio, *One Plus One* e *Give it to Me Anyway*, que são ótimas. Elas já haviam aparecido na coletânea *Loaded Deck* (1998), que é mais para o fã que deseja ter tudo na coleção. Assim como a outra compilação, *12 Picks* (1997), que traz as mesmas músicas ao vivo do home video. Curiosidade: no ótimo *Spacewalk: A Tribute to Ace Frehley* (1996), o próprio guitarrista contribuiu com uma canção autoral e inédita: *Take Me to the City*.

# O TANQUE DE GUERRA ALEMÃO

## Veterano vocalista fala do seu estilo incansável de trabalho e como mantém uma sonoridade fiel e renovada

**Por Guilherme Spiazzi**

Ainda que leve o nome do vocalista Udo Dirkschneider, a banda U.D.O. traz uma mescla do heavy metal tradicional com a força da juventude dos músicos que o acompanham atualmente. Ao lado de Andrey Smirnov e Dee Dammers (guitarras), Tilen Hudrap (baixo) e Sven Dirkschneider (bateria), seu filho, o veterano alemão recentemente lançou *Game Over*, 17º disco de estúdio do grupo. Sempre disposto a trazer algo de novo, Dirkschneider falou sobre o processo de criação do álbum, a sua longeva carreira na música, os planos para a aposentadoria e as vantagens de ser acompanhado por músicos com menos da metade da sua idade.

**Que bom conversarmos novamente, Udo. Agora você também é conhecido como o tanque que está sempre seguindo em frente. Fale sobre a faixa *Marching Tank*, inspirada na sua implacável postura.**

**Udo Dirkschneider:** Pois é! Sou chamado de tanque de guerra alemão em praticamente todos os lugares. O meu filho e eu escrevemos todas as letras desse disco. Quando estávamos analisando melodias e letras, Sven disse: 'Eles te chamam de tanque alemão, então por que não fazer uma letra falando de você e de sua atitude de ir para frente como um tanque?'. Então, foi isso. De certa forma, essa música é sobre mim.

**Você sempre foi assim, determinado?**

**Udo:** Estou sempre seguindo em frente. Sempre quero fazer alguma coisa. Um disco, uma turnê... Eu gosto de trabalhar.

**Perguntei isso porque você começou na música ainda muito jovem, e, naquela época, seu destino era continuar os negócios da família, na sua fábrica de ferramentas. Trocar isso pela música deve ter sido complicado.**

**Udo:** Eu sempre gostei de música e, num determinado momento, tive que decidir entre seguir com a fábrica ou mergulhar nesse mundo louco que é o da música. Eu escolhi a música e nela sigo há 40 anos. Acho que fiz o certo.

**Sendo assim, penso que o título *Game Over* não tem nada a ver com o fim da sua carreira.**

**Udo:** Verdade. Esse título surgiu durante as gravações. Normalmente, nós vamos a algum lugar para começar a trabalhar nas músicas, arranjá-las com o produtor e coisas assim, mas, desta vez, por conta da pandemia, isso não foi possível. Tivemos que trabalhar via Skype, Zoom e Face Time, e confesso ter sido um pouco difícil. Em estúdios, somente o engenheiro de som e um músico foram permitidos para as gravações. O título surgiu quando Dammers ou Hudrap, já não lembro, apareceu falando 'fim de jogo' em alemão. Ele se referia ao fim das gravações. Tinha essa palavra rolando, e achamos que daria um bom título para o disco. Não tem nada a ver com ser o último disco do U.D.O. (risos).

**Você disse ter sido difícil criar o disco de forma remota, mas elabore mais sobre como foi viver esse processo.**

**Udo:** Inicialmente, nós fizemos o mesmo de sempre, que é juntar várias ideias. Quando achamos que temos o suficiente, partimos para trabalhar nelas. Porém, dessa vez trabalhamos essas ideias por meio de reuniões via internet. Conversamos sobre as harmonias, as diferentes partes, o lugar dos solos, etc. Depois disso, veio a parte desafiadora... Se a guitarra precisava ser mudada, o cara regravava e enviava um link para a audição da nova tentativa. Na sequência, fazíamos outra conferência para discutir o resultado. Trabalhamos dessa forma em todas as músicas, e foi bastante difícil fazer assim, mas, no fim das contas, eu acho que tudo funcionou. Normalmente, eu sempre fico no estúdio quando os guitarristas estão lá, mas dessa vez eu tive que assistir a eles pela tela do computador. No fim, fiquei feliz com o resultado.

***Game Over* impressiona pelo número de faixas do repertório, pois são 16 no total. Para termos uma perspectiva do quanto de trabalho tiveram, você se recorda do número total de ideias que foram colocadas à mesa?**

**Udo:** Eram mais de 30 ideias, mas decidimos trabalhar em apenas 20 delas. No fim, ficamos com 16 músicas para o disco, mais uma faixa bônus para a versão japonesa. O lado bom da pandemia foi que tivemos bastante tempo. Não podíamos fazer turnês, e não havia nada acontecendo. Então, tivemos tempo para trabalhar nesse disco. É por isso que temos muitas músicas.

**Nas letras, você vem falando do que está acontecendo no mundo. De que forma se aprofunda e aprende mais sobre esses temas para elaborá-las?**

**Udo:** Para mim, sempre foi importante escrever sobre o que está acontecendo. Você enxerga muita coisa quando viaja ao redor do mundo. Pode-se tirar ideias para as letras ao assistir ao noticiário sobre o que acontece a nossa volta. Na política, nas questões sociais e climáticas. Não há o que aprender, é apenas o interesse nesses tópicos. De certa forma, é fácil escrever letras sobre isso.

***Game Over* é caracterizado pela diversidade das faixas. Temos um pouco de punk, uma balada, o heavy metal tradicional e até uma pegada mais comercial. Diversificar foi a forma encontrada para não se repetir?**

**Udo:** Isso tem a ver com o fato de os novos integrantes, Hudrap e Dammers, trazerem ideias diferentes. Eles sabiam o que o U.D.O. precisava e, junto disso, trouxeram algo mais moderno, mais novo e interessante para mim. Outra influência foi o trabalho do meu filho nas melodias de voz comigo. Isso tudo é resultado de um trabalho em equipe. Smirnov estava muito feliz por poder trabalhar com um segundo guitarrista. Ele trabalhou sozinho em *Steelfactory* (2018), e agora tivemos um clima mais de banda, onde todos nós trabalhamos em todas as músicas. Não sou o tipo de cara que fica ditando a direção. Pelo contrário, eu tenho a cabeça muito aberta. É uma coisa boa eu ter uma banda jovem comigo. O meu filho tem 27 anos, Dammers, 28 anos, Hudrap, 30 anos, e Smirnov, 35 anos, e nem é tão velho assim (risos). Eles vêm de uma geração diferente da minha. Eu escutava Deep Purple, Uriah Heep, Black Sabbath, Jimi Hendrix e essas coisas. Eles escutam bandas mais modernas. De certa forma você percebe isso em *Game Over*. Estou muito feliz por ter essa banda hoje.

**GAME OVER**
**AFM/Valhall - Nac.**

**Colocando em perspectiva, eles basicamente nasceram depois da estreia de U.D.O., com *Animal House* (1987).**

**Udo:** (muitos risos) É verdade! Isso é muito interessante. É bom entender os mais jovens, como eles falam, etc. Isso mantém você vivo. Eles também me empurram para frente, de certa forma. Eles não são como um guitarrista de 50 anos que já é muito famoso e tem o seu próprio estilo. Os mais novos têm mais cabeça aberta para muitas coisas, eles tentam fazer música de diferentes formas. É algo mais criativo.

**O resultado de *Game Over* seria uma mistura da estética do heavy metal clássico com a energia da juventude?**

**Udo:** É como um bolo. Você sabe como fazê-lo, mas sabe que na parte da cobertura dá para fazer coisas diferentes. Dessa forma, cada disco do U.D.O. traz algo diferente. Mais melodias, às vezes mais peso, etc. Para mim, isso é importante, pois não quero copiar algo que já fiz.

**Esse é o segundo disco de Sven comandando a bateria do U.D.O. De forma geral, como enxerga o desenvolvimento do seu filho enquanto músico?**

**Udo:** O início de tudo foi aos 4 anos de idade, quando ele começou a tentar a tocar bateria num kit infantil. Era um barulho horrível na casa (risos). Eu pensei que Sven perderia o interesse depois de seis meses... Mas, não, ele sempre continuou. Sven teve um professor, depois tocou na banda da igreja e, na sequência, montou o Damaged, se não me engano. Era uma banda bastante punk rock. Naquela época, ele já estava compondo e escrevendo letras. Nesse meio tempo, Sven começou a estudar algo envolvendo mídia, engenharia de som, etc. Foi aí que ele se tornou roadie de bateria do U.D.O. por um tempo e, depois, foi fazer o mesmo para o Saxon. Isso o levou a substituir Nigel Glockler em 2015, quando ele adoeceu. À época, eu estava buscando por um baterista e calhou de eu estar em Berlim (ALE) durante a passagem do Saxon pela cidade. Aproveitei para ir ao show ver o meu filho na bateria, o que foi bem interessante para mim. Na ocasião, comentei com Biff (Byford) sobre a minha procura, e ele sugeriu o meu filho (risos). Foi nessa época que ele entrou para o U.D.O. No início, em *Steelfactory*, ele apenas fez a bateria, além dos shows do Dirkschneider (N.R.: grupo formado para uma turnê especial tocando músicas da sua fase no Accept). No disco *We Are One* (N.R.: uma colaboração entre U.D.O e Das Musikkorps der Bundeswehr, 2020) Sven trabalhou em letras e melodias, além de cantarmos juntos em *Here We go Again*. Quando fizemos *Game Over*, ele fez ótimas melodias, como a que se escuta em *Metal Never Dies*. Agora, acho que Sven está realmente integrado à banda. De certa forma, eu não esperava que no fim ele se tornasse o baterista do U.D.O., mas é bom tê-lo. O meu filho é um baterista realmente muito bom e faz muitas coisas pela banda. Estou muito orgulhoso dele. Mas já não se trata mais de uma coisa entre pai e filho. O que temos é mais como uma amizade.

**Você está prestes a completar 70 anos de vida. Qual é a sua motivação para continuar no heavy metal, lançando discos e caindo na estrada, numa idade em que muitos já estão aposentados?**

**Udo:** Eu ainda me divirto indo para o estúdio, criando músicas e saindo em turnê. Por causa da pandemia, depois de concluirmos *Game Over*, eu acabei ficando sentado em casa. O sentimento que tive foi: 'Ok, esse é o sentimento de quando você se aposenta. Você fica sentado em casa, faz café, assiste à televisão e caminha um pouco pela casa' Não, eu não sou esse tipo de pessoa. Sei que farei 70 anos, mas isso é apenas um número, e não me importo com isso (risos). Sempre que as pessoas perguntam se eu me aposentarei, respondo dizendo que continuarei com isso enquanto tiver saúde. Enquanto tiver voz, puder fazer turnês e estiver me divertindo. Não sei por mais quanto tempo poderei fazer isso. Pode ser por mais dez anos, mas eu não faço ideia.

**Você disse algo importante: a sua voz. Nós o conhecemos pelos discos, mas o seu produtor, Stefan Kaufmann, o conhece de perto desde os tempos de Accept. Qual foi a reação dele ao ouvir você gravando *Game Over*?**

**Udo:** (risos) Quando eu estava gravando os vocais, Kaufmann disse: 'Essa voz é um milagre. É inacreditável. Você atinge notas tão altas quanto as de *Breaker* (Accept, 1981). Normalmente, vocalistas na sua idade têm problemas para fazer coisas assim, mas você não. Inclusive, a sua tessitura aumentou, trazendo notas mais graves'. Penso que tenho muita sorte de ter essa voz. Eu faço check-up anualmente, e até o momento tudo está bem. Tudo bem, tive alguns problemas com o meu joelho durante a turnê promocional de *Steelfactory*, mas, mesmo contrariando o médico, eu não cancelei a turnê. Não sou desses que param por qualquer coisa. Digamos que, de certa forma, eu seja bastante durão (risos). Tudo bem que, às vezes, eu tenho um problema aqui e outro ali, mas nada que me faça diminuir o ritmo. Tudo está bem, e espero continuar fazendo isso por vários anos. Quem sabe eu entre para o Guinness Book of Records (risos).

**"Sempre que as pessoas perguntam se eu me aposentarei, respondo dizendo que continuarei com isso enquanto tiver saúde. Enquanto tiver voz, puder fazer turnês e estiver me divertindo"**
**Udo Dirkschneider**

**Já que mencionou *Breaker*, o que lembra desse disco lançado em 1981?**

**Udo:** Definitivamente, foi um disco que rompeu as barreiras para o Accept na Europa. Por causa dele, conseguimos embarcar na parte europeia da turnê do Judas Priest (N.R.: World Wide Blitz Tour) e emplacar no continente.

**Será que veremos o U.D.O. em 2022?**

**Udo:** Ninguém sabe ao certo por causa da pandemia, mas espero conseguirmos ir. Eu amaria voltar ao Brasil para tocar as músicas de *Game Over* e um bom mix dos outros 16 discos.

Divulgação

Sven Dirkschneider, Udo Dirkschneider, Tilen Hudrap, Andrey Smirnov, Dee Dammers: heavy metal clássico com sangue novo

EMINENCE
DARK ECHOES
Foto por: Suzana Oliveira | Anúncio por: www.jduartedesign.com
DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS
Spotify
Available on iTunes
DEEZER
TIDAL
www.eminence.com.br
BLOOD BLAST DISTRIBUTION

Vincent Grandke

Jeroen Paul Thesseling, David Diepold, Steffen Kummerer e Christian Münzner, despedidas e recomeço com A Valediction

# OBSCURA

# QUANDO ESTRELAS COLIDEM

## O primeiro capítulo da nova trilogia dos gigantes do technical death metal germânico

**Por Valtemir Amler**

"Existe um pouco de tudo em *A Valediction*", diz o vocalista e guitarrista Steffen Kummerer, logo no início da nossa conversa. E, segundo ele, este "não é apenas papo de músico quando digo que este é o nosso álbum mais completo até o momento. Você vai ouvir muito death metal, progressivo e até alguns riffs influenciados por Whitesnake... Então, se gosta de música pesada, existe uma boa razão para ouvir *A Valediction*. Este álbum não foi feito apenas para fãs de música extrema, ele foi concebido para todos os fãs de música pesada". Quando começou a trilhar o caminho do Obscura em 2002, certamente Steffen tinha objetivos musicais bastante audaciosos a alcançar, mas dificilmente imaginou que sua banda se tornaria o principal nome do tech/death no mundo. Hoje, chegando ao sexto álbum de estúdio, a banda da Bavária praticamente reinicia sua jornada: uma nova trilogia começa com *A Valediction* e um novo contrato também se inicia, já que agora faz parte do cast da Nuclear Blast. Steffen falou com a ROADIE CREW sobre esse momento especial na história do Obscura.

**Em seu release oficial, a Nuclear Blast apresentou o novo álbum *A Valediction*, com a frase 'bem-vindos a um novo nível'. O que você acha disso?**

**Steffen Kummerer:** São palavras muito elogiosas, então fico grato que eles entendam dessa maneira o nosso primeiro trabalho ao lado deles. Tomara que os nossos fãs também consigam ver que existe uma evolução em nossa música, mas, pessoalmente, se for para falar em novo nível, eu preferiria dizer 'novo capítulo'. Eu acho que essa definição soaria um pouco mais adequada ao que estamos vivendo, uma vez que acabamos de encerrar um capítulo grandioso e longo para a banda, em que estivemos trabalhando duro durante dez anos em álbuns conceituais. Foram dez anos e quatro álbuns conceitualmente conectados, e agora temos esse rompimento, esse passo adiante. O fã perceberá que temos um novo direcionamento na arte da capa, criada por um artista diferente (N.R.: desde *Cosmogenesis*, eles vinham trabalhando com Orion Landau, que trabalhou ao lado de Cephalic Carnage, Brutal Truth, Nile, Dying Fetus e outros; em *A Valediction* eles passaram a contar com Eliran Kantor, de Krisiun, Testament, Sodom e outros), temos um novo produtor (N.R.: Fredrik Nordström, de Dimmu Borgir, At the Gates, Opeth, Rotting Christ e outros), enfim, são vários detalhes que indicam um momento diferente, incluindo uma nova gravadora. Por outro lado, mantivemos todos aqueles elementos que nos tornam uma banda interessante e original, pelo menos é nisso que acredito. Portanto, é mais um novo capítulo do que um outro nível, de verdade.

**Três anos atrás, quando falamos sobre *Diluvium*, você já dizia que estava encerrando um conceito e reafirma isso agora. Nesse sentido, o que podemos esperar a partir de *A Valediction*?**

**Steffen:** A primeira coisa que devem esperar é o início de uma nova saga conceitual. *A Valediction* é o primei-

ro capítulo de uma nova trilogia, que conectará novamente todos os aspectos da nossa arte, ou seja, música, letras, capas, cores, videoclipes, tudo. Também podem esperar algo menos intrincado liricamente, buscamos uma abordagem mais direta e simples nessa nova trilogia. Liricamente falando, acho que tudo está um pouco mais fácil de captar e assimilar de agora em diante.

**Essa foi a razão pela qual mudaram o artista responsável pelas capas?**

**Steffen:** Sim, basicamente. Landau é um artista incrível, ele cuidou da imagem da nossa música por muitos anos e isso mostra o quanto apreciamos o trabalho dele. Ele criou uma identidade muito forte, tem uma pegada bem 'espacial', bastante limpa, e em todos aqueles álbuns nós procuramos manter uma espécie de arranjo simétrico do elemento central do tema. Peço que os fãs vejam isso colocando aqueles quatro álbuns lado a lado, percebendo inclusive o sistema de cores. Quando demos esse passo adiante, eu comecei a fazer algumas pesquisas e foi quando cheguei ao nome de Kantor. Ele foi capaz de juntar todos esses elementos que tínhamos em mente para o novo álbum, sem perder a identidade que tínhamos estabelecido no passado, ao lado de Landau. O que quero dizer é que Eliran conseguiu reter a identidade da banda, mas adicionando seu toque pessoal, que é essa visão de pintura a óleo, trabalho artístico feito à mão.

**Isso faz uma grande diferença.**

**Steffen:** Sim, eu concordo. Tanto que resolvemos manter essa mesma abordagem na mixagem e na masterização, esse disco soa mais 'humano' do que os anteriores, ele é mais orgânico e menos lapidado, não é polido ao extremo.

**Ainda assim, não consegui encontrar nem um único erro de execução ao longo do álbum...**

**Steffen:** E não vai encontrar mesmo, eu me certifiquei disso (risos gerais). Veja, com isso eu não quis dizer que essa foi uma produção desleixada e que simplesmente deixamos tudo acontecer ao sabor do vento (risos). Não, isso não combinaria com a nossa música e nem com a minha personalidade, pois sou perfeccionista e isso é meio que necessário no tech/death. O que quero dizer é que ensaiamos demais para alcançarmos execuções quase perfeitas, que não demandassem truques e retoques de estúdio. O que você ouve no disco é exatamente como podemos soar ao vivo, com nossos instrumentos e amplificadores, sem truques.

**Suponho que tenha levado essa mesma abordagem ao aspecto lírico.**

**Steffen:** Sim, com certeza. As letras aqui não são tão abstratas, não são tão distantes quanto foram no passado. Simplesmente porque assim eu sentia que conseguiria dar um toque a mais de personalidade para a banda como um todo. Então, todos esses aspectos juntos, letras/produção/arte, formam uma imagem maior do que somos hoje, um quadro que se difere em parte daquilo que fizemos no passado, mas que mantém todos os nossos ingredientes principais.

**Você pode nos falar um pouco sobre esse novo conceito?**

**Steffen:** Claro, vamos lá: o termo 'valediction' basicamente significa 'adeus'. É uma outra maneira de se despedir, e aqui é que reside a real ideia por trás dessa nova trilogia. A despedida, o adeus

**A VALEDICTION**
**Nuclear Blast/Shinigami - Nac.**

pode ser compreendido em muitos níveis diferentes. Talvez a mais simples e pessoal delas lide com o fato de que eu perdi vários amigos ao longo dos últimos anos. O baixista da minha outra banda morreu em um acidente no ano passado (N.R.: Christian Kratzer, baixista do Thulcandra). Eu perdi familiares e amigos com quem dividi o palco em turnês, como Alexi Laiho (Children of Bodom) e Sean Reinert (Cynic), apenas para citar alguns. Eu tenho apenas 36 anos e parece que tem se tornado uma situação comum ter que encarar o luto, ter que ver amigos fazendo a passagem. Isso é terrível, mas eu tinha que lidar com isso. Então pensei: 'OK, essa é uma questão pessoal e vou lidar com isso, mas não quero ser tão aberto quanto a esse assunto.' Então, o luto é um dos espectros nesse espelho de *A Valediction*. Por outro lado, não sou uma pessoa pessimista, sou até bem otimista, então um adeus pode significar que você está deixando algo negativo para trás, recomeçando como uma página em branco. Em algumas das novas canções nós literalmente buscamos algo inspirador, uma vibração positiva que ajude na hora de enfrentar uma situação negativa, como você ouve em *In Adversity* ou em *When Stars Collide*, por exemplo. Quer dizer, você pode dizer adeus para um bom amigo que partiu, mas também pode estar dando um basta em uma relação abusiva e degradante, começando do zero. O tema também tem a ver com a situação do Obscura, todas as situações que passamos, o fim de uma jornada de dez anos e o reinício, tudo isso e mais. Quando os fãs pegarem o encarte e começarem a ler as letras ou mesmo quando apenas colocarem o disco para rodar, tenho certeza de que vão se surpreender com a quantidade de sentimentos que ele inspira. É como uma montanha-russa, você vai da vibração otimista das canções que citei para outros momentos mais amargos e melancólicos, como na faixa-título. E isso é fundamental na nossa música, já fizemos isso em canções antigas, como *Incarnated*, *The Anticosmic Overload* (N.R.: ambas de *Cosmogenesis*, 2009), *Emergent Evolution* (*Diluvium*, 2018) e *Akróasis* (*Akróasis*, 2016), todas essas têm essa vibração melancólica. Bem, existem tantas nuances musicais diferentes que, sendo honesto, é até fácil escrever letras sobre elas quando já existe uma plataforma de mudança preparada.

**Essa facilidade foi uma das chaves para terem conseguido compor, ensaiar e gravar o álbum todo durante a pandemia?**

**Steffen:** É verdade, tudo o que cerca esse novo álbum foi concebido depois do início da pandemia, e isso em si é algo desafiador. O processo de composição não foi dificultado por conta das restrições, apesar de estarmos distantes uns dos outros. Eu e Christian Münzner (guitarra) vivemos na Alemanha, Jeroen Paul Thesseling vive na Holanda, e David Diepold (bateria) mora na Áustria, então a coisa ficou complicada quando precisávamos trabalhar juntos, o que não era possível por conta das viagens. Escrever foi fácil, pois acabaríamos trocando arquivos na internet de qualquer maneira, mas a gravação foi um saco (risos). Antes sempre gravávamos no mesmo estúdio, então um sempre estava próximo do outro para ajudar ou corrigir algo. Desta vez, cada um gravou no seu país e eu ainda precisei voar até a Suécia para gravar os vocais e as partes acústicas no estúdio Fredman, então foi meio complicado, mas felizmente conseguimos fazer tudo certo e a tempo.

# RELEASES

## AMORPHIS

**HALO**

**ATOMIC FIRE - IMP.**

**9,0**

Trinta anos atrás, eles lançaram seu álbum de estreia, *The Karelian Isthmus*. Mesmo com a sonoridade focada no death metal, a estreia chamou a atenção para os finlandeses, que ganharam definitivamente atenção mundial já com o álbum seguinte, o clássico atemporal *Tales from the Thousand Lakes* (1994). Mesmo com a música ainda firmemente calcada no death, os arranjos ricos e a melodia pungente mostravam que eles jamais seguiriam um único caminho musical. Algo que viria a se confirmar nos anos seguintes, em que eles se tornariam sinônimo de bom gosto e experimentalismo musical. Porém, "experimentar" não precisa significar "romper com o passado" e é justamente essa a razão de essa banda ter passado por tantas transformações enquanto se mantinha em constante ascensão – mesmo quando muito criticados, eles só fizeram seguir adiante.

É muito interessante perceber as marcas de toda essa história ao ouvir *Halo*, décimo quinto álbum completo do Amorphis. Embora não seja absolutamente necessário, tente escutar esse disco da maneira que ele foi planejado para ser ouvido: do início ao fim, na ordem correta, sem distrações. Perceba como as músicas estão ajudando as letras a contar uma história repleta de reviravoltas, com momentos de paixão exacerbada e marasmo, de euforia e melancolia, tudo revestido por ambientes tão densos e ricos em detalhes que parecem projetar imagens na sua mente. Assim são construídos os álbuns do Amorphis, eles são criados não para ser apenas admirados com uma indiferença condescendente, mas para deixar marcas, cicatrizes profundas na memória.

O início de toda essa viagem vem com *Northwards*, uma canção diferente, mas que traz o DNA do Amorphis gravado nela. Tudo é possível e tudo acontece aqui: vocais melódicos e limpos trabalham lado a lado com os guturais do death metal, elementos do velho rock psicodélico setentista se mesclam com o death noventista e até uma breve e pontual aparição de um coral formam a intrigante e cativante trama progressiva da faixa de abertura. Sua sucessora, *On the Dark Waters*, é uma daquelas que inicia evidenciando o peso, mas ganha um refrão tão melódico e grudento que você vai se ver cantando por dias após a primeira audição – faça o teste.

O primeiro single, *The Moon*, entrega tudo que é esperado pelos fãs, especialmente em seu belo refrão, mas o disco ganha ainda mais cor e vibração com a dobradinha *When the Gods Came* (a forma discreta como trabalham os teclados é fenomenal) e *Seven Roads Come Togheter*, outra que traz uma daquelas melodias que nunca mais sairão da sua cabeça. Com uma sonoridade ótima (cortesia de Jens Bogren) e as sempre incríveis letras de Pekka Kainulainen, a última parte da trilogia iniciada em 2015 com *Under the Red Cloud* é mais um disco imperdível desses gigantes da Terra dos Mil Lagos. Poesia finlandesa traduzida em música progressiva. Não há como ser muito melhor que isso.

**Valtemir Amler**

## DESDOMINUS

**INEXPLICÁVEL EXISTÊNCIA**

**HEAVY METAL ROCK – NAC.**

**9,0**

Quando lançaram seu debut *Without Domain* em 2003, os paulistas do Desdominus rapidamente foram incluídos entre os melhores nomes do metal extremo nacional de sua geração e consolidaram sua posição com os sucessores *Devastating Millenary Lies* (2013) e *Uncreation* (2015). Agora, ao chegar ao seu quarto álbum completo, eles estão prontos para atingir o próximo nível e é justamente isso que você ouvirá em *Inexplicável Existência*. A base da sua fórmula musical permanece a mesma: um poderoso death/black metal repleto de boas melodias e linhas de guitarra inspiradas, tudo regado com ótimos arranjos, que elevam em muito o nível de cada canção. Você percebe esse cuidado com os arranjos já na introdução suave e bela da brutal faixa-título, uma canção ricamente dinâmica e que ganha o ouvinte já na primeira audição. O mesmo zelo e paixão pelos detalhes é demonstrado em todo o álbum, que ainda destaca *Belong to Yourself* (o início cadenciado e a parte atmosférica ao meio são black metal puro), *Distortion of Reality* e *My Last Winter*.

**Valtemir Amler**

## VOIVOD

**SYNCHRO ANARCHY**

**CENTURY MEDIA – IMP.**

**9,0**

Com quatro décadas de carreira, o Voivod nunca foi o tipo de banda que se preocupou em criar canções fáceis de ouvir, e isso não mudou neste seu 15º. álbum completo de estúdio. *Synchro Anarchy* é um disco que se esforça para nunca soar "normal", seja no seu instrumental, seja no seu aspecto lírico, que mantém aquela obsessão da banda pelos temas sci-fi e cósmicos em geral. *Paranormalium*, a faixa de abertura, impressiona pelo uso inteligente de dissonâncias e segue adiante em uma canção que parece mesclar thrash, heavy e bocados de sludge em uma estrutura única. *Planet Eaters*, outro destaque, complementa a parte lírica com ótimas variações instrumentais, guiadas pelas linhas de voz. Em seu início, *Holographic Thinking* parece seguir uma estrutura mais comum, mas é óbvio que isso não acontece, e mais uma vez temos linhas intrincadas de baixo, guitarra e bateria garantindo aquela "estranheza" tão típica e apreciada da música dos canadenses. Em resumo, ao chegar ao seu 15º. disco, eles se mantêm como o principal nome do metal canadense e uma das bandas mais criativas do mundo.

**Valtemir Amler**

## 6:33

**FEARY TALES FOR STRANGE LULLABIES: THE DOME**

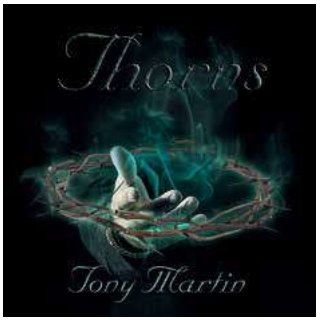
**WORMHOLDEATH - IMP.**

**9,0**

Esteja preparado para a banda mais insana que você vai ouvir na vida. Sim, porque os franceses do 6:33 conseguiram agrupar, de forma coesa, muitas referências musicais em seu novo trabalho, que leva o estranho título de "Contos assustadores para estranhas canções de ninar: a Cúpula". Sendo simplista, pense nas insanidades de Mr. Bungle, Faith No More, Devin Townsend, Nine Inch Nails, A.C.T e Diablo Swing Orchestra. Pronto, coloque nesse caldeirão pitadas de prog metal, disco music, funk, jazz, synthwave, trance, música de videogame, trilha de cinema e até sons de cabaré e de circo. Pode parecer sem sentido, mas fazer com que tudo flua de forma coesa é um dos trunfos do melhor álbum desta banda criada em 2008. O conto sobre o submundo urbano é cantado por Florent Charlet e Benedicte Pellerin, que apresentam ao longo do repertório uma variedade impressionante nas vozes principais, nas harmonias e nos coros. Sem soar pretensioso, o compositor e um dos responsáveis pela gravação, Nicolas Pascal (guitarra, programação de

teclados e vocal), consegue fazer um trabalho absurdamente complexo ser acessível. Entre os músicos, destaques ainda para o tecladista Richard Dubois Matra e para Emmanuel Rousseau, que programou bateria, teclado, gravou e mixou o álbum. Faixas de destaque: *Wacky Worms*, *Holy Golden Boner*, *Party Inc.*, *Hot Damn Chicas*, *Rabbit In The Hat*, *Release The He-Shes*, *Flesh Cemetery* e *Act Like An Animal*.

**Ricardo Batalha**




## TONY MARTIN

**THORNS**

**BATTLEGOD/DARK STAR - IMP.**

**8,5**

Acompanhado por Scott McClellan (guitarra e composição), o velho parceiro Dario Mollo e seu filho mais novo, Joe Harford (guitarras), além de Magnus Rosen (baixo, Hammerfall, Shadowside e outros), Greg Smith (baixo, Tokyo Motor Fist, Alice Cooper, Rainbow, Tyketto e BÖC), Danny Needham (bateria, Venom) e Bruno Sá (teclado, Geoff Tate), Tony Martin apresenta seu novo, e surpreendente, terceiro álbum solo. O sucessor de *Scream* (2005) vem bem pesado e com uma sonoridade poderosa, a cargo do produtor Pete Newdeck, que também mixou o trabalho, masterizado por Harry Hess (Harem Scarem). O estilo pesado das duas primeiras faixas, *As The World Burns* e a mais cadenciada *Black Widow Angel*, lembra o Loudness na fase do álbum homônimo de 1992, mas obviamente com Martin mandando bem o seu vocal característico. Além disso, o baixo estalado, vibrante e versátil também se destaca em *Black Widow Angel*, inclusive em um momento cheio de groove. Mudando o foco, *Book of Shadows* traz uma intenção completamente diferente e um solo de Minimoog do brasileiro Bruno Sá, vem mais épica e dá grande ênfase aos coros. A versatilidade também entra em cena na folk *This Is Your Damnation*; na quase acústica *Crying Wolf*, com Hammond de Bruno Sá; e na pesada *Damned By You*, que traz o teclado de Sá e o som do violino elétrico de Martin guiando a melodia inicial. Mas por falar em peso, ouça *Passion Killer* e *No Shame At All*, que poderia estar em algum álbum do Black Sabbath. A longa e mais cadenciada faixa-título encerra o repertório e conta com a participação especial de Pamela Moore. Sabe quando você se assustou ouvindo *Resurrection* do Halford ou *For the Love of Metal* de Dee Snider? Pois então...

**Ricardo Batalha**

## DAGOR SORHDEAM

**PHOENIC WRATH**

**INDEPENDENTE – NAC.**

**9,0**

Não se deixe levar pela primeira impressão: o nome da banda parece indicar algo na linha do pagan black metal, a capa deste *Phoenic Wrath* poderia emoldurar um disco de technical death, mas o Dagor Sorhdeam aposta todas as suas fichas no power metal, e o faz com muita destreza. Depois de lançarem o debut *Fog Of War* em 2019, eles chegam agora ao segundo álbum completo e mais uma vez entregam um ótimo registro. Para começar, a premissa lírica colocada no site oficial já havia me cativado: "A humanidade desafia seus ancestrais anunnaki pela principal rota comercial da orla estelar. Uma releitura das Guerras Púnicas em que apenas uma civilização prevalecerá." Alie a isso um trabalho de guitarras primoroso (cortesia de Bruno Sena) e ótimas ideias dinâmicas (ouça na sequência a rápida *Traidores da Pátria* e a emotiva *Delenda Homines*) e o jogo está praticamente ganho. O Brasil já revelou alguns dos nomes mais interessantes do power metal mundial e com este segundo álbum o Dagor Sorhdeam dá um grande passo para ter seu nome incluído na lista.

**Valtemir Amler**

## PARADISE IN FLAMES

**ACT ONE**

**BLOOD BLAST/DEMONCRATIC - NAC.**

**9,5**

Após o alto nível apresentado em *Devil's Collection* (2020), cresceu a expectativa em cima do sucessor do terceiro álbum do Paradise in Flames. Não à toa, o disco ganhou o emblemático título *Act One*, por ser o primeiro trabalho da nova formação do grupo e por aludir à esfera do teatro, algo ratificado na incrível capa assinada por Alcides Burn e, obviamente, evidenciado naquilo que mais importa, a música. André Damien (vocal e guitarra), O.Mortis (vocal), R.Aender (baixo), SJ.Bernardo (bateria) e Guilherme de Alvarenga (vocal e teclado; D.A.M) criaram uma obra insana, sagaz e rica em detalhes, por meio de uma narrativa sonora dividida em 11 atos e notabilizada por não se prender a temas ou rótulos, por mais que o black metal sinfônico esteja em seu cerne e que o horror, inserido em camadas sonoras e líricas. E videoclipes como os das ótimas *The Sinner* e *Delirium* (que, juntas, contam uma história), com a participação de Vladimir Korg (The Mist) como ator, reiteram essa atmosfera. Mas todo o conteúdo que vai de *Old Ritual to an Ancient Curse* a *Last Breath* merece ser igualmente apreciado. O melhor da banda, até agora.

**Thiago Prata**

## ANDERUVIUS

**PAINTER OF THE UNIVERSE**

**INDEPENDENTE – NAC.**

**8,0**

Antes de qualquer coisa, dê uma boa sacada na arte da capa deste disco. Agora, atente para o título. Certo, se você cresceu lendo/assistindo ficção-científica, quais são as chances de esta banda não ter ao menos chamado a sua atenção? Colocando o disco para rolar, é muito provável que o quarteto cative a sua atenção de vez, especialmente se você é fã de metal progressivo, base musical dessa banda paulista. Adrian Blakk (voz), Daniel Chan (bateria), Fábio Vilela (baixo) e Victor Moraes (guitarra) conseguem um resultado bastante acima da média neste álbum de estreia e mostram uma coleção de boas ideias rítmicas em *Dream Crushers* e *Where I Am*, duas das minhas favoritas, mas nem de longe os únicos destaques do álbum. A forma como a vinheta *Chariots of Destiny* se conecta com *The Core of Creation*, a bonita pegada semi-acústica de *All in Vain*, a emoção de *Stains in the Shadows* e a vibração de *1000 Lights in the Sky* também merecem seu lugar ao sol. Que venha logo o sucessor.

**Valtemir Amler**

Encontre nosso Canal no Telegram

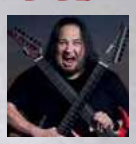
## CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

Fotos: Divulgação

**NATHAN JAMES**

**(INGLORIOUS)**

**Glenn Hughes** - *Play Me Out*
**David Coverdale** - *Northwinds*
**Whitesnake** - *Whitesnake '87*
**Deep Purple** - *Burn*
**Alanis Morrissette** - *Jagged Litlle Pill*



**DINO CAZARES**

**(FEAR FACTORY)**

**Slayer** - *Reign In Blood*
**Napalm Death** - *Harmony Corruption*
**Carcass** - *Heartwork*
**Faith No More** - *The Real Thing*
**Sepultura** - *Arise*

**PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW**

# DEEP PURPLE

**TURNING TO CRIME**

**earMUSIC/SHINIGAMI/SOUND CITY – NAC.**

**9,5**

Quando a fase é boa, até mesmo disco de covers soa irresistível. No caso do Deep Purple, que vem numa escalada de grandes álbuns sob o comando do produtor Bob Ezrin – a "trilogia do tempo", como são chamados *NOW What?!* (2013), *inFinite* (2017) e *Whoosh!* (2020) –, *Turning to Crime* é previsivelmente delicioso, vide os talentos de Ian Gillan, Steve Morse, Roger Glover, Don Airey e Ian Paice para improvisar. Pegue o medley *Caught in the Act* – com *Going Down* (Moloch), *Green Onions* (Booker T & the MGs), *Hot 'Lanta* (Allman Brothers Band), *Dazed and Confused* (Led Zeppelin) e *Gimme Some Lovin'* (Spencer Davis Group) – e sinta como se não seria o que a banda faria ao vivo de maneira espontânea. É um dos 12 grandes momentos do trabalho, que havia mostrado a que veio com a excelente interpretação para *Rockin' Pneumonia and the Boogie Woogie Flu* (Huey "Piano" Smith). Mais do que isso, o trabalho abre as portas para Airey, especialmente, e Morse brilharem intensamente. O guitarrista chega a dividir os vocais com Gillan na contagiante *The Battle of New Orleans* (Johnny Horton), e o tecladista dá aula em versões grandiosas como as de *Let the Good Times Roll* (Louis Jordan & The Tympany Five) e *Jenny Take a Ride!* (Mitch Ryder & The Detroit Wheels), acrescentando um acento jazz ao piano (principalmente na primeira) de encher os olhos. Que discaço!

**Daniel Dutra**

# ABBATH

**DREAD RIVER**

**SEASON OF MIST – IMP.**

**6,0**

Depois de todos os eventos desastrosos que cercaram a última passagem do vocalista e guitarrista norueguês por solos sul-americanos, muitos olhares se fixaram no sucessor de *Outstrider*, de 2019, e muitos desses olhares não serão simpáticos, certamente. Porém, fixando-se apenas na música (que é o que importa aqui), o que ouvimos em *Dread River* não é tão diferente daquilo que foi mostrado nos seus dois antecessores, ou seja, é aquele black metal de fácil digestão, repleto de referências rock'n'roll e infrutíferas referências ao velho som do Immortal. Enquanto canções como *Trapped Under Ice* parecem caminhar na direção do Motörhead (e de tantas bandas que misturam a banda de Lemmy com black metal), Abbath mostra algo da sua velha forma em músicas como *The Deep Unbound* e *Acid Haze*, atingindo seu melhor momento em *Dream Cull*, com um belo início. Porém, algo parece faltar durante todo o disco e *Dread River* nunca decola, nunca alcança a expectativa, deixa faltar muito no aspecto de composição. Quer dizer, *Dread River* soa preguiçoso e conformado. Decepcionante.

**Valtemir Amler**

# BAD WOLVES

**DEAR MONSTERS**

**BETTER NOISE MUSIC - IMP.**

**9,0**

O terceiro álbum da banda americana Bad Wolves traz uma mudança significativa com a entrada do ex-vocalista e guitarrista do Acacia Strain, Daniel "DL" Laskiewicz, no posto de Tommy Vext, que saiu de forma conturbada em janeiro último. A troca de farpas manchou o nome? Sim. Porém, a análise aqui recai para o sucessor de *N.A.T.I.O.N.* (2019) e o resultado impressiona. Trabalhando em uma mescla de djent, groove metal, post-hardcore, hard rock e pop, Doc Coyle e Chris Cain (guitarras), Kyle Konkiel (baixo) e John Boecklin (bateria) mantêm sua essência. A performance de Laskiewicz é condizente com o estilo adotado, focando em melodia nas passagens limpas na linha Howard Jones (Light The Torch, Killswitch Engage, Blood Has Been Shed) e partes bem agressivas e com vocais gritados, como comprova a faixa de abertura, *Sacred Kiss*, e *On The Case*. O lado pop entra com *Wildfire*, *Springfield Summer* e *In The Middle*, mas entre os destaques estão o primeiro single e clipe, *Lifeline*, além de *Never Be The Same*, *Gone*, *If Tomorrow Never Comes* (também lançada em clipe), *House of Cards* e *Classical*. Se esta for a sua praia, ouça um dos melhores discos de 2021.

**Ricardo Batalha**

# INSANEWOLF

**INSANE**

**INDEPENDENTE – NAC.**

**8,0**

Nem eu mesmo acredito que estou dizendo isso, mas ao colocar este *Insane* para tocar, gostei da introdução – e nossos leitores sabem o quanto elas costumam me desagradar. A verdade é que em *As a Nomad Warrior* Melquíades (voz/guitarra), Fabio Silva (bateria), Jonathan Barros (baixo) e Natã Dias (guitarra) não investiram em barulhos estranhos e microfonias bizarras. Ao contrário, a intro chama a atenção com boas linhas de guitarra, mas não dá nenhuma pista sobre os rumos musicais deste *Insane*. Tanto que, ao começar a segunda música, *Wait for the Signal*, fiquei bastante impressionado, já que não era algo tão heavy anos 80 que eu esperava. Em contrapartida, *Take My Hand* tem algo do hard clássico, cabendo melhor sob o termo hard'n'heavy. *Wolf from Darkness* começa com bumbos duplos, riff pesado e baixo estalando "na cara", mas ganha andamento cadenciado e linhas vocais variadas, adicionando bastante à dinâmica do álbum como um todo. Para encerrar os destaques (e o disco) vem a faixa-título, outra que mostra uma pegada mais power metal clássico.

**Valtemir Amler**

# NERVOCHAOS

**DUG UP... DIABOLICAL REINCARNATIONS**

**XANINHO/TUMBA/ROCK BRIGADE/VOICE – NAC.**

**8,0**

Durante seus 25 anos de jornada, o lendário Nervochaos trilhou basicamente todos os caminhos possíveis dentro do metal extremo, incluindo ainda boas doses de hardcore punk em sua musicalidade. Então, nada melhor do que relembrar todas as "eras" dessa jornada com uma coletânea, certo? Pois bem, a ideia foi justamente essa, mas Edu Lane (bateria) e seus parceiros não se conformaram em apenas selecionar um bocado de canções e fabricar o CD, eles partiram para o estúdio e refizeram as canções, adicionando ainda mais fúria, peso e gana a temas que já eram viciantes em sua versão original. A difícil tarefa de apontar destaques em um álbum inteiramente formado por composições que já são destaque na discografia dos paulistas fica um pouco mais simples ao ouvir *I Hate Your God*, *Mighty Justice* e *NervoChaos* (originalmente presentes no debut *Pay Back Time*, de 1998), que se beneficiaram muito da sonoridade atualizada. Um belíssimo aperitivo para apreciar enquanto aguardamos o novo álbum!

**Valtemir Amler**

# LEPROUS

**APHELION**

**INSIDEOUT MUSIC - IMP.**

**9,0**

Se você busca um som inovador, não deixe de conferir *Aphelion*, o sétimo álbum de estúdio do Leprous. Sucessor de *Pitfalls* (2019), o trabalho confirma a parceria de

longa data entre Einar Solberg (vocal) e Tor Oddmund Suhrke (guitarra), responsáveis pela evolução do som da banda, que passou do metal progressivo com vocais rasgados para um estilo inclinado ao alternativo. Neste álbum, Einar é o destaque mais evidente ao relatar sua luta contra a depressão em letras profundas, as quais são encorpadas com uma bela performance vocal. Seu estilo abrange agudos (*Have You Ever?*), gritos em refrãos explosivos (*All the Moments*; *The Silent Revelation*), além de momentos intimistas e suaves (*Castaway Angels*; *Out of Here*). *Running Low* apresenta um teclado sinistro e um clima tenso graças ao violino e violoncelo, enquanto *Silhouette* explora ritmos de música eletrônica em meio à complexa bateria de Baard Kolstad. A melhor faixa fica por conta da épica *Nighttime Disguise*, um prog metal de primeira, que, ao final, abre espaço para Einar relembrar os vocais rasgados do início da carreira. *Aphelion* prende sua atenção do início ao fim e torna a discografia do Leprous ainda mais peculiar.

**Paulo César Teixeira Júnior**

## HOLLOWMIND

**INSIDE AN EXTENDED PLAY**
**WIKIMETAL MUSIC - NAC.**

**8,5**

Eis mais uma trabalho que é cria direta do momento que vivemos – o "inside" do título, além de um jogo de palavras com o formato deste que é o terceiro disco da veterana banda paulistana, tem a ver com o confinamento a que fomos (e estamos sendo) submetidos. Tudo bem, inspirar-se na pandemia pode não ser exatamente uma novidade, mas o que importa é que o Hollowmind fez isso com rara competência. Adeptos do prog metal, Rob Gutierrez (vocal e baixo), Ale Silveira (guitarra) e Felipe Gomes (bateria) conseguiram se livrar de uma das maiores armadilhas do gênero, que são os temas repetitivos, e criaram quatro temas diretos e envolventes, sem com isso se afastar do estilo que abraçaram. Além disso, mesmo músicas mais longas, como *The Social Meteor*, que abre o repertório, são desenvolvidas de forma que suas várias partes façam com que o ouvinte nem perceba que quase oito minutos se passaram. Mas são *State of Unfairs*, com seu riff bem sacado, e *Hibernia*, que tem um lick quase hipnótico, os maiores destaques do disco, que, vale lembrar, contou com a produção corretíssima de Val Santos. Esperemos que um álbum completo venha muito em breve.

**Antonio Carlos Monteiro**

## MYTHOLOGYCA

**CORNER OF HELL'S ROAD**
**MS METAL – NAC.**

**9,0**

Ativa desde 2017 e tendo lançado o seu álbum de estreia, *Lady of the Crows*, em 2018, a Mythologyca já não é uma novidade entre os fãs de tradicional/power metal no Brasil, também por contar com músicos renomados em seu line-up. Se Marco Bührer (vocal), Vika Viante (guitarra), Giovanni Vicentin (teclado), Felipe Franco (baixo) e Falcão Neto (bateria) possuem um currículo impressionante, me parece justo dizer que este *Corner of Hell's Road* deve ser visto como o destaque de suas jornadas até então. Sendo justo, existe muito para ser apreciado aqui: o clima "metal anos 90" de *Mythologyca*, a pegada quase thrash e a passagem climática em *Evil Polish Woman*, a melodia vocal hard/AOR em *Intergalactic Love*, os teclados profundos e cativantes em *Dracula*, a pegada regionalista e o groove em *Cacique Guairacá*, a pegada "anos 70 Deep Purple" em *The Witch of Seven Seas* e a mistura dessa mesma sonoridade com algo gótico e sombrio em *Candles*, é correto dizer que este *Corner of Hell's Road* é um álbum que me impressionou muito e uma das resenhas que mais curti fazer em um bom tempo. E você vai curtir também, então não deixe de conferir.

**Valtemir Amler**

## CELTIC FROST
### TO MEGA THERION

Diz a lenda que Hans Rudolf Giger, mais conhecido como HR Giger, propôs a Tom Gabriel Fischer e Martin Eric Ain, ainda na época do Hellhammer, o uso gratuito da pintura "Satan I" para a capa de um álbum. A condição era que eles não fizessem outro uso comercial dela, principalmente para merchandise. Algum tempo passou e, em 1984, quando a dupla fundou o Celtic Frost, finalmente usou a arte para a capa do lendário álbum de estreia, *To Mega Therion* (1985), que significa algo como "A Grande Besta" em grego. Com sua paleta monocromática, trata-se de uma das capas mais blasfemas e obscuras da história do metal. Ela traz a figura de um diabo envolto por espécies de tentáculos com cabeças de demônios e serpentes, fazendo de um frágil Jesus Cristo, de braços abertos, um estilingue. Criticada e temida na época, obviamente é marcante e icônica até hoje.

Uma curiosidade é que Tom "Warrior" Fischer, por sua amizade e proximidade com o Giger, posteriormente acabou se tornando seu assistente pessoal até o momento de seu falecimento, em 2014, e é até hoje codiretor do museu HR Giger na comuna de Gruyères (SUI).

Giger era artista plástico, com trabalhos no âmbito da escultura, pintura, design de comunicação, interiores e cinema. Com foco na vertente do surrealismo e arte fantástica em geral, se destacava por sua exímia técnica com o aerógrafo, criando cenários de horror e erotismo de forma inovadora e ousada. Ele foi autor de um dos mais conhecidos cenários e monstros da história do cinema, Alien, cujo primeiro filme da saga lhe rendeu um Oscar de melhores efeitos visuais. É um dos artistas mais inspiradores e copiados da arte contemporânea, influenciando tatuadores, músicos e fetichistas. Até mesmo a famosa marca de guitarras Ibanez lançou uma série signature com suas artes.

Giger ainda trabalhou para nomes como ELP, Carcass, Danzig, Dead Kennedys e foi contratado por Jonathan Davis, do Korn, para projetar e esculpir um pedestal de microfone biomecânico. Também esteve por trás de produções de clipes e até cenários de videogames. Um artista completo e um dos meus favoritos. Tive a oportunidade de visitar o seu museu e bar temático na Suíça e consegui que ele assinasse um de seus DVDs, algo que guardo na minha coleção com carinho. Giger eterno!

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

## SWALLOW THE SUN

**MOONFLOWERS**
**CENTURY MEDIA - IMP.**

**8,5**

A música é lenta, mas o ritmo de trabalho tem sido bastante intenso para o lado dos finlandeses do Swallow The Sun. Veja, no final de 2018 saiu o EP *Lumina Aurea*, no início de 2019 o álbum *When A Shadow Is Forced Into The Light*, e em meados deste ano veio o ao vivo *20 Years of Gloom, Beauty and Despair: Live in Helsinki*, que abriu caminho para o novo full-length, *Moonflowers*. A qualidade, relevância e musicalidade são as mesmas de sempre: death/doom melódico, repleto de belas partes limpas e emotivas, mas furiosamente calcado no peso do death metal. Claro que todas as músicas variam entre a leveza e o peso, mas algumas 'pesam a mão' mais para um dos lados, e é assim que você encontrará suas favoritas: se prefere as mais melódicas, ouça *Woven Into Sorrow, All Hallow's Grieve* (com participação de Cammie Gilbert, do Oceans Of Slumber) e *The Void*. Se prefere as mais pesadas, escolha *Moonflowers Bloom In Misery* e *This House Has No Name*, que arranha no black metal. Seja qual for sua escolha, este é um álbum imperdível.

**Valtemir Amler**

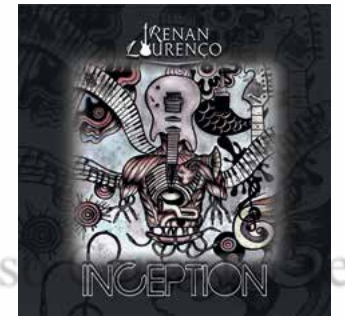
## ENUFF Z'NUFF

**HARDROCK NITE**
**FRONTIERS MUSIC - IMP.**

**9,5**

Em um ano em que artistas como Axel Rudi Pell, Deep Purple, Saxon, Inglorious e Die Krupps – só para citar alguns – lançaram álbuns de covers, o Enuff Z'Nuff foi um dos quais esse tipo de material mais fez sentido. Depois do sucesso na estreia com *Enuff Z'Nuff* (1989), a partir de *Strenght* (1991) o EzN assumiu sem parcimônia sua grande influência: os Beatles. E para seus fãs sempre pareceu óbvio o EzN gravar um álbum de covers dos 'Fab Four'. Demorou, mas o tributo foi pago em 2021. E à altura! Em *Hardrock Nite*, Chip Z'Nuff (vocal e baixo) e seus parceiros Daniel B. Hill (bateria), Tony Stoffregen e Tony Fennell (guitarras) saúdam os Beatles com ótimas versões para clássicos da banda e das carreiras solo de Lennon e McCartney. E que energia o EzN inseriu à *Magical Mystery Tour*, *Cold Turkey*, *Eleanor Rigby*, *Back in the U.S.S.R.* e *Jet*, além de fazer bonito também em *Live and Let Die*, *Dear Prudence*, *Helter Skelter*, *Revolution* e *With a Little Help From My Friends*. Pode até ser que você ainda não conheça o Enuff Z'Nuff, mas se é 'beatlemaníaco', *Hardrock Nite* é necessário em sua coleção.

**Leandro Nogueira Coppi**




## RENAN LOURENÇO

**INCEPTION**
**ALTERNATIVE MUSIC - NAC.**

**8,5**

Ao longo de sua carreira, o paranaense Renan Lourenço se mostrou um guitarrista versátil e com sensibilidade e feeling para transitar por vários subgêneros do rock, como fica notório em seu trabalho com a banda de prog rock Bad Fripp. Lançar um álbum solo instrumental parecia um caminho natural, e *Inception* esbanja esse multiverso musical de Lourenço em nove faixas. Se em *Mother Nature* fica evidente o lado virtuose do guitarrista, numa junção muito competente com o tecladista Derek Sherinian (Sons of Apollo, ex-Dream Theater), *Dirty Channel* parece uma ponte que liga o blues ao hard/heavy, enquanto Faca Sem *Ponta Não Fere Ninguém* e *Real Life Dream* demonstram a habilidade de Renan com o violão, trafegando por sonoridades brasileiras (embora em *Real Life Dream* também tenha guitarras elétricas e outros ritmos). Já a faixa-título conta com uma rifferama muito bem-vinda, e *Pandemia* reúne um interessante duelo com Edu Ardanuy (ex-Dr. Sin). Outro destaque fica por conta de *La Inspiracion*, com participação do guitarrista Wander Lourenço e belos arranjos de violino. Ótima estreia!

**Thiago Prata**

## NOCTURNAL

**SERPENT DEATH**
**DYING VICTIMS - IMP.**

**8,5**

São mais de duas décadas dedicadas ao black/thrash, celebradas em álbuns louvados no underground e completamente ignorados pelo mainstream. Quer dizer, tinha como ser melhor? Só com novo álbum saindo do forno, e é exatamente o que temos aqui com *Serpent Death*. Sete anos depois de *Storming Evil*, o novo registro mantém os alemães sem grandes transformações sonoras, apostando na poderosa e viciante mistura entre riffs certeiros e andamentos rápidos, tudo regado por vocais rasgados e furiosos, cortesia de Pino "Invoker" Hecker (Witchburner, Terrorazor), em seu primeiro álbum completo com o Nocturnal. Mantendo a tradição germânica intacta, você não pode deixar de ouvir *Beneath A Steel Sky*, *Faceless Mercenaries* (essa com uma pegada que remete aos primeiros registros do Destruction, especialmente nos riffs e nos agudos dos vocais), *Circle of Thirteen* (mais cadenciada, mas ainda na cola do Destruction) e *Suppresive Fire*. Tomara que o próximo não demore outros sete anos.

**Valtemir Amler**

## IN ABSENTHIA

**THOU SHALT NOT FORGIVE FATE**
**ECLIPSYS LUNARYS - NAC.**

**7,5**

Fundado em 2013 em Rio Grande (RS), o In Absenthia já tinha lançado os EPs *Amongst the Lovers* (2013) e *A Subtle Teardrop Part 1: Lonely Sinking* (2014), quando, na segunda metade da década passada, criou as músicas que encontramos neste *Thou Shalt Not Forgive Fate*. Mas somente em 2020 que o debut ganhou disco físico. E para quem curte um dark/doom metal – que é como o próprio grupo se rotula –, pode conferir este trabalho. Com competência, Bruno Braga (guitarra e vocal), Nany Yates (vocal), Erlon Guterres (bateria e vocal), William Farias (baixo) e Gélisson Amaral (teclado) guiam o ouvinte por uma trilha doom, densa e melódica. Apesar de as oito faixas terem pontos em comum, como vocais guturais, femininos, ora 'limpos', ora sopranos, e masculinos limpos (mais utilizados para narrar em vez de cantar), peso e melodias dos teclados, há várias nuances em cada uma delas, vide o violão na curta *Gentle Streams*, a veia dramática de *Brienne*, os riffs death/thrash de *Lowness* e os duetos de guitarra e teclado da longa *To Covet the Requiem* (mais de dez minutos de duração). A produção é razoável, mas o álbum é interessante.

**Thiago Prata**

## STAIRWAY TO BRAZIL

**THE BRAZILIAN**
**LED ZEPPELIN TRIBUTE**
**SECRET SERVICES - NAC.**

**8,5**

Uma das piadas mais infames do rock mundial é aquela em que o desavisado diz que "gosto muito de Lady Zeppelin, aquela mina canta pra caramba!" Pois a ideia foi levada a sério pela Secret Services Records e aqui temos uma interessantíssima coletânea com quinze faixas de uma das maiores bandas do rock mundial interpretadas apenas por bandas que possuem vocais femininos. Como todo disco com esse formato, claro que há altos e baixos, mas a média, neste caso, é bastante elevada. De uma forma mais simplista, poderíamos dividir o trabalho em dois: a primeira parte seria com aquelas bandas que mantiveram estrutura e arranjos originais e a outra contaria com as que recriaram os temas. No primeiro grupo, vale citar o ótimo No

One Spoke, que, apesar de um interlúdio folk, foi fiel à original em *Kashmir*, o Vandroya, que escolheu a improvável *The Rover* e se deu muito bem, o Sleepwalker Sun, competente na sempre complicada *Stairway to Heaven*, e o Fenrir's Scar, que abriu mão do symphonic/gothic pra mandar um rockão rasgado em *Black Dog*. Já o Weedevil, que meteu o pé no freio e conseguiu um ótimo resultado ao transformar *Heartbreaker* num doom, e o Corja!, que meteu o "dane-se" e fez de *Good Times, Bad Times* um metal extremo, são os detaques da turma que optou por reescrever as músicas. De todo modo, vale muito citar as demais participantes do projeto: Revengin, Voccatus, Sacrified, Cross Road, Living Shields, Melyra, Bella Utopia, Innocence Lost e White Death, todas dignas dos maiores elogios.

**Antonio Carlos Monteiro**

## AURI

**II – THOSE WE DON'T SPEAK OF NUCLEAR BLAST - IMP.**

**8,5**

Este é o segundo álbum da banda formada por Tuomas Holopainen, Troy Donockley (ambos do Nightwish) e Johanna Kurkela. Se a ideia inicial do projeto era dar liberdade ao poder criativo dos integrantes, o novo trabalho mostra que o objetivo foi alcançado. Com um toque folk/celta e canções que caberiam em filmes ou mesmo em contos de fadas, *Auri II* traz uma sonoridade mística. A faixa de abertura, *Those We Don't Speak Of*, começa com notas dissonantes de piano e traz uma atmosfera pesada, reforçada ao final com os sussurros de Johanna. O clima sombrio de thriller continua em *The Duty of Dust*, mas, ao longo da canção, a melodia muda completamente e nos leva a um ambiente folk dançante. Neste momento, os fãs do Nightwish perceberão alguma semelhança com *Harvest*, especialmente porque Kai Hahto, baterista da banda finlandesa, se encarregou da percussão em ambas as faixas. Os singles *The Valley* e *Pearl Diving* são as canções mais melodiosas do álbum, sendo a última a mais alegre, destoando das demais com seus solos de guitarra. A música é uma metáfora e ao ouvi-la somos convidados a descobrir qual pérola estamos buscando em nossa navegação pelos mares da vida. Fechando o álbum, Troy Donockley se valeu de inusitados vocais profundos e graves em *Fireside Bard*, como se fosse um trovador medieval cantando sua despedida. Que seja um breve adeus, pois o grupo está cada vez melhor.

**Paulo César Teixeira Júnior**

## JACK RUSSELL'S GREAT WHITE

**GREAT ZEPPELIN II: A TRIBUTETO LED ZEPPELIN DEADLINE MUSIC - IMP.**

**9,5**

Mais de 20 anos após lançar com o outro Great White o álbum ao vivo em tributo ao Led Zeppelin, agora com o seu próprio o americano Jack Russell celebra o gigante inglês com esse de estúdio. E imaginemos que a missão de pagar tributo ao Zep coubesse a um único artista, Russell seria mesmo o cara ideal para a missão: sem descaracterizar os clássicos gravados pelo grupo britânico e com a voz espantosamente similar a de Robert Plant, Russell parece até emular o modo com que seu ídolo respirou nas músicas originais. É de emocionar o amor com que ele e seus parceiros, Robby Lachner e Michael Olivieri (guitarras), Dan McNay (baixo) e Dicki Fliszar – que detona no solo de bateria de *Moby Dick* –, dedicaram às músicas. Eles fizeram bonito em hinos como *Whole Lotta Love*, *Good Times, Bad Times*, *Misty Moutain Hop*, *Kashmir*, *Dancin' Days*, *Stairway to Heaven*, *Livin' Lovin' Made* e vários outros, e acertaram ao valorizarem as menos lembradas *Trampled Underfoot* e *The Rover*. Se você é muito fã de Led Zeppelin, esse tributo é indispensável na sua coleção.

**Leandro Nogueira Coppi**

# ROCK AVERAGE

## QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

## POISON

## OPEN UP AND SAY... AHH!

Se em 1986 a estreia com *Look What the Cat Dragged In* deu cores ao rock'n'roll, à base de um som simples e um visual 'androgenamente' provocativo, elementos que influenciaram novas bandas de hard e o surgimento do sleaze glam, com o evoluído *Open Up and Say... Ahh!* (1988), o Poison estava pronto para o estrelato.

Com um orçamento maior, a produção soou muito melhor – a princípio seria realizada por Paul Stanley (Kiss), porém "conflitos de agenda" culminaram na substituição por Tom Werman (Twisted Sister, Mötley Crüe e outros). Bret Michaels, C.C. DeVille, Bobby Dall e Rikki Rockett ficaram confiantes. "Tivemos pessoas da gravadora, da gestão e outros artistas que vieram ao estúdio, eles agitavam e diziam: 'Uau, isso é ótimo! Vocês se darão muito bem com esse álbum'", disse Rockett ao Ultimate Classic Rock. "Senti como se fosse a segunda parte de *Look What the Cat Dragged In*, mas com tudo que não conseguimos fazer (nele) e muito mais. Tínhamos muito mais a dizer".

*Nothin' But A Good Time*, *Every Rose Has it's Thorn* e *Fallen Angel* impulsionaram o álbum a obter cinco discos de Platina. E olha que tais singles e músicas como *Love on the Rocks*, *Good Love* e *Look But You Can't Touch* davam indícios de que a festa estava só começando.

**Alessandro Bonassoli** (colaborador): **7,0**
**Antonio Carlos Monteiro** (redator): **8,5**
**Claudio Vicentin** (editor): **7,0**
**Daniel Dutra** (colaborador): **3,0**
**Écio Souza Diniz** (colaborador): **8,0**
**Guilherme Spiazzi** (colaborador): **7,5**
**Heverton Souza** (colaborador): **8,0**
**Ivanei Salgado** (colaborador): **8,0**
**João Messias Jr.** (colaborador): **8,0**
**Leandro de Oliveira** (diretor de arte): **9,0**
**Leandro Nogueira Coppi** (colaborador): **10**
**Leonardo M. Brauna** (colaborador): **5,0**
**Luiz Cesar Pimentel** (colunista): **8,0**
**Maicon Leite** (colaborador): **7,0**
**Matheus Vieira** (colaborador): **8,5**
**Ricardo Batalha** (redator-chefe): **9,5**
**Sergiomar Menezes** (colaborador): **9,0**
**Thiago Prata** (colaborador): **7,0**
**Valtemir Amler** (colaborador): **6,0**

MÉDIA FINAL:

**7,5**

# EPICA

**OMEGA ALIVE**
**LIBERATION – NAC.**

**10**

Tem sido uma constante nestes tempos de pandemia: as bandas vão ao estúdio, registram um ótimo álbum, mas não podem ir para a estrada divulgá-lo. Para não deixar o trabalho sem a devida promoção e para não deixar os fãs sem a chance de conferir o planejado espetáculo, vários grupos têm apostado em estratégias diferentes da usual, como as apresentações via streaming e o lançamento de discos/vídeos ao vivo puxando a fila. Falando justamente disso, você lembrará que o Epica lançou o ótimo *Omega* no início do ano passado e eis que aqui temos esse *Omega Alive*, um belíssimo pacote que vem para manter esse espetáculo registrado para sempre na discografia dos holandeses. Divulgado no ano passado como um dos maiores eventos da música pesada em 'livestream', o projeto cumpre o prometido com um set longo e bem planejado, em que a apresentação é dividida em capítulos, cada uma com visual e adereços específicos para marcar o momento. Além da ótima música e do visual belíssimo, o Epica ganha muito com a performance impecável de seus músicos: trabalhando com esse mesmo time desde 2012 – o baixista Rob van der Loo foi o último a entrar para a banda –, o Epica já é uma máquina muito funcional e precisa, seja no estúdio (no qual já registraram juntos três álbuns completos e uma série de EPs), seja nos palcos, onde são responsáveis por um dos mais belos espetáculos que um fã de heavy metal pode conferir. Assista aos vídeos de *The Skeleton Key*, *Unchain Utopia* e *Kingdom of Heaven Pt.3* e tenho certeza de que bastará para convencê-lo a apreciar essa obra em sua totalidade!

**Valtemir Amler**

Entre em nosso Canal no Tel

# MACUMBAZILLA

**... AT A CROSSROADS**
**INDEPENDENTE – NAC.**

**9,0**

Formado por veteranos do cenário rock curitibano, o Macumbazilla conhece o caminho das pedras do mundo da música autoral e já faz um bom tempo que aguardamos por esse primeiro álbum completo. Aqui mesmo na ROADIE CREW você leu uma entrevista com o trio em 2019, e naquela conversa eles já deixavam claro que um full length estava a caminho. Mais que isso, eles até adiantaram que *Ladies From Mars* – primeira música composta pela banda – debutaria nesse álbum, o que demorou, mas felizmente veio a se confirmar. Sem chance para decepções, *... At a Crossroads* segue a proposta original dos paranaenses: um som direto e reto, pesado e repleto de ótimas referências. A viagem já começa intensa com o riff megalítico de *Colossus*, que ganha um companheiro à altura na já bem conhecida *Hellhounds*, outro destaque da obra. *Zombie* é outra que agrada de imediato, soando quase como se o Crowbar estivesse tocando a versão de uma música do Fu Manchu. Muito legal! Não deixe de conferir também *Seize the Day*, *Dark Hordes* e *Slow*, outra com alma stoner.

**Valtemir Amler**

# JUGGERNAUT

**LA BESTIA**
**SANGUE FRIO - NAC.**

**8,0**

Uma década após seu segundo e então último álbum, *Ground Zero Conflict* (2011), o Juggernaut retorna com novidades que vão além do mais novo rebento. Em *La Bestia*, o grupo catarinense, nascido em Blumenau em 2005, encerra um ciclo de 11 anos ao lado de Valdecir Valda, responsável pelo baixo nos dois discos citados. Depois das gravações do trabalho, Valda deixou a banda, que repôs logo a vaga trazendo de volta Fabrício Duwe, integrante do Juggernaut entre 2006 e 2008. Falando do conteúdo sonoro e lírico de *La Bestia*, Valda, Célio Trombelli Jr. (guitarra), Cícero Konig Finger (vocal) e Alefer Reinert (bateria) mostram que não perderam a mão, mesmo com o hiato de dez anos, e destilam um repertório de thrash impetuoso, com espaço para inserções de muita técnica, e aquela influência da escola alemã direcionada para músicas consistentes e inteligentes, casos de *Puppets of Society*, *Man of a Thousand Faces*, a faixa-título (cantada em espanhol e português e que fala sobre o sofrimento de imigrantes nos EUA) e um interessante cover de *We Built this City*, sucesso do Starship.

**Thiago Prata**

# IN NOMINE BELIALIS

**BANISHMENT**
**COGUMELO – NAC.**

**8,5**

Mais de duas décadas dedicadas à elaboração do som mais vil, cru e ríspido que pode ser concebido. Dois álbuns completos que são verdadeiras obras-primas do gênero, *Nefasto Caminho da Profanação* (2006) e *La Misse Noir* (2017), além de duas demos que cheiram a enxofre. Já estava na hora de essa seminal banda mineira aparecer com um novo registro, e que bom que se trata do terceiro full length! *Banishment* segue exatamente a "missa negra" apregoada pelo trio ao longo dos anos. sem concessões. Perceba isso com clareza no emaranhado de riffs da faixa-título, que parece movida pela bateria bombástica, marcada pelo ataque intenso e não pela técnica rebuscada. *The Sounds of Hell* e *Originated in Magma* são outras que cativam a atenção com sua pegada noventista mais contida, mas é a tempestade apocalíptica de *A Journey Beyond* que tenho ouvido sem parar – que trabalho fenomenal na guitarra! O fechamento com *In Maximis Tenebris Mysteriorum* também é imperdível, então, se é fã de black metal, não deixe passar.

**Valtemir Amler**

# MESSIAH

**FRACMONT**
**HIGH ROLLER - IMP.**

**8,5**

Surgido ainda na primeira metade dos anos 80, o suíço Messiah lançou um punhado de registros clássicos entre o fim dos anos 80 e início dos 90, e foi justamente em 1994 que lançou seu último registro completo de estúdio, *Underground*. Bem, até agora, pois *Fracmont* chega para pôr fim nesse silêncio de décadas. Porém, melhor do que apenas retomar a jornada, esse novo álbum definitivamente agrega ótimas novas músicas na história dessa eterna lenda 'cult'. A abertura acústica, *Sacrosanctus Primitivus*, é feita na medida para contrastar com os ótimos riffs da faixa-título, que vem em seguida. Os vocais seguem a tradicional linha do thrash/death, assim como a música, sempre guiada por ótimos riffs, que equilibram de maneira perfeita a brutalidade e a melodia. Perceba bem isso na 'midtempo' *Urbi et Orbi* e na thrash *Dein Wille Geschehe*. Se é fã de bandas como Devastation, Demolition Hammer, Protector e outras do gênero, dê uma chance a esse álbum, pois ele pode lhe surpreender.

**Valtemir Amler**

# ANCIENT MACHINE

**ANCIENT MACHINE**
**INDEPENDENTE – NAC.**

**8,0**

Certas bandas são muito claras em sua proposta: elas nascem com uma sonoridade em vista e são firmes e fieis a essa visão em cada uma de suas canções. No caso da Ancient Machine, a proposta é a fusão do hard rock com o AOR, o

que garante, de um lado, ótimas linhas de guitarra e, do outro, belas melodias vocais. Neste debut autointitulado, o fundador Emerson Tanaka (baixo e teclado), o vocalista Thales Maciel e o guitarrista Kiko Dittert (além de um convidado especial, "Sr. Bateria Eletrônica", restrição forçada pela pandemia) compilam os dez primeiros singles, que originalmente foram apresentados mês a mês na internet. Variando dentro de seus próprios horizontes, eles vão de uma canção mais pra cima, como *Every Single Day*, para uma balada poderosa, a exemplo de *Again and Again*, que conta com o melhor refrão de todo o álbum e soa como uma mistura daquilo que Bon Jovi e Journey faziam nos anos 80. *We Are Alive* coloca as linhas de guitarra em evidência e *Stay Stronger* parece a canção certa para as rádios especializadas em rock clássico.

**Valtemir Amler**

## UNDERTIME

**THE SOUND OF HOPE**
**INDEPENDENTE – NAC.**

**8,0**

A música progressiva tem muitas armadilhas, mas também oferece milhares de possibilidades, especialmente para uma banda nova e sedenta para encontrar seu espaço no cenário. Criada em 2016, a Undertime se encaixa nessa descrição e soube fazer bom uso da liberdade criativa propiciada pelo prog, que tem em seu núcleo justamente o intento de nunca se prender em uma única sonoridade. Portanto, ao começar a ouvir este *The Sound of Hope* (e a faixa de abertura, *A World Full of Nothing*, serve como um bom exemplo), espere por canções que primam pelo equilíbrio entre técnica e peso, com boas doses de melodia e harmonias pungentes. Canções como a mencionada faixa de abertura, além de *Damn Disease* e *Immortal*, trazem aquelas esperadas referências ao som de Dream Theater e Symphony X, e existe uma enorme referência ao Rush em *Different Moment*, mas em várias passagens eles buscam referência no som mais pesado do metal tradicional e até do thrash, sempre com o cuidado de manter o equilíbrio. Um belo início de jornada.

**Valtemir Amler**

## MARDITA

**BESTA QUADRADA**
**INDEPENDENTE - NAC.**

**7,0**

O rock'n'roll direto, reto, certeiro, cervejeiro e quase punk está de volta. Em poucas palavras, esta é a banda paulistana Mardita, que chega ao seu terceiro EP em cinco anos de história. E o esquema permanece o mesmo, com a pegada descompromissada já mostrada em *Pug & Play* (2017) e *Que Dia Bão* (2020). Além de continuar apostando nas letras em português, o grupo agora conta com o tecladista André Bortolai na formação, o que dá maiores possibilidades sonoras para Marcel Briani (vocal), Diego Barberan (guitarra), Luigi Regolini (guitarra), Tadeu Bresser (baixo) e Rafael Simões (bateria). E isso acontece, por exemplo,em *Seu Viana*, que ainda traz um insert bem sacado de *Meu Erro*, do Paralamas do Sucesso. A pegada AC/DC de *Mardita Rotina* e o riff bacana com desenvolvimento quase punk de *Fusca Azul* são os destaques de *Besta Quadrada*. A melhorar apenas o vocal, que ficou meio largadão demais, e a mixagem, que jogou a voz muito na frente e os instrumentos lá atrás. Mas dá pra resolver.

**Antonio Carlos Monteiro**

## CHARLES SOULZ PROJECT

**SLIT MIND**
**INDEPENDENTE - NAC.**

**9,0**

Não há como não se impressionar com *Split Mind*, novo trabalho solo do multi-instrumentista carioca Charles Soulz (Imago Mortis). Transitando entre o rock progressivo clássico ao prog metal atual, o tecladista, produtor e compositor reuniu 20 músicos (seis vocalistas, seis guitarristas, quatro baixistas e o baterista Guilherme Pinheiro) para, digamos, "embalar" a história de Rhode, um menino que perde os pais em um incêndio e precisa encarar os desafios consequentes da tragédia. Sim, é um álbum conceitual com tudo que pede o estilo: arranjos intrincados, técnica, precisão, peso, melodia e momentos de arrebatamento (ouça *Borderline* e você entenderá). Listar todos os participantes é inviável em tão pouco espaço, mas as vozes de Fábio Caldeira (Maestrick), Daysa Munhoz (Vandroya, Soulspell, Project Aegis) e Alex Voorhees (Imago Mortis) são destaques. Da faixa-título, dividida em seis partes e quase 20 minutos, desponta o peso de *Father*, a interpretação de Daysa (que voz, que interpretação!) em *Mother* e o clima "best of prog" de *My New Home*. E para minha playlist das melhores de 2021 já entraram *Waltz of Death (Digital Kingdom)* e *Can I Save My Life Again*.

**Alessandro Bonassoli**

## NESTOR

**KIDS IN A GHOST TOWN**
**INDEPENDENTE - IMP.**

**8,5**

Aposto que você está achando esquisito o nome dessa banda. Explico: Nestor é o mordomo do Capitão Haddock em As Aventuras de Tintin, história em quadrinhos da qual Tobias Gustavsson (vocal), Jonny Wemmenstedt (guitarra), Marcus Åblad (baixo), Martin Johansson (teclado) e Matthias Carlsson (bateria) são fãs. Formada em 1989, a banda de Falköping (SUE) rapidamente desanimou e parou. No entanto, a amizade dos amigos de infância prevaleceu e agora, depois de mais de 30 anos, o Nestor está de volta e apresenta seu álbum de estreia. Surfando na onda de bandas que resgatam a sonoridade AOR dos anos 80, o Nestor se "esforça" para não agradar: o nome é ruim, o visual retrô é metido a engraçadão e há clichês que chegam ao ponto de quase plagiar músicas de outras bandas. O riff de *On the Run* é *Bark at the Moon* (Ozzy) pura, a estrutura de *These Days* é quase idêntica à de *Right Now* (Van Halen), e, para completar, é quase impossível não lembrar de Kiss, Journey, Gary Moore e Whitesnake durante a audição. Mas quer saber? Acaba o álbum e você se pega apertando o botão do repeat. Claro, afinal, *Kids in A Ghost Town* é bom demais!

**Leandro Nogueira Coppi**

## HIERARCHICAL PUNISHMENT

**PSYCHOTIC DISORDERS**
**GRELLHP - NAC.**

**8,0**

Único remanescente dos primórdios do Hierarchical Punishment, Grell deixou a bateria ao longo dos anos, assumiu a guitarra e destila uma usina de riffs no terceiro álbum do grupo de Santos (SP). Mas não é só isso que faz de *Psychotic Disorders* um disco tão bom. Em meio ao seu brutal death metal, há contornos grindcore, uma alternância de músicas mais diretas e outras com um grau maior de técnica, uma cozinha que beira à "ignorância" (no bom sentido) e vocais ultraguturais. O trabalho de 12 faixas começa com *Don't Look Back*, veloz e com alguns blast beats, mas com momentos de "respiro", soando quase como um resumo do que virá pela frente. A seguir, vem *Escape the Fate*, que se inicia com um andamento muito mais rápido, precedendo cadência e peso. Já *Emotional Evisceration* e *Human Nature* são duas pedradas de pouco mais de dois minutos, cada, e *Madness* abre espaço para aquelas "paradinhas" que fazem bater cabeça. Que Arthur Mendes (vocais), Grell e Morto (guitarras), Alexandre Martins (baixo) e Luiz Carlos Louzada (bateria; vocal do Vulcano) possam mostrar esse poderio ao vivo.

**Thiago Prata**

# RELEASES

## PICTURE

**LIVE AND RARE DEMOS ANTHOLOGY 1979-2008**
**CLASSIC METAL - NAC.**

**9,0**

O trabalho de resgate histórico que a gravadora Classic Metal vem fazendo ao longo dos anos é louvável. No caso da banda holandesa Picture, então, nem se fala. Além de soltar o DVD ao vivo gravado no Manifesto Bar (SP), a compilação *40 Years Heavy Metal Ears – 1978-2018*, os álbuns *Wings* e *Old Dogs New Tricks* e até o projeto Lovell's Blade, agora é a vez de um box set com 4 CDs. *Live And Rare Demos Anthology 1979-2008* traz aquelas pérolas que só pesquisadores tipo arqueólogos tanto gostam. É um registro que apresenta demo-tapes, faixas ao vivo – incluindo, por exemplo, a inédita *Watch Out*, de 1981, e o show completo de reunião da banda em 1988! Afora isso, o box traz músicas de projetos paralelos de alguns do integrantes, como de Jan Bechtum – ouça *In Your Face*, com o saudoso vocalista Shmoulik Avigal –, o Ronald and Appie's Project e um som do Picture com Pete Lovell de 2008, *Fill Your Head With Rock*. Claro que é voltado a colecionadores, fãs de Picture e não se pode exigir qualidade "Black Album" em peças assim. Porém, quem gosta de heavy metal e pesquisa, precisa ter este material em sua coleção. É como voltar no tempo, sentido quase a mesma emoção que os músicos sentiram quando estavam criando as músicas.

**Ricardo Batalha**

## COSMIC ROVER

**HEAVY**
**INDEPENDENTE – NAC.**

**9,5**

Selvagem como o ronco de um muscle car, em *Heavy* o Cosmic Rover derrama um blend flamejante e lisérgico de stoner, heavy e rock. Respingando ares de Sabbath e Motörhead, *Heavy* é direto e old school. Se a estreia com *Spitting Fire* (2019) já havia surpreendido, o sangue nos olhos de *Heavy* firma o power trio paulistano como uma das mais empolgantes bandas sul-americanas da atualidade. Edson Graseffi, um dos raros bateristas/vocalistas do metal mundial, está mais feroz no vocal, "gritando" ao melhor estilo Blackie Lawless (W.A.S.P.) e aditivado com algo de Ronnie James Dio. Na cozinha, ele e Rodrigo Felix (baixo) dão o 'punch' exato para o estreante Xande Saraiva disparar uma saraivada de riffs embebidos na mesma cachaça que Tony Iommi e "Fast" Eddie Clark provavelmente entornavam. *Fast Cars*, *Dreams* e *Catch Me* (com letra com referências a clássicos do rock) explodem em adrenalina. Já na alucinante trinca seguinte, *The Black Sheep*, *Fly On* e *Stoned Moon*, a viagem é outra: lisergia pura. Fechando, *Just Let Me Free* alterna peso e dedilhados sinistros, e em dado momento Xande surge cantando, inserindo uma frase extraída de uma letra de sua outra banda, o Baranga – bela sacada! Em suma, *Heavy é* som para rockers com alma de bandoleiro.

**Leandro Nogueira Coppi**

## BERNIE MARSDEN

**CHESS**
**CONQUEST MUSIC - IMP.**

**9,0**

Bernie Marsden, guitarrista conhecido por seu trabalho com o Whitesnake, teve uma ideia que devia ser seguia por todos os grandes músicos que nem ele: gravar discos em homenagem àqueles que ajudaram a formar sua personalidade musical. Intitulada "Inspiration Series", a homenagem já rendeu dois discos. O primeiro, *Kings*, saiu no meio do ano e celebrava a "trinca real" do blues, B.B. King, Freddie King e Albert King. Já este segundo volume presta tributo à Chess, icônica gravadora americana criada nos anos 50 e que lançou uma infinidade de artistas que ajudaram a forjar aquilo que viríamos a chamar de rock. Assim, aqui estão versões para nomes como Chuck Berry, Howlin' Wolf e Bo Diddley que respeitam as originais mas nem por isso deixam de ter a assinatura de Bernie tanto na voz como na guitarra – duas funções que ele continua executando de forma soberba. A banda competentíssima e a produção precisa ajudam nessa verdadeira celebração ao blues e ao rock'n'roll – não por acaso, duas das marcas do cast da Chess. E assim como no álbum anterior, este também finaliza com dois temas instrumentais certeiros de autoria do próprio Bernie. Ele já prometeu que a "Inspiration Series" continua no ano que vem. Que venham muitos outros discos!

**Antonio Carlos Monteiro**

## MAGNUM

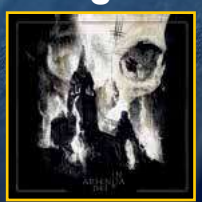
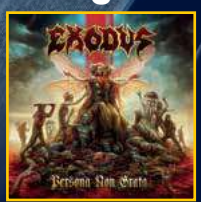
**THE MONSTER ROARS**
**STEAMHAMMER/SPV - IMP.**

**8,5**

Eis aqui uma banda que pode ser acusada do que você quiser, menos de não trabalhar com afinco. No máximo a cada dois anos (às vezes até menos), o Magnum está de disco novo na praça – tanto que *The Monster Roars* é nada menos que seu 22º lançamento de inéditas. E, como sempre, entregando aquilo que o fã espera dele. Comandada desde 1972 (com uma pausa entre 95 e 2001) pelo guitarrista Tony Clarkin e pelo vocalista Bob Catley, o quinteto inglês conta desde 2019 com o baixista Dennis Ward, velho conhecido dos brasileiros pelo seu trabalho como produtor do Angra e que, de acordo com o guitarrista, "elevou o nível da banda em vários aspectos", referindo-se aos backing vocals certeiros de Dennis. E isso fica claro logo na primeira faixa, justamente a que dá nome ao álbum, uma balada com refrão dramático e ótimo trabalho de vozes. Ao longo do disco, o poder do grupo para criar boas melodias fica evidente, como no rockão *Remember*, na "quase balada" *I Won't Let You Down* e sobretudo na última faixa, *Can't Buy Yourself a Heaven*, com suas mudanças de andamento e verdadeiros shows dos setentões Clarkin e Catley. *The Monster Roars* tem tudo aquilo que o fã do Magnum quer – e o fã de um bom rock também.

**Antonio Carlos Monteiro**

## ROADIE PARADE

| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---|---|---|---|---|
| | |  | |  |
| BLACK LABEL SOCIETY<br>DOOM CREW INC. | VOLBEAT<br>SERVANT OF THE MIND | BEHEMOTH<br>IN ABSENTIA DEI | GAMMA RAY<br>30 YEARS LIVE ANNIVERSARY | EXODUS<br>PERSONA NON GRATA |

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

# RED DEVIL VORTEX

CONFIRA O NOVO EP

# DARK SECRETS

LANÇAMENTO MUNDIAL: FEVEREIRO DE 2022

YouTube Spotify iTunes Google Play

WWW.REDDEVILVORTEX.COM

Billy Sherwood, Jon Davison, Steve Howe, Alan White, Geoff Downes: mantendo acesa a chama do rock progressivo

# ENRIQUECENDO O SEU LEGADO

Entre em nosso canal no Telegram: t.me/BastidoresBR

## Empolgado com a nova fase da banda, Billy Sherwood fala do novo álbum, da sua longa relação com o Yes e da admiração por Chris Squire

**Por Guilherme Spiazzi**

O Yes é uma das poucas bandas com mais de meio século ainda em atividade e cujo catálogo fala por si. Mesmo depois de perder peças-chave, como as saídas definitivas de Rick Wakeman (teclado) em 2004 e de Jon Anderson (vocal) em 2008, e o falecimento de Chris Squire (baixo) em 2015, o icônico grupo inglês de rock progressivo segue firme com as suas turnês e discos. Após superar o período de luto, retorna com *The Quest* (2021) mostrando que Jon Davison (vocal), Steve Howe (guitarra), Billy Sherwood (baixo), Alan White (bateria) e Geoff Downes (teclados) seguem dispostos a expandir o legado. Conversamos com Sherwood sobre o décimo segundo disco de estúdio, sua relação com Squire e a admiração pelo Yes.

**O Yes mostrou diferentes sonoridades durante esses mais de cinquenta anos de estrada. Olhando para a discografia da banda, *The Quest* se encaixa em qual fase do grupo?**

**Billy Sherwood:** Essa é uma boa pergunta. Para mim o sentimento é o de que fizemos algo próximo ao *The Ladder* (1999). Talvez eu pense isso porque fiz parte dele. É difícil responder a essa pergunta porque tenho certeza que não importa a resposta que eu dê, outros cinquenta fãs de Yes discordarão completamente de mim (risos). De qualquer forma, sinto aquela mesma sensação pós-moderna de *The Ladder* em *The Quest*. Por outro lado, esse novo trabalho tem essa energia da sofisticação na produção, então, não sei dizer.

**A criação do álbum já estava em andamento quando a pandemia chegou. Acredito que tenha sido algo novo para você trabalhar sem poder estarem ali juntos como de costume.**

**Billy:** Foi algo inédito na carreira do Yes. White e eu ficamos presos nos EUA, enquanto Howe, Downes e Davison estavam na Europa. De lá eles foram criando as músicas e por aqui nós trabalhamos na parte rítmica, por cerca de doze dias, em Los Angeles. Queríamos dar continuidade ao disco, então não havia outra escolha senão trabalhar desse jeito. Como Howe comandou a produção, ele tinha o controle da nossa direção. Apesar de esse ter sido o processo de trabalho mais estranho já encarado pelo Yes, as coisas aconteceram naturalmente.

**Existe uma lacuna de sete anos entre *The Quest* e *Heaven & Earth* (2014). Não consigo pensar em outra justificativa para esse intervalo senão o falecimento de Chris Squire (ex-baixista e fundador) em 2015...**

**Billy:** Sim, demorou porque não tinha como irmos para o estúdio fazer um disco depois de perdermos Squire. Na verdade, a perda dele ainda ressoa em nós. O que criou a oportunidade de fazer esse disco... Estávamos fazendo muitas turnês e passou tempo suficiente. Sentimos que era o momento de prestar o nosso respeito a Squier e que não tinha problema seguir em frente. Sei que os mais fervorosos dirão que não há membros originais na banda e coisas sem sentido, mas saiba que essa é a formação mais duradoura que o Yes já teve.

**Confesso que dei o play em *The Quest* com certo receio por conta da ausência de Squire, mas fiquei positivamente impressionado com a linha de baixo logo na abertura de *The Ice Bridge*. Ali pensei: 'OK, Sherwood matou essa.'**

**Billy:** (risos) Graças a Deus. Isso explica muito bem qual era o meu receio. Eu tive a mesma preocupação quando substituí Squire na primeira turnê do Yes, logo após o seu falecimento. Eu sabia que era capaz de tocar, mas se a turnê não funcionasse, seria tudo culpa minha. Sabíamos que daria certo, mas você tem que sentir que os fãs estão com você, entende? Claro que não estou tentando copiar Squire, afinal toco inspirado nele, mas também em Jaco Pastorius, Tony Levin, Paul McCartney e vários outros.

**Você foi guitarrista do Yes em parte da década de 90 e retornou como baixista em 2015. São experiências distintas em que pôde vivenciar diferentes formações da banda. Como encara a fase atual do Yes?**

**Billy:** Eu sou o único integrante que dividiu o palco com várias diferentes versões da banda (risos). Cada uma era um Yes único e diferente para mim. Durante a turnê de *Talk* (1994) dava para sentir a vibração do grupo, mas esse entusiasmo era diferente do Yes clássico. Quando aquela formação se separou e na sequência excursionamos para promover *Open Your Eyes* (1997) e *The Ladder*, de repente havia essa mistura do clássico com o novo. Aquela banda era muito boa. Já hoje eu estou nessa versão que é matadora. Sei que nas redes sociais existe um contingente que reclama da ausência de membros originais, mas eu não concordo com essa ideia de que a evolução e a mudança não são coisas boas ou um passo positivo para a frente. Eu prefiro arriscar em prol do futuro ao invés de ficar preso numa espécie de bolha de uma era passada. Para mim, esse é um novo Yes. Sinto muito orgulho de cada versão da qual fiz parte. Sempre foi bom e continua sendo. É isso que me inspira a continuar.

**Você falou sobre trabalhar em *The Quest* ao lado de White em Los Angeles. Como foi a experiência de dividir com ele a criação rítmica do disco?**

**Billy:** Existe uma relação única na seção rítmica dentro da relação com a banda. Você pode ver isso através da história da música. Squire e White, Levin e Bill Bruford (King Crimson), John Wetton e Terry Bozzio (UK), Pastorius e Peter Erskine (Weather Report). Conheço White há bastante tempo e nos damos muito bem no estúdio. Acho que ele respeita o fato de eu saber tocar bateria, então quando estou fazendo a engenharia de som enquanto ele toca, de vez em quando discutimos as partes numa linguagem de baterista. Fazer isso e ter o baixo para tocar algumas linhas junto da bateria dá vida à seção rítmica característica do Yes. Sei bem disso porque eu vi isso acontecer pessoalmente por muito tempo. Dessa vez tudo aconteceu de forma fácil e natural, porém houve momentos em que nos olhamos e nos perguntamos: 'Onde está Squire?' Este é o primeiro trabalho sem ele e tem tanta coisa que deve estar presente no disco. É complicado... Eu conhecia bem Squire e o seu jeito dele tocar. Então, eu sei como me encaixar.

**É evidente a sua admiração por Squire. Além disso, você mencionou Wetton.**

**THE QUEST**
**InsideOutMusic/Sony Music - Imp.**

**Ocorre que em 2019, durante a Royal Affair Tour, você substituiu a ambos, tocando com Yes e Asia na mesma noite...**

**Billy:** Sabe, Squire e eu éramos muito próximos. Já Wetton eu conheci mais tarde e eventualmente nos aproximamos bastante a ponto de ele me chamar para coescrever e produzir o seu disco solo (N.R.: *Raised in Captivity*, 2011). Perdê-lo também foi muito ruim... Por isso aquela turnê de 2019 foi surreal, pois eu estava lá substituindo dois ícones.

**Yes e Asia são duas bandas de extrema importância para o rock progressivo. Infelizmente, temos que reconhecer que em algum momento em que restará apenas o legado delas. Pensando em renovação, você vê algum artista ou banda conseguindo fazer algo próximo do que o Yes fez, por exemplo.**

**Billy:** Acho que a tecnologia tem conduzido a produção musical e os músicos para diferentes direções. A ideia de ter cinco pessoas numa sala trabalhando em algo como *Close to the Edge* (1972)... Você precisa ter uma mistura mágica dessa nova geração de músicos. Eles têm que estar dispostos a não ter medo de falhar, sabe? Gente que queira encarar a coisa. Hoje os samplers de computador, os tempos perfeitos e tudo mais mudaram a mentalidade dos músicos. Como resultado, a forma de compor mudou. Não é mais uma situação livre... Pegue *Tales from Topographic Oceans* (1973) – você não cria isso na frente de um computador (risos). Você tem que estar com os caras na mesma sala criando aquela dinâmica. Espero que haja jovens músicos dispostos a continuar com isso, pois... Não somente o rock progressivo, mas o jazz, o fusion... É nesse meio que está a musicalidade. O resto são partes do todo. Claro que o rock tem a sua musicalidade, mas ele é feito de partes e seções. O caráter exploratório do progressivo faz dele uma coisa especial. Eu cresci considerando o rock progressivo, o jazz e o fusion como estilos pertencentes à mesma área. Escute *Mr. Gone* (1978) do Weather Report e me diga se ele não é progressivo...

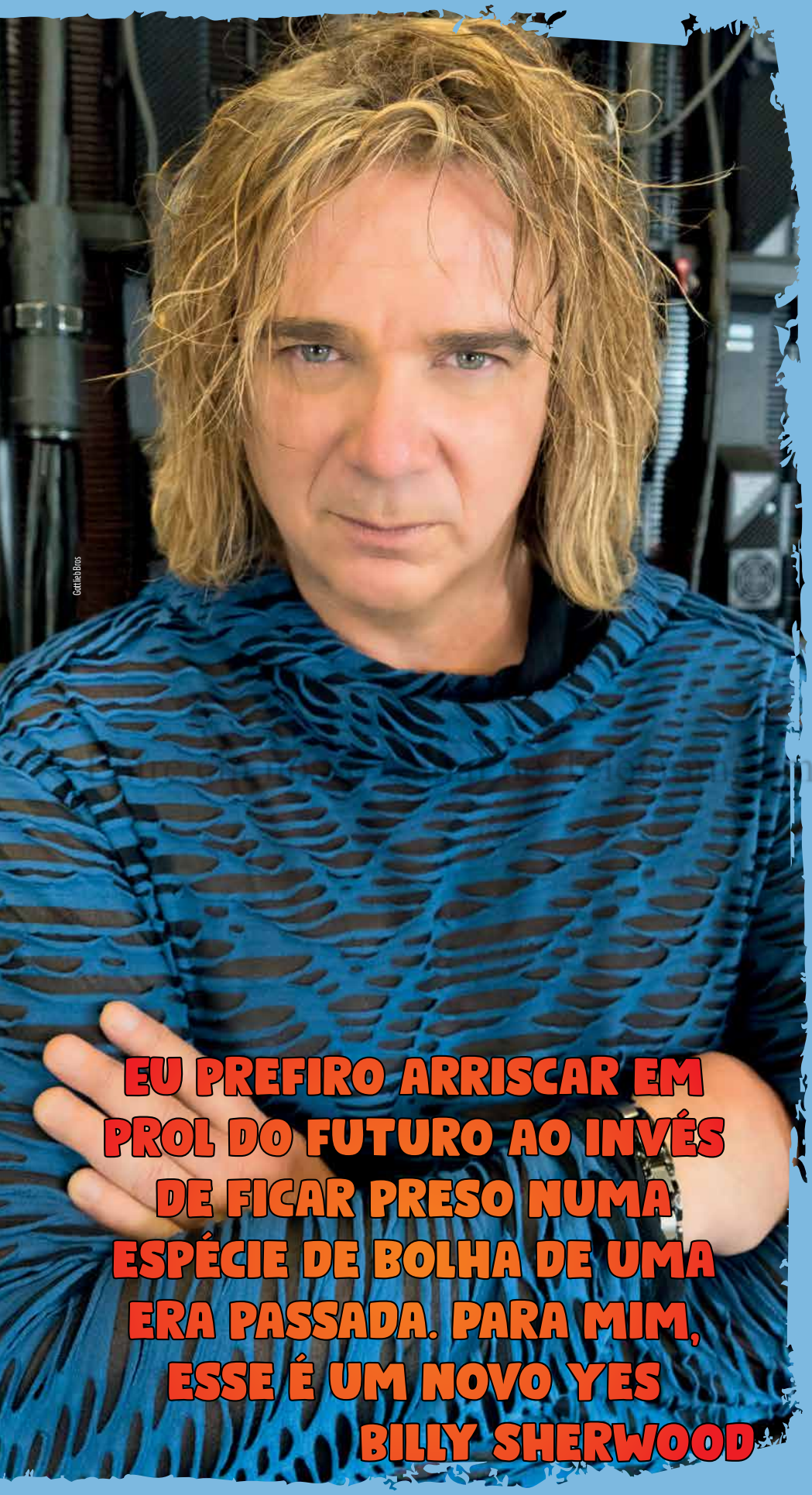
Conteúdo Exclusivo Cadastrados - Telegram.me/BrasilRevistas

**Se olharmos para a história da música, quando as bandas de rock progressivo começaram a tomar forma, muitos dos seus músicos traziam justamente o jazz como base.**

**Billy:** Sim. Meu pai foi músico de jazz e líder de banda. Quando Elvis Presley surgiu e a música pop era massivamente promovida, ele sempre me dizia que aquilo era música de quatro acordes. Era assim que ele explicava aquele tipo de música (risos). Eu só fui entender isso depois de ficar mais velho (mais risos). A possibilidade de se expressar numa música livre de formas é um bom lugar para se trabalhar, mas dá muito trabalho ser capaz de fazer isso. De alguma forma, eu acabei trombando nas minhas bandas favoritas ao fazer isso.

**Voltando ao tempo presente, sei que há planos para uma turnê do Yes em 2022. Mesmo com *The Quest* lançado, vocês continuam com a ideia de focá-la em *Relayer* (1974)?**

**Billy:** Há essa turnê europeia e a intenção de tocar nos EUA ainda no primeiro semestre de 2022, desde que essa coisa de pandemia não permaneça. O plano continua sendo tocar *Relayer*. O que tocaremos em torno disso ainda é uma dúvida. De qualquer forma, não consigo nos imaginar sem tocar algumas coisas de *The Quest*.


EU PREFIRO ARRISCAR EM PROL DO FUTURO AO INVÉS DE FICAR PRESO NUMA ESPÉCIE DE BOLHA DE UMA ERA PASSADA. PARA MIM, ESSE É UM NOVO YES
BILLY SHERWOOD

**Vocês já fizeram o resgate de outros discos ao vivo no passado. Por que *Relayer* dessa vez?**

**Billy:** De certa forma, eu provoquei a ideia porque, desde que voltei, durante os ensaios, eu (N.R.: solfeja a linha de baixo de *The Gates of Delirium*). Eu ficava tocando ela nos ensaios e Howe só me olhava de canto... Finalmente consegui fazer com que eles tocassem um pouquinho e eu fui insistindo... Acho que isso ajudou a permear a ideia de fazer esse disco. Conheço *The Gates of Delirium* como a palma da minha mão, essa era a música que eu praticava todas as noites quando tinha 16 anos. Enquanto baixista, eu não poderia pedir por algo mais desafiador e legal.

***Relayer* representou uma saída do seu estilo clássico ao apresentar uma sonoridade que puxou para o fusion. Você concorda com essa visão?**

**Billy:** Sabe o que eu acho? Quando comecei a curtir esse disco, eu estava escutando Weather Report, Mahavishnu Orchestra e essas coisas. Foi como se o Yes tivesse pegado o caminho do fusion por um tempo. Squire e eu já conversamos sobre como a banda acabou soando tão diferente e ele dizia que ela apenas seguiu por esse caminho voltado para o jazz e o fusion. Mas depois perceberam que não queriam continuar ali, eu acho. Talvez seja por isso que *Going for the One* (1977) seja tão diferente de *Relayer*.

**Voltando para *The Quest*, quais são os seus destaques do repertório?**

**Billy:** Sabe, quando você é compositor acaba havendo certa parcialidade na escolha (risos). Eu diria que *Future Memories* é uma faixa muito bonita e que, de certa forma, lembra o clima atmosférico de *Wonderous Stories* (*Going for the One*). É difícil apontar uma favorita, pois trabalhei em *The Quest* por tanto tempo que ele acabou se tornando uma coisa só. Cada música tem um momento único, em que as partes vão conquistando você. Enfim, gosto dele como um todo.

**Estamos finalizando, mas antes deixe um recado para os seus fãs no Brasil.**

**Billy:** Espero que possamos ir e tocar nessas cidades incríveis, onde as pessoas são calorosas e os shows têm essa energia única. Depois de tocar em vários países, posso dizer que o sentimento de tocar para o público brasileiro tem algo de único que não consigo descrever. Obrigado pelo apoio que nos foi dado no passado, que vocês nos dão hoje e darão no futuro.

UM SONHO NÃO SE PERDE NOS TROPEÇOS DO CAMINHO IDEALIZADO NA ADOLESCÊNCIA!

# ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

# ROBERTO BARROS

ELEITO O

## MELHOR GUITARRISTA NACIONAL DE 2021

PELOS LEITORES DA REVISTA ROADIE CREW

*"MUITO OBRIGADO POR ME AJUDAREM A REALIZAR ESSE SONHO! SEM VOCÊS, ISSO NÃO SERIA POSSÍVEL!"*

ESCUTE ROBERTO BARROS NO ÁLBUM "VERA CRUZ" ELEITO COMO MELHOR ÁLBUM DE 2021

www.robertobarrosofficial.com

foto @RockLenses anuncio: www.JDuarteDesign.com

ORMSBY GUITARS
musiFacts
SICK
musical STORE Instrumentos Musicais
PALHETAS Mullo
METALAGENCY

Divulgação

Tony Newton, K.K. Downing, Tim "Ripper" Owens, A.J. Mills e Sean Elg: presente e futuro em contraponto ao passado

# KK's Priest

## O Sermão de Father K.K.

**De volta à música e finalmente com um novo disco na praça, K.K. Downing conta o que o motivou a fazer o KK's Priest, e isso inclui o Judas Priest**

**Por Daniel Dutra**

*Sermons of the Sinner*, primeiro álbum do KK's Priest, pode ter dividido opiniões – leia a resenha na ed. #262 da ROADIE CREW –, mas uma coisa é inegável: K.K. Downing não precisava ter saído de cena em 2011, quando anunciou sua saída do Judas Priest. A sua (versão da) história está na autobiografia "Heavy Duty" (2018), lançada no Brasil pela Editoria Estética Torta, e foi o livro o primeiro sinal de um retorno. Começou com os ex-Judas Les Binks (bateria) e Tim "Ripper" Owens (vocal); reformulou-se ao lado de Ripper, A.J. Mills (guitarra), Tony Newton (baixo) e Sean Elg (bateria); e agora é uma banda pronta para ganhar os palcos, lançar mais discos... Foi sobre tudo isso que conversamos com Downing, e aqui temos um apanhado do ótimo papo com o veterano guitarrista.

**Vou começar com uma pergunta que ainda é muito importante: como você está nesta pandemia?**

**K.K.:** Nossa, Daniel! Todos esses CDs atrás de você! Isso é incrível, cara! (risos)

**Ah, obrigado! No meu caso, eles são o acúmulo de 38 anos de paixão pela música (risos).**

**K.K.:** Isso é muito legal, mesmo! E respondendo à sua pergunta, eu me sinto fantástico! Tínhamos shows marcados para 2021, assim como tínhamos shows marcados para o ano passado, mas eles foram cancelados, o que nos permitiu ter bastante tempo para fazer mais pelo disco. Não tínhamos pressa, e isso foi ótimo. Ainda temos muita coisa para fazer, mais vídeos para gravar, e vou escrever um novo livro, que terá mais histórias, também. Continuarei com tudo isso até que possamos voltar às turnês, então creio que está tudo perfeitamente bem.

**E vamos falar do KK's Priest, começando com o nascimento da banda. O que o motivou?**

**K.K.:** Naquele suave ano de 2019, fiz alguns shows com Ross The Boss (N.R.: ex-guitarrista do Manowar). Depois, fui convidado a tocar algumas músicas com a banda do David Ellefson, na minha cidade, e aceitei. Decidi chamar o Ripper e pensei: 'Bem, vamos chamar o Les e tocar mais músicas!'. Fizemos isso, e foi divertido, por isso resolvi me isolar no Natal daquele ano para ver se conseguiria compor algumas músicas, talvez para um disco. Foi o que fiz, e tudo rolou muito rápido, o que me deixou muito satisfeito. Pensei: 'Bem, está acontecendo, e muito bem, então posso reunir uma banda sabendo que posso produzir um disco!'. Conseguimos um contrato, um empresário e começamos a avançar com o álbum, tentando alguns shows em 2019, o que não aconteceu. Retrocedemos um pouco, demos um tempo e terminamos o disco, já que estávamos entrando em lockdown. A história é essa. Senti-me forte com a minha habilidade de criar músicas, estava muito confiante e gostei do que ouvi. As músicas soam muito bem, porque fiz tudo naturalmente. Aliás, enquanto falamos, já estou compondo para o próximo trabalho, que também

está ficando muito bom. Sinto que estou num momento realmente ótimo.

**O mais interessante é que todos pensavam que você estava aposentado, então pergunto se escrever uma autobiografia despertou a vontade de voltar a fazer música...**

**K.K.:** Sim, e acho que eu ainda estava em bons termos com os caras do Judas Priest pouco antes do livro. Sempre acreditei que, em algum momento, me reuniria à banda novamente quando houvesse uma oportunidade. Porém, algumas coisas aconteceram antes de eu escrever o livro, sabe? Eles pararam de pagar os direitos autorais aos quais eu tenha direito... Eu pensava daquela maneira porque eles me pagavam pelo que eu criei na longa história do Judas, mas de repente comecei a receber cartas de advogados e, neste momento, pensei: 'Acabou. Não haverá uma oportunidade para voltar'. Quando Glenn se aposentou dos palcos e eles não me ofereceram a oportunidade de retornar, pensei novamente: 'É, acabou mesmo'. Continuei escrevendo o livro e, desde então, perguntei a eles, continuamente, se a porta estava aberta ou fechada. A confirmação foi: 'Está fechada'. Eles continuaram com as cartas dos advogados, tentaram legalmente me deter de criar o KK's Priest e toda essa maluquice, mas eu continuei. 'Se eu não voltar a tocar no Judas Priest, eu vou fazer o KK's Priest!', e agora estou mentalmente num momento melhor. Parafraseando o Metallica, é triste, mas é verdade (risos) (N.R.: Downing faz uma brincadeira com a música *Sad But True*, do "Black Album"). Sei quem eu sou novamente. Não sou parte do time de colaboração com Rob e Glenn em composições, e não preciso disso. Posso compor sem os dois e acredito que tenho uma nova leva de coisas a oferecer, especialmente com a grande banda que tenho. Podemos ir adiante e fazer muitos shows incríveis e outros grandes discos.

**De fato, é uma situação estranha, especialmente para os fãs, porque seria natural você fazer as turnês no lugar do Glenn...**

**KK:** Bem, Richie (Faulkner) queria que eu estivesse na banda... Nós temos estado em contato, e a vontade dele era que eu voltasse para o Judas Priest. Foi isso que me fez continuar perguntando a eles se ainda havia possibilidade, mas os outros disseram 'não'. Para mim, e eu tenho de dizer isso, eles têm sido bem-sucedidos, o que é ótimo, e desejo a eles todo o sucesso, porque respeito todos como colegas de banda por tudo o que fizemos e conquistamos. Mas eu não os respeito pela forma como fui tratado. Algumas coisas aconteceram, e eu não fiquei feliz com isso na época, mas tudo poderia ter sido resolvido. Rob deixou a banda por 14 anos, Glenn lançou dois discos solo com Cozy (Powell) e John Entwistle, e isso durou seis anos enquanto eu me mantive leal e verdadeiro o tempo todo, então eu senti que... Sabe, a minha vida toda estava naquela banda. Eu era parte deles, eles eram parte de mim, e senti que fui privado disso porque, se a minha voz tivesse sido ouvida em 2010, nós poderíamos ter ido adiante e ter feito as coisas como deveriam ser ou não ser, mas estou bastante feliz agora. Vamos gravar mais vídeos, porque os caras da minha banda vêm para cá na próxima semana para isso, então estamos lançando mais músicas, promovendo o disco, fazendo todas as coisas que uma banda deve fazer. Iremos ao pub beber cerveja como uma banda deve fazer, falar besteira como toda banda deve fazer (risos) e pensar juntos sobre coisas boas que faremos para seguirmos em frente e fazer ótimos shows.

**SERMONS OF THE SINNER**
**Encore Music/Wikimetal - Nac.**

**Vamos falar do KK's Priest, então, a começar pela capa de *Sermons of the Sinner*. A referência ao título do álbum é bem óbvia, mas ainda assim muito legal. Quem surgiu com o conceito?**

**K.K.:** Conversei com um cara excelente para fazer capas de discos, chamado Andy Pilkington, que faz várias coisas para muitas bandas. Falei sobre o disco, disse qual era o título, e ele criou a arte. Amei assim que a vi, porque é muito pungente e emotivo para mim. A coisa toda, aliás. O disco e tudo que o cerca, as letras... *Sermons of the Sinner* é muito sentimental e emotivo, tem mensagens aqui e ali, e isso pode ser uma continuidade. Eu sempre fui um "Priest"! Desde o começo, em 1968, e não posso deixar isso para trás. Preciso levar isso comigo, porque é uma causa. E como se pode ouvir no disco, eu abordo o tema em faixas como *Sacerdote y Diablo*, *Sermons of the Sinner* e *Hail for the Priest*. Tem tanta coisa nele, e eu sempre senti que nós, enquanto Judas Priest, deixamos isso para trás, meio que abandonamos o assunto, mas eu não. Então, está presente em abundância neste disco e sempre estará presente.

**Você passou 40 anos tocando com Glenn Tipton, e vocês criaram uma escola de como tocar guitarra no heavy metal. Agora, como é a parceria com A.J. Mills?**

**K.K.:** Muito fácil, na verdade. Claro, A.J. tem a metade da minha idade, mas eu o conheço há muito tempo. Ele é muito antenado com o que está acontecendo, com o que eu faço e como eu faço. Eu não tive muito trabalho de guitarra e de solos em muitos dos discos do Judas Priest porque Glenn monopolizava o processo, e isso não era muito legal. Eu poderia fazer o que faço bem, mas neste disco há uma abundância de guitarras. Eu e A.J. trabalhamos muito bem juntos. É uma parceria muito, muito boa, algo que sempre mostro a ele.

**Eu perguntei isso por duas razões. A primeira é uma declaração sua, de que o "KK's Priest é como uma nova velha banda ou uma velha nova banda', o que achei interessante...**

**K.K.:** (rindo) Ah, não lembro bem como eu falei para os caras da gravadora, mas era algo assim mesmo: 'Somos uma nova velha banda ou uma velha nova banda. Ou algo no meio do caminho, não sei' (risos). Mas fico feliz com isso, porque eu gosto de juntar o passado, o presente e algum futuro em tudo o que fazemos. E espero pode fazer sempre assim. Acho saudável e, também, não posso fazer de outro jeito, porque minha guitarra soa assim. Minha forma de tocar é como é, a composição das músicas é como é, e agora as minhas letras também são como são, porque preciso me expressar. Há muita emoção nesse disco, que é bastante profundo. Cada música tem um significado para mim e uma razão para estar ali, e é por isso que são músicas bem fáceis de compor.

**E a segunda razão é *Hellfire Thunderbolt*, que poderia facilmente ser uma música típica do Judas Priest com Ripper nos vocais se a banda não tivesse seguido um caminho mais moderno em *Jugulator* (1997) e *Demolition* (2001). Qual é a sua opinião sobre isso?**

**K.K.:** *Sermons of the Sinner* poderia ter sido realmente o disco no lugar do *Jugulator* para o Tim, quando ele entrou no Judas Priest. Penso que ao menos algumas partes daquele álbum poderiam ter ido além. Agora, o único critério para compor

*"Deve haver milhões de pessoas por aí como eu era quando mas novo. Jovens com dificuldades financeiras e de relacionamento, oprimidos... Mas a música foi a minha salvação"*
*K.K. Downing*

Divulgação

o disco do KK's Priest foi que eu sabia como queria que ele soasse, com bateria orgânica e guitarras soando representativamente uma era passada, sem muita distorção ou saturação. Eu queria ouvir tudo o que o baixo fazia, então encorajei o Tony a tocar e não ter medo. Também criei partes para o baixo, porque isso era algo que fazíamos nos velhos tempos. Sobre as músicas, elas surgiram naturalmente e são tudo o que eu queria expressar e cantar a respeito, como emoções e histórias. Eu me diverti com *Hellfire Thunderbolt*, no sentido de que pode ser fato ou ficção, mas é uma história que pode ter acontecido há muito, muito tempo, há milhões de anos ou apenas há algumas centenas de anos, quando os céus se abriram e raios infernais caíram. Quando eu era criança, no início dos anos 1960, o heavy metal não existia. Tínhamos clássicos, tínhamos rock'n'roll, jazz, bebop e coisas assim, mas não havia heavy metal. Havia o blues, que era ótimo. Mas quando eu tinha 13 anos e procurava por algo para ouvir, como tudo isso aconteceria e surgiria? Por que agora? Por que não cem anos ou 200 anos atrás? Ou 50 ou cem anos no futuro? Por que agora temos as músicas dos anos 1960, 1970, 1980, 1990? Por que temos um gênero de verdadeiro heavy metal repleto de grandes bandas? É um conceito interessante! Seríamos humanos infusionados com o que aconteceu naqueles tempos, e assim tivemos heavy metal injetado em nossas veias e o trouxemos para a metade dos anos 1960? E gente como eu já havia nascido. Jimi Hendrix tinha metal em suas veias, com *Purple Haze* e *Foxy Lady*; o The Kinks com *You Really Got Me*; The Troggs com *Wild Thing*, os estágios iniciais dos Rolling Stones... Estava acontecendo uma mudança! Nos EUA, com Frank Marino e bandas como Budgie, também estava acontecendo, e eu estava ciente. Tudo isso rolava ao mesmo tempo, e estávamos olhando para a evolução do blues para o blues progressivo, daí para o rock, deste para o heavy rock e daí para o heavy metal. Estávamos nessa viagem, e é interessante como eu não sei dizer se *Hellfire Thunderbolt* é fato ou ficção. Mas está aí para pensarmos em como tudo se transformou.

**Aproveitando que você falou um pouco de acompanhar esse movimento quando era criança, já se passaram mais de três anos desde o lançamento de "Heavy Duty". Hoje, o quão satisfeito você está com a sua autobiografia?**

**K.K.:** Eu gosto muito dela! Acredito que eu poderia ter colocado muito mais coisas no livro, mas ele ficaria enorme! (risos) Estou satisfeito, sim, porque só queria que os fãs me conhecessem um pouco melhor, porque hoje eles sabem de mim e sobre mim, especialmente como eu comecei na música e como ela foi a minha salvação. Deve haver milhões de pessoas por aí como eu era quando mais novo. Jovens com dificuldades financeiras e de relacionamento, oprimidos... Mas a música foi a minha salvação, e a mensagem está aí para as pessoas que tentam encontrar algo de bom em suas vidas e acreditar, aproveitar e confiar nisso. Muitos de nós passam por momentos muito difíceis na adolescência, e é por isso que escrevemos músicas como *Breaking the Law* e *Wild and Free*. Elas são um entendimento de que podemos nos dar muito mal se não nos mantivermos fortes, se não fizermos a coisa certa nesse período deplorável que pode ser entre 17 e 20 anos, quando nos descobrimos e temos que nos levar a um novo lugar, a um novo nível. Então, mantenham-se firmes nesses anos desesperadores, como eu fiz. É uma dica do livro.

**Muito obrigado pelo papo. Foi um prazer, e espero que o KK's Priest aporte no Brasil assim que possível.**

**K.K.:** Foi maravilhoso conversar com você e poder falar aos fãs no Brasil. Espero que todos estejam firmes, e também espero vê-los ano que vem!

**USE O QR CODE PARA ACESSAR O COMPLEMENTO DA ENTREVISTA NO SITE DA ROADIE CREW.**

# 30 ANOS

"Dedicado o Heavy Metal Baré na Amazõnia!"

Shows * Eventos * Fotografia * Agenciament-o * Exposição

Entre em contato e Colabore com nossa Revistas

Colabore com nossa Expoição sobre o Heavy Metal Brasileiro com materiais (fanzines, cartaz, fotos, demotapes,...)
Entre em contato: (92)993366620.
Em breve faremos a Exposição da Historia do Rock Pesado nas principais capitais. brasileiras.

Banda norueguesa chega ao seu sétimo álbum com Einar Solberg, Simen Daniel Børven, Baard Kolstad, Robin Ognedal e Tor Oddmund Suhrke

Elena Silvida

# leprous ANJOS NÁUFRAGOS

**Em *Aphelion*, Einar Solberg aprofunda o mergulho em si mesmo iniciado em *Pitfalls***

Entre em nosso Canal do Telegram: t.me/BrasilRevista

**Por Valtemir Amler**

"Nós fomos ao estúdio pensando em gravar *Castway Angels*. O plano era apenas se divertir, ir até um estúdio bonito e gravar uma música. Acabou que trabalhamos muito rápido e muito bem, então tínhamos um dia e meio sobrando no estúdio. Continuamos trabalhando e o resultado foi que *Aphellion* não poderia mais ser um EP (risos)". Segundo o vocalista Einar Solberg, foi assim que, menos de um ano após o lançamento de *Pitfalls*, o Leprous apareceu com um novo álbum completo, *Aphellion*. Descompromissado quanto a processos, Einar é muito comprometido com sua arte, o que o torna o principal compositor do Leprous, maior nome no cenário progressivo da Noruega. Com bom humor e simpatia, ele nos falou sobre os mais recentes acontecimentos e o lançamento do novo álbum.

**A música do Leprous foi apresentada em um comunicado para a imprensa com a seguinte frase: 'Se a luz no fim do túnel pudesse ser convertida em música, ela soaria exatamente como o Leprous.' O que você pensa sobre essa descrição?**

**Einar Solberg:** Uau, são ótimas palavras, eu não conhecia esse texto ainda... É um grande elogio, de fato, mas penso que a nossa música é um tanto melancólica demais para carregar toda essa luz (risos). É uma ótima frase, eu agradeço demais ao autor, mas não sei se consigo concordar. Acho que é tão difícil descrever a sua própria música quanto é complicado responder a um feedback tão positivo. Acredito que até hoje eu só consegui dizer 'obrigado' quando elogiam algo que faço (risos). Você sabe, é um trabalho de paixão, fazemos a música que amamos e fazemos isso porque somos apaixonados por música. É ótimo quando alguém encontra algo positivo no nosso trabalho, algo que a deixa mais feliz, porém, não sei se temos toda essa luz em nossas canções. Não consigo dizer que concordo ou discordo da frase, mas aprecio muito o que ela significa (risos).

**Acredito que muitas pessoas têm encontrado um refúgio na sua música, especialmente nos álbuns mais recentes. Para começarmos a falar nisso, voltemos a 2019, pois em março daquele ano vocês fizeram um dos últimos shows da turnê de *Malina* (2017) aqui em São Paulo...**

**Einar:** Sim, eu ainda me lembro muito bem daquele show. Ele foi na verdade o último show daquela turnê, era o fim de todo aquele ciclo, então nós estávamos bem ansiosos. Tanto que aconteceu algo bizarro, eu esqueci minha mala com tudo o que havia de importante na nossa vida bem no meio do saguão do aeroporto. Deixei lá, à disposição de quem quisesse levá-la (risos). Eu só me toquei disso quando estávamos no meio do caminho para a casa de shows e foi um problema enorme, pois naquela mala estava meu laptop com tudo o que precisávamos para nosso show... Eu estava surtando (risos). Felizmente, nosso gerente de turnê voltou ao aeroporto e a mala ainda estava no meio do saguão, esperando por alguém que a levasse (risos). Foi um susto incrível, mas felizmente deu tudo certo e pudemos fazer o show sem maiores percalços. E foi um show muito bom.

**Foi sim, eu estava lá. Bem, logo após o fim da turnê, vocês partiram para a composição de um novo álbum, que viria a ser *Pitfalls* (2020), certo?**

**Einar:** Isso mesmo. *Pitfalls* é de fato um álbum muito pessoal para mim, ele está muito devotado aos meus sentimentos. Quer dizer, foi a primeira vez em que compus músicas baseado na minha própria perspectiva e de uma forma muito transparente... Na verdade, não sei dizer a razão de nunca ter tentado essa abordagem antes, acho que tem a ver com o fato de ser norueguês e na nossa cultura não é comum você ser muito aberto quanto àquilo que está sentindo. É engraçado pensar nisso, pois pessoalmente eu sempre fui muito aberto, mas tinha uma enorme resistência quanto a trazer isso para a música.

**Você conseguiu confrontar seus fantasmas e abordar a depressão que enfrentou, o que também conectou de**

**forma muito profunda *Pitfalls* com os seus fãs.**

**Einar:** Sim, exatamente. Sabe, ao longo dos anos eu acabei escrevendo muitas letras e percebi que jamais seria um grande escritor. Eu sou um compositor, sou um músico, não um escritor. Então, já que tenho meus limites nessa área, decidi que ao menos poderia ou deveria escrever sobre coisas que são reais, verdadeiras, que têm um significado para mim. No geral, acho que quando você escreve algo que é mais aberto e verdadeiro se torna muito mais fácil para outras pessoas se encontrarem naquilo que escreveu, e essa pode ser uma conexão muito poderosa. Penso que uma mensagem bem direta pode às vezes gerar uma conexão muito mais poderosa do que uma mensagem subentendida em várias camadas.

**Você geralmente começa o processo pelas letras?**

**Einar:** Não. Em geral, faço o caminho inverso, começo pela música e então vou para a letra. Acho que começando pela música eu já tenho uma espécie de 'sentimento' através do qual posso estruturar a letra ao redor, é como se eu fosse construindo uma letra em torno daquele sentimento que vem da música. Acredito que sempre fiz assim, nunca escrevi uma letra antes da música.

**Você sente que isso limitaria a sua abordagem musical?**

**Einar:** Talvez, pois eu teria que alterar partes da canção para combinar com a letra e acho que aí seria a letra guiando o sentimento, e isso não me parece certo. Isso vale especialmente para as linhas vocais. Você teria que restringir muito as suas linhas vocais para encaixar perfeitamente com a letra e é por isso que gosto de ter algumas linhas vocais antes de colocar a letra, pois assim eu sei que tipo de palavras posso usar naquela melodia. Muitas palavras não são confortáveis para cantar, especialmente no refrão, quando você precisa de uma melodia bem definida, notas estendidas e esse tipo de coisa, algumas palavras simplesmente não encaixam facilmente. Bem, eu sempre gosto de tentar coisas diferentes, cada música acaba sendo feita a partir de uma experiência diferente e penso que conseguiria criar uma música a partir de uma letra, mas não acho que faria sentido mudar...

**Fazendo a letra antes, a música funcionaria quase que como uma trilha sonora para uma história que você conta, não?**

**Einar:** Sim, e aí temos uma coisa interessante, pois quando você passa a história de um livro para um filme, por exemplo, tem uma determinada cena com milhares de trilhas sonoras possíveis para ela. Não existe somente uma opção, existem muitas. A questão é que cada uma guiará aquela cena para uma diferente emoção, com possibilidades infinitas. Quando crio a música antes, a letra vem naturalmente, pois o sentimento já é muito claro, eu já sei por onde devo caminhar, sabe? Bem, agora fiquei curioso e talvez um dia eu tente o caminho contrário apenas para ver o resultado, mas por enquanto não (risos).

**Vocês conseguiram fazer alguns shows para promover *Pitfalls*?**

**Einar:** Sim, acho que fomos uma das bandas sortudas quanto a isso. Nós basicamente conseguimos completar a perna europeia da turnê, entre fevereiro e o início março de 2020. Foi logo após isso que tivemos que mudar os planos.

**APHELION**
**InsideOut Music - Imp.**

**Felizmente, você já estava fortemente inspirado para voltar ao estúdio e gravar o novo álbum, *Aphellion*.**

**Einar:** Sim, e isso é algo muito importante para mim. Quer dizer, sair em turnê sempre foi parte do que fizemos, mas a coisa mais importante nesse universo é compor música, é assim que sinto. Todo o resto que fazemos gira em torno disso. Antes de tudo sou um compositor, primeiro vem a música, depois todo o resto.

**Gosto da forma como pensa, a maior parte dos músicos sempre fala que prefere os shows ao trabalho em estúdio.**

**Einar:** Porque a maioria acredita que a parte em que recebem a atenção e o louvor é mais importante do que a música propriamente dita. Não acredito que deveria ser assim com a arte. Veja, o show é importante, pois cria boas memórias para você e para os fãs, mas não é a mesma sensação de compor um disco. É como se um escritor gostasse mais da noite de autógrafos do que de escrever o livro (risos).

**Acredito que essa atitude gera uma abordagem completamente diferente em estúdio.**

**Einar:** Veja esse novo álbum por exemplo: ele é muito mais intuitivo, mais impulsivo do que os anteriores, uma nova experiência para todos nós, e isso é algo muito excitante. Todos falam em se manter conectados aos fãs nesse momento e também acreditamos nisso, mas achamos que a melhor maneira é apresentando novas músicas que falem diretamente com os fãs. Essa é a minha maneira de encarar a vida, é como sou pessoalmente. Não gosto de ficar parado lamentando ou de ficar imaginando quando acontecerão os próximos shows – no momento, nem sei se virão outros shows (risos). Então, prefiro continuar trabalhando com música, criando música. Simples assim: o álbum surge no impulso, no calor do momento, e isso garante uma abordagem diferente.

**Isso é tão verdadeiro que *Aphellion* começou a ser pensado como um EP, certo?**

**Einar:** É verdade. Na época de *Pitfalls* já tínhamos as músicas *On Hold* e *Silhouette*, que foram compostas para aquele álbum. Elas não entraram no disco porque já havia músicas com estruturas parecidas lá, como *Distant Bells*, que cresce lentamente e vai para algo mais contemplativo, como *On Hold*. Seria demais para um mesmo álbum. Então, começamos a pensar em um EP em torno dessas músicas, mas as coisas foram crescendo e logo vimos que o material que tínhamos era para um álbum, não para um EP.

**Para encerrar, você tem se mostrado um vocalista único no mundo do prog, com uma abordagem mais livre e descompromissada, lembrando cantores indie, como ouvimos em *Out of Here*, por exemplo.**

**Einar:** Concordo. Veja, não quero parecer arrogante, mas acho que o problema do prog é que tudo é muito cuidadosamente planejado para soar de uma maneira muito específica. Fica difícil injetar alma numa composição quando ela é planejada do cerne até as camadas exteriores, fica meio mecânico. Gosto de planejar alguns aspectos dos meus vocais, mas eles são basicamente criados de forma livre, cheios de improvisação, com a emoção do momento. Foi isso que permitiu que uma canção como *Out of Here* fizesse parte de *Aphellion*.

nosso Canal no Telegram: t.me/...

# MIKE HOWE

✶ 21/08/1965 † 26/07/2021

**Por Daniel Dutra**

Divulgação

A história da música tem, sim, casos de bandas que foram bem-sucedidas ao substituir seu icônico vocalista. Foi assim com AC/DC (Brian Johnson), Van Halen (Sammy Hagar), Black Sabbath (Ronnie James Dio), Iron Maiden (Bruce Dickinson), Accept (Mark Tornillo) e Queensrÿche (Todd La Torre). E a esses seis exemplos clássicos some o de Mike Howe no Metal Church. Nascido na cidade de Taylor, no estado de Michigan (EUA), Howe começou sua carreira na música em 1986, aos 20 anos, no Hellion, que mudou de nome para Snair ao migrar de Detroit para Los Angeles, na Califórnia.

Em 1988, o grupo chegou a gravar uma demo de quatro músicas, incluindo um cover de *Hell Bent for Leather* que rendeu ao vocalista uma grande experiência: "Estávamos no SIR Studios, em Hollywood, e os caras do Judas Priest estavam ensaiando numa das salas. Nosso guitarrista foi atrás do Rob Halford para perguntar se ele poderia escutar a demo, e Rob foi até a nossa van! Imagine como foi para mim estar ao lado do Rob enquanto ele ouvia a nossa versão! Inacreditável!", disse Howe a este repórter em entrevista na ROADIE CREW #241.

No mesmo ano, ele deixou o Snair para se juntar ao Heretic, com o qual gravou o álbum *Breaking Point*. E a sua carreira deu um salto. "A primeira vez que eu e Kurdt trabalhamos juntos, afinal, ele ficava o tempo todo atrás da mesa enquanto eu gravava os vocais. A química começou ali. Foi uma experiência incrível, que abriu minha mente e meus olhos para novas possibilidades artísticas. Por causa desse disco, decidi tentar a sorte no Metal Church e trabalhar com Kurdt novamente."

Com o Metal Church, Howe gravou os aclamados *Blessing in Disguise* (1989) e *The Human Factor* (1991), além do subestimado *Hanging in the Balance* (1993), até a primeira vez em que a banda encerrou as atividades, em 1996. Mas conseguiu um feito para poucos: ocupou o lugar do vocalista original, o também saudoso David Wayne (1958-2005), de tal forma que se tornou o favorito de grande parte dos fãs. Quando a banda anunciou a volta em 1998, a expectativa é de que fosse com Howe nos vocais. Não aconteceu.

Wayne foi recrutado, mas saiu em 2001, e os fãs voltaram a pedir por Howe. Não rolou. Ronny Munroe foi chamado, e o grupo parou novamente em 2009. Três anos depois, uma nova volta, e adivinhe? Os fãs queriam Howe, mas Munroe seguiu no posto até 2014, quando não houve jeito: com os fãs em êxtase nas redes sociais, a regravação do clássico *Badlands* marcou o início da segunda era de Howe no Metal Church.

Em conversa informal com este repórter em 2016, durante o Monsters of Rock Cruise, o vocalista resumiu os 20 anos em que ficou afastado: "Vivi uma vida normal com a minha família. Montei meu próprio negócio e ajudei a criar meus garotos", disse Howe, referindo-se à sua empresa de carpintaria, à esposa, professora de Psicologia, e aos dois filhos, nascidos em 1997 e 2002, respectivamente – em 1997, diga–se, ele ainda gravou, como convidado, os vocais de *Hand of Fate*, faixa de abertura do EP *Illusions*, do Megora.

Com o Metal Church, foram mais dois discos de estúdio, *XI* (2016) e *Damned If You Do* (2018); um ao vivo, *Classic Live* (2017); e a semicoletânea *From the Vault* (2020), até a trágica notícia. Na manhã de 26 de julho de 2021, Howe foi encontrado morto em sua casa em Eureka, na Califórnia. De cara, a polícia descartou drogas e álcool como fatores, mas o verdadeiro motivo foi devastador: Howe havia cometido suicídio. "Eu não sabia que ele estava sofrendo", disse Joey Vera (Armored Saint e Fates Warning). "Mike era uma pessoa muito doce."

"Eu gostaria que ele apenas tivesse ligado para mim", completou John Bush (Armored Saint). "Essa notícia realmente me atingiu muito forte." Todd La Torre, Jeff Scott Soto, Mike Portnoy, Doro Pesch, Michael Wilton, Gary Holt, Overkill e inúmeros outros músicos e bandas lamentaram a partida tão prematura de um gigante do heavy metal. E numa nota pessoal, este repórter, que pôde entrevistar Mike Howe algumas vezes – também pessoalmente, inclusive depois sendo chamado por ele apenas para papear –, perdeu um de seus grandes ídolos. Descanse em paz, Mike.

Breaking Point (1988)

Blessing in Disguise (1989)

The Human Factor (1991)

XI (2016)

Damned If You Do (2018)

# TIM BOGERT

✶ 27/08/1944 † 13/01/2021

**Por Antonio Carlos Monteiro**

Alguns músicos se limitam a ser meros instrumentistas. Outros preferem marcar sua passagem no mundo da música revolucionando a forma de abordar seu instrumento. Tim Bogert certamente pertenceu à segunda categoria.

Nascido John Voorhis Bogert III, em 27 de agosto de 1944, em Nova York, aos 8 anos ele ia pedalando sua bicicleta para as aulas de piano. Logo se desinteressou, mas voltou ao mundo da música cinco anos depois, quando começou a tocar clarinete, que logo foi trocado pelo saxofone. Formou sua primeira banda, The Belltones, e começou a faturar em shows em Nova Jersey, onde morava na época. Em seguida, o grupo mudou o nome para The Chessmen e, com a ajuda de Allen Fredericks, da rádio WADO, passou a participar de festivais e eventos maiores.

Porém, era o ano de 1965 e a surf music começava a dar as cartas. Foi o bastante para Tim passar para o baixo (logo também se tornou vocalista), vislumbrando uma maior possibilidade de sucesso. Completou os estudos e passou a se dedicar exclusivamente à música, tocando em diversas bandas da região de Nova York.

Ainda em 65, uniu-se a Mark Stein (vocal e teclado), Vince Martell (guitarra) e Joey Brennan (bateria), formando a banda The Pigeons. Após um tempo, Brennan foi substituído pelo grande parceiro musical de Bogert: Carmine Appice. A banda chamou a atenção da Atlantic, do todo-poderoso Ahmet Ertegun. Só havia um problema: ele não gostou do nome do quarteto. Já que juízo não faltava aos músicos, toparam mudar. Surgia, então, o Vanilla Fudge, que fazia algo como um rock psicodélico pesado.

O contrato foi assinado em 1967 e nesse mesmo ano saiu o primeiro disco, que levava o nome do grupo. Conseguiu um bom resultado, graças principalmente à versão de *You Keep Me Hanging On*, das Supremes. A partir de então, o Vanilla Fudge entrou numa produção intensa, registrando nada menos que cinco discos em três anos – e todos chegaram ao Top 40. Perguntado a respeito em entrevista ao Geeks of Doom em 2011, Tim riu: "A gente era jovem e você faz um monte de coisas quando é jovem. Nós trabalhávamos muito e adorávamos."

Em 1970, o Vanilla Fudge se separou, mas Tim e Carmine continuaram juntos. Os dois uniram-se ao vocalista Rusty Day e ao guitarrista Jim McCarthy para montar um novo grupo. "A gente estava voltando de um show no Arizona", lembrou Tim tempos depois, "e passamos na frente de um drive-in chamado Cactus. Nunca foi tão fácil dar nome a uma banda..." Entre 1970 e 1972, o hard rock do quarteto gerou quatro discos que não foram tão bem quanto os do Vanilla Fudge, mas fizeram nome junto a crítica e público.

Após uma mudança de guitarrista, o Cactus encerrou atividades e a dupla Bogert/Appice despertou o interesse de ninguém menos que Jeff Beck – o guitarrista já havia declarado que considerava a dupla uma das mais sólidas cozinhas do rock. Surgia então o supergrupo Beck, Bogert & Appice, que durou de 1972 a 1974 e deixou apenas dois discos, um de estúdio, autointitulado, e um ao vivo, *Beck Bogert & Appice Live (In Japan)*, ambos de 1973.

Com o fim do trio, Tim tirou umas férias: "Durante um tempo não fiz nada, só andei de moto", afirmou ele, um fã assumido das motocicletas Harley-Davidson.

Também se tornou professor do Musicians Institute de Hollywood, onde ficou por dezoito anos. Em 1999, fez vários trabalhos com Appice, incluindo uma turnê pelo Japão acompanhando o guitarrista local Char, conhecido como o "Jeff Beck japonês". A turnê foi anunciada como sendo de Char, Bogert & Appice.

Participou de voltas pontuais de Vanilla Fudge e Cactus, além de se apresentar com nomes como Rod Stewart, Billy Cobham, Steve Perry, Rick Derringer, Boxer e Ginger Baker, entre muitos outros, até que em 2009 foi forçado a se afastar dos palcos por conta das sequelas de um acidente de moto – apesar disso, continuou a compor e a gravar.

Nos últimos anos, passou a lutar contra um câncer, que levou-o no início do ano. No dia em que a notícia foi divulgada, vários músicos se manifestaram, incluindo seu grande parceiro Carmine Appice: "*Ele era como um irmão para mim. Foi meu amigo por mais de cinquenta anos*", declarou o baterista.

Vanilla Fudge
Vanilla Fudge (1967)

Vanilla Fudge
Near The Beginning (1969)

Cactus - Cactus
(1970)

Cactus
One Way... Or Another (1971)

Beck, Bogert & Appice
Beck, Bogert & Appice (1973)

# MUQUETA NA OREIA

# PORRADA E REFLEXÃO

**Banda oriunda de Embu das Artes (SP) está mais nervosa e cirúrgica no som e nas letras em seu terceiro álbum, *brasileiros***

**Por Thiago Prata**

Se *Lobisomem em Lua Cheia* (2010) foi o pontapé inicial de uma banda que transbordava gana, e *Blatta* (2013) representou um grande passo evolutivo, *brasileiros* (2021) é, até agora, o ápice criativo dos paulistas do Muqueta na Oreia, tanto na poética, quanto na agressividade de seu mosaico thrash/hardcore e na inclusão de elementos advindos de outras esferas musicais. Um bom exemplo desse quadro é *Samba de Maria*, terceira faixa do novo play, seríssima candidata a um dos clássicos do grupo e que conta com a presença do Bloco Cachorro de Selva, de Taboão da Serra (SP), elevando o patamar de uma música que disseca uma das mazelas da nossa sociedade. Mazelas essas denunciadas ao longo de todo o trabalho, tido pelo baterista Henry como "a melhor versão do Muqueta Na Oreia e do que virá pela frente! Musicalidade, poder e originalidade sem receio". Ramires (vocal e percussão), Bruno Zito (guitarra) e Cris (baixo) corroboram com o batera, como fica notório nesta entrevista.

**Lá se vai mais de uma década desde o lançamento de *Lobisomem em Lua Cheia*, enquanto o segundo álbum, *Blatta*, está perto de atingir dez anos. Quais as principais lembranças daquela época e qual o impacto desses discos até hoje nos fãs?**

**Ramires:** Com *Lobisomem em Lua Cheia* a gente aprendeu muito: macetes de estúdio, de estrada, de shows, de marketing, enfim, foi uma época de muitas descobertas, o que nos preparou para o disco seguinte. Em *Blatta*, que já é mais maduro, a banda estava mais cascuda. É muito gratificante quando a gente ouve dos fãs a importância das nossas músicas em suas vidas. É o que faz toda a dedicação valer a pena. O que acho foda também é que os discos não envelheceram, continuam muito atuais.

**E mesmo que haja uma evolução de um disco para o outro, fica notório que a identidade do grupo e aquele estilo característico, de muito peso e letras ácidas, se mantêm.**

**Cris:** Em *Lobisomem em Lua Cheia*, não tivemos a participação direta do Henry, pois, quando ele entrou na banda as estruturas dos arranjos já estavam prontas, diferentemente dos discos seguintes, em que os arranjos foram criados por todos os integrantes. Até então, não tínhamos ideia de qual seria o perfil do nosso público, estávamos fazendo algo que achávamos legal. E isso se mantém até hoje. Já em *Blatta*, tínhamos a noção do que os fãs mais curtem. Isso ajudou muito na criação do álbum. Não digo que mudamos, mas nos aprimoramos. O Muqueta nunca teve medo de arriscar nas músicas, gostamos de explorar nossa cultura, nosso folclore, nosso cotidiano. É o que nos torna o que somos.

**BRASILEIROS**
**Muqueta Records - Nac.**

**Henry:** Tem a maturidade da banda em acrescentar às músicas o que elas realmente pedem, sempre buscando uma cadência de peso nas músicas. A pegada do Muqueta Na Oreia continua aliada a uma musicalidade muito forte.

**O que foi dito até agora serviu de preâmbulo para *brasileiros*, terceiro play do grupo. Primeiramente, quais os motivos que levaram ao hiato de oito anos entre *Blatta* e o disco mais recente? E o quanto esse tempo influenciou diretamente para o resultado final do álbum, que, na minha opinião, é o melhor da banda?**

**Ramires:** Opa, valeu! Eu também acho (risos). Em relação ao tempo entre os discos, acredito que não tem um só motivo. Foram muitos shows promovendo *Blatta*. E levou um tempo para a gente conseguir preparar as novas composições. Houve alguns motivos técnicos também, como a troca de um equipamento que nos obrigou a regravar algumas músicas. E quando estava quase tudo pronto, veio a pandemia. Aí aproveitamos esse período para lapidar algumas músicas.

**Como foi o processo de composição e o que mais os inspirou na criação de letras, como as de *Samba de Maria* e *Revolta*?**

**Ramires:** Para compor a maioria das letras de *brasileiros*, eu me isolei por uns tempos numa casa no litoral. Os dias eram frios e chuvosos, o que contribuiu, ainda mais, para que eu pudesse me concentrar 100% nas composições. Levei três malas, duas delas cheias de livros (risos). *Samba de Maria* e *Revolta* nasceram dessa aventura solitária. As duas trazem duras críticas sociais. A primeira é mais voltada para as famílias brasileiras, em especial às mulheres, que são o alicerce da casa, mas que tanto sofrem com violência, descaso e preconceito. E a outra fala diretamente dos criminosos, que se denominam políticos, que comandam nosso país. É uma tarefa muito árdua e triste relatar a realidade da nossa sociedade.

**O Muqueta na Oreia tem como uma de suas características unir elementos do hardcore, do thrash e de outros gêneros para dar luz a um estilo próprio. Em *brasileiros*, os riffs estão mais gordos, o som está ainda mais encorpado e tudo flui de modo mais agressivo.**

**Bruno Zito:** Sim, você captou bem nossa proposta. São reflexos de tudo o que vivenciamos, ouvimos e de quem nos inspira. Acredito que é também consequência de uma evolução técnica natural da banda e do momento que cada um vivia na criação e gravação das músicas. Não temos fórmulas para nossas criações, deixamos tudo fluir naturalmente e tentamos sempre colocar o que a música pede. Porém, desta vez tínhamos um objetivo em comum: ser mais agressivos do que o último álbum, seja por um riff, uma levada de bateria, uma letra ou até mesmo na sonoridade da mixagem. Um caso interesse é a faixa *Violência*, que, por um instante, quase descartamos por acharmos simples demais. Mas a letra dela acabou por compensar e trazer essa agressividade que queríamos.

**Outro ponto interessante, além das músicas e das letras, são as participações...**

**Cris:** É uma honra ter Antonio Araújo (Korzus, Lockdown), Marcio Sanches, Marcos Kleine (PAD, Ultraje a Rigor), DJ MF (Pavilhão 9) e o Bloco Cachorro de Selva em um disco do Muqueta. Sem dúvida, eles são um grande diferencial. A ideia de cada artista surgiu logo no processo de composição. Pensamos no que gostaríamos de fazer em cada música e esses foram os nomes sugeridos. Está sendo muito gratificante, pois os resultados superaram nossas expectativas. Todos tornaram esse disco uma obra singular.

**Durante a pandemia, a banda organizou várias lives nas redes sociais e no YouTube, inclusive para entrevistar artistas. Qual o balanço que fazem delas, que, inclusive, contaram com o apoio da ROADIE CREW? Essa interação pode render mais ideias para o futuro?**

**Ramires:** Antes de mais nada, muito obrigado à ROADIE CREW e toda sua equipe por sempre apoiarem as ações em prol do rock/metal no Brasil. A Muqueta Live rolou por mais de um ano. Fizemos uma série de 61 lives, com o intuito de entreter e também conscientizar o público sobre os perigos do novo coronavírus no Brasil. Aconteceram muitas coisas espetaculares por causa dessas lives, como, por exemplo, a collab de *Cemetery Gates* (Pantera), com as ilustres participações de Alirio Netto (Shaman, Queen Extravaganza), Digão (Raimundos) e Thor Moraes (Malta). A participação de Marcos Kleine e Marcio Sanches em *brasileiros* também surgiu daí. E ainda tem muita coisa pra acontecer. Somos muito gratos pelas lições aprendidas a cada bate-papo e pelas amizades que ficam para a vida.

**Qual a análise que vocês fazem da cena underground no Brasil desde o início do Muqueta? Em quais aspectos a cena evoluiu, melhorou e enfraqueceu?**

**Ramires:** Melhorou demais! Quando começamos, em 2007, ainda havia muita resistência com o metal cantado em português por parte de algumas mídias especializadas, casas de show, selos, enfim, ainda mais para nós, que sempre fomos abertos a experimentar novos elementos. Uma falecida publicação chegou a negar um review do nosso disco, por sermos banda 'paródia' (risos). Confesso que até hoje não entendi qual é a paródia na nossa música, sendo que, na maioria das vezes, falamos sobre a realidade das nossas vidas. Hoje o entendimento é outro. A cena está muito fortalecida, o metal cantado em nossa língua está mais valorizado do que nunca. E as bandas têm prezado por uma estrutura digna para tocar, deixando de aceitar péssimas condições para subir no palco.

**Por fim, sobraram ideias neste processo de composição de *brasileiros* que poderão ser usadas futuramente? E assim que as turnês voltem a ser uma realidade, já há um plano traçado para a banda?**

**Cris:** O Muqueta está sempre criando coisas novas, temos ideias guardadas desde nosso primeiro álbum ainda, tudo é questão de tempo para amadurecê-las. Estamos com sangue 'no zoio' para voltar aos palcos. Quem sabe uma turnê pelo Norte e Nordeste do país. São muitos os planos para este retorno. Estamos estudando todas as possibilidades. Queremos tocar em todos os lugares possíveis e impossíveis deste Brasilzão.

Divulgação

**Bruno Zito, Ramires, Henry e Cris aliam peso e versatilidade a temas do cotidiano em novo disco**

# VOLBEAT

# DIAMANTES BRUTOS

## Baixista Kaspar Boye Larsen dá uma geral em sua história com o Volbeat enquanto narra a ascensão do death metal na Dinamarca

**Por Valtemir Amler**

Olhando apenas pela música apresentada em seus discos, poucos imaginariam que o Volbeat tem origens tão "pesadas". Dos quatro integrantes da formação atual da banda de Copenhagen (DIN), três têm sua história diretamente conectada ao nascimento do death metal dinamarquês: Michael Poulsen (vocal e guitarra) fez história com o Dominus, Jon Larsen (bateria) passou por Infernal Death, Moratorium e Abhorrence, e nosso entrevistado, Kaspar Boye Larsen (baixo), lançou álbuns ao lado do Withering Surface. Apenas para contextualizar, vale lembrar que o quarto elemento, Rob Caggiano (guitarra), tornou-se mundialmente conhecido por sua passagem pelo Anthrax. Pronto, com toda essa história à mesa (e lembrando que esta entrevista aconteceu antes de a imprensa ter acesso ao novo álbum, *Servant of the Mind*), aproveitamos para mergulhar mais profundamente pela história do death dinamarquês, em um passeio guiado por um de seus criadores.

**SERVANT OF THE MIND**
**Universal - Nac.**

**Sob vários aspectos, a história da banda Volbeat está intimamente ligada ao início e ao desenvolvimento da cena do death metal da Dinamarca. Na formação atual, os três nascidos no país têm seu passado diretamente conectado a bandas dinamarquesas death metal, portanto, gostaria de começar falando justamente disso.**

**Kaspar Boye Larsen:** Ótimo, vamos lá! Comecei a me interessar mais seriamente por música por volta de 1990. Na época eu estava completamente viciado em bandas como The Cure, gothic rock em geral e bandas punk do final dos anos 70. Então, quando eu tinha uns 15 anos, conheci um cara na escola que estava ouvindo uma banda alemã chamada Morgoth. Ali foi o início de uma coisa completamente nova para mim. Claro que era uma fita cassete, era assim que conhecíamos as coisas na época, era uma fita gravada de um dos EPs da banda, e eu peguei emprestado pra fazer uma cópia. Eu nunca tinha ouvido nada como aquilo antes, era muito brutal se comparado ao que eu ouvia normalmente... Bem, depois disso eu conheci outros caras que também curtiam death metal – um gênero que ainda era algo bastante novo em 1990, você sabe, a maior parte das pessoas estava interessada em heavy e thrash naquele tempo. Comigo não foi assim, eu fui direto do gótico e do post-punk para o death metal. Bem, também foi naquela época que comecei a tocar, justamente com aqueles amigos que estavam interessados em death metal. Nós éramos péssimos, mal sabíamos tocar qualquer coisa. Acabamos melhorando com o passar do tempo, mas a verdade é que fumávamos muita maconha e mal sabíamos o que estávamos fazendo. Eu acabei percebendo que a banda não daria em nada, eu nunca chegaria a lugar nenhum e estava disposto a tentar algo diferente. Algum tempo mais tarde, viajei para uma cidade maior (Næstved) para assistir alguns shows, e lá conheci outras pessoas. Decidimos começar uma nova banda de death metal melódico e a chamamos de Withering Surface.

**Neste ponto as coisas começaram a tomar um rumo mais sério.**

**Kaspar:** Isso mesmo. Nós estávamos em Næstved e Michael (N.R: Michael Poulsen, guitarrista, vocalista e fundador do Volbeat) morava em uma cidade vizinha. Ele já tinha sua banda de death metal, o Dominus, e tinha amigos que ensaiavam em Næstved, então foi através deles que nos conhecemos, acho que em 1994. Bem, o Dominus e o Withering Surface eram bandas bem diferentes, musicalmente. Nós éramos muito influenciados por In Flames, Dark Tranquillity e toda a cena de Gotemburgo, enquanto eles tocavam uma música realmente agressiva e old school, muito pesada. Nossas bandas dividiram o palco algumas vezes, a cena na Dinamarca era ainda muito pequena, então todos nos conhecíamos. Quer dizer, todos que

tocavam em alguma banda na Dinamarca se conheciam, de verdade.

**A cena dinamarquesa era ainda muito nova, pelo que me lembro, o grande nome internacional do death dinamarquês era o Illdisposed.**

**Kaspar:** Sim, eles eram os mais importantes no cenário, eles e o Konkhra, acho que eles eram os nomes dinamarqueses internacionalmente conhecidos. Porém, antes ainda de Illdisposed e Konkhra havia o Invocator, acho que eles foram os pioneiros do metal extremo por aqui, embora eu não ache que fossem propriamente uma banda death. Estava mais para um thrash muito veloz, você lembra deles?

**Não muito, mas conheço bem o álbum *Excursion Demise*, de 1991.**

**Kaspar:** Ah, sim. Esse e *Weave the Apocalypse* (1993) costumam ser os mais lembrados deles. Bem, o vocalista do Invocator era Jacob Hansen (N.R.: e ainda é, já que oficialmente a banda nunca encerrou a carreira), que provavelmente é o produtor mais famoso da Dinamarca, já produziu muitas bandas, inclusive é o produtor dos álbuns do Volbeat.

> "Nós estávamos abrindo para outras três bandas, mas todos sentimos que muitas daquelas pessoas estavam lá para nos ver, e essa é uma sensação incrível para uma banda nova."
>
> Kaspar Boye Larsen

**Pois é, a Dinamarca tinha nomes tradicionais dos anos 80, como Mercyful Fate, King Diamond e Artillery, e começava a viver um novo ápice nos anos 90. Deve ter sido um momento especial.**

**Kaspar:** Sim, foi uma época muito especial, muito mesmo. Eu ainda costumo olhar para trás e me emocionar com todas as memórias que colecionamos naqueles tempos, nós estávamos construindo uma cena... Eu estava com minha banda, enviando cartas e demos para todos os zines, trocando fitas com pessoas do mundo inteiro, quando penso que já se passaram trinta anos não parece verdade, isso é loucura!

**Você era fã das novas bandas dinamarquesas na época?**

**Kaspar:** Sendo bastante sincero, eu não estava tão empolgado com Illdisposed e Konkhra, eu estava muito mais fascinado com as bandas da Suécia. O primeiro LP de death metal que eu comprei foi *Left Hand Path* (1990), do Entombed, eu era fanático por esse disco! Eu amava Dismember, Unleashed, Carnage, uau, eu adorava a cena de Estocolmo, para mim era de lá que vinha a melhor música! Mas isso foi no começo dos anos 90, depois eu comecei a mudar.

**Por quê?**

**Kaspar:** Eu não sei, acho que chegou um momento em que todas aquelas bandas passaram a soar muito iguais, todas começaram a usar os mesmos produtores, queriam ir para o Morrisound e ser produzidos por Scott Burns, a coisa começou a ficar meio repetitiva para mim, e foi então que conheci bandas como At the Gates, Dark Tranquillity e In

Rossi Stella

Kaspar Boye Larsen, Michael Poulsen, Rob Caggiano e Jon Larsen, com muita experiência no metal extremo, quarteto aposta nas melodias e na mistura de gêneros musicais em *Servant Of The Mind*

Flames, a cena de Gotemburgo meio que revitalizou meu interesse pela cena.

**Pouco mais tarde você estava estreando. O álbum *Scarlet Silhouettes* (Withering Surface, 1997) foi sua primeira experiência real em estúdio, certo?**

**Kaspar:** Sim, aquilo foi estranho (risos). Eu já tinha ido a estúdios antes para gravar demos e tal, mas daquela vez era pra valer, tínhamos um produtor de verdade e... Cara, é incrível, eu ensaiava muito, estava sempre com o baixo nas mãos, treinava dedilhado o tempo todo, eu soava bem pra caralho e, quando comecei a tocar no estúdio diante do produtor, todas as minhas falhas começaram a vir à tona. Não foi com muito prazer que cheguei à conclusão de que eu deveria ensaiar duas vezes mais do que vinha fazendo (risos). O que eu e os outros caras da banda aprendemos foi que estávamos tão nervosos com aquela primeira experiência, tão focados em treinar nossas habilidades individuais à perfeição que esquecemos completamente de pensar em como soaríamos juntos, como realmente ficariam as músicas (risos). Não correspondia, o baixo não combinava com a guitarra ou a bateria, eu estava apenas tentando mostrar a minha parte (risos). Então, foi uma experiência dura, mas valiosa para mim. Com um produtor de verdade no estúdio, eu aprendi que um disco não é sobre mostrar tudo o que eu sei fazer, é sobre fazer música que funciona. Às vezes, você precisa de uma linha simples, isso eu aprendi naquela vez e carrego até hoje na minha vida.

**Bem, muitas bandas têm décadas de carreira e ainda não aprenderam essa lição.**

**Kaspar:** É verdade. Veja, lá estávamos nós pela primeira vez gravando um disco no estúdio com Fredrik Nordström, o cara que tinha produzido *Slaughter of the Soul* (At the Gates, 1995). Era um herói pra mim, eu queria muito me exibir para ele (risos). Então, eu estava lá fazendo maluquices no baixo, mas ele chegou e disse: 'O que você está fazendo, isso é um solo?' Eu respondi, todo convencido: 'Não, essa é a linha da música', e ele mandou: 'Você não poderia tocar uma linha bem mais simples para que todo mundo entendesse o que está fazendo e conseguisse acompanhar?' (risos gerais) Bem, não foi um prazer, mas foi um aprendizado muito importante, acho que não estaria aqui hoje se não tivesse aprendido isso. Devo muito a Fredrik por isso.

**Com certeza. Bem, você e Michael já se conheciam há muito tempo antes de finalmente tocarem juntos em uma banda.**

**Kaspar:** Sim, eu já estava há dez anos tocando com o Withering Surface, então queria tentar coisas diferentes. Comecei a tocar uma música mais orientada pelo hardcore com o The Kandidate. Ao mesmo tempo, Michael também estava partindo para outra formando o Volbeat. Originalmente, acho que ele estava cansado de tocar apenas death metal, queria algo mais abrangente, em que pudesse tocar algo de punk rock, rockabilly, tudo que o havia influenciado no passado. Bom, Volbeat e The Kandidate também dividiram palco em algumas turnês, então sempre estivemos em contato. Assim, quando o Volbeat saiu para a sua primeira turnê europeia, em 2006, o baixista deles

Em nosso Canal no Telegram.me/Brasil

Ross Halfin

***Servant Of The Mind* é o segundo álbum de estúdio com Michael Poulsen, Rob Caggiano, Jon Larsen e Kaspar Boye Larsen**

(N.R: Anders Kjølholm, que continuou na banda até 2015) não pode acompanhá-los nas duas primeiras semanas e Michael me perguntou se eu gostaria de viajar com eles.

**Como foi essa primeira experiência com o Volbeat?**

**Kaspar:** Eu era apenas um baixista convidado para algumas apresentações, mas foi incrível, eu me diverti muito. Lembro que o Volbeat estava no final da fila naquela turnê, quer dizer, nós estávamos abrindo para outras três bandas, mas todos sentimos que muitas daquelas pessoas estavam lá para nos ver, e essa é uma sensação incrível para uma banda nova. Bem, a verdade é que eu nunca tinha sentido algo como aquilo antes, então disse para Michael que, se um dia ele precisasse de um novo baixista, eu queria o trabalho.

**Você basicamente se voluntariou ao posto.**

**Kaspar:** Basicamente (risos). Eu queria muito esse trabalho, pois eu tinha vivido o melhor momento da minha vida naquelas duas semanas de turnê, eu adorava aquelas músicas, eu gostava muito dos caras na banda, tudo parecia perfeito. Então, um dia, dez anos depois, Michael me ligou e perguntou se eu ainda queria ser o baixista do Volbeat.

**Acho que você não precisou pensar muito na resposta (risos).**

**Kaspar:** Não mesmo, foi tipo: 'Mas é claro que eu quero, tem certeza que precisa me perguntar isso?' (risos gerais) A verdade é que eu nem imaginava que ele lembraria que eu tinha pedido para ocupar o posto, mas Michael é assim. Ele é muito leal com aqueles que estão ao seu lado, e foi uma ótima surpresa quando me convidou para integrar oficialmente a banda.

**Em 2019 você gravou o seu primeiro disco com o Volbeat, *Rewind, Replay, Rebound*. Essa gravação propiciou alguma mudança na sua abordagem?**

**Kaspar:** Sim, uma grande mudança. Para aquele álbum eu fiz várias pré-gravações com Rob (N.R: Rob Caggiano, ex-Anthrax e guitarrista do Volbeat desde 2013), então éramos basicamente eu e ele em estúdio trabalhando juntos nas linhas de baixo, já que era o meu primeiro disco com eles. Foi difícil, pois eu estava buscando a aprovação de todos para as minhas linhas de baixo, e havia mudança ali. Quando tocava death ou hardcore eu basicamente seguia o riff da guitarra, no Volbeat eu basicamente tocava 'power chords' de uma maneira que se encaixassem com o coro melódico. Quer dizer, levou um tempo para encaixar meu estilo e as bases para isso foram lançadas pelo trabalho que fiz ao lado de Rob em estúdio.

**Algo que vocês não puderam repetir dessa vez.**

**Kaspar:** Realmente não foi possível, já que ele não conseguiu vir para a Dinamarca por conta de todas as restrições da pandemia. Felizmente eu já estava mais confiante, então foi um processo bem tranquilo.

> "Adoro estar em uma banda em que posso ir de Stray Cats para Entombed em segundos."
>
> Kaspar Boye Larsen

**Bem, no álbum anterior vocês tentaram algumas coisas novas, como em *Last Day Under the Sun*, que é basicamente um hit típico para as rádios...**

**Kaspar:** Sim, tentamos algumas coisas novas ali e essa música realmente é diferente, é ainda mais melódica e cativante, tem umas progressões diferentes nas guitarras. É diferente, mas gosto muito dela, é uma ótima música.

**Embora não tenha tido a chance de ouvir o novo álbum na íntegra, os primeiros singles mostram um caminho mais pesado. *Shotgun Blues* tem estrutura thrash e no início de *Becoming* tem um riff de death metal.**

**Kaspar:** Cara, aquilo é lindo, não é?

**Com certeza.**

**Kaspar:** Quando estamos ensaiando, costumamos fazer jams de death metal, é isso que gostamos de tocar nos bastidores. Michael tem muitos riffs do estilo e improvisamos muito nos ensaios, é a melhor maneira de entrar no clima. Quando ouvi esse riff pela primeira vez, pensei que fosse apenas uma jam, algo assim, mas quando perguntei, Michael disse: 'Não, isso é parte de uma música.' Eu pensei: 'Sério?' Cara, isso é legal demais. Adoro estar em uma banda em que posso ir de Stray Cats para Entombed em segundos (risos gerais).

Canal no Telegram: t.me/[illegible]evistas

# GAMA BOMB

# THRASH Cinematográfico

## Expoente do metal irlandês reúne gama de referências da sétima arte em novo bombardeio thrash

**Por Thiago Prata**

Disponibilizado em setembro de 2020, o clipe para *Sea Savage* reúne todos os ingredientes que fazem do Gama Bomb um dos grupos mais legais do atual cenário do thrash e reitera o status de um dos expoentes do metal irlandês: referências ao cinema, bom humor, uma usina de riffs inspiradíssimos de autoria de Domo Dixon e John Roche, uma cozinha de peso e os vocais marcantes de Philly Byrne. Uma premissa e tanto para o álbum de mesmo nome que viria a ser lançado em dezembro do mesmo ano e que é um dos motes da conversa que tivemos com Joe McGuigan (baixo e vocais), que falou ainda da colaboração do baterista James Stewart (Vader), da pandemia e, claro, de cinema. De quebra, adiantou os próximos passos da banda.

**Antes de falarmos a respeito do novo álbum, *Sea Savage* (2020), poderia falar sobre o período de pandemia em seu país? Como as pessoas a estão enfrentando?**

**Joe McGuigan:** Infelizmente, a situação tem sido muito problemática. Como há dois governos na ilha, havia duas abordagens diferentes para o vírus e nenhuma delas teve muito sucesso. Temos a mesma população da Nova Zelândia, que também é uma nação insular, mas que é um país que erradicou o vírus por ter uma política sensata em relação a viagens e ao vírus. Acho que a Irlanda ainda lutará por mais algum tempo.

**Vamos então falar do novo e sétimo álbum de estúdio. Ele foi gravado ou composto durante esse período de pandemia? Como foi o processo de composição e gravação? E quais são seus sentimentos com relação a *Sea Savage*?**

**Joe:** Começamos a compor para o álbum assim que terminamos nossa turnê no Natal de 2019. Com o single *Living for the Lockdown* (2020), nós também estávamos vendo o quanto nosso software de gravação doméstico funcionaria, o quão bom ele seria. Enquanto isso, nosso guitarrista Domo descobria como fazer para produzir o álbum. Scott Atkins (Vader, Cradle of Filth e outros) havia produzido nossos cinco álbuns anteriores (N.R.: *Citizen Brain*, de 2008, *Tales From the Grave in Space*, de 2009, *The Terror Tapes*, de 2013, *Untouchable Glory*, de 2015, e *Speed Between the Lines*, de 2018), então foi um grande passo para nós fazermos este álbum de maneira independente.

**Como sempre, os fãs da banda tentam descobrir algumas referências nerds em um novo álbum do Gama Bomb, incluindo eu, é claro. E uma delas é bem evidente na faixa *Miami Super-cops* (N.R.: em referência ao filme de mesmo nome, de 1985; no Brasil, 'Os Dois Super-Tiras em Miami'). Na verdade, ela mantém uma tradição do grupo de homenagear os filmes italianos, certo?**

**SEA SAVAGE**
**Prosthetic Records - Imp.**

**Joe:** Bem, é realmente nosso gosto pessoal. No passado, escrevemos canções sobre grandes filmes americanos, como 'Superman II' ou 'Poltergeist'. Nós meio que sentimos um carinho especial por muitos desses filmes italianos dos anos 80 porque, na minha opinião, eles eram uma reação a um filme americano ou britânico. Eram como nossa relação com o heavy metal. O Gama Bomb é uma versão irlandesa a algo como Helloween ou Anthrax. E 'Miami Supercops' é uma versão muito italiana de algo como 'Dirty Harry' ou 'Miami Vice'.

**Ainda falando do cinema italiano, sei que vocês são fãs de Dario Argento, que completou 80 anos em 2020. Qual é a maior contribuição dele para o cinema, na sua opinião? E de quais outros ícones do cinema italiano você gosta?**

**Joe:** Para mim, os melhores filmes de Argento seriam 'Inferno' (1980), 'Deep Red' (de 1975; no Brasil, 'Prelúdio Para Matar'), 'Phenomena' (1985) etc. Sobre os outros heróis italianos eu incluiria Bruno Mattei, Lucio Fulci, Claudio Fragasso, Alex McBride e, por extensão, John Saxon e Henry Silva.

**Voltando a *Sea Savage*, a faixa-título traz um ótimo vídeo, em preto e branco. Sei que vocês são fãs de terror e também de trabalhos sobre aventuras marítimas. Então, quais seriam as inspirações para o vídeo e a música? Não sei se é correto dizer, mas algumas partes do vídeo me lembraram o filme 'O Farol' (2019).**

**Joe:** Sim, exatamente, 'O Farol', com Willem Dafoe, e 'The Fog' (1980; no Brasil, 'A Bruma Assassina'), de John Carpenter. Ainda estamos aprendendo como fazer nossos vídeos, mas esperamos em alguns anos fazer nosso próprio filme cult.

**Qual é o maior desafio em pegar um tema nerd e transformá-lo em uma canção, ainda mais com um resultado tão atrativo quanto o do novo álbum?**

**Joe:** Existem canções nas quais tentamos trabalhar por meio de ideias de filmes ou da TV e as que não estávamos interessados o suficiente em sua premissa para seguir em frente até chegar a uma canção finalizada. Geralmente é um processo bastante natural. Um exemplo: temos conversado sobre a esposa de Henry em 'Goodfellas' (N.R.: 'Os Bons Companheiros', de 1990, dirigido por Martin Scorsese), então estamos escrevendo uma música sobre 'Goodfellas' para o próximo álbum.

**Outro ponto interessante em *Sea Savage* é que o álbum conta com o baterista James Stewart (Vader). O que você poderia nos contar sobre a performance dele no álbum?**

**Joe:** Quando Paul (Caffrey) deixou a banda em dezembro de 2019, após quinze anos, não tínhamos certeza sobre quem procuraríamos. Recebemos algumas ofertas de bateristas renomados, mas conhecíamos James há muito tempo, desde uma turnê com o Divine Chaos. Então acho que, embora ele seja um tipo de baterista bem diferente do Paul, foi capaz de se adaptar ao nosso estilo enquanto adicionava alguns elementos nunca ouvidos antes em um álbum do Gama Bomb.

**E vocês são fãs do Vader? Curtiram o álbum *Solitude in Madness* (2020)?**

**Joe:** Eu diria que somos fãs casuais. Scott Atkins gravou e mixou esse álbum também. Então estávamos bem cientes das habilidades de James antes de falarmos com ele sobre tocar conosco.

**E acredito que também é muito interessante ter alguém chamado James Stewart em um álbum da banda. Aliás, vocês são fãs do ator James Stewart? Por exemplo, gosto muito do trabalho dele nos filmes de Hitchcock. O que você acha?**

**Joe:** Sim, adoro muitos dos filmes dele. Assistimos 'A Felicidade Não se Compra' (N.R.: no original, 'It's a Wonderful Life', de 1946, dirigido por Frank Capra), e ele fez muitos clássicos. Também sou um grande fã de seu trabalho com a 8ª Força Aérea dos Estados Unidos derrubando a máquina de guerra nazista durante a II Guerra Mundial.

**Em 2021, Kurt Russell completou 70 anos (N.R.: no dia 17 de março). Vocês, que são fãs dele, não chegaram a programar alguma homenagem? Aliás, ele conhece suas músicas em homenagem a ele?**

**Joe:** Não, ele nunca respondeu a nenhum de nossos e-mails como fãs para ele. Então vamos seguir em frente e escrever uma música sobre... (N.R.: Joe deixa o mistério no ar).

**Qual é seu sentimento após quase vinte anos de banda? Quais as maiores conquistas e vitórias alcançadas?**

**Joe:** Para mim, este último álbum foi um marco para nós. Acho que refinamos a composição em uma mistura muito focada de thrash, punk e metal clássico. É nosso primeiro álbum a entrar nas paradas americanas, então estou muito orgulhoso dele. Em termos de outras conquistas, fizemos muitos shows legais em lugares como o Whisky a Go Go, em Los Angeles, e no Wacken e tocamos em quarenta países. Mas a verdadeira conquista, no que me diz respeito, é fazer sete álbuns e seguir firme.

**E se você tivesse que apresentar um álbum ou uma música do Gama Bomb para alguém que ainda não ouviu a banda, qual apresentaria? E o porquê da escolha?**

**Joe:** Eu provavelmente escolheria *Tales from the Grave in Space*, que foi o álbum que nos levou a ter seguidores da Europa ao resto do mundo. É um dos nossos melhores e ainda pode ser baixado totalmente gratuito na página de nossa gravadora antiga em www.earache.com/misc/downloads/gamabomb.

**E quais os planos futuros? Já existe alguma coisa em mente para novos singles, EPs ..? Quanto aos shows, espero vê-los ao vivo tocando o repertório de *Sea Savage*, quando possível.**

**Joe:** Sim, haverá um EP no início do verão (europeu), eu acho (N.R.: *Thunder Over London*). Para ser honesto, é muito difícil dizer qual é o plano, então continuaremos escrevendo música. E se não pudermos fazer uma turnê, faremos outro álbum. O vírus vai forçar nossa mão de qualquer maneira.

**Muito obrigado pela entrevista. Parabéns pelo novo álbum. Adorei o disco. E obrigado pela boa música também.**

**Joe:** Estou muito feliz que você tenha gostado do álbum, amigo. É obrigado pelas perguntas interessantes. Temos planos para shows na América do Sul em 2022, juntamente com mais algumas turnês na Europa, então esperamos ver todos vocês para tomar uma cerveja.

Domo Dixon, Joe McGuigan, John Roche e Philly Byrne reverenciam novamente a sétima arte em seu sétimo álbum

Kieran Archard

# ClassiCrew

#CLÁSSICOS #PÉROLAS #ATEMPORAIS

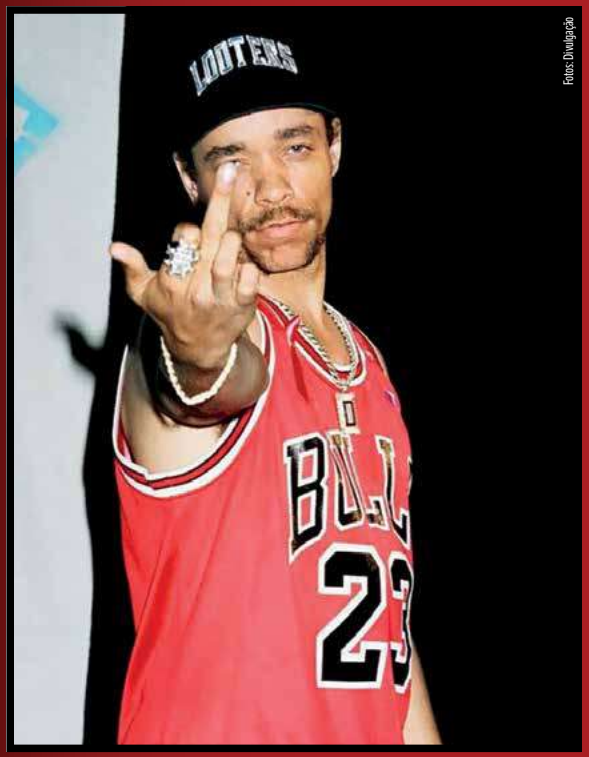
# 1992 BODY COUNT

## Body Count

Não era exatamente uma novidade: a mistura entre o peso do heavy metal (em especial do thrash) e a atitude do hip-hop vinha dando frutos desde os anos 80. Do lado do metal, é fácil lembrar do Anthrax, em 1987, com seu EP *I'm the Man*. Porém, com um pouco de boa vontade você verá raízes ainda mais antigas despontando diretamente de 1985, quando o Faith No More lançou seu debut, *We Care a Lot*.

Se a origem operária do metal se conectava diretamente com o hip-hop, os rappers também perceberam isso e, em 1986, o Run DMC lançou o single *Walk this Way* (a música também aparece no álbum multiplatinado *Raising Hell*, também de 1986, e que contava com o sucesso *It's Tricky*). Tratava-se de uma versão para um clássico original do Aerosmith e que contou com a participação do lendário quinteto de Boston.

Com as raízes sedimentadas na década anterior, não deveria ser complicado para o rapper Ice-T fundar o seu Body Count em Los Angeles em 1990, mas a verdade é que várias situações tornariam esse caminho um bocado mais acidentado. A questão básica era que Tracy Lauren Marrow, o Ice-T, já era um rapper de fama mundial naquela época. Seu segundo álbum, *Power* (1988), tinha alcançado Disco de Platina nos EUA e embora ele fosse desde sempre um fã declarado de Led Zeppelin e Black Sabbath, sua incursão pelo mundo da música pesada foi encarada com desconfiança de ambos os lados. Tanto que ele decidiu apresentar o Body Count em um álbum de Ice-T (*O.G. Original Gangster*, de 1991) com uma canção justamente intitulada *Body Count*. Na sua introdução, o rapper responde a uma suposta pergunta de uma jornalista: 'No que me diz respeito, música é música. Eu não vejo isso como rock ou R&B, é simplesmente música, sabe? (...) Eu faço o que gosto e acontece que gosto de rock'n'roll, sinto muito por aqueles que só ouvem um tipo de música."




Fotos: Divulgação

Com essa apresentação massiva, no ano seguinte o Body Count teria o seu próprio disco de estreia lançado. Ao lado do vocalista Ice-T, a banda contava com Ernie C (guitarra solo), D-Roc (guitarra base), Mooseman (baixo) e Beatmaster V (bateria), que gravaram o álbum entre setembro e novembro de 1991, na Califórnia. Com Ernie C se responsabilizando pela maior parte da composição musical, Ice-T ficou livre para focar sua atenção no aspecto lírico, que obviamente vinha carregado de crítica social e que partia da defesa para o ataque em segundos.

Na já conhecida canção *Body Count* (que voltaria a aparecer aqui com alguns poucos retoques), Ice-T dá o tom: "Às vezes, quando estou em casa eu assisto TV e fico imaginando como seria morar em algum lugar como The Cosby Show (N.R.: seriado televisivo produzido entre 1984 e 1992, muito popular nos EUA), onde os policiais vêm e tiram o seu gato da árvore e onde todos os seus amigos morrem de velhice. Mas veja, eu moro no Centro Sul de Los Angeles e infelizmente a porra aqui é diferente! É tudo muito fodido!"

Em um emaranhado lírico que atirava contra a injustiça, o preconceito e tantos outros males enfrentados cotidianamente pelas populações das periferias, as críticas quanto à truculência policial estavam em todas as partes, e foram justamente elas que renderam toda a infâmia que cercou o lançamento do álbum. Em especial, a canção *Cop Killer* atraiu o ódio das classes privilegiadas, que viam em sua letra uma espécie de conclamação à confusão, uma clara apologia à violência. Até mesmo o então presidente dos Estados Unidos, George Bush (pai), chegou a incentivar o boicote ao disco, indo na contramão da tão comentada liberdade de expressão. "Eu achei que no meio do rock eu teria liberdade para escrever o que quisesse", declarou Ice-T na época. "Porra, eu ouvi Talking Heads cantando *Psycho Killer*".

A enorme pressão acabou levando a banda a retirar a canção problemática do álbum e o resultado você já imagina: obviamente o disco se tornou um sucesso muito maior do que seria, com toda a infâmia que o cercava garantindo o interesse de milhares ao redor do mundo. Que bom, já que o disco é realmente uma das melhores mostras da música pesada dos anos 90.

**Valtemir Amler**

# 1982 GIRLSCHOOL
## Screaming Blue Murder

Elas surgiram na época da NWOBHM e eram a antítese das garotinhas comportadas que faziam música: tinham postura agressiva, faziam um rock visceral (uma mistura de punk, heavy metal e rock'n'roll), bebiam como cabras (cabra bebe?) e seu discurso era fora do padrão e repleto de palavrões. Claro que caíram no gosto da galera que buscava algo mais do que músicas previsíveis no rock – aí incluídos Lemmy Kilmister e o Motörhead, que desde o primeiro single apadrinharam as garotas. Assim, após dois discos bem sucedidos, *Demolition* (1980) e *Hit and Run* (1981), Enid Williams (vocal e baixo), Kim McAuliffe (guitarra e vocal), Kelly Johnson (guitarra e vocal) e Denise Dufort (bateria) entraram na exaustiva rotina de viagens e shows, conseguindo ser headliner em certas ocasiões e participando de eventos ao lado de nomes como Black Sabbath, Mercyful Fate e Rush em outras. Estavam prestes a entrar em estúdio novamente quando houve a primeira baixa: Enid saiu, sendo substituída por Ghislaine "Gil" Weston, uma indicação de Lemmy.

A gravação de *Screming Blue Murder* aconteceu durante os meses de fevereiro e março de 1982, no Surrey Sound Studios, em Londres, e que pertencia ao produtor Nigel Gray, que havia produzido três discos do The Police e agora estava encarregado de assinar o novo trabalho das garotas, substituindo Vic Maile, que havia trabalhado com o Girlschool nos dois álbuns anteriores. "Foi totalmente diferente trabalhar com Nigel", contou Kim à Guitar World em agosto de 2021. "Acontece que Vic ficou muito caro para nós, então ficou impossível mantê-lo. Mas foi divertido, maluco e totalmente energético trabalhar com Nigel! Foi muito rock'n'roll!"

Dentre as dez faixas, chamava a atenção uma versão quase punk de *Live with Me*, dos Rolling Stones. "Nós sempre colocávamos um cover de uma música que dissesse algo para nós nos nossos discos", falou a guitarrista na mesma entrevista. "E eu adoro essa música, acho a linha do baixo brilhante!"

Gil Weston, Denise Dufort, Kelly Johnson e Kim McAuliffe: Girlschool redefiniu a posição das mulheres no metal

*Screaming Blue Murder* foi lançado no dia 7 de junho de 1982 e saiu-se pior que seu antecessor. Muitos reclamaram que faltava nele a energia existente nos dois álbuns anteriores e alguns creditaram essa abrandada no som à tentativa de conquistar o mercado americano, que ainda não havia se rendido ao Girlschool – a banda ia bem na Grã-Bretanha, onde *Hit and Run* chegou ao 5º posto, e no Canadá, onde o mesmo álbum conquistou Disco de Ouro. Se a intenção foi essa, falhou miseravelmente: *Screaming Blue Murder* não pegou nem Top 200 na parada da terra do Tio Sam, o que não impediu que com o tempo se tornasse um clássico.

**Antonio Carlos Monteiro**

# STONE SOUR 2002
## Stone Sour

Quando se decide seguir uma carreira na música, muitas são as variáveis que ajudarão a definir o quanto uma banda pode ser bem-sucedida em sua jornada. Talento nem sempre basta, e um dos fatores mais instáveis nessa disputa entre sucesso e fracasso é simplesmente o momento em que você aparece. Tenho certeza de que basta você começar a pensar mais seriamente no assunto para identificar várias bandas que surgiram e desapareceram quase sem ser percebidas, apenas para, anos depois, retomarem atividades e enfim cair nas graças do público. E, claro, também se lembrará de vários grupos que só funcionaram em uma época específica e depois caíram no esquecimento.

Nesse pequeno "pacote amostral", o Stone Sour acaba sendo um bom exemplo do primeiro grupo. Surgido originalmente em 1992 sob a liderança do vocalista Corey Taylor (que, anos mais tarde, se tornaria famoso com o Slipknot), o grupo de Des Moines acabou de forma melancólica em 1997, antes de realmente sedimentar seu nome no cenário norte-americano. Porém, uma virada da ampulheta mudou o jogo: no ano 2000, já com milhões de álbuns vendidos em todo o mundo ao lado do Slipknot, Corey resolveu retomar a estrada com a antiga banda, e assim o Stone Sour estava de volta ao jogo... Mais forte do que nunca!

Mick Hutson

Fundamental para isso, o guitarrista Josh Rand, amigo e parceiro musical de Corey desde os 15 anos, nunca perdeu contato com o vocalista. Com um longo histórico de parcerias desde a adolescência, os dois se mantiveram criativos e continuavam criando música juntos, o que acabou por motivar o bem sucedido retorno, efetivado quando eles e mais Shawn Economaki (baixo), Joel Ekman (bateria) e James Root (guitarrista, que atua no Slipknot como #4) foram ao muito requisitado (mas pouco comentado no universo do rock) Catamount Studios para registrar este debut, que atendia pelo nome da banda.

Musicalmente, o disco difere, mas não assusta nenhum fã do Slipknot, já que mesmo navegando por mares diferentes, as canções mantinham o peso e o groove moderno típicos do "primo rico", como se ouve em *Cold Reader*, *Choose* e *Get Inside*, que abre o álbum com um belo riff. Influências de Alice In Chains, Soundgarden e até Tool também fizeram bem ao repertório, que ainda conta com *Bother*, que foi tema do filme "Homem-Aranha" (2002). Sim, às vezes o momento ajuda aqueles que têm talento.

**Valtemir Amler**

Johan Längquist, Jan Lindh, Lars Johansson, Leif Edling e Mats Björkman, o 'time dos sonhos' finalmente unido

# Candlemass

## AS MUITAS VOZES DO DOOM

### PARTE FINAL

**Após a muito bem sucedida reunião da formação clássica, suecos mais uma vez precisam experimentar novos vocalistas**

**Por Valtemir Amler**

Nenhuma grande história é escrita sem uma dose de drama. Quando se trata da história do Candlemass, drama é o que não faltou. Leif Edling sempre precisou lidar com situações bizarras e desagradáveis: a forçada mudança do nome da banda, a estreia discográfica ao lado de um vocalista que sequer teve interesse em integrar oficialmente o grupo, o encontro da sonoridade e da formação clássica seguida pela perda de ambos, as críticas negativas durante toda a década de 90 e assim por diante. Mas, depois de muitas voltas, Edling (baixo), Mappe Björkman e Lars Johansson (guitarras), Jan Lindh (bateria) e Messiah Marcolin (vocal) estavam finalmente trabalhando juntos novamente, primeiro em uma turnê especial e depois em estúdio, de onde saíram com o aclamado *Candlemass*, de 2005. É engraçado pensar o quanto ficamos empolgados e confiantes naquela época. Mesmo conhecendo os históricos desentendimentos entre o vocalista e o baixista, todos queríamos acreditar que daquela vez a coisa realmente fluiria e que a formação permaneceria unida por muitos e muitos anos. Claro que isso não aconteceu, pois toda boa história precisa de um bocado de drama, e um novo estava prestes a iniciar.

#### (NÃO) SEM RESSENTIMENTOS

Quantas vezes você já leu sobre bandas que se separaram alegando as célebres "diferenças musicais", mas que, por mais que essas fossem suficientemente grandes para provocarem o rompimento, não tinham abalado a amizade e nem tampouco causado brigas, com cada seguindo seu caminho sem mágoa e/ou rancor? Pois bem, com o Candlemass as coisas não funcionaram desse jeito. Para encurtar a história, basta dizer que tão logo *Candlemass* havia sido lançado, já circulava o boato de que Messiah abandonaria a banda, algo em que não queríamos acreditar. Porém, não demorou até que a banda oficializasse a notícia. Em outubro de 2006, em uma longa nota em seu site oficial, lia-se: "Vocês ouviram os rumores e é com o coração pesado que devemos tornar oficial. A banda tentou resolver a situação várias vezes, mas Messiah não pode ser persuadido a cantar no novo álbum. Sua atitude e exigências são muito irracionais. Sentimos muito por isso, mas não estamos surpresos. Todos ficamos muito desapontados com o comportamento de Messiah durante a reunião dos anos anteriores, especialmente com sua maneira infantil e antidemocrática de 'discutir' assuntos antes da gravação de maio no Polar em Estocolmo. Não é legal quando uma pessoa se recusa a ouvir as outras, não dá a mínima para seus companheiros de banda e exige tratamento especial. Claro, um pouco de vícios de 'prima dona' é permitido em uma banda. Mas quando chega ao ponto de ser 'ou do meu jeito ou estou fora' em cada pequena discussão que surge, não é mais divertido. Nós gostamos da ideia de cinco metalheads iguais tocando juntos, se divertindo na sala de ensaio, em shows etc. Esse é o ponto principal se você nos perguntar. Infelizmente, a negatividade e a estupidez têm ditado as regras para o Candlemass ultimamente. Esperamos que todos possam entender como estamos decepcionados. E com raiva! Decepcionados com o fato de um homem adulto poder se comportar tão mal com os outros – seus amigos – e por tanto tempo. E com tanta facilidade, quando não consegue tudo o que quer, joga tudo fora. Ainda estamos em choque! Nós nunca pensamos que fosse possível alguém nesta grande banda ter uma atitude tão ruim em relação aos seus colegas! Também estamos com raiva por termos aguentado essa merda por tanto tempo." A nota ainda seguia, deixando claro que o Candlemass tinha um novo álbum composto e que ele seria lançado em breve. Um novo vocalista assumiria o posto e eles não desistiriam porque amavam a música que tocavam. Ainda bem, pois desta vez a estrada longe de Messiah seria pavimentada em ouro.

Após o fim da reunião, com Robert Lowe (ao centro)

#### SOLIDÃO ETERNA

Segundo reza a lenda, Marcolin teria ingressado originalmente no Candlemass em uma daquelas situações bizarras que só aconteciam no metal oitentista: o vocalista teria telefonado para a casa Leif Edling no meio da noite e cantado uma versão de *Solitude* 'à capela' ao telefone. Detalhe, era a mãe de Leif ao telefone. Bem, com a nova saída de Messiah após a bem-sucedida reunião, o processo para encontrar o substituto ideal foi bem menos

Lars, Jan, Robert, Leif, Mats e Johan chegaram a tocar juntos ao vivo em ocasiões especiais

curioso e muito mais tradicional, como explicou Leif em entrevista ao Metal Maniacs: "Bem, nós procuramos primeiro por um vocalista sueco. Ouvimos cerca de trinta vocalistas da Suécia e não encontramos o encaixe perfeito, então expandimos para o resto da Escandinávia e Europa. A partir daí, tivemos que ampliar mais nossa busca, estávamos analisando centenas de pessoas. Havia gente da América do Sul, Japão, Índia, Rússia – de todos os lugares. Alguns deles soavam bem, alguns mais do que bem, e então havia alguns que você se perguntava por que eles se incomodavam em abrir a boca." (risos)

O longo processo de escolha obviamente seguia algumas diretrizes, já que eles sabiam o que estavam procurando. A escolha, porém, acabou se dando de forma bem menos ortodoxa: "Queríamos alguém desconhecido, mas com a presença de palco e o talento vocal que os fãs do Candlemass esperavam, e nós como banda esperamos também", explica Leif, que continua: "Na verdade, não tínhamos pensado em procurar alguém já situado em uma banda respeitada, mas recebemos um e-mail de Heather, namorada de Robert Lowe, perguntando se havíamos pensado em Robert. Eu sabia quem ele era, é claro, mas só o tinha ouvido cantar músicas do Solitude Aeturnus. Enviamos a ele as faixas demo para o álbum e depois que recebemos as fitas de volta com seus vocais ficamos tipo: 'Porra, isso é brilhante!'"

Com o álbum composto e o novo vocalista definido, não havia tempo a perder. Eles precisavam mostrar sua força logo e aplacar as centenas de dúvidas que fervilhavam na cabeça dos fãs. Como o Candlemass soaria, agora mais uma vez, sem Marcolin? Até porque uma ótima 'despedida' da formação clássica havia sido lançada em 2005, com o vídeo *The Curse of Candlemass: Live in Stockholm 2003*. Nada além do 'excelente' seria aceito por um bocado de seguidores que afirmavam nos fóruns da internet que 'Messiah é o Candlemass'.

Para estes (e todos os outros que se deram ao trabalho de ouvir), o álbum *King of the Grey Islands* (2007) foi uma surpresa incrível. Não havia um único resquício da banda descaracterizada dos anos 90: era um álbum do Candlemass clássico em toda a sua extensão, recheado de ótimos riffs, melodias pungentes, linhas vocais inspiradas e uma performance vocal fresca e rejuvenescedora para uma banda que estava celebrando mais de duas décadas. Era absolutamente impossível reafirmar que 'Messiah é o Candlemass'. Mais do que nunca, ficou óbvio que 'Leif é o Candlemass'. "Tudo para este álbum aconteceu em cima da hora", disse Leif ao Metal Maniacs. "Ainda assim, não entramos em pânico nem nada. Nós nunca operamos realmente com um plano B, o que pode ser estressante às vezes, mas é assim que trabalhamos. Conseguimos Robert bem a tempo de ele cantar no álbum, e vou te dizer, às vezes o estresse estava no nível da úlcera. No entanto, sabíamos o que tinha que ser feito, então apenas fizemos acontecer como sempre."

A escolha do método de trabalho, que primava por fitas em vez de arquivos digitais, foi um desafio extra para Leif e a equipe que trabalhou no álbum, já que assim ficavam reféns dos horários de funcionamento dos serviços de entrega, que faziam o intenso trâmite do material entre EUA e Suécia: "Deixe-me dizer o quão perto chegamos de não terminar este álbum no prazo", contou ele. "Após um mês de trabalho com entrega especial de Dallas a Estocolmo e Estocolmo a Dallas, eu tive que pegar os vocais de Robert, colocá-los no computador e depois limpar tudo. Nossa correspondência é retirada do correio às 19h na sexta-feira e eu literalmente corri para a caixa de correio e cheguei lá em dez minutos. Peter (Tägtgren) tinha que ter os arquivos na segunda-feira para que pudesse mixar o álbum nos dez dias que ele teve que fazer o trabalho. No final, o álbum sair ou não no prazo foi uma questão de dez minutos!"

No fim, a acolhida foi tão positiva que o quinteto decidiu se manter trabalhando no máximo do seu ritmo. Já em 2008 eles apareciam com um novo EP, *Lucifer Rising*, que trazia a faixa-título e *White God* como inéditas, além de uma regravação de *Demon's Gate* e mais nove faixas ao vivo, que incluíam as inevitáveis *At the Gallows End, Solitude, Mirror Mirror,*

Lars, Leif, Mats Levén, Jan e Mats Björkman junto com o tecladista Per Wiberg

Fotos: Divulgação

Mats Levén, Lars Johansson, Mats Björkman, Jan Lindh e Leif Edling (à frente) nunca gravaram um full-length juntos

*Under the Oak* e *Samarithan*. Definitivamente, eles estavam vivendo um momento muito melhor do que haviam esperado e não era hora de pisar no freio.

## MORTE, MAGIA E MUITO DOOM

A percepção de que era possível uma carreira sem a presença de Marcolin foi fundamental para o bom momento que o Candlemass viveu nos anos 2000. Amparados na certeza de que o público havia não apenas aceitado, mas aprovado a presença de Lowe, o Candlemass decidiu voltar rapidamente para o estúdio, de onde saíram com um novo álbum completo, *Death Magic Doom* (2009). Se a banda estava confiante, o mesmo acontecia com o vocalista. Em 2009, sem falsa modéstia, Lowe falou ao omimetal sobre como se sentiu ao assumir o posto de vocalista do Candlemass: "Eu nunca senti esse fator de intimidação. O Solitude Aeturnus começou por causa de *Epicus Doomicus Metallicus* e *Nightfall*, então, desde 1991 estávamos em uma direção paralela ao Candlemass." Quanto aos seus vocais, a preocupação era apenas uma: soar como ele mesmo. "Eu soube imediatamente que nem me incomodaria em clonar Messiah. Eu ia cantar à maneira de Robert Lowe", disse ele.

Quanto à 'maneira Robert Lowe' de cantar, ela era basicamente instintiva e descompromissada, como ele esclarece em seguida: "Eu, na verdade, comecei aos 11 ou 12 anos tocando guitarra e queria ser Yngwie Malmsteen. Eu fui colocado no papel de vocalista. O Solitude Aeturnus apareceu e era de um vocalista que eles precisavam." Como sempre, o trabalho de composição ficou a cargo de Leif Edling, mas todos os músicos se sentiram muito conectados à musicalidade de *Death Magic Doom*, um álbum bem típico do Candlemass, como diria o guitarrista Mats Björkman: "Bem, eu não vou ficar aqui dizendo que todos têm que ouvir esse álbum, que é a melhor e mais

original coisa que já fizemos e assim por diante. Claro que é bom, mas apenas no caso de você gostar do Candlemass e da música feita pelo Candlemass. Se você não gosta do nosso som, não acho que vá gostar do novo álbum. De nenhum deles." Mesmo com isso dito, Björkman também tenta ressaltar as qualidades típicas do então novo registro, e até chama atenção para algumas pequenas diferenças, aquelas que tornavam o disco único em sua discografia: "Nosso novo álbum é mais parecido com o estilo Black Sabbath, mais do que fizemos antes. Também acredito que é muito melhor que o anterior, porque a partir de agora somos uma banda de cinco integrantes. Quando o vocalista anterior saiu, começamos a procurar um novo, compusemos todas as coisas, então encontramos Robert. Enviamos todo o material para ele gravar suas partes e só o conhecemos quando o dico já estava pronto. Agora, em *Death Magic Doom* fizemos tudo juntos e nos divertimos muito – nós cinco. Portanto, é um álbum muito bom do Candlemass e se você gosta de nós e dos nossos discos, você deve ouvir este também, porque é uma combinação de tudo de bom que há no hard rock – há músicas rápidas, há músicas muito lentas, tem muita harmonia nele. Eu não acho que você pode dizer que é um álbum ruim, mesmo que você não goste do Candlemass."

Quanto aos muitos destaques, ele vai direto ao ponto: "O álbum contém muitos estilos diferentes. Eu acho que a música *Hammer of Doom* é o estilo clássico do Candlemass se você comparar com as nossas músicas antigas, e é delas que gosto mais, pois estou na banda há cerca de vinte anos. Eu também diria que *If I Ever Die* é bem rápida e também é uma música que do meu ponto de vista é muito boa e tem aquele espírito do Candlemass. Mas ainda assim eu diria que minha favorita é *Hammer of Doom*, provavelmente por causa de seus riffs – eu gosto de tocá-la, é um verdadeiro 'martelo' do doom – tão doom e tão pesada." (risos) A outra música citada por Björkman, é justamente a faixa de abertura, *If I Ever Die*, que mantinha a longa tradição de ótimas faixas de abertura, que quase que forçam o ouvinte a uma audição atenciosa: "Sim, é uma ótima música para começar o disco", ele concorda, "suponho que seja uma espécie de tradição do Candlemass começar o álbum com faixas up-tempo – veja *Mirror, Mirror* em *Ancient Dreams*, *Black Dwarf* em *Candlemass* ou *Emperor of the Void* em *King of the Grey Islands*."

Como curiosidade, vale lembrar que o álbum inicialmente se chamaria *Hammer of Doom*, mas foi rebatizado depois que Leif não conseguiu chegar a um denominador comum com os organizadores do festival alemão de mesmo nome.

## INTERMEZZO

Quando uma banda vive um bom momento, ninguém quer que ela pare. Nem a gravadora, nem os empresários, nem os músicos e muito menos os fãs. Todos querem que as engrenagens continuem em movimento, mas a verdade é que os

A formação atual, com Johansson, Lindh, Lanquist, Björkman e Edling

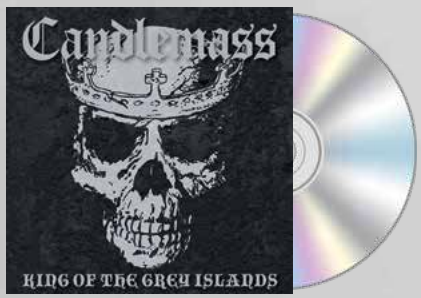
músicos também têm limites e o processo criativo muito dificilmente pode ser incessante, a não ser sob duras penas. Em momentos como esse, em que o cansaço bate mas você basicamente precisa seguir em frente, é sempre válido lançar mão de alguns pequenos trunfos, e foi isso que o Candlemass fez antes de retornar ao estúdio de gravação.

Em 2010, aproveitando a ótima acolhida do público, o quinteto resolveu atualizar a sua discografia ao vivo. Para tanto, eles resolveram mais uma vez contar com o calor do público grego, desde o início um dos mais receptivos à música da banda sueca. Se o EP *Lucifer Rising* já havia trazido nove faixas gravadas em Atenas em 2007, o novo álbum/DVD ao vivo, *Ashes to Ashes* era uma belíssima martelada doom: abrangendo toda a carreira do grupo, o DVD registra nada menos do que 24 canções, totalizando quase três horas. Esse material, porém, era dividido entre o show no Sweden Rock Festival (4 de junho de 2009), e o show em Atenas, no dia 3 de outubro do mesmo ano. Para aqueles que queriam apenas o CD de áudio, o show de Atenas foi disponibilizado à parte, sob o nome *No Sleep 'Til Athens*. Além destes, vale a pena conferir o EP *Don't Fear the Reaper* (2010), em que os suecos revisitam a faixa de mesmo nome do Blue Öyster Cult, além de *All Along the Watchtower*, de Bob Dylan. Mas foi isso. Já era chegada a hora de retornar ao estúdio.

## OS MUITOS LOUVORES PARA OS MORTOS

É muito difícil afirmar quando as coisas começaram a sair dos trilhos, já que tudo parecia correr muito bem para o Candlemass, em todos os sentidos. Porém, em 2012 os sinais de corrosão já começavam a aparecer além das plataformas, mesmo enquanto eles gravavam seu novo álbum, fortuitamente intitulado *Psalms for the Dead*. Porém, os sinais de algo mais grave acontecendo nos bastidores ficaram realmente evidentes quando apareceram na internet os comentários do seu fundador: "Este disco representa tudo o que é o Candlemass", afirmou Leif Edling. "É grande, gordo, épico e pesado, e também é metal pra caralho! Não poderíamos ter feito um álbum melhor! É o nosso último e colocamos tudo o que tínhamos nele. *Psalms for the Dead* é um álbum sobre a presença e ausência do tempo, falsos profetas e demônios interiores. Hinos, arrependimento e despedida. Que haja desgraça!" Com um misto de espanto e torpor, os fãs eram assim informados de que a jornada do Candlemass deveria estar no fim.

Ao mesmo tempo em que parecia apunhalar a alma dos fãs, Edling declararia para a Terrorizer: "Não estamos nos separando. Sim, este será nosso último álbum, mas não planejamos desaparecer da cena por um bom tempo. Faremos uma turnê este ano, espero que no próximo também, e então haverá nosso 30º aniversário. Então, tem muito mais doom por vir!" Ele explicou: "Só queremos parar antes que fiquemos velhos demais e comecemos a lançar álbuns meio idiotas.



**King of the Grey Islands** (2007)

**Death Magic Doom** (2009)

**Psalms for the Dead** (2012)

Em vez disso, vamos desaparecer lentamente no pôr do sol com nossa dignidade intacta. Não somos mais jovens. Na verdade, algumas das coisas que tenho escrito para este álbum são, na verdade, sobre dizer adeus. É um pouco como um salmo em algumas partes e tem uma grande vibração épica." Ele acrescentou: "Tenho um pressentimento muito bom

Johan Lanquist, depois de três décadas, finalmente o dono do posto de vocalista do Candlemass

sobre este álbum. É tão metal, tão pesado, tão doomy, tão épico... É colossal! Acho que tão bom quanto *Death Magic Doom*, algo que eu pensei que seria impossível."

De fato, *Psalms for the Dead* superou as expectativas. Manteve o quinteto sob os holofotes como principal nome do doom metal. E, embora ninguém quisesse acreditar que esse seria o último álbum sob o nome Candlemass, uma nova notícia parecia cravar de vez o destino da banda sueca: a poucos dias do lançamento, foi anunciado que Robert Lowe não era mais o vocalista da banda.

## CAMINHOS PARALELOS

Em sua nota oficial, o Candlemass esclareceu que o rompimento com Lowe havia sido uma decisão difícil, tomada especialmente devido à preocupação com a qualidade das próximas apresentações ao vivo. O trabalho intenso certamente estava cobrando o seu preço, mas Lowe não seria o único sentindo.

Paralelamente ao Candlemass, Leif vinha se envolvendo em mais e mais projetos. Sem escape para suas composições, ele trabalhou com duas novas bandas, Avatarium em 2013, e The Doomsday Kingdom em 2015. Em ambas encontrou rapidamente o sucesso e os elogios constantes. Mas ele parecia cada vez mais cansado, extenuado. Tempos depois, soube-se que ele sofria com a Síndrome da Fadiga Crônica, e assim ainda mais incerteza se abatia sobre o futuro dos pais do doom. Em 2016, ano em que o Candlemass lançou o EP *Death Thy Lover* ao lado do vocalista Mats Levén, o guitarrista Lars Johansson declarou: "Para haver, no futuro, um novo álbum completo do Candlemass, tudo dependerá da saúde de Leif. Para se inspirar, você tem que se divertir. E para ele, quer dizer, ele está realmente colocando sua alma na música quando a está compondo e ele escreve as letras também, então precisa ter o sentimento certo para isso. E como ele não está bem há um tempo, não quer forçar. Eu sei que ele está sentado em seu quarto em casa, fazendo músicas para todos os tipos de projetos diferentes em que está envolvido. E quando estiver amadurecido, ele nos dirá: 'Ok, pessoal, aqui está.' Ou ele poderá pensar: 'Eu não estou bem o suficiente para passar por todo esse processo, da escrita à produção e tudo mais.' Porque há uma grande expectativa. Se quisermos lançar um álbum completo com o Candlemass depois deste EP, terá que ser perfeito em todos os aspectos. Portanto, estamos apenas encarando isso ano a ano. Se der certo, deu certo. Espero que ele fique bem o suficiente para começar a tocar ao vivo conosco em breve. Isso é o que todos nós ansiamos." E Lars estava certo. De fato, Leif estava trabalhando em seu quarto e após outro EP com Levén (*House of Doom*, de 2018), os fãs tiveram uma notícia tão boa que era até difícil acreditar.

## DE VOLTA ÀS RAÍZES

"No inverno passado eu pensei em me aposentar", contou Leif Edling para este repórter quando conversamos em 2019. "Foi muito trabalho com o álbum, mais a síndrome de burnout e muita discussão inútil e sem fim dentro da banda. Tivemos algumas reuniões de crise e decidimos voltar à estaca zero. Então, sim, devido a problemas de saúde e muito trabalho com o Candlemass, eu quis me aposentar." Certamente foi complicado superar os problemas, mas em 2019 Leif e seus companheiros encontram talvez a única pessoa que poderia ajudá-los a manter a banda viva: Johan Langqvist, vocalista que gravou o debut *Epicus Doomicus Metallicus*, finalmente se tornava um integrante oficial do Candlemass, mais de três décadas depois de gravar o álbum de estreia em 1986. Segundo Leif disse na mesma entrevista, não houve sequer dúvida sobre quem deveria assumir o posto de vocalista depois da saída de Levén: "Era essencial para nós que Johan se juntasse à banda. Nenhum outro vocalista seria ou foi cogitado. Era ele que queríamos de volta, pois era hora de voltar para a origem do doom."

Com um repertório muitíssimo acima da média, *The Door to Doom* (2019) se tornou um marco na carreira do Candlemass, rendendo marcas inéditas na jornada dos suecos, como uma nomeação ao Grammy na categoria Melhor Performance Metal com a música *Astorolus – The Great Octopus*. Aliás, justamente com essa música

Fotos: Divulgação

Único músico presente em todos os álbuns, Leif Edling é também o compositor de todas as músicas e letras do Candlemass

Leif realizou um sonho de infância, já que um de seus grandes ídolos e uma das maiores influências para a sonoridade do Candlemass, o guitarrista Tony Iommi (Black Sabbath), participou da música. "Foi totalmente surreal! Ainda não consigo acreditar", comentou Leif, "Tony Iommi tocando na minha música... Também há a sensação de que ele realmente gostou da música, e isso é incrível!"

Depois de tantos anos, e justamente após quase "pendurarem as chuteiras", eles conseguiam realizar sonhos. Com a formação estabilizada e a ótima acolhida, a banda porém teve seus planos alterados por conta da pandemia, que forçou uma pausa. Eles, porém, aproveitaram o tempo para ampliar a discografia, primeiro com o EP *The Pendulum* (2020) e depois com o ao vivo *Green Valley* (2021). Enquanto isso, todos aguardamos o próximo capítulo desse grande livro do doom.

**The Door to Doom** (2019)

**Green Valley** (Live, 2021)

# HEADPHONES IN FURY

POWERED BY EDIFIER fonesdeouvido.com.br alta fidelidade para todos

**Por Ricardo Batalha • Foto: Sloane Morris**

## DEF LEPPARD

**ALBUM: ADRENALIZE (1992)**
**MÚSICA: TEAR IT DOWN**

"Álbum dedicado a Steve Clark, guitarrista de que tinha falecido. É a última faixa do disco, mas é a minha preferida. Um hino de hard rock em minha opinião. Som pesado, claro e perfeito, com produção de Mutt Lange. O refrão quando canta *Tear it Down* é um hino, e os vocais de Joe Elliot estão precisos e agressivos nas notas altas. E ainda tem o baixo constante de Rick Savage dirigindo o ritmo com a bateria de Rick Allen. Adoro a vibe dessa faixa, apesar de a construção da música não ser tão original quanto as outras do repertório. Para mim, vibe é mais importante do que qualquer coisa numa música."

## AC/DC

**ALBUM: FOR THOSE ABOUT TO ROCK (1981)**
**MÚSICA: FOR THOSE ABOUT TO ROCK**

"Este é um exemplo perfeito de como começar um disco do AC/DC especialmente depois do sucesso do *Back in Black*. A guitarra do Angus começa com o riff e os outros instrumentos começam a aparecer aos poucos, criando uma tensão incrível até todos massacrarem. Som super claro e pesado produzido por Mutt Lange. Obra-prima que é legal para escutar antes de ir para qualquer festa (risos). Vocais perfeitos de Brian Johnson, bateria pesada vibrando o quarto. Não tem como dar errado... Super cool!"

elegram: t.me/BrasilRevistas

## KISS

**ALBUM: ROCK AND ROLL OVER (1976)**
**MÚSICA: TAKE ME**

"Segunda faixa do disco, super pesada, com guitarras com um som distorcido e seco. *Take Me* é cantada por Paul Stanley e a voz dobrada que sempre lhe deu uma identidade, especialmente nos discos mais antigos do Kiss. Vocais no refrão repetindo o riff das guitarras. Ele foi gravado em um teatro, com uma acústica diferente dos discos anteriores. Adoro a versão ao vivo que vi em vídeos dessa música, com o solo de guitarra curto, simples e dobrado por Ace Frehley. Ouvia muito na época. Produzido por Eddie Kramer e um dos mais álbuns mais populares do Kiss."

## VAN HALEN

**ALBUM: VAN HALEN (1978)**
**MÚSICA: RUNNIN' WITH THE DEVIL**

"Quando começa com o baixo pulsando você já sabe que vai ser brabo (risos). A guitarra do Eddie Van Halen com um som distorcido, mas super claro, que, na época, ninguém tinha descoberto ainda. Muita dinâmica na música e quando chega o refrão os vocais de Eddie e Michael Anthony são perfeitos. Tocou muito no rádio e eu sempre aumentava o som a dez! O solo de guitarra é de outro mundo. E isso no álbum inteiro, que revolucionou e foi influência para os guitarristas dos anos 80. Produzido por Ted Templeman, um dos meus preferidos."

## MR. BIG

**ÁLBUM: LEAN INTO IT (1991)**
**MÚSICA: ALIVE AND KICKIN'**

"Segunda faixa do álbum super hard rock'n'roll com o incrível vocal do Eric Martin e muito bem produzido por Kevin Elson. Esta música anima e agita qualquer festa! Amigo Billy Sheehan no baixo como sempre arrasando, mas mantendo a simplicidade da música. Um beat muito dançável e legal, além de um som forte das guitarras. Escutava e ainda escuto essa música sempre para me animar. Encontro Eric sempre porque tocamos em muitos festivais juntos, é um cara super legal."

## ALICE COOPER

**ALBUM: KILLER (1971)**
**MÚSICA: UNDER MY WHEELS**

"*Under My Wheels*, a primeira música do álbum *Killers*, entra direto fazendo o cabelo arrepiar. Guitarras dobradas, um riff pesado, uma rolada nos tambores e Alice começa a cantar: 'The telephone is ringing...' Dinâmica e tensão crescendo no verso até a banda toda entrar dobrando a melodia do vocal. Fantástico! Produzido por Bob Ezrin, futuro produtor do *Destroyer*, do Kiss. Um dos meus preferidos!"

KIKO SHRED
KIKO SHRED'S REBELLION
3º LUGAR
foto: Karin Lazinho arte: www.jduartedesign.com
Que honra fechar a terceira ponta deste triângulo formado pelo meu amigo Cyborg e a lenda Andreas Kisser!
Devo isso a vocês, meus queridos fãs, amigos e alunos que votaram no site da Roadie Crew e me elegeram o
TERCEIRO MELHOR GUITARRISTA DO BRASIL DE 2021
OBRIGADO!
Music Maker
TESLA
Total Tonal Perfection
Fuhrmann
solez
HEAVY METAL ROCK

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BrasilRevistas

JDUARTE® DESIGN

Serviços de ***design*** e ***web design***
para produtoras, bandas e músicos em geral.

Criação de sites responsivos
cartazes • flyers • banners • anúncios
artes mídias sociais • CD/DVD

www.JDuarteDesign.com

SCAN ME

# Destruction

# O AÇOUGUEIRO CONTRA-ATACA

## Atuando como quarteto, lenda thrash revisita 22 clássicos do seu extenso catálogo em *Live Attack*

**Por Valtemir Amler**

São quase quatro décadas completas devotadas ao thrash metal, quase quarenta anos que a lenda germânica atravessou forjando clássicos para o estilo enquanto encarava baixas na formação, mudanças nos caminhos da indústria musical, transformações na maneira como se consome música e tantos shows que fica até impossível contar. Levando tudo isso em consideração, é claro que o Destruction conta com uma sólida discografia ao vivo, a começar pelo clássico *Live Without Sense*, de 1989, e caminhando com solidez até *Born To Thrash*, do ano passado. E essa história ganhou o seu mais novo capítulo: *Live Attack*, lançado em agosto de 2021. Em comum com *Live Without Sense* e *Born to Thrash* está o fato de a banda atuar novamente como um quarteto, o que abre a possibilidade de um mergulho mais amplo no catálogo, revisitando canções que foram originalmente forjadas para serem executadas com duas guitarras. De diferente, claro, está o fato de ser o primeiro disco ao vivo do Destruction gravado apenas diante das câmeras, sem público. Sinal dos tempos estranhos que vivemos, poucas semanas após esta entrevista o vocalista e baixista Schmier anunciou que o guitarrista fundador e único músico a tocar em todos os álbuns do Destruction até então, Mike Sifringer, havia deixado a banda. No seu posto, está agora o guitarrista Martin Furia. Como registro do momento atual, ou como fim de uma era, *Live Attack* se tornou um registro obrigatório na sua coleção. Confira a conversa com Schmier, que, sempre muito bem humorado, também adora falar sobre uma outra paixão: o futebol.

**Para começarmos essa conversa, é bom perceber que as coisas têm começado a melhorar na Europa, com alguns festivais e shows voltando a acontecer.**

**Marcel "Schmier" Schirmer:** Ah sim, já era hora de as coisas começarem a se movimentar novamente. Claro que existe uma emergência de saúde e obviamente que certos cuidados precisaram e ainda precisam ser tomados, mas algumas pessoas, incluindo aí praticamente todos os artistas de todas as áreas, estavam em uma situação muito difícil e agora pelo menos poderão aliviar um pouco a situação. Ainda não estamos normalizando as coisas, longe disso, por enquanto 'aliviar' continua

**LIVE ATTACK**
**Hellion - Nac.**

sendo a palavra mais acertada para usar. Aos poucos as pessoas estão voltando a fazer aquilo que precisam fazer, tem que ser assim. Temos alguns shows, os esportes voltaram a contar com algum público também. Aliás, você assistiu ao jogo, certo? (N.R.: ele se refere à partida entre Alemanha e Hungria, pela Euro 2020, disputada em 23 de junho).

**Sim, e gostaria de parabenizar a Alemanha pela classificação, foi um jogo bastante duro.**

**Schmier:** Sim, tão duro de jogar quanto de assistir (risos gerais). Ah, que partida terrível, muito chata. Agora teremos pela frente a Inglaterra na próxima fase e esse jogo deverá ser bem mais interessante. Pelo menos o time do outro lado estará disposto a atacar também e não apenas se defender o tempo todo.

**Faz sentido, mas pelo que sei a Hungria é um oponente historicamente complicado para a Alemanha. A vantagem alemã não é tão grande e a maior derrota germânica em uma Copa do Mundo foi para eles...**

**Schmier:** E claro que você tinha que lembrar disso (risos gerais). Pois é, 20 de junho de 1954, a Hungria venceu a Alemanha Ocidental por 8x3. Que coisinha mais feia para recordar (risos gerais). Mas, na final, vencemos e fomos campeões, é só disso que as pessoas deveriam lembrar, meu amigo (risos).

**Já que você trouxe a conversa para o futebol, gostaria de parabenizá-los pela atitude. Foi um lindo gesto colocarem a taça que o Eintracht Frankfurt ganhará nesta próxima temporada na capa do seu novo álbum ao vivo...**

**Schmier:** Ah, muito obrigado, que bom que gostou, mas você está se confundindo... Na verdade, essa é a taça que o Borussia Mönchengladbach ganhará na nova temporada (risos gerais). Talvez o Gerre (N.R.: Andreas Geremia, vocalista do Tankard) coloque a taça do Frankfurt em uma capa de disco algum dia, se algo tão abominável quanto eles serem campeões vier a acontecer (risos gerais).

**Como algo tão terrível pode acontecer com você, como escolheu o Mönchengladbach?**

**Schmier:** É difícil explicar, foi uma maldição (risos gerais). Agora, falando sério, comecei a torcer pelo Borussia Mönchengladbach bem na minha juventude. A razão de eu ter escolhido torcer por

eles foi simples: eles pareciam diferentes de todos os outros. Primeiro, eles eram um grande adversário para o Bayern München (N.R.: Bayern de Munique, no Brasil) que até hoje é o gigante alemão. E eles eram jovens. O Mönchengladbach era formado por jogadores muito novos, ainda desconhecidos do grande público, gente que só seria famosa e teria chance nos outros gigantes da Europa muito tempo depois. E eles jogavam tão bem, com tanta garra, com tanta vontade... Além disso, eles eram diferentes até na marca do uniforme, eles usavam Puma, enquanto todos os outros usavam Adidas. Eles eram azarões completos, e é claro que eu me identificava com aquilo, soava tão parecido com o que nós, fãs de metal, somos (risos). Acho que é disso que sinto falta. Havia toda essa conexão de ideias, essa magia. Algo que ia muito além do futebol apenas.

**Que legal saber disso. Achei que você torcia por eles por conta do goleiro, como chama mesmo, 'Sr. Delícia'?**

**Schmier:** Ah, o Sommer é 'lindão' mesmo, que homem (risos gerais). Acho que ele é um dos líderes desse elenco, que voltou a colocar o Mönchengladbach em destaque. E, além de tudo, é um goleiro incrível, titular da Seleção da Suíça também. Mas eu escolhi este time ainda antes de ele nascer, então acho que eu estava prevendo um 'belo' futuro para o time (risos gerais).

**A verdade é que no futebol as coisas estão razoáveis, mas na música o Destruction vive grande fase, são dois novos álbuns ao vivo e o mais recente de estúdio, *Born to Perish* (2019), foi muito bem recebido.**

**Schmier:** Sim, e fiquei muito feliz ao ver que as pessoas reagiram tão bem para a banda com dois guitarristas, as respostas foram muito melhores do que esperávamos, na verdade. Lançamos um álbum muito bom, tivemos ótima resposta, mas então a covid-19 chegou e atrapalhou os planos de todo mundo. A verdade é que ainda fomos uma das bandas que tiveram sorte, pois pelo menos conseguimos fazer algumas turnês, nos apresentamos como atração principal na Europa e a turnê com Overkill e Flotsam and Jetsam também foi muito boa. Porém, foram poucos shows. Muito poucos se comparado ao tamanho das turnês que estamos acostumados a fazer.

**Imagino que essa seja a razão de lançarem dois discos ao vivo em dois anos.**

**Schmier:** Sim, é basicamente isso. E foi engraçado, pois eu disse que as pessoas reagiram muito bem ao Destruction com duas guitarras, mas é óbvio que estava me referindo àqueles fãs que compram material físico, LP ou CD, pois estes estão mais atentos ao todo do que aqueles que apenas acompanham a banda através de uma plataforma de streaming qualquer. Quando lançamos o vídeo ao vivo de *Mad Butcher*, de *Live Attack*, vimos um monte de gente comentando no vídeo: 'Uau, o Destruction agora tem dois guitarristas!' (risos). A primeira coisa que pensei foi: 'Que porra é essa, nosso último álbum já foi gravado por um quarteto'. Mas é claro que entendo, pois muita gente – aqueles que nos acompanham no Spotify ou algo do tipo – apenas realmente sabem o que acontece com a formação de uma banda quando a vê no palco, e nós fizemos poucos shows. Estados Unidos, Ásia, América do Sul, muitos fãs ainda não nos viram com a nova formação, e isso é decepcionante.

**Esta foi a primeira vez que o Destruction lançou um álbum e não pôde de fato viajar o mundo com ele, certo?**

**Schmier:** Sim. Isso foi uma situação completamente desoladora para nós, pois nunca fomos o tipo de banda que se conforma em apenas gravar e lançar música. No ano passado, fomos uma das poucas bandas que tentaram de tudo para tocar para os fãs, tentamos aqueles

Gorka Photography

Com a saída de Mike Sifringer, o baixista/vocalista Schmier se torna o único remanescente da formação clássica do Destruction

shows com distanciamento social... Teve dias em que tocamos dois shows na mesma casa, pois, por conta das regras referentes à quantidade de pessoas no local, precisamos fazer isso para ganhar o dinheiro suficiente para viabilizar a apresentação. Foi tudo muito estranho, mas tivemos que nos adequar. Se essa era a única maneira de mantermos contato com nossos fãs, nós topamos! Que mais poderíamos fazer? Para nós, não tocar ao vivo é a morte, pois a banda foi concebida para esse fim, nós tocamos ao vivo constantemente desde o começo dos anos 80, essa é a nossa vida. Sem isso a nossa vida é vazia e insuportável, precisamos da estrada e da energia dos fãs.

**Bem, vocês buscaram manter essa energia em ação com dois álbuns ao vivo. O primeiro, *Born to Thrash*, do ano passado, soa como uma declaração.**

**Schmier:** Sim, e foi por isso mesmo que escolhemos esse título. Eu queria que ficasse bem claro que essa é a nossa vida. Pessoalmente falando, o thrash metal é tudo o que eu tenho, é nele que estão minha empolgação, minha dedicação, minha vida, na verdade. Já fiz outras coisas no mundo da música no passado e foi divertido, mas o thrash nunca foi algo passageiro, é nele que está o meu coração. Foi isso que quisemos evidenciar com o título *Born to Thrash*.

**Existe algo que sempre gosto de perguntar para bandas que lançam material ao vivo, então, como fã, qual é a sua relação com discos ao vivo?**

**Schmier:** Eu amo esse formato, sempre amei, simples assim. Acho que álbuns ao vivo são incríveis e mais, eu jamais estaria nesta vida se não fossem por esses discos, sem brincadeira. O primeiro álbum que comprei na vida foi o *Live!*, do Status Quo (N.R.: disco duplo ao vivo da clássica banda britânica, lançado em 1977). Eu tinha uns 12 anos, comprei o disco em 1978. Logo em seguida, comprei outro que impactou ainda mais fortemente em mim, *Unleashed in the East*, do Judas Priest. Foi o primeiro álbum de heavy metal que ouvi e foi ali que tudo começou. Quer dizer, eu me apaixonei por música pesada ouvindo discos ao vivo! Quando comecei a ouvir coisas mais técnicas, o que fez o meu mundo girar foi *Exit... Stage Left* (1981), do Rush, e pouco depois o Iron Maiden lançou o *Live After Death* (1985). Quer dizer, o que me fez tocar e o que definiu o meu estilo no início da carreira foram álbuns ao vivo, e essa é uma das razões pelas quais trabalho tão duro neles. Se ao menos uma única pessoa começar a tocar por conta de um disco ao vivo do Destruction, terei pago uma dívida eterna com esse formato.

**O que mais o atrai em um álbum ao vivo?**

**Schmier:** Primeiramente, diria que é o fato de ele ser basicamente uma coletânea. Uma banda sempre vai tentar tocar o seu melhor material ao vivo e isso já é uma ótima premissa. Mas o que realmente me atrai é pensar que aquele disco captura um momento exato no tempo, registra para sempre um momento muito específico na carreira de uma banda, e isso me fascina. Se existe ali um erro, se tudo foi perfeito, tanto faz, é o momento que me interessa. Acho que esse conceito me atrai tanto quanto a música em si.

***Live Attack* tem essa vibração, captura o Destruction com uma nova formação em quarteto, e até por isso é especial. Acho que não sou o único que esperava ouvir *Reject Emotions* e *Release from Agony* há muito tempo...**

**Schmier:** Sim, você pegou a ideia.

Divulgação

Entre em nosso Canal no Telegram!

> "Já fiz outras coisas no mundo da música no passado e foi divertido, mas o thrash nunca foi algo passageiro, é nele que está o meu coração"
> Schmier

Temos recebido muitos comentários de jornalistas sobre essas músicas e há anos existia a demanda dos fãs para que tocássemos essas composições, mas elas foram projetadas para duas guitarras. Elas demandam duas guitarras e não gostamos de trapacear no palco, com um computador fazendo o que somos incapazes de fazer (risos). Então, agora podíamos tocar todas essas músicas e mais um monte de outras de uma maneira mais destruidora do que nunca, pois tínhamos em mãos o que precisávamos. Para mim, tem que ser assim: é ao vivo que você vê o quanto uma banda realmente é boa, então só faz sentido um disco ao vivo que realmente encapsule essa experiência. Temos dois novos discos ao vivo no mercado e eles são a expressão da verdade: é exatamente assim que o Destruction soa ao vivo!

# THE MIST

Visite nossa loja e siga-nos nas nossas redes sociais.

*Ep The Circle Of The Crow*

Já disponível em todas as plataformas digitais

Spotify DEEZER iTunes amazonmusic

*www.themistband.com*

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BrasilRevistas

# MANIFESTO: O MELHOR POINT ROCK DO BRASIL!
## CONFIRMADO POR QUEM MAIS ENTENDE DE ROCK NO MUNDO!

**RUA IGUATEMI, 36C** - ITAIM BIBI - SÃO PAULO/SP - FONE: (011) 3168-9595 **www.manifestobar.com.br**

facebook.com/manifestobaroficial | youtube.com/user/ManifestoBar666 | instagram.com/manifestobar | twitter.com/manifesto_bar

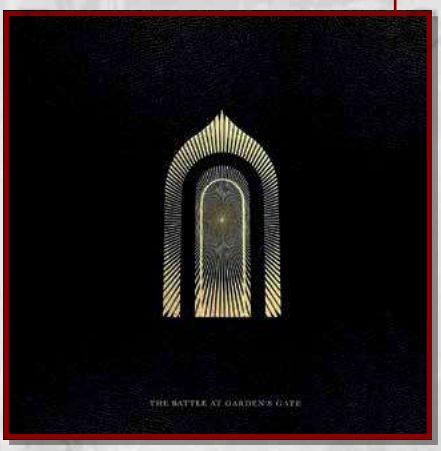
# MELHORES DE 2021

## SEGUNDO EQUIPE ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

### ANTONIO CARLOS MONTEIRO (REDAÇÃO)

**Greta Van Fleet - The Battle at Garden's Gate**
Alice Cooper - Detroit
Smith/Kotzen - Smith/Kotzen
Lucifer - IV
Deep Purple - Turning to Crime
Malvada (BRA) - A Noite Vai Ferver
Black Label Society - Doom Crew Inc.
Dorsal Atlântica (BRA) - Pandemia
Edu Falaschi (BRA) - Vera Cruz
Exodus - Persona non Grata
Alirio (BRA) - All Things Must Pass
Nervosa (BRA) - Perpetual Chaos
The Vintage Caravan - Monuments
Suzi Quatro - The Devil in Me
Inglorious - We Will Ride
Capa: Edu Falaschi - Vera Cruz
Videoclipe: Iron Maiden - The Writing on the Wall
Decepção: KK's Priest - Sermons of the Sinner
Banda que quer ver em 2022: Qualquer uma!




### CLAUDIO VICENTIN (EDITOR)

Mastodon - Hushed and Grim
Iron Maiden - Senjutsu
Black Label Society - Doom Crew Inc.
Swallow The Sun - Moonflowers
Gojira - Fortitude
Dream Theater - A View from the Top of the World
Deafheaven - Infinite Granite
Light the Torch - You will be the Death of Me
Evergrey - Escape of the Phoenix
Alice Cooper - Detroit Stories
Nervosa (BRA) - Perpetual Chaos
Asphyx - Necroceros
Trivium - In the Court of the Dragon
Spiritbox - Eternal Blue
Smith/Kotzen - Smith/Kotzen
Capa: Exodus - Persona Non Grata
Videoclipe: Black Label Society - Set You Free
Decepção: KK's Priest - Sermons of the Sinner
Shows: Não assisti shows em 2021
Banda que quer ver em 2022: Mastodon

### DANIEL DUTRA (COLABORADOR)

Moonspell - Hermitage
The Night Flight Orchestra - Aeromantic II
Me and That Man - New Man, New Songs, Same Shit, Vol. 2
Soen - Imperial
Helloween - Helloween
Inglorious - We Will Ride
Jinjer - Wallflowers
Lucifer - Lucifer IV
Dream Theater - View from the Top of the World
Electric Boys - Ups!de Down
Dorsal Atlântica (BRA) - Pandemia
Braia (BRA) - ... E o Mundo de Cá
Nervosa (BRA) - Perpetual Chaos
Electric Gypsy (BRA) - Electric Gypsy
Darchitect (BRA) - The Visiting
Capa: Khorium - Forças Opostas
Videoclipe: Moonspell - The Greater Good
Decepção: KK's Priest - Sermons of the Sinner
Show: Epica - Omega (on-line)
Banda que quer ver em 2022: Queensrÿche

### ÉCIO SOUZA DINIZ (COLABORADOR)

**Exodus - Persona Non Grata**
Carcass - Torn Arteries
Helloween - Helloween
Dream Theater - A View From The Top of the world
Accept - Too Mean to Die
Therion - Leviathan
Billy Gibbons - Hardware
Epica - Omega
Massacre - Resurgence
Blaze Bayley - War Within Me
Dorsal Atlântica (BRA) - Pandemia
Nervosa (BRA) - Perpetual Chaos
Crypta (BRA) - Echoes of the Soul

Edu Falaschi (BRA) - Vera Cruz
Electric Gypsy (BRA) - Electric Gypsy
Capa: Edu Falaschi - Vera Cruz
Videoclipe: Dream Theater - Awaken the Master
Decepção: Iron Maiden - Senjutsu
Show: A se ver...
Banda que quer ver em 2022: A primeira que for possível...

### GUILHERME SPIAZZI (COLABORADOR)

**Soen - Imperial**
Vola - Witness
Frost* - Day and Age
Leprous - Aphelion
Sleep Token - This Place Will Become Your Tomb
TesseracT - Portals
Labÿrinth - Welcome to the Absurd Circus
NorthTale - Eternal Flame
Evergrey - The Escape of the Phoenix
Teramaze - and the Beauty They Perceive
Ego Kill Talent (BRA) - The Dance Between Extremes
Alirio (BRA) - All Things Must Pass
Dirty Glory (BRA) - Miss Behave
Edu Falaschi (BRA) - Vera Cruz
Spektra (BRA) - Overload
Capa: Molybaron - The Mutiny
Videoclipe: TesseracT - Tourniquet
Decepção: Yngwie Malmsteen - Parabellum
Show: Nenhum
Banda que quer ver em 2022: Katatonia

### HEVERTON SOUZA (COLABORADOR)

Swallow the Sun - Moonflowers
Steven Wilson - The Future Bites
Sarke - Allsighr
Carcass - Torn Arteries
Rob Zombie - The Lunar Injection Kool Aid Eclipse Conspiracy
Impaled Nazarene - Eight Headed Serpent
Soen - Imperial
Hypocrisy - Worship
Mastodon - Hushed and Grim

Helloween - Helloween
Outlaw (BRA) - Death Miasma
Chaosfear (BRA) - Aeternum
Mørk Visdom (BRA) - Obscure Symphonies (The Cursed Chant of the Fallen Angels)
Vulthum (BRA) - Shadowvoid
Desdominus (BRA) - Inexplicável Existência
Capa: Helloween - Helloween
Videoclipe: Moonspell - The Greater Good (Censored Version)
Decepção: Iron Maiden - Senjutsu
Show: Behemoth - In Absentia Dei (online)
Banda que quer ver em 2022: Emperor (como cito todos os anos)

## IVANEI SALGADO (COLABORADOR)

Soen - Imperial
Massacre - Resurgence
Exodus - Persona non Grata
Carcass - Torn Arteries
Moonspell - Hermitage
Memorian - To the End
The Night Flight Orchestra - Aeromantic II
Asphyx - Necroceros
Mägo de Oz - Bandera Negra
Count Raven - The Sixth Storm
Trovão (BRA) - Prisioneiro do Rock 'n' Roll
Vulthum (BRA) - Shadowvoid
Aneurose (BRA) - Made In Rage
The Troops of Doom (BRA) - The Absence of Light
Braia (BRA) - ...e o mundo de cá
Capa: Iron Maiden - Senjutsu
Videoclipe: Gojira - Amazonia
Decepção: Só há decepção quando há muita expectativa!
Show: Aneurose - Roça 'n' Roll Online
Banda que quer ver em 2022: Todas!

## JOÃO MESSIAS JR. (COLABORADOR)

**Lucifer - Lucifer IV**

The Night Flight Orchestra - Aeromantic II
Djevel - Tanker Som Rir Natten
Flotsam and Jetsam - Blood in the Water
Asphyx - Necroceros
Paul Stanley's Soul Station - Soul Station
Hypocrisy - Worship
Evergrey - Escape of the Phoenix
Inhuman Conditiob - Rat'o'God
Massacre - Resurgence
Dorsal Atlântica (BRA) - Pandemia
Abraskadabra (BRA) - Make Yourself at Home
Posthumous (BRA) - Unholy Ceremony
Carpatus (BRA) - Tormenta
Acidental (BRA) - Objetos Arremessados Pela Janela
Capa: Wolflust - Satanic Megatons

Videoclipe: Malvada - A Noite Vai Ferver
Show: Nenhum
Decepção: Dream Theater - View from the Top of the World
Banda que quer ver em 2022: Eric Martin

## LEANDRO DE OLIVEIRA (DIRETOR DE ARTE)

**Wig Wam - Never Say Die**

W.E.T - Retransmission
Nervosa (BRA) - Perpetual Chaos
The Night Flight Orchestra - Aeromantic II
Dee Snider - Leave a Scar
Light The Torch - You Will Be the Death of Me
Volbeat - Servant of the Mind
Ronnie Atkins - One Shot
Blaze Bayley - War Within Me
Running Wild - Blood on Blood
Exodus - Persona non Grata
Moonspell - Hermitage
Jinjer - Wallflowers
Accept - Too Mean to Die
Eclipse - Wired
Capa: Exodus - Persona non Grata
Videoclipe: Crazy Lixx - Rise Above
Decepção: KK's Priest - Sermons of the Sinner
Show: Nenhum
Banda que quer ver em 2022: Scorpions (de novo!) e Volbeat

## LEANDRO NOGUEIRA COPPI (COLABORADOR)

**Angelus Apatrida - Angelus Apatrida**

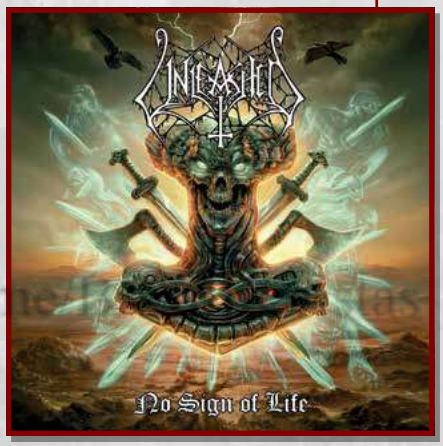
The Crown - Royal Destroyer
Vince DiCola - Only Time Will Tell
Pissing Razors - Eulogy Death March
Exodus - Persona Non Grata
Fear Factory - Aggression Continuum
Sergeant Steel - Truck Tales
Midnite City - Itch You Can't Scratch

Pestilence - Exitivm
StOp, sToP - Lowcost Life
Electric Gypsy (BRA) - Electric Gypsy
Cosmic Rover (BRA) - Heavy
Dirty Glory (BRA) - Miss Behave
Nite Stinger (BRA) - Nite Stinger
Spektra (BRA) - Overload
Capa: Mägo de Oz - Bandera Negra
Videoclipe: Armored Saint - Lone Wolf
Decepção: KK's Priest - Sermons of the Sinner e Paul Gilbert - Werewolves of Portland
Shows: Por precaução, não assisti shows em 2021
Banda que quer ver em 2022: StOp, sToP e Hardcore Superstar

## LEONARDO M. BRAUNA (COLABORADOR)

**Unleashed - No Sign of Life**

Asphyx - Necroceros
Hypocrisy - Worship
Desaster - Churches Without Saints
Cannibal Corpse - Violence Unimagined
Lock Up - The Dregs of Hades
Massacre - Resurgence




Darkthrone - Eternal Hails.....
Carcass - Torn Arteries
Accept - Too Mean to Die
Blasfemador (BRA) - Cosmofobia
Nervosa (BRA) - Perpetual Chaos
Dorsal Atlântica (BRA) - Pandemia
Ankerkeria (BRA) - Matriarch
Visceral Slaughter (BRA) - Welcome to the Slaughterhouse
Capa: Headhunter D.C. - A Hail to the Ancient Ones...
Videoclipe: Go Ahead and Die - Truckload Full of Bodies
Decepção: Iron Maiden - Senjutsu
Show: Não vi show presencial em 2021
Banda que quer ver em 2022: Belphegor, Krisiun, NervoChaos e Crypta (turnê sul-americana)

## LUIZ CESAR PIMENTEL (COLABORADOR)

The Troops of Doom (BRA) - The Absence of Light
Sepultura (BRA) - Sepulquarta
Desalmado (BRA) - Mass Mental Devolution
Vulcano (BRA) - Majestic Satanic Eruption
Nervosa (BRA) - Perpetual Chaos
Malvada (BRA) - A Noite Vai Ferver
Dorsal Atlântica (BRA) - Pandemia
Exodus - Persona non Grata
The Night Flight Orchestra - Aeromantic II
Jinjer - Wallflowers
Carcass - Torn Arteries
Mastodon - Hushed and Grim
Sodom - Bombenhagel

nosso Ca... Telegram: t.me/...

Destruction - Live Attack
Greta Van Fleet - The Battle at Garden's Gate
Capa: Dorsal Atlântica - Pandemia
Videoclipe: George Harrison - My Sweet Lord
Decepção: Iron Maiden - Senjutsu
Banda que quer ver em 2022: Dorsal Atlântica, Tuatha de Danann, Nervosa, Surra, Vulcano, The Troops of Doom, Desalmado e Krisiun

### MAICON LEITE (COLABORADOR)

The Night Eternal - Moonlit Cross
Helloween - Helloween
Dread Soreveign - Alchemical Warfare
U.D.O. - Game Over
Vulture - Dealin' Death
Portrait - At One with One
Destiny's End - Embers of War
Destruction - Live Attack
Bewitcher - Satanic Magic Attack
Running Wild - Blood on Blood
Crypta (BRA) - Echoes From the Soul
Nucleador (BRA) - Back From the Dead
Vulcano (BRA) - Majestic Satanic Eruption
The Troops of Doom (BRA) - The Absence of Light
Braia (BRA) - ... e o mundo de cá
Capa: Craven Idol - Forked Tongues
Videoclipe: Crypta - From the Ashes
Decepção: Músicos negacionistas
Show: Não assisti nenhum
Banda que quer ver em 2022: Metallica

### MATHEUS VIEIRA (COLABORADOR)

**Adrian Smith & Richie Kotzen - Smith/Kotzen**
Blackberry Smoke - You Hear Georgia
The Night Flight Orchestra - Aeromantic II
Gojira - Fortitude
Lucifer - IV
Khemis - Deceiver
Iron Maiden - Senjutsu
Trivium - In The Court Of The Dragon
W.E.T - Retransmission
Alice Cooper - Detroit Stories
Eminence (BRA) - Dark Echoes
Electric Gypsy (BRA) - Electric Gypsy
Sepultura (BRA) - Sepulquarta
Edu Falaschi (BRA) - Vera Cruz
Nervosa (BRA) - Perpetual Chaos
Capa: Bloody Hammers - Songs of Unspeakable Terror
Videoclipe: Volbeat - Shotgun Blues
Decepção: Black Stone Cherry - The Human Condition
Show: Nenhum
Banda que quer ver em 2022: Ghost BC

### RICARDO BATALHA (REDATOR CHEFE)

Bad Wolves - Dear Monsters
**6:33 - Feary Tales For Strange Lullabies: The Dome**
The Night Flight Orchestra - Aeromantic II
Massacre - Resurgence
Carcass - Torn Arteries
Dee Snider - Leave a Scar
Robbie LaBlanc - Double Trouble
Light The Torch - You Will Be the Death of Me
Robin Red - Robin Red
Labÿrinth - Welcome to the Absurd Circus
Eminence (BRA) - Dark Echoes
Spektra (BRA) - Overload
Nite Stinger (BRA) - Nite Stinger
Val Santos (BRA) - 1986
Electric Gypsy (BRA) - Electric Gypsy
Capa: Oversense - Egomania
Videoclipe: Bad Wolves - If Tomorrow Never Comes
Decepção: Muitas, mas KK's Priest - Sermons of the Sinner ganha
Show: Ratos de Porão - La Iglesia (SP)
Banda que quer ver em 2022: O que vier é lucro

### SERGIOMAR MENEZES (COLABORADOR)

**Running Wild - Blood on Blood**
The Night Flight Orchestra - Aeromantic II
Carcass - Torn Arteries
Dee Snider - Leave a Scar
Iron Maiden - Senjutsu
Go Ahead an Die - Go Ahead and Die
Exodus - Persona Non Grata
Alice Cooper - Detroit Stories
Desaster - Churches Without Saints
Helloween - Helloween
Dirty Glory (BRA) - Miss Behave
Nite Stinger (BRA) - Nite Stinger
Heavy Smasher (BRA) - Heavy Smasher

Electric Gypsy (BRA) - Electric Gypsy
Darchitect (BRA) - The Visiting
Capa: Desaster - Churches Without Saints
Videoclipe: Iron Maiden - The Writing on the Wall
Decepção: Lockdown
Show: Não assisti shows em 2021
Banda que quer ver em 2022: Running Wild

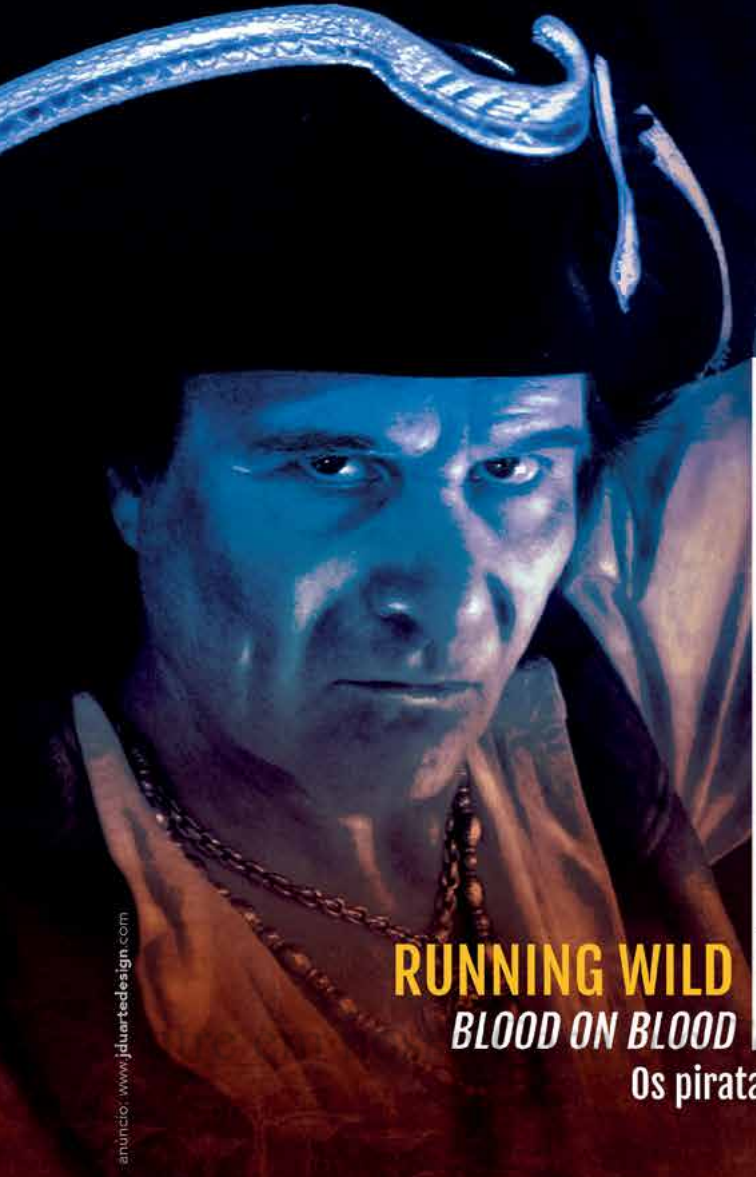
### THIAGO PRATA (COLABORADOR)

Dorsal Atlântica (BRA) - Pandemia
Braia (BRA) - ...E o Mundo de Cá
Eminence (BRA) - Dark Echoes
Paradise in Flames (BRA) - Act One
Desalmado (BRA) - Mass Mental Devolution
Soen - Imperial
Gojira - Fortitude
Hooded Menace - The Tritonus Bell
Dee Snider - Leave a Scar
Jinjer - Wallflowers
Interloper - Search Party
White Stones - Dancing Into Oblivion
Carcass - Torn Arteries
Paul Stanley's Soul Station - Now and Then
Moonspell - Hermitage
Capa: Dorsal Atlântica - Pandemia
Videoclipe: Eminence - Into the Ashes
Decepção: KK's Priest - Sermons of the Sinner
Show: Não assisti show em 2021
Banda que quer ver em 2022: Tuatha de Danann, Surra, Desalmado, Manger Cadavre?, Eskröta, Eminence, The Mist...

### VALTEMIR AMLER (COLABORADOR)

**Hooded Menace - The Tritonus Bell**
Carcass - Torn Arteries
Exodus - Persona Non Grata
Unleashed - No Sign Of Life
Baest - Necro Sapiens
Asphyx - Necroceros
Wharflurch - Psychedelic Realms ov Hell
Conjureth - Majestic Dissolve
Hyperdontia - Hideous Entity
Faces Of Death (BRA) - A Drink With The Death - Rehearsal Live
Fossilization (BRA) - He Whose Name Was Long Forgotten
Carpatus (BRA) - Tormenta
Posthumous (BRA) - Unholy Ceremony
Amantikir (BRA) - Maldito
Bipolar Noise (BRA) - Necrocão
Capa: Coffin Mulch - Septic Funeral
Videoclipe: Hypocrisy - Chemical Whore
Show: Obituary - The End Complete Livestream (on-line)
Decepção: Vreid - Wild North West
Banda que quer ver em 2022: Sodom, Faces Of Death, Jungle Rot...

SOUND CITY RECORDS
SPV
Shinigami 死神 Records



## RUNNING WILD
### *BLOOD ON BLOOD*

Os piratas alemães entregam o melhor álbum em anos.
Uma coleção de riffs e refrãos marcantes.

anúncio: www.jduartedesign.com

## RAGE
### *RESURRECTION DAY*

25º ÁLBUM DE ESTÚDIO da banda alemã de HEAVY/POWER METAL marcando a estreia da nova formação como QUARTETO: Stefan Weber (guitarra), Jean Bormann (guitarra), Vassilios "Lucky" Maniatopoulos (bateria) e Peavy Wagner (baixo e vocal).

## AXEL RUDI PELL
### *DIAMONDS UNLOCKED II*

Uma coleção de versões para bandas como Rolling Stones, Abba, Sammy Hagar, Rainbow e muito mais. Tudo com o refinamento de um dos maiores guitarristas de todos os tempos.

## SUZI QUATRO
### *THE DEVIL IN ME*

A preciosa pioneira Suzi Quatro arrasa em "The Devil In Me".

11 3719-0993 www.shinigamirecords.com.br loja@shinigamirecords.com

# IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

**Por Antonio Carlos Monteiro**

Antonio Carlos Monteiro é redator da Roadie Crew, produtor e apresentador do Rock'n'Brasil (MKK Web Radio) e Vamos Tomar Uma? (YouTube)

# BROTHERHOOD

**Por Luiz Cesar Pimentel**

Luiz Cesar Pimentel é jornalista, escritor

## AS LIÇÕES DOS BEATLES

O sensacional documentário *The Beatles: Get Back* (ainda não assistiu?? Pare o que estiver fazendo e veja agora!), além de mostrar algumas curiosidades sensacionais sobre a principal banda de todos os tempos, tem um grande valor por apresentar aquilo que acontece em uma banda de rock em um dos momentos mais íntimos e importantes, que é o processo de criação. E aí a gente começa a perceber que há uma enorme diferença entre as bandas que são formadas por amigos e aquelas em que as afinidades pessoais muitas vezes se limitam à música – nesse caso, a coisa funciona como se fossem apenas colegas de trabalho. Em *The Beatles: Get Back* fica evidente como a proximidade faz as coisas ficarem mais tensas em alguns momentos, é óbvio, mas que a criação acaba sendo muito beneficiada justamente por essa intimidade existente entre eles.

E diversos detalhes interessantes surgem ao longo da exibição. A tão falada interferência de Yoko Ono no processo foi praticamente nenhuma. Claro que é esquisito ver os quatro reunidos e criando algumas músicas que se tornaram definitivas na história e não haver ninguém ao lado deles, apenas a esposa de John – se bem que um hare krishna, levado por George, também está por ali. Mas Yoko praticamente não abre a boca – em determinado momento, eles estão trabalhando e ela está distraidíssima costurando uma peça de roupa. Como disse alguém, Lennon amava tanto a esposa que não queria ficar longe dela um minuto sequer – e como os demais amavam John, concordavam com isso.

Outro aspecto que é desmistificado no vídeo são as famosas rusgas atribuídas a Paul e John. Tudo bem, McCartney estava numa fase meio insuportável, mas a relação com Lennon parece amistosa e respeitosa durante toda a filmagem – a treta entre eles (na verdade, entre Paul e o resto da banda) deu-se tempos depois, quando McCartney queria que seu sogro, Lee Eastman, assumisse o empresariamento da banda enquanto os outros três preferiam Allen Klein.

E aí chegamos no ponto: mesmo com algumas desavenças, os quatro continuavam escrevendo música juntos e trabalhando de forma colaborativa. Será que se não fossem realmente amigos, se não houvesse entre eles toda essa liberdade para fazerem as coisas do jeito que queriam, o resultado da música dos Beatles seria o mesmo? Será que numa banda em que a coisa funciona como numa empresa, em que alguém dá as ordens e os demais cuidam cada um da sua parte mas respeitando a hierarquia, o produto final seria o mesmo em termos de genialidade? Claro que não há fórmula para o sucesso e que o talento de John, Paul, George e Ringo não pode jamais ser menosprezado. Mas é um aspecto que dá o que pensar...

## REVELAÇÃO DO ANO DE 2021: BEATLES

Juro que não é título de efeito para caçar a sua atenção. *Tá* legal, é um pouquinho. Mas bem pouco. E se você assistiu às quase nove horas do documentário tríptico *Get Back*, lançado em novembro, sabe do que estou falando. Pois tudo o que sempre soube dessas sessões que originaram o documentário é que havia sido o canto do cisne beatle, de onde arrancaram músicas na bacia das almas. Só que essa narrativa só pode ter partido por dedução, dados os elementos que a cercaram.

Colocando em contexto, os Beatles entraram em estúdio com câmeras (o diretor Michael Lindsay-Hogg captaria material para um especial de TV, *Beatles at Work*, em princípio) no começo de janeiro de 1969, dispostos a produzirem um disco.

O resultado das filmagens foi lançado em maio de 1970, quando o grupo havia acabado, e entrou para a história como registro do fim da banda.

Só que não é nada disso que se vê com a recuperação do material, transformado no documentário atual, dirigido por Peter Jackson (das sagas "O Senhor dos Anéis" e "O Hobbit").

O que se vê é a revelação da queda por terra da malfadada versão das "últimas horas do maior grupo da Terra".

Yoko Ono, que após o filme original entrou para a história como pivô da separação, passa batida na nova produção. Só fica ao lado de John Lennon o tempo todo, muito provavelmente porque estavam na fase mais grotesca de vício em heroína – e essa é uma parte um tanto triste, pois John está meio que um zumbi nas sessões.

Mesmo assim, 90% do filme (ou mais) são eles sacaneando um com o outro, com os próprios Beatles, com tablóides ingleses e com tudo que os cercava.

É incrível como eles não tinham (ou não demonstravam) noção da própria grandeza.

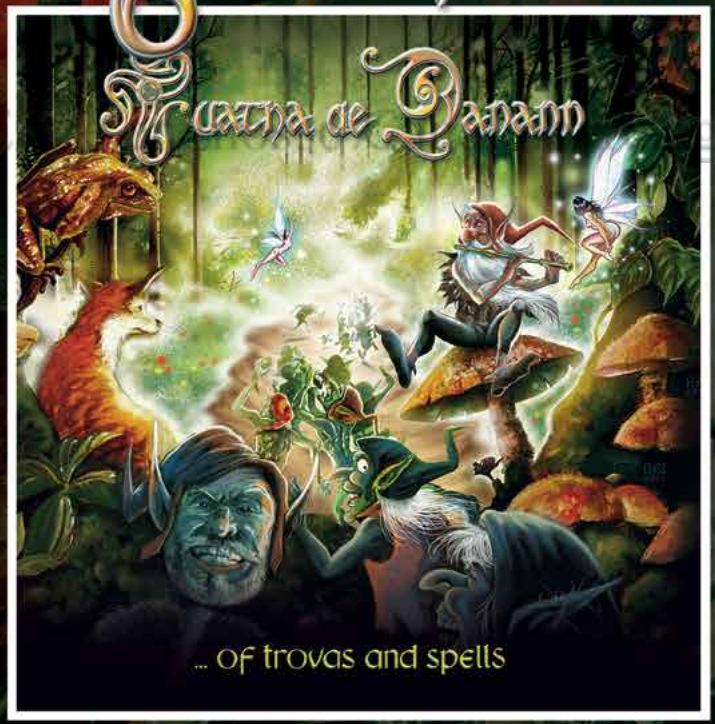
Um mês antes, os caras tinham lançado o *Álbum Branco*; lançariam durante as sessões a trilha de *Yellow Submarine*; e, meses depois, *Abbey Road*. Só isso.

Há momentos incríveis de alquimia, que demonstram que até nossos heróis não são perfeitos. Os caras penavam para arrancar composições para o disco, até que George Harrison convida o tecladista Billy Preston para uma visita.

O cara chega no maior astral, coloca piano em uma música e faz-se a luz. Os semblantes brilham, e a mágica acontece diante de nossos olhos. Tem ainda a substituição de George Martin por Glyn Johns; o maravilhoso show e bastidores no terraço da Apple; o abandono de George da gravação; os caras apresentando pela primeira vez as outras pérolas como *All Things Must Pass*, e ninguém dando muita pelota; o quão fraco é o Ringo musicalmente, e nada disso é spoiler, pois assistir a *Get Back* é uma dádiva imbatível.

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia das Revistas

# Tuatha de Danann



## ... of trovas and spells

ANTOLOGIA QUE CELEBRA OS 25 ANOS DOS PIONEIROS DO FOLK METAL
COM 16 FAIXAS DE SEUS 7 PRIMEIROS ÁLBUNS

## In Nomine Éireann

ÚLTIMO ÁLBUM DOS BARDOS MINEIROS HOMENAGEANDO A CULTURA E MÚSICA TRADICIONAL IRLANDESA.
Uma obra singular! Participações especiais de Keith Fay (Cruachan), Daísa Munhoz (Vandroya e Soulspell), John Doyle (Solas), entre outros. Em CD e vinil.

**OUÇA AGORA NAS PLATAFORMAS DIGITAIS**

Spotify DEEZER MUSIC Google Play

foto: Rodrigo Barbieri ad: www.JDuarteDesign.com

# PROFILE

## LUIZ FERNANDO (NECROMANCER)

**Por Leandro Nogueira Coppi • Fotos: Divulgação**

**Primeiro disco que comprou:**
"*Back in Black* (AC/DC)".

**Melhor disco de heavy metal:**
"Escolha difícil, mas acredito que *The Number of The Beast* (Iron Maiden)".

**Último disco que comprou:**
"*Holyday at Lake Bodom* (Children of Bodom)".

**Quatro bandas que chamaria para um festival:**
"Carcass, Kreator, Arch Enemy e Korzus".

**Música que mais gosta de tocar:**
"*Plundered Society* (Necromancer)".

**Três hinos do rock/metal:**
"*Children of the Grave* (Black Sabbath), *Angel of Death* (Slayer) e *Subdivisions* (Rush)".

Gustavo Fernandez, Luiz Fernando, Marcelo Coutinho, Vinicius Cavalcanti e Eduardo "Dek"

**Disco que mudou sua vida:**
"*Reign in Blood* (Slayer)".

**Disco que mais ouviu na vida:**
"*Speak of the Devil* (Ozzy Osbourne)".

**Melhor capa de disco:**
"*See you in Hell* do Grim Reaper. Foi uma capa que me marcou quando era adolescente".

**Disco que daria a seu pior inimigo:**
"*St. Anger* (Metallica)".

**Disco que gostaria de ter gravado:**
"*Reign in Blood* (Slayer)".

**Música que gostaria de ter composto:**
"*Angel of Death* (Slayer)".

**Disco dos anos 70 que recomenda:**
"*If You Want Blood You've Got It* (AC/DC)".

**Disco dos anos 80 que recomenda:**
"*Reign in Blood* (Slayer)".

**Disco dos anos 90 que recomenda:**
"*Heartwork* (Carcass)".

**Disco dos anos 2000 que recomenda:**
"*Anthems of Rebellion* (Arch Enemy)".

**Música que melhor define sua carreira:**
"*Deadly Symbiosys* (Necromancer)".

**Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:**
"Tem a *Ravenous Medicine*, do Voivod, que não chego a adorar, mas realmente gosto, só que não tenho a menor ideia do motivo (risos)".

**Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?**
"Dark Tranquillity. Atualmente gostaria bastante de ouvir como nosso som ficaria com um toque de uma banda escandinava das raízes".

**Além dos projetos atuais, em qual banda gostaria de tocar um dia?**
"Carcass".

**Para qual música de outro artista adoraria gravar uma nova versão?**
"*Pestilence* (Kreator)".

**Site:**
**facebook.com/necromancerbr**
**instagram.com/necromancer.br**

**Um músico que definitivamente não o agrada:**
"Lars Ulrich, do Metallica".

**Qual outro instrumento gostaria de saber tocar?**
"Putz, realmente fico na dúvida entre piano ou bateria".

**Quando acorda, qual música prefere ouvir?**
"Algum som instrumental de guitarrista, tipo Satriani, Steve Vai e Tony MacAlpine".

**Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?**
"Gosto também de musicas clássicas, em especial Barroco. Curto também um pouco de blues e guitarristas de jazz – Frank Gambale e Pat Metheny".

**Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?**
"Produtor musical".

**Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?**
"Realmente não consigo me lembrar de nada que tenha ocorrido que tenha sido bizarro. Bizarrice não deve ser o forte do público que curte metal (risos)".

**Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:**
"Estou no palco e percebo reconhecimento da plateia agitando e curtindo o som que estou tocando".

HOFFMAN & O'BRIAN
marketing artístico e entretenimento

PRESENTS:

Disconnected

Velvet Chains

Bruxax

Pressive

Elisa C Martin

FireWing

DISPONÍVEL EM TODAS PLATAFORMAS

Spotify DEEZER amazon music YouTube Music

WWW.HOFFMANOBRIAN.COM.BR

Entre em nosso Canal no Telegram e Grupo de Revistas

Tuatha de Danann

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

# ... of trovas and spells

# CLÁSSICOS DE 40 ANOS ATRÁS

ROADI

## JANEIRO

| D | S | T | Q | Q | S | S |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | 1 |
| 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
| 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 |
| 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 |
| 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 |
| 30 | 31 | | | | | |

## FEVEREIRO

| D | S | T | Q | Q | S | S |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | | | | | |

Entre nesse Canal no Telegram: t.me/BrasilRevistas

## MAIO

| D | S | T | Q | Q | S | S |
|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
| 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 |
| 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 |
| 29 | 30 | 31 | | | | |

## JUNHO

| D | S | T | Q | Q | S | S |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 |
| 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 |
| 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 |
| 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | | |

## SETEMBRO

| D | S | T | Q | Q | S | S |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | 1 | 2 | 3 |
| 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 |
| 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | |

## OUTUBRO

| D | S | T | Q | Q | S | S |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | | 1 |
| 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 |
| 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 |
| 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 |
| 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 |
| 30 | 31 | | | | | |

# 2022

E CREW

Heavy Metal & Classic Rock

## MARÇO

| D | S | T | Q | Q | S | S |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | | |

## ABRIL

| D | S | T | Q | Q | S | S |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | 1 | 2 |
| 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 |
| 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 |
| 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 |

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/Bra[illegible]as

## JULHO

| D | S | T | Q | Q | S | S |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | 1 | 2 |
| 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 |
| 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 |
| 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 |
| 31 | | | | | | |

## AGOSTO

| D | S | T | Q | Q | S | S |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |
| 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 |
| 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 |
| 28 | 29 | 30 | 31 | | | |

## NOVEMBRO

| D | S | T | Q | Q | S | S |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 |
| 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 |
| 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 27 | 28 | 29 | 30 | | | |

## DEZEMBRO

| D | S | T | Q | Q | S | S |
|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | 1 | 2 | 3 |
| 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 |
| 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 |

*„Amorphis have created a future classic. A masterpiece for the years to come!"*
*METAL HAMMER (GR)*

# amorphis

**CD Digipak | Colored 2LP | PICTURE 2LP**
**Limited Vinyl Boxset | Digital**

**OUT: FEBRUARY 11th**

---

**POWER PALADIN**
**WITH THE MAGIC OF WINDFYRE STEEL**

**OUT: January 7th**

*„A wonderfully melodic Power Metal bullet from Iceland"*
(Rock It, Germany)

**CD Digipak I Colored Vinyl**
**Digital**

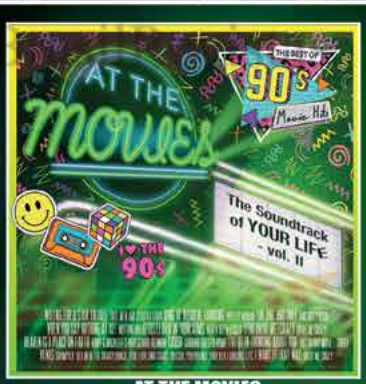
---

**OUT: January 7th**

## The biggest movie hits of the 90's

Featuring members of
Pretty Maids, HammerFall,
King Diamond,
The Night Flight Orchestra, Therion

**CD/DVD Digipak**
**Colored Vinyl | Digital**




**AT THE MOVIES**
**The Soundtrack of Your Life - Vol. 2**

---

**OUT OF THIS WORLD**
**OUT OF THIS WORLD**

## The new Melodic Rock Sensation

featuring
Kee Marcello (ex-Europe),
Tommy Heart (Fair Warning),
Darby Todd
(ex-Gary Moore, The Darkness)
and Ken Sandin (Alien)

**OUT: January 14th**

**2CD Digipak I Colored 2LP I Digital**
**Limited edition incl. 3 bonustracks, plus 7-track bonus live album**

---

## The Return: MYSTIC CIRCLE

Dark, Merciless, Straight & Deadly!

**OUT: February 4th**

**2CD Digipak I Colored 2LP**
**Digital**

**MYSTIC CIRCLE**
**MYSTIC CIRCLE**

---

ATOMIC FIRE

**Exclusive editions and merchandise:**

**www.atomicfire-records.com**

**www.facebook.com/atomicfirerecords | www.instagram.com/atomicfirerecords**

ada